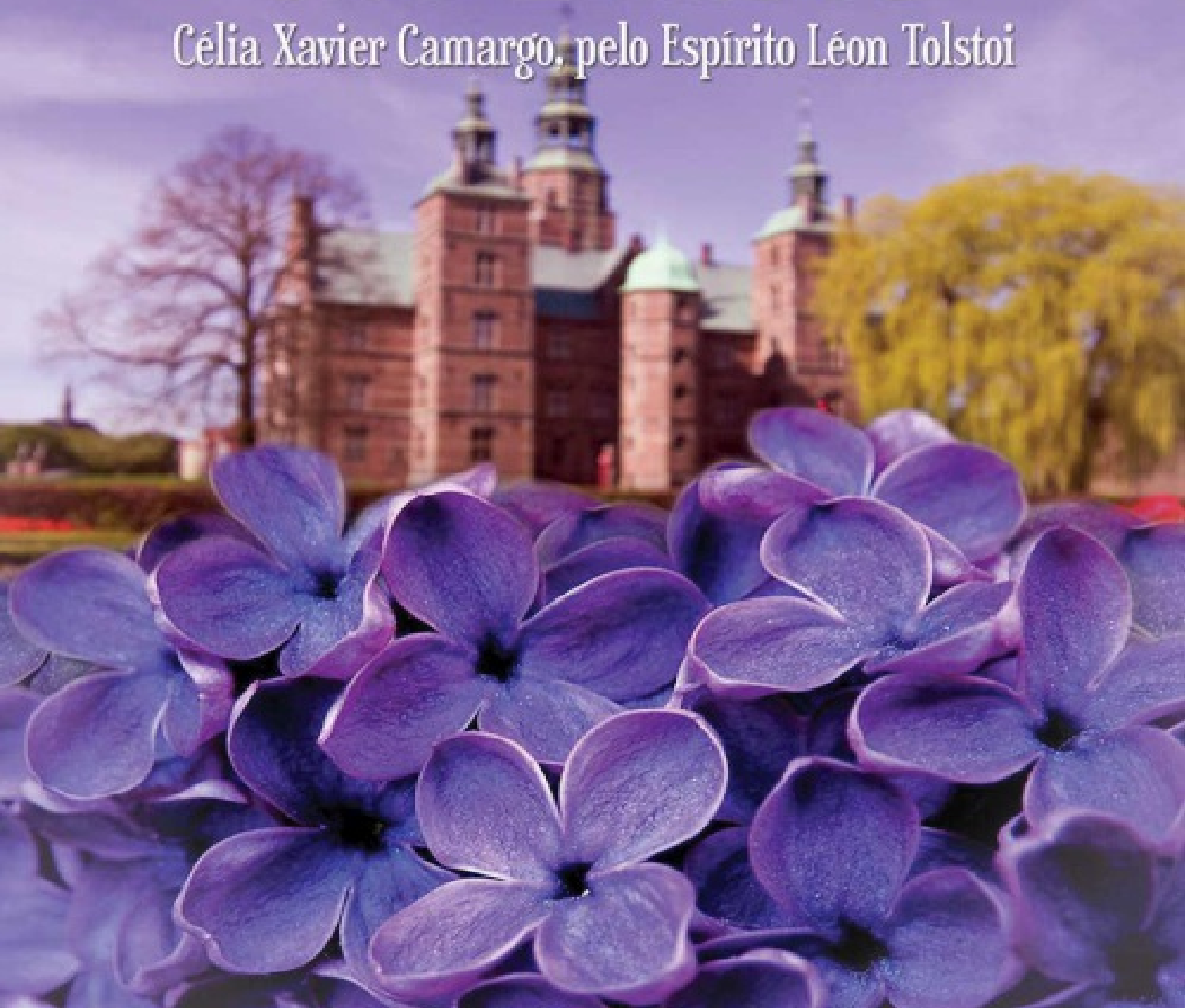


CASA EDITORA
O CLARIM

Mansão dos Lilases

Célia Xavier Camargo, pelo Espírito Léon Tolstói



Mansão dos Lilases

Célia Xavier Camargo, pelo Espírito Léon Tolstói

Mansão dos Lilases

Matão, SP
9ª edição
2015
CASA EDITORA
O CLARIM

Copyright © 2000 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

9ª edição: junho/2015, 6 mil exemplares

Impresso no formato 14x21 cm

1ª edição: abril/2000

ISBN 978-85-7357-139-4

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Enéas Rodrigues Marques

Catálogo na Publicação (CIP)

C172m Camargo, Célia Xavier

Mansão dos Lilases / Léon Tolstoi, [psicografado por] Célia Xavier Camargo. – 9. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2015.

336p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-139-4

1. Espiritismo. 2. Romance espírita. 3. Romance mediúnico. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Preâmbulo

Caros Irmãos,
Paz em Jesus!

Após grande esforço, jubilosos, eis que entregamos ao público o presente texto. Por mais de dois anos consecutivos¹, nos dedicamos com muito amor à transmissão destas páginas, encontrando inúmeras dificuldades que, com o amparo do Alto, foram vencidas.

Para mim, foi extremamente gratificante retornar ao passado, rever os campos da minha terra natal, sentir o ambiente evocado pelas mais caras lembranças: recordar o fascinante espetáculo do outono, quando, com a queda das folhas, a Natureza se veste de tons dourados e castanhos nostálgicos e, ao mesmo tempo, poéticos; escutar o uivo do gelado vento das estepes durante o inverno; ver a neve caindo e cobrindo tudo com seu manto branco, e seus flocos acumulando-se sobre a cornija das janelas; e observar o céu cinzento e ameaçador, as árvores desnudas com galhos retorcidos. Mas também apreciar o crepitar do fogo na lareira, a tepidez de uma sala colorida pelas chamas, quando, aconchegado numa manta de lã de carneiro, eu colocava a água no *samovar*² para preparar o chá e deitava as folhas de melissa, minhas preferidas. Com que prazer o via sair fumegante pela torneirinha, e o saboreava, sentindo o aroma da bebida tranquilizante, enquanto me deliciava com a leitura das doces passagens do Novo Testamento, que me trazia Jesus redivivo para o meu tempo e a minha época, e me fazia imaginá-lo percorrendo os caminhos, as aldeias e as plantações de minha terra. Ou ver a primavera chegar, com seu cortejo de alegrias: a neve derretendo-se em todos os lugares, aos raios do sol. Começa com pingos ligeiros, depois pequenos filetes d'água que correm formando poças e muita lama pelo caminho. Essa massa líquida vai aumentando sempre, surgindo riachos rumorejantes que se encaminham para os rios, e estes para os mares. De repente, os campos se tornam verdes, os pássaros voltam a emitir seus trinos e os habitantes deixam de lado as roupas pesadas e sombrias, substituindo-as por trajes mais leves, coloridos e alegres. O povo sai às ruas

para conversar, discutir e cantar; as flores se abrem para o sol num bailado divino, e uma sinfonia celeste, orquestrada por seres alados e transmitida pela brisa ligeira, envolve toda a Natureza.

Portanto, foi com renovado prazer que trilhei os caminhos outrora percorridos, recordando o passado.

Durante minha última romagem terrena, convivi e sofri com os personagens do drama aqui narrado, participando de suas experiências como amigo e confidente. De alguns fatos só tomei conhecimento no além-túmulo, após meu retorno à Pátria Espiritual, assim como a razão dos sofrimentos que eles padeceram em consequência da responsabilidade de cada um, pelo mau uso do livre-arbítrio. De acordo, aliás, com a lei cósmica de causa e efeito, à qual estamos todos subordinados.

A história transcorre na Rússia, ao tempo do czar Alexandre II, cujo governo foi marcado por grandes e difíceis reformas administrativas.

Focaliza o drama de uma família russa tradicional, cujos nomes, evidentemente, foram trocados, visto que muitos personagens encontram-se encarnados em terras brasileiras. E, em nome da caridade cristã, não desejamos despertar-lhes lembranças que poderiam ser funestas no atual estágio evolutivo.

Em era de plena regeneração, integram o movimento espírita e lutam para vencer suas tendências inferiores, mantendo acesa a chama do ideal e trabalhando na divulgação da Doutrina dos Espíritos, ao mesmo tempo que exercitam o amor e a compreensão junto ao próximo mais necessitado.

Esperamos que estas páginas possam trazer alento a todos os sofredores e aflitos, carentes, pois, de consolo e esperança. Que os exemplos e experiências vivenciados por esse grupo de Espíritos sirvam também de orientação, alerta e reflexão acerca das sagradas oportunidades que recebemos de Deus para nosso crescimento, e que não podem ser desperdiçadas impunemente.

Que Jesus, o Mestre dos mestres, sublime refúgio para nossas almas, possa fortalecê-los e ampará-los nas lutas de cada dia e na concretização de seus ideais evolutivos.

A todos nossa gratidão perene.

Léon Tolstói

Rolândia (PR), 23 de abril de 1998.

¹. A recepção do texto estendeu-se por dois anos e meio, mais precisamente de 31/5/1994 a 22/11/1996. Nota da médium.

2. Utensílio doméstico, espécie de chaleira, com uma torneira na parte inferior e um recipiente para ferver e manter quente a água com que se faz o chá.

1. A tempestade

O vento soprava forte, agitando as copas das árvores; penetrava pelas frestas da choupana, fazendo a madeira estalar. Um frio cortante desaconselhava a quem quer que fosse sair de casa àquelas horas da noite, aventurando-se na intempérie.

A chuva não tardaria a cair; nuvens plúmbeas, pesadas e ameaçadoras se acumulavam no céu carregado de eletricidade, de vez em quando cortado por relâmpagos.

A vela acesa sobre a pequena e rústica mesa bruxuleava, prestes a apagar toda vez que uma rajada de vento mais forte invadia o recinto.

Assustado com a fúria dos elementos, o único morador da humilde *isba*³ acocorou-se no chão, envolvendo-se com uma velha manta suja e desgastada.

Coberto de andrajos, tremia de frio. Não possuía lenha para acender o fogo que o aqueceria naquela noite tempestuosa.

Tentara dormir; todavia, o medo da tormenta e a fome não permitiram que conciliasse o sono.

Ainda assim, o que mais o incomodava não era tanto o mau tempo ou o estômago vazio, mas a solidão angustiante em que vivia. Sozinho no mundo, sem ter com quem conversar e dividir os problemas, sem ter a quem recorrer num momento de dificuldade, experimentava um grande vazio dentro de si.

Era um homem de meia-idade a quem a vida áspera e rude da montanha se incumbira de envelhecer prematuramente. Cabelos grisalhos, quase brancos; a pele, tostada pelo sol; no rosto, profundos sulcos; os olhos, verde-claros. A boca grande, de lábios finos, há muito não se abria num sorriso. As mãos, ásperas e marcadas, revelavam alguém afeiçoado ao duro labor da terra.

Maxilar contraído, olhos cerrados, ele estremecia a cada ribombo de um trovão mais forte, precedido pelo clarão de uma faísca elétrica que cortava o espaço.

Repentinamente, ouviu batidas na porta. A princípio, pensou que fosse o vento, mas elas se tornaram mais fortes, denotando a presença de alguém.

Uma voz suplicante soou, do lado de fora, abafada pelo ruído do vento:

– Há alguém aí? Abre a porta, por piedade!

A voz era desconhecida. O homem teve medo. Por aquelas bandas não era difícil a presença de salteadores de estradas. Quem seria àquela hora da noite? Quem se atreveria a sair de casa com um tempo desses?

A necessidade de ver outro ser humano, porém, falou mais alto. Vencendo o receio, aproximou-se da porta e perguntou:

– Quem és? O que desejas?

– Por Nossa Senhora de Kazan, socorre-me! Venho em paz – respondeu o estranho.

Decidindo-se, o dono da casa tirou a tranca, e a porta se abriu com estrondo. O golpe de vento fez com que a vela se apagasse antes que pudesse ver o rosto do forasteiro.

Na escuridão, quebrada apenas pelos relâmpagos, ouviu novamente a voz que implorava:

– Preciso de um abrigo. A tempestade não tarda e não tenho para onde ir. Em nome de Deus, ajuda-me!

Ouvindo o nome da Senhora de Kazan, seguido do nome do Senhor, os últimos temores desapareceram.

– Sê bem-vindo. Minha *isba* é pobre, mas ficarás protegido da chuva e do frio.

O desconhecido entrou, enquanto o dono da casa fechava a porta com dificuldade. Tateando na escuridão, encontrou a vela e acendeu-a, aproximando-a do rosto do visitante para vê-lo melhor.

Era um homem ainda novo, pele morena, cabelos pretos curtos e encaracolados; os olhos, límpidos, também escuros; fisionomia atraente.

Agradecido, o recém-chegado sorriu, examinando o ambiente em redor.

O hospedeiro sentiu imediata simpatia por ele. Um pouco constrangido por ver que o hóspede estava bem vestido e bem agasalhado, o que denotava pessoa de posição, desculpou-se:

– Não tenho leito para te ofertar, mas podes acomodar-te em qualquer lugar que quiseres. Tenho um pouco de palha limpa com que poderás improvisar uma cama. Também não posso oferecer-te comida, pois nada tenho. Tudo o que posso conceder-te é um abrigo.

Satisfeito por poder retribuir o favor, o desconhecido tranquilizou-o:

– Pois não te cause isso preocupação. Durmo em qualquer canto. Considero-me feliz por estar protegido da intempérie. Quanto à comida,

também se dá um jeito. Tenho ainda um pouco de pão, um pedaço de queijo (com alegria retirou um odre do saco de couro que trazia a tiracolo) e... vinho!

Com os olhos brilhantes, mal acreditando no que estava vendo, o hospedeiro afirmou:

– Começo a acreditar que foi realmente a Senhora de Kazan quem te mandou aqui. Antes, eu nada tinha para matar a fome e agora – veja só! – temos até vinho!

O outro jogou a cabeça para trás, dando uma sonora gargalhada.

– Isso mesmo. Uma mão lava a outra. Proporcionaste-me abrigo, dou-te o que comer. De quebra, fazemo-nos companhia nesta noite infernal.

Com outro ânimo, o dono da casa pegou duas canecas no armário, e assim, sentados em torno da pequena e rústica mesa, dividiram o pão, o queijo e o vinho.

O morador comeu e bebeu com satisfação. O hóspede lembrou:

– Mas ainda não sei teu nome. Sou Olavo Barenkov, de São Petersburgo – informou o visitante.

– E eu sou Anton. Anton Vassiliev – disse o outro, limpando a boca com as costas da mão.

– Então, Anton Vassiliev, continuemos a comer e a beber. À nossa saúde! – brindou.

A tempestade desabava lá fora, mas os dois companheiros já não estavam preocupados com ela.

Dentro de pouco tempo, trocavam confidências. Era como se fossem conhecidos de longa data.

Olavo ficou sabendo que Anton vivia sozinho há dez anos, como ele mesmo contou com voz empastada, já sob o efeito da bebida:

– Meu amigo, não sabes o quanto tenho sofrido aqui nesta solidão. Morava com minha família – a esposa e duas filhinhas – feliz e despreocupado. A vida não era fácil, mas nada nos faltava. Sempre fui trabalhador e nunca tive medo de enfrentar o serviço. A terra nos dava o que comer, e o excedente era vendido ou trocado na aldeia por outros gêneros necessários. As crianças cresciam felizes e saudáveis, correndo pelos campos e pelos montes.

– E o que aconteceu?

– A mulher me abandonou. Ela estava sempre reclamando, colocando defeito em tudo, desgostosa. Dizia que aquilo não era vida e que desejava ir para a cidade, onde não faltariam alegrias e prazeres. Alegava que as meninas

não poderiam crescer como animais, sem ver ninguém e sem ter contato com outras pessoas.

O hóspede ouvia atento e penalizado. Anton prosseguiu:

– Certo dia, ela arrumou suas coisas. Estava resolvida. Cheguei em casa e minha esposa só estava esperando para se despedir. Percebendo que não havia mais jeito, que sua decisão era definitiva (até aquele momento, acreditava que ela mudaria de opinião), ponderei:

– Está bem. Já que assim desejas, assim será feito. Irei também. Espera que eu arrume meus pertences e partiremos juntos.

Ela, porém, não concordou:

– Não, Anton, não serias feliz na cidade, e não desejo forçar-te a nada. Fica aqui, toma conta do nosso sítio e, quando estivermos instaladas, mandarei o endereço para que possas visitar-nos.

– E então? – indagou o visitante, curioso:

– Nunca mais as vi. Jamais recebi notícias e ninguém sabe o rumo que tomaram. Então, fiquei sozinho neste ermo.

Olavo encheu a caneca que se esvaziara:

– Bebe, Anton Vassiliev. Esquece a ingrata que te abandonou – e completou como se falasse apenas para si mesmo: – Muitas vezes é preferível a solidão a uma má companhia.

O dono da casa contemplou o hóspede, percebendo certa amargura em suas palavras.

– Sim, amigo, também muito tenho sofrido por uma mulher a quem tudo ofereci e que me traiu miseravelmente.

– Conta-me. Nada posso fazer para ajudar-te, mas desabafar faz bem – disse Anton, solícito.

– Tens razão. A minha história, porém, não é diferente de tantas outras. Conheci uma jovem, bela como os lírios dos campos, doce e meiga como o orvalho da manhã. Demonstrei meu amor e ela o aceitou feliz, afirmando também amar-me.

Olavo fez uma pausa, suspirou e prosseguiu, como se lhe fossem extremamente dolorosas as lembranças:

– Nas vésperas do nosso enlace, fugiu com outro, a infame, deixando-me um bilhete em que confessava não poder casar-se comigo, uma vez que amava a outro. Desde esse triste dia também estou sozinho. Não mais me aproximei de mulher alguma, temendo novo sofrimento. Assim, passei a dedicar-me unicamente aos negócios, razão por que me encontro aqui hoje.

Meu cavalo se assustou com os trovões e, ao cair, quebrou uma perna; por isso, não pude prosseguir viagem.

Fez nova pausa, avaliando o efeito de suas palavras no interlocutor, balançou os ombros e concluiu:

– Infelizmente, tive que sacrificá-lo. O resto já sabes. Estava perdido por estas montanhas, preocupado em abrigar-me da tempestade que se avizinhava, quando vi ao longe uma pequena luz. Caminhei com dificuldade até ela. Assim, cheguei até a esta casa, onde em tão boa hora me acolheste.

Anton Vassiliev, comovido, deu-lhe um tapinha nas costas, demonstrando compreensão, sem palavras.

Permaneceram pensativos, cada qual remoendo seus próprios infortúnios, quando Anton considerou:

– A madrugada não tarda. A tempestade amainou e é hora de nos recolhermos.

Olavo concordou. Viajara muito, tivera um dia difícil e estava exausto.

Anton ajeitou as palhas, improvisando um leito e apagou a vela. Ambos deitaram-se, ouvindo ainda o barulho da chuva no telhado.

Dentro de pouco tempo, dormiam profundamente.

O dia amanheceu limpo e claro. Um sol festivo aquecia todas as coisas. A tempestade passara e o solo espalhava o cheiro de terra molhada.

A vegetação, lavada de chuva, brilhava à claridade do dia e o ar da montanha apresentava-se puro e agradável.

Fazia frio, mas as brumas haviam desaparecido com os primeiros raios do Sol que se levantara, dominando a Terra.

Ao acordar, Olavo estranhou o local onde se encontrava. Logo, porém, lembrou-se da noite anterior.

Relanceou o olhar pelo recinto, que não pudera ver perfeitamente na escuridão, quebrada apenas pela luz de uma vela. O cômodo era limpo, conquanto singelo. Havia um armário que fazia as vezes de guarda-louças, uma pequena e rústica mesa que ele tão bem conhecia, duas cadeiras e um fogão de lenha. No único quarto existente, vislumbrou, através da porta aberta, um leito encostado à parede e um baú de madeira. Esse era todo o mobiliário da habitação.

Nesse momento Anton adentrou a *isba*. Vendo o hóspede acordado, convidou-o:

– Presumo que estejas com fome. Vem comer alguma coisa.

Olavo levantou-se e viu que Anton depositara sobre a mesa algumas frutas, pão, mel e um recipiente contendo leite de cabra. Surpreso, inquiriu:

– Onde arrumaste tudo isso?

– Na aldeia. Acordei bem cedo e fui até o vilarejo buscar alimentos.

Sentaram-se e comeram com prazer. Em seguida, foram passear pelos arredores. Anton Vassiliev mostrou as terras, as poucas plantações que ainda existiam e que cultivava sozinho; a criação, o cavalo, a cabra que lhe fornecia o leite.

Voltando à *isba*, o hóspede se despediu. Tinha pressa de retornar a São Petersburgo, onde afazeres urgentes o aguardavam.

Antes de partir, Olavo, que já se afeiçoara ao gentil camponês, sugeriu:

– Anton Vassiliev, vem comigo. Pesa-me deixar-te sozinho nestes ermos. Abandona tudo e acompanha-me. Não será difícil arranjar-te colocação na capital. Dar-te-ei trabalho e moradia. De quebra, terás companhia, pois moro com minha mãe.

Anton agradeceu sensibilizado, compreendendo a grandeza do oferecimento:

– Não posso fazer o que me pedes, amigo Olavo. Não agora. Algum dia, quem sabe? Também senti despertar em mim imediata simpatia por ti, meu amigo, e gostaria de continuar a teu lado.

– Então, o que te impede? – retrucou o outro. – Só depende de ti!

– Sim, mas não é tão fácil, como pensas, tomar uma decisão que vai mudar toda a minha vida. Não posso abandonar minhas terras, a criação... Além disso, se porventura a esposa e as filhinhas resolverem voltar, não saberão onde encontrar-me.

Olavo notou que o amigo ainda não perdera as esperanças.

– Não deixas de ter razão. Concordo contigo. Promete-me, no entanto, que vais pensar no assunto.

– Prometo.

– Muito bem. Aqui neste papel está meu endereço. Se precisares de ajuda, conta comigo. Estarei à tua disposição. Resolve os teus problemas e, se quiseres realmente mudar de vida, procura-me. Minha casa estará sempre aberta para receber-te.

Abraçaram-se ternamente, e Olavo partiu. Levava o cavalo de Anton, que deixaria na aldeia para que ele o apanhasse lá.

Após a partida do novo amigo, aliás o único que possuía, Anton sentiu a solidão pesar com mais força. Arrependeu-se de não ter acompanhado Olavo.

Agora era tarde. Sentado num banco defronte da choupana, fitava a paisagem que se descortinava ao longe.

Do alto da montanha, a vista abarcava extensa região. A cordilheira de picos nevados que se estendia a perder de vista; os vales férteis entremeados por um rio que serpenteava pelas plantações; o caminho, que ora aparecia, ora desaparecia nas ondulações do terreno, brincando de esconder; e a aldeia, com seu casario branco iluminado pela luz solar, que se derramava à distância.

Como deixar toda essa beleza? Como abandonar o panorama magnífico que aprendera a amar nesses anos todos de convivência?

Lembrou-se da esposa e das filhinhas. Onde estariam? E passou a rememorar tudo o que ocorrera após a partida delas.

A princípio, aguardava cheio de esperança a volta da mulher, não acreditando que ela suportasse ficar longe dele. Sempre que alguém subia a montanha, o coração batia-lhe mais forte, certo de que teria, afinal, notícias da família. Ledo engano. Isso nunca aconteceu. Assim, com o transcorrer dos dias e dos meses, acomodou-se à situação.

Dez anos eram passados desde que elas partiram. Sua vida se consumia nas tarefas domésticas e no trato com a terra. Já não tinha a mesma disposição para o trabalho. Sem estímulo, sem vontade de lutar, Anton entregou-se ao desânimo.

Agora, aquelas que tinham sido terras férteis e produtivas encontravam-se abandonadas. O mato dominava as plantações, sufocadas por ervas daninhas.

A criação estava magra e descuidada; só a cabra fornecia ainda o leite necessário para que ele não morresse de fome.

Normalmente nem tinha o que comer. Aferventava algumas ervas encontradas aqui e ali, que ingeria a contragosto.

Lembrou-se do constrangimento que passou por não ter nada a oferecer ao hóspede, que certamente estava acostumado a alimentar-se bem, o que o levou até a vila em busca de comida.

Agora, porém, sozinho novamente, tudo voltaria ao que era antes.

Lágrimas amargas lhe afloraram aos olhos. O desejo de mudar surgiu de repente. Reagindo à melancolia que ameaçava dominá-lo e à estagnação costumeira, falou alto e firme como se alguém o pudesse ouvir:

– Não! Não continuarei nesta vida! Venderei minhas terras e irei procurar Olavo Barenkov em São Petersburgo. Quero viver como todo mundo. Quero encontrar meus entes queridos, e Nossa Senhora de Kazan irá ajudar-me.

Sua voz, repetida pelo eco e levada pelo vento, soou pelas montanhas até perder-se no espaço.

[3.](#) Casinha campestre de madeira, muito comum na Rússia.

2. Retorno ao lar

Descendo a montanha, Olavo meditava, preocupado.

Recordou a noite anterior, o receio diante da tempestade iminente e o alívio que sentira ao ver a *isba* humilde, onde uma chama de vela tremeluzia. O socorro que recebera, a figura do rude Anton Vassiliev, que tanto o impressionara.

O novo amigo se lhe afigurava “estranhamente conhecido”, não obstante ele haver-lhe afirmado nunca ter saído das cercanias.

Reviu o passeio pelos arredores, quando ficara extremamente angustiado ao constatar o estado de abandono das plantações. Era como se aquele solo esquecido fosse o reflexo do que se passava no íntimo do proprietário. Por isso, insistira para que ele o acompanhasse. Doía-lhe deixar Anton Vassiliev desamparado e solitário. Não que o novo amigo não estivesse acostumado a isso, uma vez que levava essa vida há dez anos. No entanto, agora que o conhecera, não suportava a ideia de largá-lo naqueles ermos.

Nesse momento Olavo decidiu que, resolvidos os problemas mais prementes relativos a seus negócios, voltaria a procurar Anton, e dele não se afastaria enquanto não o convencesse a mudar de vida.

Chegando à aldeia, encontrou sem dificuldades uma estalagem, onde deixou o cavalo para ser devolvido ao dono, adquirindo, ao mesmo tempo, outro para prosseguir viagem.

Antes de partir, conversou com o estalajadeiro, recomendando-lhe:

– Bom homem, aqui está o que te devo pelo animal que me vendeste e um pouco mais. Peço-te que seja convertido em gêneros alimentícios para meu amigo Anton Vassiliev. Rogo-te não deixes que algo lhe falte. Pretendo voltar em breve e, se mais gastos houver, reembolsar-te-ei.

O gordo estalajadeiro inclinou-se, afirmando servil:

– Não te cause isso preocupação, *barine*⁴. Estimo muito a Anton Vassiliev e o providerei do necessário.

Agradecido, Olavo despediu-se e partiu mais tranquilo.

Alguns dias depois, ei-lo que chega à grande cidade.

São Petersburgo tinha vida intensa e muitos problemas sociais. A guerra da Crimeia⁵ terminara e o país gozava de uma paz relativa, mas a miséria do povo era grande e havia uma enorme quantidade de doentes e inválidos, como consequência do conflito armado. O czar Nicolau I morrera em 1855, ficando o trono para seu filho Alexandre II, que teria de enfrentar grandes desafios.

Olavo Barenkov tinha participado da guerra, mas por pouco tempo, para alívio de sua mãe, Magda Barenkov. Mandado para o *front*, logo depois a Rússia perdeu a batalha de Sebastopol, e ele retornou são e salvo. Agora, aos poucos, a vida ia voltando à normalidade.

Com um suspiro de alívio, Olavo Barenkov percorreu o trecho até sua casa, localizada em ponto afastado da capital, já nos limites da cidade. Não pôde impedir-se de pensar – vendo as hordas de miseráveis e famintos nas ruas – que a libertação dos *mujiques*⁶, defendida por Alexandre II, traria muitos problemas para o país. O ano de 1857 iniciara sob acirradas discussões que, certamente, se prolongariam por muito tempo. Não havia interesse da aristocracia russa, especialmente da pequena nobreza, em emancipar os camponeses.

Ao ver a mansão, que surgira imponente, ele esboçou um sorriso, satisfeito, esporeando o animal para chegar mais depressa.

Era uma bela casa, de aspecto senhoril, toda pintada de branco, com trepadeiras floridas no gradil, que lhe davam um ar alegre e descontraído.

Passou por um grande portão lateral, que conduzia diretamente para um pátio interno, onde desmontou, entregando o cavalo a um servo.

Assim que entrou na casa, Olavo foi saudado por um criado:

- Sê bem-vindo, senhor. A *barínia* estava apreensiva com tua demora.
- Infelizmente, tive alguns contratempos que me atrasaram.
- Algo sério, senhor? – indagou o serviçal, preocupado.
- Não. Nada grave.
- Muito bem, senhor. Desejas alguma coisa?
- A senhora minha mãe, onde está?
- Em seus aposentos, senhor. Quer que a avise da tua chegada?
- Não. Primeiro, desejo tomar um banho, pois estou todo empoeirado e sujo. Depois, então, irei vê-la.
- Como quiseres, senhor. Mandarei preparar-te o banho. Enquanto isso, a refeição ficará pronta.

– Ótimo.

Subindo as escadarias, Olavo dirigiu-se a seus aposentos, que se compunham de três peças. Um quarto espaçoso, sem atavios e com características acentuadamente masculinas, contendo um amplo leito de mogno com dossel; uma pequena mesa de cabeceira, que fazia as vezes de criado-mudo; no canto, próximo à grande janela, uma mesa com um candelabro de prata, um *samovar* do mesmo metal e alguns livros dispersos; ao lado, uma confortável poltrona em veludo verde-musgo. Um grande maleiro e duas cadeiras completavam a mobília. O outro cômodo era o quarto de vestir, onde se encontravam os armários de roupas e calçados. O terceiro, uma sala de banho privativa, luxo nada comum na época, toda revestida de mármore, inclusive a ampla banheira.

Logo seu criado de quarto veio avisá-lo de que o banho estava pronto. Com satisfação, deixou-se envolver pela tepidez da água, aromatizada com essência de sândalo, sua preferida.

Após refrescar-se, vestiu-se com esmero, no rigor da moda francesa, como era hábito na aristocracia russa.

Mirou-se no espelho com ar crítico, terminando de ajeitar os bastos cabelos negros. Sorriu. Sua mãe nada teria que reparar. Estava impecável.

Deixando seus aposentos, caminhou pelo corredor, parando defronte de uma bela porta de madeira lavrada. Bateu discretamente. Uma voz suave respondeu do interior:

– Entra.

Ao penetrar, foi imediatamente envolvido pelo odor de jasmims, que dominava todo o recinto, vindo do terraço, cujas portas estavam abertas de par em par.

Era sempre com prazer que ia aos aposentos de sua mãe, o oposto dos seus. A decoração, encantadora, de gosto nitidamente feminino. O tom pastel tornava os cômodos claros e agradáveis. Vasos de flores alternavam-se com objetos de arte. O leito amplo e todo branco era coberto com uma colcha de tecido adamascado nas cores rosa, azul e amarelo. As cortinas, em cetim rosa-pálido, tinham um fundo branco. Tapetes persas, em cores harmônicas, cobriam o piso, abafando os passos.

Aproximou-se da poltrona, onde a senhora se entretinha bordando uma tapeçaria. A dama, levantando os olhos, surpresa, abandonou a agulha ao ver o filho chegar e sorriu ternamente, fitando-o com amor.

– Meu filho! Estava apreensiva com tua demora. Por que tardaste tanto? O

que houve?

– Nada importante, minha mãe. Perdoa se causei desassossego ao teu coração.

Com expressivo gesto, a dama sorriu.

– Já passou. Estás a meu lado agora e é isso o que importa – afirmou, abraçando-o carinhosamente.

– Como tens passado, mamãe? – indagou, interessado.

– Sabes como é – considerou a senhora fazendo um gesto de desalento –, na minha idade devo sentir-me satisfeita por estar viva.

– Tolices, minha mãe. Tua saúde é muito boa e não és tão velha assim...

A dama suspirou, melancólica:

– Completarei em breve cinquenta e oito anos, meu filho, e o reumatismo não tem me dado tréguas.

– Ora, mamãe, a senhora ainda é muito bela e forte. Vais viver muito tempo. Nos bailes e festas todos dizem que parecemos irmãos!

A velha dama sorriu.

– Lisonjeiro! A verdade é que sou muito mais velha do que tu. Quando engravidei, Olavo, eu já tinha perdido as esperanças de vir a ser mãe.

O rapaz, interessado, sentou-se num tamborete aos pés da poltrona e ficou a ouvi-la, segurando-lhe a mão. Gostava quando ela recordava o passado.

Com os olhos perdidos na distância, ela lembrou:

– Teu pai sempre foi louco por crianças e ambos acalentávamos o desejo de ter filhos, muitos filhos. Após o casamento, aguardamos com ansiedade a vinda dos rebentos; mas em vão. Fizemos de tudo. Procuramos médicos, curandeiros, benzedeiras e toda a sorte de recursos, inutilmente. O tempo passava, os anos corriam e a decepção e o desânimo nos dominaram. Minhas amigas todas já estavam casadas e com filhos nos braços. Só a mim Deus negara a bênção da maternidade.

– E então? – indagou Olavo, aproveitando uma pausa que se fizera mais longa, apesar de já conhecer a história.

– Então, a princípio, enchi-me de revolta. Afinal, eu via, entre a população mais humilde, *mujiques* de nossas terras que mal tinham o que comer, incultos e rudes, serem abençoados com filhos belos e risonhos, sadios e louros como os trigais da nossa Santa Rússia. E não compreendia, pois muitas dessas mulheres nem sequer desejavam ser mães, amaldiçoando a gravidez e lamentando-se de terem dentro de casa mais uma boca para alimentar. Muitas até recorriam ao aborto delituoso no afã de se livrarem de

crianças indesejadas.

– Que coisa horrível, minha mãe!

– Era o que eu também pensava. Em virtude disso, ao vê-las tão desesperadas, resolvi que, uma vez que não poderia ser mãe, poderia ajudá-las nessa missão, que reputo divina e de extrema importância para a dignidade da mulher.

A dama sorriu suavemente e prosseguiu:

– E assim, passei a percorrer as *isbas* de nossos *mujiques*, levando o necessário em gêneros alimentícios, roupas, calçados, agasalhos e remédios, para tornar suas vidas mais suportáveis. Dava banho em bebês rosados e rechonchudos, trocava-lhes as roupas sujas por outras, limpas e perfumadas, que levava. Brincava depois com eles, fazendo-lhes agrados, dando-lhes colo ou levando-os a passear, quando o tempo me permitia. De tal forma me envolvi com suas vidas que deixei de preocupar-me com a maternidade.

Com expressão doce e cândida, qual uma madona, ela completou:

– A gravidez surgiu inesperadamente, como um presente dos céus, enchendo-nos de felicidade.

Olavo sorria, por reconhecer-se muito amado, beijando a mão materna com infinito carinho.

– Sim, meu filho, foste como bênção divina em nossas vidas e jamais deixei de agradecer a Nossa Senhora de Kazan por essa graça.

A dama emocionou-se, enquanto uma lágrima furtiva surgia em seus olhos.

– Cresceste forte e sadio, como desejávamos. Certo dia, no entanto, Rudolf feriu-se gravemente, durante uma caçada, e morreu logo após ter sido transportado para casa.

– Como deves ter sofrido, minha mãe! Eu ainda era pequeno, mas lembro-me da falta que senti do meu pai, sempre tão bondoso e solícito.

– É verdade, meu filho. Sofremos muito. Contudo, eras uma criança e depressa esqueceste. Eu, porém, precisei recuperar as forças combalidas para cuidar de ti e ainda administrar as nossas propriedades, que ficaram como barco à deriva. Em parte, isso foi bom porque me ocupou o tempo de maneira útil, desanuviando-me o espírito. Caso contrário, teria enlouquecido de dor sem o meu Rudolf.

Vendo o filho, que se quedara pensativo, a nobre senhora finalizou o diálogo, mudando o rumo dos pensamentos.

– Mas tudo isso pertence ao passado. Hoje, és um homem e assumiste o lugar de chefe da família e administrador de nosso patrimônio, como de

direito. Desçamos, Olavo. A ceia nos aguarda.

De braços dados, conversando animadamente, dirigiram-se para o salão de refeições.

Enquanto ceavam, trocavam ideias; ele indagava o que tinha acontecido durante sua ausência, e ela o colocava a par de tudo. A certa altura da conversa, a dama lembrou:

– E então, meu filho, não me contaste nada. Só eu falei até este momento. Como foi a viagem?

– Muito boa, mamãe, apesar dos contratempos.

– Contratempos? Conseguiu concretizar o negócio?

– Sim. A propriedade saiu por um valor razoável; creio que ficarás satisfeita. É muito bela.

– Deveras? Gostaria de conhecê-la. Talvez um dia possamos ir até lá.

– Sem dúvida. A residência é bastante confortável. Pertencia a uma velha e nobre família, cujo herdeiro perdeu quase todos os seus bens em jogos e mulheres. Assim, precisou desfazer-se da propriedade, única que lhe restara, ficando ainda muito agradecido por ter realizado o negócio, que lhe permitirá saldar muitas dívidas.

Olavo fez uma pausa e fitou a mãe, afirmando:

– A casa está um pouco abandonada e precisará de ajustes. Após algumas pequenas reformas, que pretendo fazer e espero que aprove, ficará excelente.

– Confio em ti, Olavo. Faze o que julgares necessário. Mas, a propósito, a que contratempos te referiste?

Levando a taça de vinho aos lábios, ele tomou um gole e prosseguiu, relatando à mãe, entre outros, os problemas que enfrentara numa noite tempestuosa e a ajuda que recebera de Anton Vassiliev. Quando concluiu, ela considerou:

– Pobre homem! Como deve ser triste ter perdido a família e viver sozinho!

– Também fiquei penalizado. Contudo, ainda espero que aceite meu convite e venha residir conosco.

– Fizeste bem em oferecer-lhe ajuda, meu filho. Em nossas propriedades, até mesmo na Mansão dos Lilases, será fácil arranjar-lhe um serviço.

Terminada a ceia, passaram para outra sala. Enquanto a mãe tocava piano, o filho mergulhava na leitura de um livro adquirido recentemente.

Após algum tempo, recolheram-se, cada qual para seus aposentos.

A senhora estava impressionada com a história que Olavo lhe contara,

mais do que gostaria de admitir. Como estivesse sem sono, acendeu o seu *samovar* de prata para fazer um chá. Quando a água ferveu, colocou algumas folhas de melissa, cuidadosamente, como num ritual. Em seguida, despejou o chá numa xícara de porcelana, acomodou-se confortavelmente numa poltrona e passou a saborear a bebida calmante.

De novo, a história que Olavo contara veio-lhe à mente. Não saberia dizer que sensações eram essas que a tomavam de assalto. Uma certa angústia mesclada de apreensão e, ao mesmo tempo, a intuição de conhecer tudo aquilo. Impossível!...

Gostaria de encontrar-se com esse homem solitário. Quem sabe, quando fossem visitar a nova propriedade rural, isso seria possível.

Assim meditando, sorveu lentamente o conteúdo da xícara. Ao terminar, acomodou-se no leito para dormir.

Talvez, como consequência da bebida calmante, o sono a envolveu rapidamente.

Despertou no dia seguinte com a impressão de ter tido uma noite cheia de sonhos, em que encontrara muitas pessoas, inclusive o homem solitário. Todavia, por mais que tentasse, não conseguiu lembrar-se do conteúdo desses sonhos.

Tocou a sineta chamando a criada. Levantou-se, fez a toailete e, quando desceu para tomar a primeira refeição, o criado informou-lhe que Olavo saía logo cedo para cuidar dos negócios, encaminhando-se para o escritório.

A refeição constava de chá, leite, pãezinhos frescos, rosquinhas de nata, geleia e mel.

Mal tocou naquelas delícias que a criada lhe servira, prestimosa. Apenas ingeriu uma chávena de chá e mordiscou uma rosquinha, com ar indiferente.

A serva indagou, gentilmente:

– Dormiste bem, senhora?

Com o pensamento distante, ela só se manifestou na segunda vez que lhe foi perguntado.

– Ah! Disseste alguma coisa, Alexandra?

– Perdão, senhora. Estás bem?

– Oh! sim. Podes mandar tirar a mesa.

– Mas nada comeste, senhora! Um pãozinho talvez?

– Não, obrigada. Estou sem apetite.

E assim dizendo, levantou-se, encaminhando-se para o jardim.

O sol forte a envolveu. Caminhou por entre as aleias, sempre preocupada

com os sonhos da noite que tanto a tinham impressionado. Embora não se recordasse, tinha íntima certeza de que se relacionavam com o “homem solitário das montanhas”.

Passou a manhã caminhando pelo jardim, detendo-se ora para ver uma planta, ora outra. Conversou com o jardineiro, transmitindo-lhe algumas ordens e, depois, sentou-se num banco, permanecendo entregue a seus pensamentos.

Ao regressar, Olavo foi encontrá-la no mesmo lugar. Beijou-lhe a fronte e, sentando-se junto dela, examinou-a detidamente.

– Os criados asseguraram-me que a senhora está um pouco estranha hoje. Aconteceu alguma coisa?

– Nada, meu filho. Está tudo bem.

Mas, pensando melhor, afirmou:

– Aconteceu algo estranho, sim. Tive sonhos esta noite que me impressionaram sobremaneira.

Acomodando-se melhor, o rapaz se pôs a ouvir:

– Conta-me o que tanto te impressionou, minha mãe.

Arregalando os olhos, ela explicou, contrafeita:

– Aí é que está! Não me lembro!

– Ora, mamãe. Afirmas-te impressionada e não te recordas do sonho? Como pode ser isso?

– Pois não é estranho? Quando despertei, tinha a lembrança nítida de todos os detalhes. Logo em seguida, porém, apagou-se tudo. Entretanto, tenho absoluta convicção de que o sonho tem relação com a história que me contaste ontem.

– Ah! Aí está! Então explica-se. És muito sensível e impressionável e ficaste apreensiva com o perigo que passei!

Não muito convencida, a senhora concordou:

– É possível que tenhas razão. Mas parece-me que se trata de algo muito mais sério e importante e que preciso lembrar a qualquer custo.

Nesse momento, a criada veio avisá-los de que a refeição seria servida.

– Obrigada, Alexandra. Estamos indo.

Olavo olhou para a criada e uma sensação estranha o assaltou. Jamais reparara nas criadas, mas aquela despertava-lhe interesse.

Era uma bela jovem, ainda adolescente, com os cabelos cor do trigo maduro emoldurando-lhe o rosto perfeito; a pele, acetinada, tinha uma tonalidade dourada pelos raios do sol, refletindo saúde e energia. Seu porte

era esbelto e flexível, e os gestos delicados.

– Interessante! – pensou Olavo, lembrando-se, nesse justo momento, de ter sonhado com ela à noite. Seria possível?!...

Nada disse, porque sua mãe nunca admitira brincadeiras com as criadas da casa. Era preciso manter sempre ambiente de respeito e dignidade.

Olavo ofereceu o braço à mãe e encaminharam-se para o salão de refeições.

4. *Barine* – senhor; *barínia* – senhora.

5. Guerra que a Rússia sustentou contra a Turquia, a França, a Inglaterra e o Piemonte (1854-1856).

6. Camponeses. Até 1860, os camponeses eram considerados escravos na Rússia.

3. A cigana

Após o almoço, Olavo saiu para cuidar dos negócios. A família possuía uma empresa próspera que, com a morte de Rudolf Barenkov, passou a ser administrada pela esposa, Magda Barenkov, auxiliada por fiel amigo e antigo empregado de seu marido, que também veio a falecer alguns anos depois. Com o tempo, a administração de todos os bens passou para Olavo, inclusive a empresa, que prosperara bastante.

O escritório de exportação surgira da necessidade de colocar no mercado a colheita de grãos – aveia, cevada, centeio e trigo.

Ao voltar da guerra, Olavo dedicou-se a aumentar as plantações. Como grande produtor, ele encontrava dificuldades para vender toda a produção no mercado interno. Os preços eram geralmente baixos e não compensavam os custos de produção e manutenção. Conversando com outros proprietários, detectou o mesmo problema. Depois de muito pensar, a exportação surgiu como uma solução para o impasse, visto que, no mercado internacional, os preços estavam elevados.

Dessa forma, surgira a empresa de exportação que, com o tempo, estendeu suas atividades, beneficiando muitos produtores.

Encaminhou-se Olavo para os escritórios da empresa, que ficavam localizados numa rua menos movimentada.

Trabalhou a tarde inteira, despachando correspondências, vistoriando as toneladas de grãos estocados, tomando decisões.

No final da tarde, com a cabeça cansada, resolveu dispensar a carruagem e fazer uma caminhada. Permanecera muitas horas sentado e sentia falta de exercício. Além disso, gostava de andar, e a tarde estava convidativa.

Fizera um belo dia. O céu muito azul e sem nuvens, a temperatura agradável. Era primavera e o perfume das flores espalhava-se pelo ar.

Caminhou tranquilamente algumas quadras, aproveitando o belo resto de tarde. Ao passar por um terreno baldio, viu ao longe um acampamento cigano.

Nesse momento, ouviu uma voz monótona que dizia:

– Uma esmola, *paizinho!*⁷

Virou-se e deparou com uma mulher sentada na calçada. De coração naturalmente generoso, deu atenção. Era uma cigana de olhos profundos e cismadores. Sua roupa, colorida e espalhafatosa, estava suja, e os cabelos escuros, desgrenhados. O que impressionou Olavo, contudo, foi uma criança que a mulher trazia nos braços. Esquálida, a pequena tinha um ar de tristeza e abandono que o comoveu.

Como examinasse as duas em silêncio, a mulher repetiu a cantilena:

– Uma esmola, *paizinho*. Em troca, lerei o futuro em tuas mãos.

Como se não tivesse ouvido, ele indagou:

– Tua filha está doente?

– Não, *paizinho*, ela é franzina mesmo. Não tenho recursos para cuidar de minha filhinha e passamos muitas privações. Ela está sem comer desde ontem...

Olavo contemplou a pobrezinha e seu coração se confrangeu. A pequenina tinha os olhos grandes demais para aquele corpo raquítico.

– Que idade tem? – inquiriu.

– Ah! *paizinho*, ela já tem quatro anos, embora aparente menos.

Realmente, a criança parecia ter bem menos idade. Condoído, ele procurou na algibeira e retirou alguns *rublos*⁸, entregando-os à mulher, que mal podia acreditar em tal felicidade.

– Toma, *mãezinha* – utilizando o mesmo tratamento que ela lhe dera. – Compra alimentos e roupas para ti e para a criança.

A cigana ensaiou um sorriso, deixando à mostra a boca desdentada e, antes que Olavo pudesse impedir, ela agarrou sua mão, depositando nela um ósculo agradecido.

– Que a Senhora de Kazan te abençoe, *paizinho!*

Ele retirou a mão apressadamente, com certa repulsa, e despediu-se.

– Não te esqueças de dar um banho na menina e colocar-lhe roupas limpas.

– Sim, *paizinho*, sim. Obrigada! Obrigada!

Olavo afastou-se, estugando o passo. Ao chegar em casa, lavou as mãos cuidadosamente. A sujeira da cigana, a imundície de suas mãos o enojaram.

Não conseguia, no entanto, tirar da mente a imagem da criança.

– Pobre pequena! Que infelicidade nascer nessas condições e tendo tal mulher por mãe.

Olavo habituou-se a passar por aquela rua e ver a cigana, com a filha nos

braços, entoando a mesma cantilena.

Os dias continuavam agradáveis e ele acostumara-se à caminhada no final da tarde.

Muitas vezes, dava algumas moedas e seguia adiante, sem deter-se. Em outras, quando bem-disposto, parava e trocava algumas palavras com a mulher. Percebeu, todavia, que a menina estava mais limpa, suas faces mais coradas e os olhos mais brilhantes.

Por razões de saúde, ficou alguns dias sem dirigir-se aos escritórios e, conseqüentemente, sem passar pelo local.

Ao retornar às atividades normais, já recuperado, ordenou ao cocheiro que transitasse por aquela rua, onde a cigana, habitualmente, fazia ponto. Porém, não a encontrou. O lugar estava vazio. O mesmo aconteceu no dia seguinte, no outro, no outro também.

Sem saber por que, Olavo não parava de pensar na criança. Onde estaria? O que acontecera? Teriam levantado acampamento, uma vez que são ciganos, nômades por natureza?

Em casa, no aconchego do lar, confortavelmente instalado na poltrona preferida, onde costumava ler, o rapaz não conseguia pensar em outra coisa.

A mãe, que o examinava de longe, aproximou-se.

– Algum problema no escritório, meu filho?

Saindo de sua abstração, ele respondeu, solícito:

– Não, minha mãe. Por que perguntas?

Assentando-se a seu lado, carinhosa, ela observou:

– Percebo que estás preocupado. O livro está em tuas mãos, mas não o lês. Estarei enganada?

Tomando as mãos da mãe nas suas, ele respondeu, afetuoso:

– Não, minha mãe. Tens razão. Algo me preocupa, sim, mas não são os negócios, que vão bem.

Ele fez uma pausa e perguntou:

– Lembras-te daquela cigana e da filhinha, de quem já te falei?

– Sim, lembro-me. O que tem ela? Continua a esmolar, por certo.

– Aí é que te enganas. Não mais a vi desde que estive de cama, resfriado.

– Bem, meu filho, essa gente não tem lugar fixo. Pode ser que esteja esmolando em outro local da cidade, visto ser necessário mudar de ponto e conseguir clientes novos.

– Talvez estejas com a razão, mamãe. No entanto, sinto que alguma coisa estranha está acontecendo.

– Bem, se tanto te preocupa a sorte da mulher...
– Preocupo-me mais com a criança – interrompeu ele.
– Que seja. Se te causa inquietação, procura notícias delas. Pelo que me contaste, o acampamento cigano não fica longe.

– Bem lembrado. É isso mesmo o que farei amanhã.

Assim, minimizado o problema que o preocupava, Olavo recolheu-se.

Na manhã seguinte, Barenkov foi à empresa decidido a descobrir o paradeiro da cigana. Com o dia particularmente movimentado, ele passou todo o tempo absorvido no trabalho, resolvendo problemas pendentes e atendendo pessoas que o procuravam.

Determinado, no entanto, saiu um pouco mais cedo do escritório e ordenou ao cocheiro que fizesse o trajeto já conhecido. Em vão. Nada da cigana.

Diante disso, foi até o acampamento. Aproximando-se, notou a extrema penúria em que viviam. Um caldeirão fumegava sobre um tripé. Crianças brincavam, correndo por entre as carroças, enquanto os adultos estavam entregues às suas atividades.

Ao verem o estranho, os ciganos suspenderam suas ocupações, mirando-o com espanto. Alguém acercou-se, indagando:

– O que desejas, *barine*?

Naquela hora, Olavo teve vontade de dar meia-volta e retornar sobre seus passos. Afinal, o que tinha a ver com a vida dessa mulher? Agora, no entanto, era tarde. O cigano esperava uma explicação.

– Estou à procura da cigana que costumava ficar na Rua X... com sua filhinha.

– Ah! Procuras por Mira.

Virou-se e indicou um carroção, completando:

– Mira e a filha moram ali. Está, porém, muito doente. O que desejas dela?

Percebendo a perplexidade do cigano, que não entendia o que um cavalheiro tão distinto e elegante poderia querer com Mira, Olavo justificou-se:

– Venho trazer uma ajuda que lhe prometi.

– Ah! Bem, se é assim... – falou o cigano já cheio de boa vontade – podes ir vê-la.

Olavo agradeceu e dirigiu-se para o carroção indicado. Ali perto, sentada no chão, viu a pequena brincando sozinha.

Subiu os degraus desconjuntados, bateu levemente na porta cerrada e ouviu uma voz fraca responder:

– Entra. Está aberta.

Empurrou a porta, que cedeu à leve pressão.

Na penumbra do ambiente, viu, em meio à desordem geral, a mulher deitada no leito.

Aproximou-se sem saber o que dizer. Ao ver o visitante, a cigana abriu a boca desdentada num sorriso radiante:

– O *barine* aqui! Que honra para minha humilde casa, *paizinho*!

Penalizado, Olavo acercou-se, cumprimentando-a e explicando sua presença:

– Como nunca mais te vi, *mãezinha*, resolvi procurar-te e saber se estás necessitada de alguma coisa.

– Tens o coração mais generoso que já conheci, *paizinho*, e te agradeço. Desde que fiquei enferma, temos passado grandes privações. Tua ajuda era sempre de muita utilidade e uma bênção em meio à nossa penúria. Há dias minha filhinha não se alimenta direito, preciso de remédios... enfim, falta-nos tudo.

– Os outros ciganos não ajudam?

– Sim, na medida do possível. Também são muito pobres e não têm nem para eles!

Resolvido, Olavo informou:

– Não te preocupes mais, Mira. Mandarei um médico visitar-te e, tomando os medicamentos que ele te prescrever, logo ficarás curada.

Tirou da algibeira uma pequena bolsa de moedas, entregando-a à mulher, que não sabia como agradecer.

– Isto é para tuas primeiras despesas. Manda comprar o necessário para ti e para tua filha. Não quero que nada vos falte.

Com os olhos rasos de pranto, a doente murmurou:

– Que o Senhor te abençoe, *paizinho*!

Antes que ela pudesse agarrar novamente sua mão e beijá-la, Olavo fez meia-volta e saiu apressado.

Aquele ambiente asfixiante, onde o ar não circulava, a sujeira e a desordem existentes no local provocaram-lhe náuseas.

Já do lado de fora, respirou fundo e apressou o passo. Queria distanciar-se o mais depressa possível do acampamento cigano.

7. Paizinho e mãezinha – Termos carinhosos equivalentes ao “meu bem” dos brasileiros, utilizados na intimidade, tanto na Rússia como em outros países do norte da Europa.

8. Moeda russa, ainda vigente no país.

4. A surpresa

Durante alguns dias, atividades intensas na empresa impediram que Olavo se preocupasse com outra coisa além dos negócios. Problemas surgidos na “Mansão dos Lilases”, propriedade rural situada não muito distante de São Petersburgo, fizeram com que para lá se dirigisse.

Após tumultuadas e contínuas discussões, os comitês das províncias conseguiram que fosse aprovada a lei de emancipação e, no início de 1861, os camponeses se tornaram livres. Assim, os proprietários tinham que se adequar à nova realidade, fazendo acordos com eles, dividindo as terras e cedendo-lhes lotes. Por essa ocupação os *mujiques* pagariam um aluguel fixo ao senhor. Em virtude dessas mudanças, alguns problemas surgiram, exigindo a presença de Olavo na propriedade. Resolvidas as pendências, ele voltou.

Uma quinzena depois, estava apressadamente tomando seu desjejum para ir ao escritório, quando uma velha criada entrou esbaforida:

– Senhor! Senhor!

– O que houve? Pareces assustada, Rose!

Inclinando-se, a serva respondeu aos borbotões:

– Senhor! Não sabes o que encontrei agora mesmo na porta.

– Sim? Dize logo, mulher, o que encontraste?

– É melhor que vejas com teus próprios olhos, meu senhor.

Curioso, vendo a mulher gorda e rosada que amarfanhava nervosamente a ponta do avental, levantou-se e acompanhou-a.

Abrindo a porta principal, que dava para um terraço cheio de plantas, olhou em torno e deu de ombros, exclamando:

– Nada vejo de diferente! Divagas, por certo!

Andando com cuidado, ela caminhou para um dos cantos, sorriu com expressão vitoriosa e indicou:

– Aqui, *barine*. Vê!

A princípio, Olavo nada percebeu. Depois, aproximando-se mais, afastou o

galho de um arbusto e viu, estupefato, no chão, entre as dobras de uma manta de lã, aconchegada e serena, uma criança que dormia placidamente, agarrada a uma pequena boneca de pano, velha e suja. Os cabelos, castanhos e longos, espalhavam-se sobre seu corpinho.

Reconheceu, perplexo, a pequena cigana. O que estaria fazendo aquela menina em sua casa, desacompanhada e àquela hora da manhã? Ao que tudo indicava, teria passado a noite ali mesmo.

Sem saber o que pensar e o que fazer, Olavo ficou parado, estático.

Os outros criados, curiosos, percebendo que algo estranho estava acontecendo, vieram também para o terraço. Nisso, provavelmente pela bulha que fizeram, a garotinha acordou.

Abriu os olhos ainda sonolenta e, notando pessoas estranhas em sua volta, sentou-se assustada, ameaçando chorar.

Temendo uma cena infantil, a que não estava habituado, Olavo apressou-se a tranquilizá-la:

– Está tudo bem, minha menina. Não te assustes.

Como precisasse de tempo para pensar, ele sorriu, sugerindo:

– Deves estar com fome. Vem. Rose dar-te-á bolos, biscoitos e outras coisas gostosas.

Rose, a criada gorda e risonha que encontrara a pequenina, e que por isso mesmo já se considerava um pouco sua dona, pegou-a no colo com carinho, enquanto lhe dizia:

– Vamos. Lá dentro há um bolo que, tenho certeza, nunca provaste outro melhor.

Docilmente, a criança acedeu, sem fazer drama e sem chorar.

Enquanto isso, o dono da casa interrogou:

– Alexandra, a senhora minha mãe já se levantou?

– Sim, senhor. Acaba de descer e quer saber a razão desse tumulto.

– Ah! Muito bem. Falarei com ela. Onde está agora?

– Na sala de refeições, senhor.

– Ótimo. Providencia para que nada falte à menina.

A jovem inclinou-se em sinal de obediência:

– Sim, senhor.

Retornando ao interior da mansão, Olavo foi ter com a mãe. Aproximou-se, dando-lhe um beijo na frente, distraído. A senhora o interrogou:

– O que se passa, meu filho?

Olavo sentou-se, serviu-se novamente de chá e, agora sem pressa, provou-

o para ver se estava a seu gosto e, somente então, explicou à mãe o que estava ocorrendo.

– Mas, o que estará essa criança fazendo aqui?

– Ignoro, minha mãe. É o que todos nós gostaríamos de saber. Depois que a pequena tiver se alimentado, pretendo interrogá-la.

Alguns minutos mais tarde, mãe e filho dirigiram-se para a cozinha, onde a criança estava. Ela acabara de tomar uma caneca de leite adoçado com mel, comera algumas rosquinhas e, nesse preciso instante, deliciava-se com grande pedaço de bolo, sob a atenta supervisão de Rose e de outras criadas que se acotovelavam, curiosas, para ver a inusitada visitante.

Vendo os padrões, dispersaram-se, cada qual indo cuidar de seus deveres. Apenas Rose permaneceu no recinto.

Para começar uma conversa, Olavo perguntou, gentil:

– Está bom o bolo?

– Sim, está muito bom – respondeu a garota sem qualquer inibição.

– Ótimo! Onde está tua mãe, pequena?

– No céu. A Senhora de Kazan levou-a para morar com ela – disse simplesmente.

– Ah! sim?!... – murmurou Olavo, lançando um olhar para a mãe, que observava a cena, surpresa. A senhora indagou em seguida:

– Como vieste parar aqui nesta casa?

– Não sei. Acho que os ciganos me trouxeram.

– Achas?! ...

– Sim. Não vi, estava dormindo. Acordei aqui.

– Ah! Por que te trouxeram para cá? – tornou a indagar.

– Acho que não podem ficar comigo. Disseram-me que o moço bonito e bonzinho tomaria conta de mim.

– Quem?!...

– Ele! – a menina apontou o dedinho na direção de Olavo.

Irritada, a senhora exclamou:

– Mas isso não é possível! Não podemos ficar com essa criança aqui em casa! Como se atrevem a impingir-nos uma menina que nem conhecemos?

Tão atônito quanto a mãe, Olavo procurou tranquilizá-la:

– Acalma-te, minha mãe. Sei onde estão acampados e devolverei a pequena. Não me furtarei a ajudá-los na manutenção da órfã, se preciso for, mas quanto a ficar com ela... isso é que não!

Tomando a menina pela mão, saiu com ela porta afora em direção à

carruagem, já preparada para levá-lo ao escritório.

– Valfrido, ao acampamento cigano! Rápido!

Deu a ordem ao cocheiro e acomodou-a no assento. A menina dava gritinhos de satisfação. Com certeza, nunca andara numa carruagem antes.

Olavo observava discretamente, com o rabo dos olhos, a alegria com que ela olhava os lugares por onde transitavam, toda orgulhosa de estar na companhia do distinto cavaleiro.

Contrariado, Barenkov controlava-se com dificuldade, remoendo os pensamentos. Afinal, com que direito abandonavam uma criança na sua porta para que dela cuidasse? O fato de ter ajudado a mulher algumas vezes não justificava tal liberdade. Ah! Mas quando encontrasse os ciganos iria dizer-lhes exatamente o que pensava sobre isso; e, se não quisessem ficar com a menina, ele chamaria os guardas. Afinal, não tinha responsabilidade alguma nesse caso.

Monologando intimamente, nem percebeu que se aproximavam do local. A carruagem parou e Olavo desceu, colocando a criança no chão. Perplexo, olhou ao redor e percebeu que nada mais existia do acampamento. O terreno estava vazio. Deu alguns passos e viu pedaços de carvão já apagados, restos de uma fogueira.

Virando-se para a menina, que o seguira, perguntou irritado, como se ela tivesse culpa:

– Para onde foram os ciganos?

Ela balançou a cabeça, agitando os bastos cabelos:

– Não sei.

Chamando o cocheiro, ordenou que indagasse nas imediações se alguém saberia o destino deles.

Ninguém, contudo, tinha informações. Reviraram a cidade, acreditando que o acampamento tivesse mudado de lugar, mas nem sombra dos ciganos.

Desanimado, depois de horas de busca infrutífera, sem alternativa, retornou com a garota, uma vez que não poderia deixá-la ao desamparo.

De volta à mansão, ordenou a Rose que cuidasse provisoriamente dela, pois esperava solucionar a questão no menor espaço de tempo possível.

Contudo, a tribo cigana parecia ter evaporado. Ninguém sabia dar notícias.

A polícia, a quem recorreram, não obstante ter colocado muitos homens na busca, igualmente não obteve nenhuma informação.

Enquanto isso, a pequena Ivana, sob os cuidados de Rose, via os dias passarem sem muita preocupação. Criança que era, adaptara-se com rapidez à

nova vida, infinitamente melhor do que aquela que levara antes. Não sendo afeiçoada a ninguém da tribo cigana, deles se apartara sem tristezas. A única lembrança boa que conservava era da mãe, pois, apesar das dificuldades, da fome, do frio e da miséria, ela sempre a tratou com carinho. Por isso, muitas vezes, Rose a encontrava chorando no jardim da grande mansão, escondida entre as latadas de rosas ou sob os lilaseiros, onde se refugiava sempre que uma saudade maior lhe doía no peito.

Quanto a Olavo e sua mãe, aceitaram com serena resignação o que não podiam evitar, mantendo, no entanto, um certo afastamento da pequena intrusa, que ficou definitivamente sob a tutela de Rose, que se lhe afeiçoara.

Com o passar do tempo, porém, a graça e a espontaneidade da criança foram conquistando os senhores, diminuindo as distâncias e criando um vínculo de afeto entre eles.

Magda Barenkov, quando saía às compras, não se esquecia de trazer roupas, sapatos, brinquedos e guloseimas para Ivana, que agradecia com sorriso encantador.

Na época propícia, Olavo contratou um preceptor para cuidar da educação dela. Afinal, se iria ficar permanentemente sob seu teto – e tudo indicava que sim –, era preciso prepará-la para um bom casamento, quando chegasse à idade.

A verdade é que já não saberiam viver sem a pequena cigana. Ela de tal modo se infiltrara em suas vidas que não poderiam sequer cogitar perdê-la.

Ivana crescia em graça e beleza. Nada fazia lembrar a menina suja, franzina e enfermiça que um dia fora encontrada na porta da mansão.

Tinha os mesmos cabelos castanhos longos e lisos, agora sedosos e bem tratados. A pele, antes de um tom esmaecido, adquirira colorido sadio pela vida ao ar livre e pela boa e farta alimentação. Os olhos, escuros e cismadores sob as longas pestanas, ganharam brilho, e o sorriso, contagiante, encantava a todos. Todo o corpo, enfim, de formas harmoniosas, lhe conferia graça e elegância. Falava corretamente e possuía uma simpatia natural e cativante. A senhora apreciava sua companhia e, não raro, a levava para passear.

Agora, com sete anos de idade, nada na sua aparência denotava a origem humilde que tivera. Ivana era levada a festas e passeios como pessoa da família, portando-se com educação e finura. Olavo, cada vez mais encantado com a pequena Ivana, fazia-lhe todas as vontades.

Entrementes, o rapaz começou a sentir-se poderosamente atraído pela criada Alexandra. Fiel, contudo, às regras da casa, que não permitiam

relacionamento mais íntimo com os subordinados, mantinha distância.

Observava a criadinha de longe, acompanhando-lhe os gestos, os movimentos; gostava de ouvir seu riso argênteo, quando entretida a conversar com outros criados nos momentos de folga; de ver o ondular dos cabelos encaracolados, o arquear das sobranceiras, o perfil de madona, a boca delicada e bem feita.

Evitava o contato direto com ela, temendo ser traído pela emoção. Todavia, não lhe passavam despercebidos olhares discretos, um pequeno tremor nas mãos, quando ela se aproximava para lhe servir o chá, ou um certo rubor, quando se sentia observada por ele.

Seu último pensamento era dirigido a ela; ansiava para que a noite passasse rápido, trazendo os albores de uma nova aurora. Era uma alegria todas as manhãs rever o belo semblante de sua amada, seus olhos doces e serenos e o sorriso sedutor.

Certo dia, a senhora sua mãe, que tinha carinho maternal pela jovem, demonstrara a Olavo sua preocupação com o futuro da criada:

– Alexandra está na idade de contrair matrimônio. Uma vez que não possui família que possa interessar-se diretamente por ela, creio que nos cabe o sagrado dever de cuidar do seu futuro. Pensarei num bom pretendente para ela. Entre os nossos criados, tanto aqui na cidade quanto no campo, não faltam rapazes sadios e trabalhadores, que certamente ficariam felizes em tê-la por esposa.

A princípio, Olavo levou um choque ao ouvir as palavras da mãe, e permaneceu calado. A senhora, segurando delicadamente a chávena de chá, virou-se para ele:

– Não achas que tenho razão?

Olavo murmurou algo concordando e levantou-se, rápido, alegando afazeres urgentes.

Recolheu-se a seus aposentos profundamente abalado. Uma onda avassalante de ciúme o tomara de assalto, um medo terrível de que a mãe viesse de fato a fazer o que estava planejando o dominou. O sangue subiu-lhe à cabeça, toldando-lhe a visão; a respiração tornou-se ofegante e o coração bateu acelerado.

– Nunca! Nunca será de outro homem! – gritou para si mesmo.

5. O amor

Somente naquele momento, Olavo compreendeu o sentimento que o tomava por inteiro. Ele amava Alexandra! Amava-a com todas as forças do seu coração jovem e impetuoso.

Sorriu para si mesmo, feliz. Jamais amara realmente antes; agora percebia isso. Nem mesmo quando julgara estar apaixonado e sofrera o abandono de sua eleita.

O encontro com o amor é algo sublime e que eleva as criaturas. Contudo, naquele instante Olavo lembrou-se da mãe. Educada dentro de princípios rígidos, jamais permitiria um consórcio entre ele, seu filho, e uma criada. Pertenciam a mundos diferentes e opostos.

– Lutarei se preciso for – falou, para si mesmo. – Eu a convencerei de que amo Alexandra e de que só serei feliz com ela ao meu lado. Não permitirei que minha mãe a entregue a outra pessoa, em hipótese alguma.

A partir desse dia, foi ainda mais difícil esconder seus sentimentos.

Um mês depois, Magda Barenkov caiu de cama, enferma. Nada grave, mas deveria permanecer no leito alguns dias, por orientação médica.

Como tivesse algumas coisas por fazer, incumbiu Alexandra de tomar essas providências. Assim, certa manhã, ordenou à criada que levasse Ivana à modista para provar algumas roupas que mandara confeccionar. Olavo, imediatamente, prontificou-se a conduzi-las na carruagem, quando fosse ao escritório; na volta, mandaria o cocheiro apanhá-las.

Na hora aprazada, as duas estavam prontas, aguardando. Ivana, que não via a hora de sair a passeio de carruagem, que muito apreciava, arrastava Alexandra pela mão.

Ao ver a jovem, Olavo não conteve a admiração. Era a primeira vez que via Alexandra com trajes de passeio, uma vez que estava sempre trabalhando. Sua beleza acentuara-se, como uma flor que desabrochasse repentinamente.

Gentil, Olavo ajudou-a a subir na carruagem, dando-lhe a mão. Esse contato fez com que um frêmito de prazer o agitasse. Os olhares se cruzaram

e havia tal admiração no semblante dele que Alexandra corou, desconcertada.

Acomodaram-se e fizeram o trajeto em silêncio, quebrado apenas pela pequena Ivana, que tagarelava sem parar, excitada com tudo o que via.

Chegando à modista, em rua central da cidade, a jovem desceu e, tomando a mão da menina, agradeceu:

– Obrigada pela gentileza, senhor.

– Ficarei aguardando para levá-las de volta.

– Mas, eu pensei... – balbuciou a criada.

– Sim, sei o que pensaste. Resolvi, porém, aguardar. Está um dia muito bonito e não tenho pressa de fechar-me num escritório.

Alexandra inclinou-se, ruborizada de prazer e, agradecendo novamente, adentrou a casa da modista. Três quartos de hora depois, saíram, encontrando Olavo a caminhar ao lado do veículo.

– Desculpa, *barine*, a demora. Não esperava...

Ele a interrompeu:

– Não te preocupes, Alexandra. Aproveitei o tempo para caminhar um pouco.

Estendendo-lhe a mão, ajudou-a a subir na carruagem; pegou Ivana nos braços, depositando-a ao lado da acompanhante.

A carruagem começou a rodar e Alexandra notou que faziam trajeto diferente.

– Para onde estamos indo, senhor? Este não é o caminho que leva à mansão...

– Tens razão, Alexandra. O dia está tão encantador que resolvi levar Ivana para passear no parque. O que achas, pequena?

– No parque? Ah! que bom, *paizinho*! Gosto muito – reagiu, eufórica, batendo palmas de satisfação.

– Mas, a *barínia*... – murmurou Alexandra.

– Não te aflijas. Minha mãe vai agradecer-me por ter proporcionado um passeio a Ivana, coisa que gosta de fazer pessoalmente e de que, no momento, está impedida. Com a senhora me entendo eu.

– Sim, senhor.

A criada baixou a cabeça, mantendo-se calada o resto do percurso. Ao chegarem ao parque, deserto àquela hora do dia, puseram-se a andar.

Era primavera, que na Rússia é estação extremamente agradável. Acostumados com o inverno longo e rigoroso, quando a neve cobre tudo com seu manto e o frio impede as pessoas de saírem de casa por muitos meses, era

realmente um prazer passear sob as árvores robustas, por entre as alamedas cercadas de flores perfumadas e coloridas.

Ivana, incansável, corria na frente, parando vez por outra para colher uma flor ou para ver uma borboleta. Olavo, num gesto cavalheiresco, ofereceu o braço à acompanhante. No início, ela relutou, mas devido às irregularidades do solo, aceitou o gentil oferecimento.

Após algum tempo, ele perguntou:

– Estás cansada? Queres repousar?

– Sim, senhor. Estou desacostumada de grandes caminhadas.

Sentaram-se na relva, à sombra de grande árvore acolhedora. A proximidade encheu-os de emoção, e Olavo rompeu o silêncio que se fizera entre eles:

– Alexandra, por que trabalhas como serviçal? Não pareces uma pessoa qualquer, e muito menos uma criada. Falas corretamente, tens elegância natural e te portas como pessoa da sociedade.

O olhar da jovem nublou-se e ela respondeu, evasiva:

– A necessidade a isso me obrigou, senhor. A mulher que tomava conta de mim não poderia mais fazê-lo, e eu precisava de moradia e recursos para manter-me. Foi quando alguém me disse que a *barínia* estava procurando uma criada. Apresentei-me, ela gostou de mim, e o resto já sabes.

– Mas, e tua família?

– Não tenho família, senhor.

– Todos temos uma família! O que aconteceu com a tua?

Baixando a frente, ela balbuciou, trêmula:

– Não gosto de falar sobre isso, senhor.

Olavo fitou-a e percebeu que seus olhos estavam úmidos. Não se conteve. Tomou-lhe a mão e falou com doçura:

– Desculpa se te fiz lembrar de algo que preferes esquecer e que te machuca. É que me interessa muito por ti, Alexandra, não sei se já percebeste.

Ela levantou os olhos timidamente, e havia tal expressão de amor no rosto dele que Alexandra se assustou.

– Onde estará Ivana? Preciso cuidar da menina – murmurou, tentando levantar-se.

Olavo a impediu, segurando-a pelo braço:

– Não fujas, Alexandra. Tenho notado que também não te sou indiferente. Se isso for verdade, dize-me!

De novo ela baixou os olhos, corando violentamente.

– Responde. Sentes algo por mim? – ele insistiu.

Alexandra fez um gesto afirmativo com a cabeça. Olavo apertou-lhe a mão, agradecido.

– Eu sabia, minha querida. Sabia que não te era indiferente, mas escondias tão bem teus sentimentos...

– Tive medo de que a senhora percebesse e me mandasse embora. E de ti também, senhor; temia tua reação.

– Nunca! Nunca! Quero-te sempre a meu lado, Alexandra.

– Impossível. Tua mãe não consentiria – afirmou, categórica, acompanhando as palavras com gesto de cabeça.

A voz dele soou grave, aceitando o desafio:

– Veremos.

Nesse momento, Ivana retornava do passeio com os braços cheios de flores, e o diálogo foi interrompido:

– Para a *mãezinha!* – mostrou a menina, orgulhosa e sorridente.

Um último olhar de entendimento foi trocado e um aperto de mão discreto selou aquela manhã plena de promessas e de esperanças.

Fizeram o trajeto em silêncio. A caminho de casa, Ivana parecia não notar o ambiente que se criara entre eles.

Deixando-as defronte à mansão, Barenkov demandou o escritório, onde assuntos urgentes o aguardavam. Trazia o coração leve, um bem-estar indizível que se refletia em suas atitudes. Os empregados notaram essa mudança, pois o patrão sempre os tratara com cortês indiferença.

Sorriso nos lábios, cumprimentou a todos. Seu comportamento afável e otimista não cedeu nem diante das dificuldades que lhe foram apresentadas para a solução de certas negociações. Com tranquilidade e bom humor, se dispôs a buscar uma saída para os problemas.

Em casa, igualmente, a mãe não pôde furtar-se à surpresa que a nova conduta do filho lhe causava. À noite, ao ficarem a sós após a ceia, ela o inquiriu:

– Pareces diferente hoje, meu filho. O que houve?

– Diferente?

– Sim, Olavo. Não sei explicar, contudo noto que estás mudado. Mais alegre, sereno, e pensativo também.

Com os olhos sonhadores postos no vazio, ele respondeu:

– Estou satisfeito. Tive um excelente dia e resolvi diversos casos

intrincados.

A mãe ouviu-lhe as explicações não muito convencida.

– É. Pode ser. No entanto, já solucionaste problemas difíceis antes e nunca te vi assim.

Olavo sorriu, prosseguindo na leitura do livro, que mantinha aberto sobre os joelhos, e não respondeu. Continuava a olhar as páginas, mas o pensamento estava longe, perdido entre os sedosos cabelos cor de mel e os olhos azuis de Alexandra.

A partir desse dia, sempre encontrava ocasião para estarem juntos. Algumas vezes, quando levava a pequena Ivana a passeio; outras, quando atendia a pedidos da senhora, que, impedida ainda de sair, por determinação médica, solicitava à criada que fizesse suas tarefas. A verdade é que a dona da casa, após recuperar-se da enfermidade que a manteve no leito por alguns dias, sofreu logo em seguida – por sorte ou por azar, não sei! – ligeiro tombo que lhe luxou o tornozelo, sendo obrigada, por isso, a permanecer em repouso. Movimentava-se o mínimo possível e somente com o auxílio de uma bengala, uma vez que não poderia colocar o pé no chão.

Alexandra estava acostumada a acompanhar a senhora nas suas visitas aos menos afortunados e conhecia a casa e os problemas de cada um deles.

A primeira vez que a senhora pediu-lhe que a substituísse nas visitas, Olavo mais que depressa prontificou-se a ir junto.

– Não há necessidade, meu filho. Alexandra poderá perfeitamente desincumbir-se da tarefa.

– Decerto, minha mãe. No entanto, creio seja meu dever de filho substituir-te nas atividades nobilitantes junto aos necessitados, como chefe desta casa. Apenas a presença de Alexandra não me parece suficiente.

Estranhamente surpreendida, Magda concordou, satisfeita:

– Se assim o desejas, meu filho... Confesso que me agrada ver-te preocupado com os menos felizes. Não quero, porém, atrapalhar teus afazeres.

Com bonomia, ele respondeu sereno:

– Não te inquietes, minha mãe. Saberei atender aos dois lados com igual solicitude. Além disso, será apenas por alguns dias, visto que logo poderás retornar às tuas atividades.

Assim, sempre que a ocasião lhe permitia, lá iam os dois, alegres e animados. Ivana não os acompanhava nessas visitas, e então podiam entregar-se ao prazer de estarem juntos sem que alguém os observasse.

Apenas Valfrido, o cocheiro, servo discreto e fiel, estava a par do relacionamento entre ambos.

Olavo admirava-se do carinho de Alexandra para com os pobres *mujiques* da sua propriedade, ao entregar algum donativo com gentil delicadeza:

– Trouxemos-te esta manta, *paizinho*, para aquecer teus pés no próximo inverno, e que foi enviada pela minha boa senhora. Também tomamos a liberdade de trazer-te alguns gêneros alimentícios, sabendo das tuas dificuldades.

O infeliz olhava-os cheio de gratidão:

– Agradeço tua presença, senhor, na minha humilde *isba*. A *barínia* é um anjo bom que Deus enviou à Terra para ajudar os pobrezinhos. Transmite-lhe nossos votos de uma pronta recuperação.

Em outra moradia, era uma criança que se encontrava acamada, em cuja perna cheia de feridas Alexandra fazia curativos.

Olavo, procurando não demonstrar o asco que sentia perante as ulcerações abertas, infeccionadas e a exalar desagradável odor, perguntava:

– Como aconteceu isso, *mãezinha*?

E a genitora explicava, com as mãos amarfanhando o amplo avental que lhe cobria as vestes, constrangida pela presença do proprietário daquelas terras em sua *isba*.

– Foi aos poucos, *paizinho*. No início, pareciam sem importância as pequenas bolhas que, vez por outra, surgiam em suas pernas. Com o tempo e a falta de cuidados, pois não temos recursos para procurar um médico, as feridas foram aumentando, como podes verificar. Com as atenções que a *barínia* e Alexandra lhe vêm dispensando, felizmente está bem melhor.

Ao terminar os curativos, a jovem dirigiu-se à mãe da criança, recomendando:

– Não te esqueças de lavar muito bem, especialmente as pernas, e em seguida coloca este unguento. Todos os dias, entendeste?

A mulher afirmou que entendera perfeitamente, agradecendo os favores recebidos.

Olavo, tão logo quanto possível, afastou-se daquela casa. Ficara enojado com a sujeira e com a situação do pobrezinho.

E assim, uma por uma, as casas iam sendo visitadas, levando-se, para amenizar a miséria existente, consolação, esperança, além dos recursos necessários a uma vida mais digna.

Ao regressarem, enquanto a carruagem rodava pelas estradas, sentados

juntinhos, punham-se a conversar.

Valfrido, elevado à condição de cúmplice, não tinha pressa alguma de chegar, procurando sempre os trajetos mais longos.

Olavo contemplava Alexandra com admiração e respeito crescentes, acariciando-lhe as mãos.

– Não sei como pude ignorar tua presença durante tanto tempo, minha querida. Não te vejo agora como uma criada da nossa casa, mas como um anjo benfazejo. Tuas mãos são abençoadas e os *mujiques* te veem com evidente adoração.

– Mas é tão pouco o que se pode fazer por eles – escusava-se a jovem. – São apenas paliativos, que servem para atenuar a pobreza e a ignorância deles. Nada mais.

Foram dias de indescritível felicidade para os namorados, que aproveitaram todos os momentos para ficarem juntos.

Dez dias depois, Magda Barenkov, recuperada, retomava suas atividades normais, e os enamorados, embora satisfeitos com a recuperação da senhora, lamentavam não ter mais ocasião de se encontrarem a sós.

Com o retorno à normalidade, Olavo e Alexandra olhavam-se apenas de longe, ou trocavam algumas breves palavras, quando ela vinha servir à mesa.

O surgimento de um problema nos domínios rurais recém-adquiridos fez com que Olavo decidisse para lá dirigir-se. Cuidadoso, fez todos os preparativos para uma viagem de longo curso. Na véspera da partida, Alexandra apresentava-se pálida e com os olhos avermelhados. A dona da casa interrogou-a:

– Estás muito abatida, Alexandra, e noto que choraste. Algum problema?

– Não, minha senhora. Estou com um pouco de dor de cabeça, nada mais – apressou-se a justificar a jovem.

– Vai repousar, então. Pedirei a Rose que te substitua nas obrigações.

Com a cabeça baixa, envergonhada, Alexandra agradeceu e retirou-se.

Olavo, que acompanhava o diálogo, teve vontade de segui-la, mas a presença da mãe o impediu.

Mais tarde, quando a mansão mergulhara em silêncio e os demais já estavam recolhidos, ele se dirigiu aos aposentos de Alexandra.

Bateu discretamente e esperou. Logo a porta se abriu e a jovem caiu em seus braços, em pranto.

– Acalma-te, minha pequena. Não chores.

Tentando conter os soluços, ela murmurou:

- Vais me deixar sozinha...
- É por pouco tempo, Alexandra.
- Sentirei muita saudade de ti.
- Eu sei, minha querida. Também sentirei tua falta, mas o que fazer? Não posso levar-te comigo.

Escondendo o rosto no peito dele, ela balbuciou:

- Eu te quero tanto, Olavo! Não consigo mais conceber a vida sem ti.
- Eu também, meu amor. Prometo-te que, quando retornar da viagem, resolverei nossa situação. Não temas. Tudo dará certo.

Beijou-a nos cabelos, nos olhos, nos lábios, dando vazão aos sentimentos que o abraçavam.

Era madrugada quando se despediram e ele deixou os aposentos dela. Ainda de manhã, Olavo partiu.

6. Reencontro

Olavo dirigiu-se à propriedade distante com o coração apertado. Também não concebia mais a vida sem aquela que amava acima de tudo. Afastar-se de Alexandra fora para ele muito doloroso.

Enquanto a carruagem rodava pela estrada, ele meditava sobre os momentos que passaram juntos, revivendo as emoções experimentadas.

Teria que tomar uma decisão. Enfrentaria a mãe, colocando-a a par da situação e da sua determinação de casar-se com Alexandra. Com certeza, ela criaria obstáculos, argumentaria sobre a diferença de classes, apelaria dizendo que a criada não possuía família conhecida, e muito mais. Ele, porém, sentia-se preparado para impor sua vontade, porque, no fundo, sabia que a mãe desejava sua felicidade.

Assim decidido, Olavo chegou a seus domínios muitos dias depois. Inteirou-se dos negócios, através dos relatórios do intendente, resolveu os assuntos mais urgentes, visitou a propriedade, cientificando-se do seu estado, acertou tudo o mais rápido possível e preparou-se para retornar.

Na volta, passando pelas imediações da casa de Anton Vassiliev, teve vontade irresistível de rever o amigo.

Como estaria ele? Durante aqueles anos, nunca tivera notícias e, agora, uma certa apreensão constringia-lhe o peito.

Ordenou ao cocheiro que mudasse o percurso, tomasse um atalho e avançasse montanha acima até que a carruagem não pudesse mais prosseguir. O caminho se estreitara e era agora apenas uma trilha em meio à ramaria da vegetação.

Apeou, deu ordem ao cocheiro para esperar naquele local e prosseguiu caminhando.

Não era fácil o trajeto. O caminho íngreme e adusto estava quase tomado pelo mato, e Olavo prosseguiu com dificuldade.

Ao divisar o platô no alto da montanha, onde ficava a casa de Anton, sorriu aliviado. Estava exausto e ofegante. Não se lembrava de ter tido tanto

trabalho para chegar até ali na noite da tempestade. Recordava-se de, na ocasião, ter visto ao longe uma luz, que representava esperança de socorro, e de ter caminhado a seu encontro. Provavelmente, naquela noite tormentosa, o medo o tivesse empurrado para diante.

Aproximou-se da *isba* em ansiosa expectativa. Tudo estava em silêncio, as janelas fechadas, nada em seu exterior denotava a existência de um morador.

Empurrou a porta devagarinho, chamando:

– Anton! Anton Vassiliev! Estás aí?

Entrou. A princípio, nada percebeu. Tudo estava quieto e em estado de abandono. Achou que o amigo não estaria em casa.

Penetrando o quarto, deparou, cheio de espanto, com alguém estendido sobre o leito. Aproximando-se mais na penumbra do aposento, reconheceu-o:

– Anton! Estás enfermo?!...

Os olhos do outro tiveram um lampejo de alegria ao reconhecer o visitante e, levantando com dificuldade extrema o braço esquelético, balbuciou:

– Pois és tu, Olavo Barenkov?!

– Sim, sou eu, meu amigo. Mas, o que se passa contigo? O que tens?

Fazendo um gesto em que denotava a inutilidade de qualquer coisa, murmurou:

– Estou no fim, mas Deus permitiu que eu não morresse sem te rever.

– Mas, por quê? Estás doente? – indagou Olavo, aflito.

Meneando a cabeça, ele informou:

– Não... nada mais importa. Recuso-me a viver.

Olavo então compreendeu. Abandonado por todos, aquele homem morria à míngua. Enfraquecido ao extremo, definhava por falta de alimentação e de cuidados. Desistira de lutar. Entregava-se inerte à morte, que não tardaria a vir buscá-lo.

Sem afetos e sem sustentação moral e emocional que o impulsionassem a lutar pela vida, sem estímulo para trabalhar, abandonara-se à estagnação, desertando de tudo.

Num relance, Olavo percebeu tudo isso. Resoluto, negou-se a aceitar a situação do amigo.

– Não! Precisas viver e viverás! Lutaremos juntos. Ofereço-te meu braço e minha amizade. Perdoa-me por ter te abandonado durante todo esse tempo.

Anton fitou-o, agradecido, conquanto o olhar nublado de lágrimas afirmasse a inutilidade de qualquer providência. Sentia-se no término das forças.

O visitante, porém, girou sobre os calcanhares e, correndo, deixou a casinhola, descendo a montanha.

Não demorou muito a avistar o cocheiro que, refestelado na grama, descansava tranquilamente. Este, ouvindo barulho de passos, levantou-se ligeiro, limpando as vestes.

– Valfrido, necessito da tua ajuda.

– Sim, meu senhor.

Olavo colocou-o a par do que estava acontecendo. Em seguida, tirando da algibeira uma pequena bolsa cheia de moedas, ordenou:

– Vai até a aldeia buscar o necessário em gêneros alimentícios, que não terás dificuldade em conseguir. Depois, procura um médico, um *droguista*⁹, ou qualquer pessoa que possa ajudar, e traze-o aqui com urgência. Entendeste?

– Sim, *barine*. Fica descansado.

– Muito bem. Então, avia-te! Lembra-te de que é caso de vida ou morte. Não te detenhas sob nenhum pretexto.

– Sim, senhor. É um pé lá, outro cá. Os animais estão descansados e ganharão asas.

– Ótimo. Quando retornares, sobe até o cume da montanha. Lá no platô encontrarás a *isba*.

Tomadas essas providências, Olavo retornou para junto de Anton. Não pôde deixar de constatar, com profunda tristeza, o abandono da propriedade.

Encontrou o amigo do mesmo jeito que o deixara. Anton tentou falar, justificar-se, mas Olavo o impediu.

– Não fales. Economiza tuas forças. Valfrido, meu cocheiro, foi buscar ajuda. Tranquiliza-te.

Tirou a poeira que se acumulara sobre uma cadeira e sentou-se ao lado da cama, descansando, enquanto esperava.

Depois de certo tempo, que lhe pareceu excessivamente longo, ouviu vozes e passos que se aproximavam. Abriu a porta e viu Valfrido acompanhado de um homem bastante idoso, cujo rosto estava parcialmente coberto por espessa barba branca.

O servo fez as apresentações:

– Meu senhor, este homem é Gregory, o droguista da aldeia.

Olavo introduziu-o na humilde vivenda, enquanto Valfrido acomodava as mercadorias que trouxera com o auxílio de um cavalo.

Examinando o paciente, o ancião suspirou com tristeza e dirigiu-se a

Olavo, entregando-lhe um pequeno frasco retirado de uma bolsa de couro de carneiro bastante desgastada pelo uso:

– *Barine*, Anton Vassiliev encontra-se extremamente enfraquecido e seus laços vitais estão quase rompidos. Ministra-lhe algumas gotas desta substância quatro vezes ao dia. Ela é extraída de uma planta que medra na região, tem poderes energéticos e reconstituintes, devendo melhorar o estado geral do enfermo. A par disso, dá-lhe um caldo reconfortante. E aguardemos.

– Só isso? – estranhou Olavo.

– Por hoje é só. Amanhã, se tudo correr bem, poderá alimentar-se melhor. No momento, seu organismo não suportaria algo mais consistente.

– Compreendo.

– Voltarei para vê-lo. Fica com Deus! – disse, despedindo-se.

Valfrido quis acompanhá-lo, mas o velho não permitiu.

– Fica. Serás mais útil aqui. Conheço bem estas bandas e estou acostumado a longas caminhadas. Não terei dificuldade em voltar para a aldeia.

O cocheiro agradeceu e Gregory partiu.

Retornando ao interior da casa, Valfrido viu o patrão atrapalhado com tudo e sem saber por onde começar, uma vez que nunca precisara cozinhar em sua mansão. Sorrindo, o criado antecipou-se:

– Senhor, se permitires, tomarei todas as providências. Sei cozinhar e farei o que for necessário.

Olavo endereçou-lhe um olhar agradecido e aliviado:

– Que faria eu sem ti, meu bom Valfrido?

O cocheiro sorriu com prazer ao elogio, nada habitual nos lábios do patrão, e sugeriu:

– Senta-te, senhor, e faze companhia ao nosso doente, enquanto cuido do resto.

Assim dizendo, saiu da *isba* para buscar lenha. Apanhou água num reservatório existente no quintal e descascou legumes que trouxera da vila. Em pouco tempo, um fogo crepitava no fogão. Também não demorou muito para um cheiro bom de comida espalhar-se pela pequena moradia.

Deixando o quarto, Olavo notou que o criado procedera à limpeza do recinto, enquanto preparava a comida, ficando a casa com outro aspecto.

Valfrido levou um prato de caldo ao paciente, que não conseguia alimentar-se sozinho, e deu-lhe as colheradas com extrema delicadeza.

Olavo observava atento o criado, admirado das virtudes insuspeitadas que demonstrava.

Embora Anton tivesse se alimentado frugalmente, já se percebia que um suave colorido inundava-lhe as faces.

Olavo ministrou as gotas, conforme fora prescrito e, dentro em pouco, o enfermo dormia placidamente.

Naquela noite, o visitante e seu criado acomodaram-se da melhor maneira possível, improvisando leitos com algumas mantas que haviam trazido.

No dia seguinte, Anton tinha outra aparência.

Valfrido cuidou da refeição. Tirou leite da única cabra, o qual serviu com pão e mel adquiridos no vilarejo, além de queijo, carne defumada, vinho e chá. Anton só comeu um naco de pão embebido no leite.

Sentou-se no leito tosco, apoiado em travesseiros. Não sabia como agradecer as atenções que recebera. Conseguindo falar um pouco melhor, ansiava esclarecer aos amigos o porquê da sua situação.

– Ah! meu bom amigo Olavo, a vida tem sido cruel comigo. Já me considerava às portas da morte quando chegaste como um sopro de vida e de renovação – murmurou, com olhos lacrimejantes.

Fez uma pausa, fixando um ponto qualquer à distância como se quisesse lembrar de tudo o que ocorrera até então. Depois, respirou fundo e continuou:

– Após tua partida, meu amigo Olavo, lamentei, arrependido, não ter aceito teu oferecimento de seguir contigo em busca de uma nova existência. De início, tentei vender a propriedade, mas não consegui encontrar alguém que se interessasse por ela. Com o passar do tempo, perdi todas as esperanças, acomodando-me novamente à situação, desanimado de lutar. Algum tempo depois, fiquei doente, de cama, sem ter sequer quem me fizesse um chá. Minhas terras, que já estavam um tanto abandonadas, foram completamente tomadas pelo mato, pois eu não tinha forças nem disposição para cultivá-las. Assim, tenho vivido da caridade de algumas pessoas que, de tempos em tempos, lembram-se de mim e me trazem alguma coisa para que eu não venha a morrer de fome. Há dias nenhuma delas aparece e, não fosse a bondade de ambos, morreria à míngua.

Como ele fizesse uma pausa maior, Olavo indagou, penalizado:

– Por que não foste para a aldeia? Lá, de alguma forma, encontrarias ajuda e não te faltariam os recursos necessários à sobrevivência.

Balançando a cabeça, Anton respondeu:

– Não sei. A verdade é que ignoro o que aconteceu comigo. Cada vez que penso em sair daqui, sinto-me fraco e sem vontade. É como se estivesse preso a este lugar; como se um visgo invisível me mantivesse imantado a esta

montanha. Ainda se tivesse um vizinho, alguém com o qual pudesse contar!...

Valfrido, que até aquele momento permanecera em silêncio, indagou:

– Mas tens um vizinho! Porventura não sois amigos?

Olavo virou-se surpreso para o criado, enquanto o enfermo respondia:

– Por certo te equivoocas, meu bom Valfrido. Não existe ninguém residindo num raio de muitas léguas.

– No entanto, tenho visto um homem nas imediações, e julguei que fosse um morador.

– Não. Deve ser da aldeia. Qual sua aparência?

– Bem, é trigueiro, forte, tem barba cerrada e olhos chamejantes. Usa uma roupa estranha, antiga. Parece um *cossaco*¹⁰.

Ouvindo a descrição, Anton informou:

– Lamento. Não conheço ninguém com essas características entre os habitantes da região.

Valfrido, no entanto, não se deixou convencer, reafirmando:

– Pois eu o vi. Não uma, mas duas vezes. Quando o vir novamente, procurarei saber de quem se trata.

Nesse momento, ouviram uma batida na porta e, em seguida, ela se abriu. O criado levantou-se e foi ver quem era:

– Deve ser o velho Gregory.

Olavo ergueu-se também, acompanhando-o. Contudo, ao chegarem à porta, Valfrido estacou, surpreso:

– Não é o droguista. É o cossaco de quem lhes falava há pouco. Chegou bem a tempo de esclarecer algumas coisas! – comentou.

Olavo, porém, olhava assombrado para o vão da porta escancarada. Não havia ninguém!...

⁹. Farmacêutico.

¹⁰. Soldado recrutado entre as populações nômades das estepes russas. Integrava a cavalaria de elite da Rússia czarista.

7. Anton Vassiliev

Com o passar dos dias, Anton acusou melhoras sensíveis, entrando em franca convalescença, auxiliado pelos amigos visitantes, incansáveis nos cuidados com o enfermo.

Quanto ao episódio do estranho cossaco, como Valfrido o chamava, nada ficou esclarecido.

Naquele momento, certo mal-estar se instalou, pois o criado assegurava peremptoriamente que havia alguém na porta. Por sua vez, Olavo nada viu, acreditando que o fiel cocheiro tivera alucinações.

Valfrido, porém, em seguida, olhando novamente para a porta aberta, não viu mais o estranho homem. Correu para fora, tentando divisar onde o recém-chegado se escondera, mas nada encontrou. Debalde procurou nas imediações.

Decepcionado, voltou para a *isba* sem conseguir explicar o que acontecera.

Fitando Anton e Olavo, afirmou categórico:

– Não posso acreditar! Ele “estava” ali! Tenho certeza do que digo.

Olavo permaneceu calado. Não queria contrariar Valfrido, mas a verdade é que nada vira, a não ser a porta escancarada e vazia.

Como o criado demonstrou certo constrangimento quando se lembravam do fato, resolveram, de comum acordo, não tocar mais no assunto, esquecendo o episódio.

Mais alguns dias e Anton estaria em condições de enfrentar a viagem. Olavo o convencera a acompanhá-los.

Arrumaram tudo, embalando os poucos pertences que Anton fazia questão de levar consigo e, certa manhã, puseram-se a caminho. Apesar do trajeto longo e cansativo, para Anton tudo era novidade.

Foi com tristeza que se afastou do sítio onde por tanto tempo habitara. Com olhos úmidos, contemplou a montanha que se distanciava cada vez mais, misturando-se com a cordilheira, enquanto a carruagem rodava pela estrada até desaparecer de vista em uma curva do caminho.

Suspirou, resignado. Acompanhando as reações emocionais refletidas no semblante do outro, Olavo tranquilizou-o:

– Fizeste o melhor, Anton Vassiliev. Não te preocupes. Tudo correrá bem. Em São Petersburgo, poderás trabalhar e levar uma vida muito mais confortável.

Um pouco indeciso e talvez até um tanto arrependido, Anton indagou:

– E a senhora tua mãe?

– O que tem ela?

– Aprovará tua atitude, levando um desconhecido para o recesso do lar?

– Tu não a conheces! Minha mãe é excelente pessoa e sempre aprova minhas decisões. Gostarás dela, tenho certeza.

Anton suspirou novamente, melancólico, como se dissesse: Espero!...

Depois disso, cada qual ficou entregue aos próprios pensamentos. Paravam para pernoitar em alguma estalagem do caminho, fazer refeições, descansar um pouco e tratar dos animais, exaustos. E assim chegaram à capital, que Anton não conhecia.

Foi com surpresa e admiração de Anton que atravessaram as ruas da febricitante cidade, intensamente movimentada àquela hora do dia. Não se cansava de olhar as construções, os monumentos, os palácios, as igrejas.

Finalmente, percorrendo rua mais tranquila, estacaram defronte à residência senhoril. Os criados abriram os portões e a condução penetrou no pátio.

Anton Vassiliev estava assustado. Olhando pelo postigo, viu uma enorme e luxuosa mansão.

Olavo sorriu, convidando-o a descer:

– Chegamos. Sê bem-vindo à nossa casa.

Anton colocou o pé no degrau, observando tudo a seu redor. Sentia-se deslocado.

Acompanhou o dono da casa, que penetrou no interior da mansão com a familiaridade e a segurança de quem conhece o local nos seus mínimos detalhes.

Olavo ordenou a um criado que mostrasse ao recém-chegado seus aposentos e que o ajudasse em tudo o que fosse necessário.

– Logo mais nos veremos – disse ao companheiro de viagem e seguiu para seus próprios aposentos, onde também pretendia arrumar-se, pois ansiava rever a mãe e, especialmente, Alexandra.

Após refrescar-se com um banho, colocar roupa limpa e pentear os

cabelos, Olavo correu à procura de sua amada.

Sentia dificuldade em conter a emoção tanto tempo represada. Ansiava por vê-la, abraçá-la, beijá-la, estreitando-a nos braços.

Não a encontrou onde costumava ficar durante o dia, entregue a seus afazeres. Demandou a ala dos criados, certo de que estaria ali, em seu quarto. No entanto, o aposento estava vazio.

Lembrou-se de que poderia estar com a pequena Ivana. Retornou sobre seus passos à procura da menina. Encontrou-a brincando no jardim. A garota abraçou-o efusivamente:

– Que bom que voltaste, *paizinho*. Estava sentindo tua falta. Demoraste muito!

Carinhoso, Olavo envolveu o corpinho da menina com afeto, afirmando gentil:

– Eu também, pequena feiticeira. Pensei em ti todos os dias.

– Verdade?

– Sim, verdade!

– Que bom! – exclamou a garota, batendo palmas.

– Dize-me, Ivana, onde está Alexandra?

A pequena olhou-o, serena, e respondeu simplesmente:

– Não sei.

– Como não sabes?

– Não sei.

– Não está aqui em casa?

– Não.

– Onde está, então?

– Foi embora.

– Como assim “foi embora”?! Para onde?

– Não sei. Foi embora.

Irritado e percebendo que nada conseguiria saber da menina, foi procurar a mãe, que àquela hora estaria repousando, antes da ceia.

Entra nos aposentos da genitora, que o recebe com imenso carinho, evidenciando a surpresa que a presença do filho lhe causa.

– Olavo, meu filho, que prazer rever-te! – disse, envolvendo-o num abraço saudoso. – Como demoraste!... Preocupava-me contigo sem saber o porquê do teu atraso.

– Perdoa-me, minha mãe, mas razões imperiosas a isso me obrigaram.

Fez breve silêncio e, tentando acalmar-se para não demonstrar a ansiedade

íntima que o agitava, indagou:

– Como correu tudo por aqui?

– Bem, meu filho. Segundo as informações que tenho recebido, no escritório tudo corre sem problemas.

– Ah! E aqui em casa?... Alguma novidade?

– Nenhuma. Estou bem de saúde e até há pouco aflita por tua causa. Contudo, a nossa Ivana fez-me companhia, alegrando meus dias solitários.

Como a mãe se abstivesse de tocar no assunto que o interessava, Olavo aproveitou a deixa:

– A propósito, mamãe, estive com Ivana e ela me disse que tua criada Alexandra foi embora?

– Ah! É verdade! Esquecia-me de contar-te. Alexandra esteve doente...

– Doente?!... Algo sério? – perguntou, agoniado.

– Não, meu filho, nada de grave. Contudo, resolvi afastá-la desta casa para evitar maiores problemas.

– Sim?!

O coração do rapaz batia forte. Julgava que a mãe tivesse descoberto seu relacionamento com a criada.

– Não sabia que te interessavas tanto pelos nossos servidores! Enfim, julguei que o ambiente do campo lhe faria bem. Estava muito nervosa, angustiada, chorava por qualquer motivo e emagrecia a olhos vistos. Em vista disso, mandei-a passar uma temporada na “Mansão dos Lilases”, esperando que os ares do campo promovessem nela uma rápida recuperação. Mesmo porque uma das criadas saiu para casar-se, como não ignoras, e a criadagem na herdade estava reduzida.

Mais tranquilo, sabendo que poderia rever sua amada a qualquer momento que quisesse, Olavo respirou mais aliviado, concordando:

– Fizeste bem, minha mãe. Lá, Alexandra terá as condições necessárias à sua recuperação.

– Foi o que também pensei, meu querido. Mas temos algum tempo antes da ceia. Falemos de outras coisas. Conta-me, como foi tua viagem? – disse, segurando entre as suas as mãos do filho bem-amado.

Olavo sorriu, atencioso, iniciando o relato do período em que estivera ausente do lar. Terminou, considerando:

– Em vista desses fatos que te expus, não tive alternativa. Trouxe Anton Vassiliev para morar conosco. Dar-lhe-ei uma função compatível com sua capacidade e providenciarei acomodações adequadas. Que achas?

– Acho que fizeste muito bem. Onde está ele neste momento?

– Em seus aposentos, repousando.

– Estou ansiosa para conhecer nosso hóspede. Desde a primeira vez que me falaste dele, fiquei curiosa.

– Pois agora poderás satisfazer tua curiosidade. Desejo alertar-te, porém, que se trata de pessoa muito simples, não habituada à nossa maneira de proceder. Viveu muitos anos recluso numa montanha, e a vida rude transformou-o num quase selvagem.

– Não te inquietes, meu filho, saberei compreendê-lo e desculpá-lo. Vamos descer?

Ele deu o braço à dama, galantemente, e ambos deixaram o aposento conversando trivialidades.

Poucos minutos depois, Anton desceu as escadarias acompanhando o servo. Olavo não pôde deixar de notar a diferença que se operara na aparência do amigo. Banhado, trajando roupas adequadas, que vestiu com a ajuda do criado, era outra pessoa. O semblante, liberto da barba espessa e sem trato, estava diferente. O criado deixou-a curta, para apenas emoldurar-lhe levemente o rosto. Os cabelos, lavados e penteados para trás, presos por uma fita, nem de longe lembravam a cabeleira desgrenhada de antes.

Agradavelmente surpreendido, Olavo ficou aliviado, contemplando a mãe e esperando sua reação.

Aproximando-se, Anton postou-se à frente dos donos da casa, fazendo uma mesura.

– Senhora minha mãe, quero que conheças nosso hóspede, Anton Vassiliev.

– Um criado, minha senhora, para vos servir.

A dama estendeu a mão em sinal de boas-vindas, que o recém-chegado tomou, nela depositando ligeiro ósculo.

Surpresa, ela falou-lhe:

– Tenho enorme satisfação de receber-te em nossa casa. Sê bem-vindo, Anton Vassiliev. Contudo, Olavo falou-me muito de ti e estou pasma, pois fazia ideia bem diferente a teu respeito – disse, fitando o filho que acompanhava a cena.

Olavo compreendeu a intenção da mãe e, sorrindo, fez um gesto expressivo em que também denotava o seu espanto.

Sentaram-se e continuaram conversando. Não demorou muito para o criado avisar que a ceia estava servida. Encaminharam-se para a sala de

jantar, acomodando-se cada qual em seu lugar.

Anton, discretamente, observava tudo para saber como se portar. No íntimo, estava tenso e preocupado com o ambiente requintado da mansão, tão diverso daquele a que estava habituado. Mas comportou-se de tal maneira, comendo com sobriedade e delicadeza, que em momento algum causou vexame.

Logo após a ceia, preferiu recolher-se. Sentia-se cansado da longa viagem e estava ainda convalescente.

Olavo liberou o amigo, concordando:

– Deves realmente repousar, Anton. E quanto a amanhã, não te preocupes com o horário. Boa noite!

Despediram-se cordialmente e ele se retirou. Mãe e filho continuaram conversando mais algum tempo, a fim de colocarem os assuntos em dia.

– Minha mãe, amanhã pretendo ir até o campo.

– “Mansão dos Lilases”? Mas já, meu filho? Precisas repousar após o longo trajeto que acabaste de fazer. Além disso, pensei que preferirias ir ao escritório para inteirar-te dos negócios.

– Sim, minha mãe. Todavia, tu mesma asseveraste que tudo corre bem aqui em São Petersburgo e preocupam-me as plantações. Quero ver como estão – justificou-se, corando imperceptivelmente.

Dentro em pouco recolheram-se, pois Olavo queria sair cedo. O silêncio caiu sobre a mansão.

8. Mansão dos Lilases

Na manhã seguinte, quando Olavo despertou, Anton estava de pé fazia horas. O hóspede informou ao amigo que caminhara pelo jardim, conversara com os criados e até tomara a primeira refeição que lhe fora oferecida.

Por sua vez, Olavo, satisfeito, comunicou ao amigo que teria que se ausentar por dois ou três dias. Visitaria a propriedade rural que possuía na região, “Mansão dos Lilases”, mas desejava que o hóspede se sentisse à vontade em sua casa.

– Não poderia acompanhar-te? – indagou Anton, preocupado em ter que ficar sozinho em ambiente estranho.

– Pensei nessa possibilidade, meu amigo. Entretanto, chegamos de uma longa viagem ainda ontem e estás em convalescença. Creio que não seria oportuno. Deves repousar para que tua recuperação se faça mais rapidamente.

– Seja como quiseres – respondeu, acatando as ponderações do hospedeiro.

– Além do mais – concluiu Olavo – retornarei breve.

Um tanto constrangido, Anton disse:

– Gostaria de fazer-te um pedido.

– Podes falar. Somos amigos.

– Estou muito agradecido pela acolhida gentil que recebi em teu lar, meu amigo. Entretanto, sinto-me sem jeito perante a *barínia*, pois sou homem rude e inculto.

Fez uma pausa, analisando a reação do hospedeiro, que, com um gesto, o incentivou a prosseguir:

– Continua...

– Bem, me sentiria melhor se pudesse ocupar um quarto na dependência dos criados.

O proprietário pensou um pouco e aquiesceu:

– Se isso faz com que te sintas melhor, não vejo por que não fazer tua vontade.

– Obrigado, Olavo.

– Comunicarei à minha mãe o teu desejo e, hoje mesmo, poderás instalar-te junto aos nossos servidores.

– Ótimo!

Quando a senhora desceu, Olavo colocou-a a par do que fora resolvido, e ela aceitou sem maiores problemas.

Terminados os preparativos, Olavo deixou a mansão demandando o campo. Enquanto a carruagem rodava pela estrada, o rapaz continha a custo a ansiedade. A expectativa de rever sua amada, longe de olhares indiscretos, fazia-lhe bater mais rápido o coração.

Algumas horas depois, avistou a herdade que surgia ao longe. Logo em seguida, cruzavam o portão, e o veículo rodava na calçada de pedra da entrada.

Os serviçais vieram recebê-lo, contentes. Olavo, no entanto, só tinha olhos para sua querida Alexandra.

Recebeu os cumprimentos dos criados, lançando olhares cúmplices para a jovem, corada de prazer por vê-lo. Quando cada qual voltou para suas atividades e Valfrido foi cuidar dos cavalos, ele pôde ficar a sós com Alexandra. Abraçou-a cheio de alegria, beijando-a com paixão.

– Estás muito bem, suponho. Minha mãe afirmou-me que estavas doente, magra, abatida, e te encontro irradiando saúde, corada e até um pouco gordinha!...

A moça enrubesceu, acanhada.

– Precisamos conversar, Olavo.

– Naturalmente! Conversemos, então.

– Não aqui. Alguém pode entrar na sala. Procura-me em meus aposentos quando todos estiverem recolhidos. É a última porta do corredor, do lado direito.

Satisfeito, ele concordou:

– Está bem. Espera-me então, querida. Estou ansioso para estar contigo, poder apertar-te de novo em meus braços.

Alexandra afastou-se, para não despertar falatórios, e Olavo dirigiu-se ao escritório, mandando chamar seu intendente.

O resto do dia passou visitando as férteis *deciatines*¹¹ e resolvendo problemas. Ao anoitecer, ceou e recolheu-se a seus aposentos, afirmando-se cansado e liberando a criadagem para que pudesse também repousar.

Ferveu a água para o chá no seu *samovar* de prata e ficou, pacientemente, esperando que todos adormecessem.

Durante uma hora, mais ou menos, entreteve-se na leitura de um livro, saboreando o chá fumegante. Após esse tempo, notou que a propriedade estava silenciosa, só se ouvindo o ladrido dos cães e o barulho de uma ou outra ave noturna.

Tomou de uma vela e, cautelosamente, saiu do quarto, procurando não fazer qualquer ruído. Logo estava defronte do quarto de Alexandra.

A porta estava apenas encostada. Entrou.

A jovem o esperava no escuro. Lançou-se-lhe ao pescoço sob intensa emoção.

– Ah! Quanto esperei pela tua volta, Olavo. Como demoraste!

– Não importa, minha querida. Agora estamos juntos e é isso que conta. Esqueçamos o que passou. Pensemos apenas o quanto podemos ser felizes agora, neste momento.

Beijou-a repetidas vezes nos cabelos, no rosto, nos lábios.

Procurando manter a mente lúcida, ela murmurou:

– Preciso conversar contigo, Olavo.

– Depois...

– Não. Agora – afirmou Alexandra, incisiva.

Notando que deveria ser algo importante, ele aquiesceu:

– Está bem. Foi para isso que vim aqui. Fala, minha querida, estou escutando. – E beijava-lhe o pescoço, as orelhas.

Afastando-se um tanto dele, ela disse:

– Não assim. Aquieta-te, Olavo. O que necessito dizer-te é coisa séria.

Procurando controlar seus arroubos, Olavo tomou-a pela mão.

– Está bem. Está bem. Seja como quiseres. Sentemo-nos, então. Conta-me o que tanto te preocupa.

Alexandra contemplou-o à luz da vela e seus olhos encheram-se de pranto. Agora faltava-lhe coragem, mas era preciso. Respirou profundamente, exclamando:

– Não sabes o quanto te esperei! Dia após dia, semana após semana, mês após mês.

– Eu sei, querida, mas razões imperiosas fizeram com que atrasasse meu retorno.

– Não podes imaginar a angústia que me dominou nesses meses em que estive sozinha e insegura.

– Compreendo. Sei que até adoceste. Percebo agora que deve ter sido de preocupação.

– Não estive doente, Olavo.

– Não?!...

Tomou fôlego e disse de uma só vez:

– Não. Estou grávida.

Olavo julgou não ter entendido direito:

– O que disseste? Repete!

– Estou grávida, Olavo. Espero um filho teu.

A princípio, estupefato, o rapaz ficou imóvel, sem saber o que dizer. Depois, abraçou-a cheio de alegria e orgulho:

– Mas isso é maravilhoso! Um filho meu!

Vendo a companheira chorando baixinho, ele a enlaçou em seus braços.

– Não te preocupes, querida. Agora precisamos dar um jeito em nossa situação. Nada temas.

Respirando mais aliviada, Alexandra considerou:

– Que peso tiras de minha cabeça! Temia tua reação... isto é, pensei que fosses me desprezar, que não me quisesses mais ao saber da gravidez.

– Tolinha! Não me conheces direito. Agora te amo ainda mais, se isso é possível. Falarei com minha mãe tão logo retorne a São Petersburgo.

– Achas que ela aceitará nossa união?

– Naturalmente! É uma pessoa lúcida e ponderada. Além disso, quer a minha felicidade, e não serei feliz longe de ti. Tudo correrá bem. Não te inquietes.

Após três dias, em que aproveitaram todos os momentos livres para estarem juntos, Olavo despediu-se. Deveria retornar a São Petersburgo.

Tinham feito projetos, estabelecido metas para o futuro, mas, para que tudo se concretizasse, era absolutamente necessário comunicar à *barínia* essas decisões.

Abraçaram-se ternamente, jurando amor eterno. Ficou combinado que, quando tudo estivesse acertado, ele viria buscá-la.

Com o coração oprimido, Alexandra viu a carruagem desaparecer numa nuvem de poeira.

Chegando à mansão, Olavo se dirigiu a seus aposentos. Precisava arrumar-se antes de ter uma entrevista com a mãe. A situação não comportava delongas e ele tinha pressa em resolver o problema.

Um pouco antes da hora da ceia, ele desceu, encontrando-a na sala. Ela o aguardava, pois fora informada do retorno do filho querido.

Era com profunda admiração que Olavo fitava a nobre figura materna, sempre elegante, que lhe trazia tanta tranquilidade e bem-estar.

Abraçaram-se efusivamente, demonstrando o carinho que nutriam um pelo outro.

Segurando-lhe a mão, o rapaz exclamou:

– Senhora Magda Barenkov, estás muito bela, como sempre!

Ela sorriu, envaidecida:

– São teus olhos de filho amoroso, lisonjeiro!

– Vem, minha mãe, senta-te aqui comigo – sugeriu. – Tenho algo importante para conversar contigo.

Ansiosa, a dama acomodou-se, indagando:

– É a respeito da nossa herdade? O que se passa?

Olavo tranquilizou-a:

– Acalma-te, minha mãe. Está tudo bem na Mansão dos Lilases. As plantações de aveia e centeio crescem robustas, prenunciando boa colheita. O assunto que tenho a tratar contigo é outro.

– Ah! Bem, então, dize logo o que desejas, porque fico inquieta.

Olavo levantou-se, dando alguns passos pela sala, enquanto a senhora aguardava em silêncio. Não sabia por onde começar. Afinal, virando-se para ela, disse:

– É sobre Alexandra.

– Ela piorou? Fala, que tu me pões nervosa.

– Não, mamãe. Alexandra está ótima, cheia de saúde e energia.

– Ah! Ainda bem.

Ele silenciou por instantes, analisando a expressão materna, para ver até que ponto ela estava inteirada da verdadeira situação da criada. O semblante de Magda, contudo, permanecia impassível. Olavo resolveu abrir o jogo.

– Mamãe, sabes que Alexandra está grávida?

A dama pestanejou, apertando nervosamente um lençinho que trazia na mão.

– Ah! É isso! Bem, na verdade logo desconfiei. No começo, não podia ter certeza. Contudo, as reações de Alexandra naqueles dias, sua tristeza, o mal-estar que sentia, as náuseas... enfim, por tudo o que aconteceu, pensei nessa possibilidade, sim.

Ao ouvir a mãe falar em “tudo o que aconteceu”, Olavo mentalmente considerou que ela deveria saber do relacionamento entre eles. Tanto melhor.

– Mamãe, pensaste na possibilidade de dar um pai a essa criança? –

perguntou.

– Sim, meu filho. Foi a primeira coisa que me ocorreu. Todavia, quando aventei a hipótese de falar com o pai da criança, para que ele assumisse a responsabilidade, Alexandra ficou apavorada. Dando um grito, caiu em pranto compulsivo e saiu correndo. Depois disso, não consegui mais tocar no assunto com ela. Sempre fugia ao notar minha disposição de esclarecer as coisas. Assim, para evitar a curiosidade das pessoas e resguardá-la de vexames desnecessários, resolvi mandá-la para o campo. Lá, temos gente de confiança para ajudá-la nesse momento difícil.

Enquanto a mãe falava, Olavo percebeu que seria muito mais simples do que imaginara. Ela desejava que ele assumisse a responsabilidade, mas não se manifestava, esperando que ele, espontaneamente, tomasse a decisão, sem nenhum constrangimento. Por isso, empertigou-se, respirou fundo e começou a falar:

– Minha mãe, estou disposto a...

No entanto, como se não o estivesse ouvindo, ela prosseguiu:

– Não penses que me dei por vencida. Não! Depois que ela foi embora, tentei falar com ele, mas também não quis ouvir-me.

Parecendo cair em si, Olavo indagou:

– *Falar com ele?* Com quem? Que *ele*?

– Ele, o pai da criança, claro!

– Que pai da criança? – tornou, estupefato.

– Ora! Nikolai, quem mais?

O mundo parecia desabar sobre sua cabeça:

– Nikolai?! gaguejou, atônito.

– Sim, meu filho.

– Nikolai Nikolaievitch?

– Esse mesmo. Nikolai Nikolaievitch, nosso criado.

– Mas, por que Nikolai, mãe? – perguntou quase gritando, incapaz de acreditar.

– Porque é o pai da criança, meu filho!

– Como podes estar tão certa disso?

– Porque Ivana um dia me contou que viu o criado Nikolai entrando nos aposentos de Alexandra.

– Tens certeza? – perguntou, perplexo.

– Absoluta. É ele o homem que ela ama, tenho certeza, e é a ele que tenta proteger, mantendo-se calada.

– Mas, e Nikolai? Disseste que falaste com ele.

– Tentei. Porém, ele negou, dizendo que eu estava enganada. Enfim, não assumiu a paternidade da criança.

– Talvez não seja ele o pai, minha mãe – disse Olavo lentamente, medindo bem as palavras.

– Não. Nikolai é um mau-caráter, isso sim! Agora que retornaste, quero que fales com ele de homem para homem.

– Eu?!...

– Sim, tu. Quem mais? Talvez a ti ele confesse.

– Não estou convencido de que seja ele o responsável, minha mãe – considerou Olavo.

– Pois eu, sim. Não foi essa a única vez que o viram entrando nos aposentos de Alexandra.

– Não?

– Não. Outra criada também viu.

Conquanto tentasse não acreditar na informação, mas profundamente apaixonado, e até por isso mesmo, sentiu-se corroído pelo ciúme.

“Será que minha namorada me enganava com outro?” – pensava ele. “Será que, não contente em envolver-me em suas teias, ela mantinha relações com um criado da casa? Fiquei alguns meses longe e talvez ela tivesse se consolado com outro. Agora, quer impingir-me o fruto da sua união espúria. Não deseja o criado Nikolai. Quer a mim, Olavo Barenkov, herdeiro de uma grande fortuna e de um nome ilustre para oferecer-lhe”.

Desgostoso, deu por encerrado o diálogo com a mãe.

– Outro dia voltaremos ao assunto, minha mãe. Vou recolher-me agora.

– Mas... ainda nem ceamos, meu filho!

– Não tenho fome. Além disso, sinto terrível dor de cabeça. Perdoa-me, mamãe, não fazer-te companhia.

– Está bem, Olavo. Descansa. Amanhã estarás bem novamente. Nada como uma boa noite de sono para nos colocar em forma outra vez.

O rapaz subiu as escadarias sem perceber direito o que fazia. Estava cego de ciúme.

Jogou-se no leito, enquanto os pensamentos turbilhonavam em sua mente. Agora, a imagem de Alexandra surgia, não aureolada pelas cores da pureza e da candura com que sempre a via, mas com as cores fortes da ambição, do interesse, da falsidade, da hipocrisia.

“Quanto eles não devem ter-se divertido em minha ausência!”. Imaginava

Alexandra nos braços do outro, em cenas de amor que o martirizavam profundamente.

Alguns minutos depois, alguém bateu discretamente na porta. Ele abriu os olhos e viu o criado que, não obtendo resposta, entrava com uma bandeja na mão, dizendo humilde:

– A senhora mandou-te uma chávena de chá.

Nem concluiu o que estava dizendo. Um pequeno vaso de flores passou zunindo próximo à cabeça do serviçal, indo espatifar-se de encontro à porta.

– Deixa-me em paz! Desaparece! Não quero chá, não quero nada!

Olhos arregalados e muito assustado pela imprevisível reação do amo, sempre cortês, o criado deixou cair a bandeja e sumiu, ouvindo apenas o ruído da porcelana que se quebrara no chão. Por certo, a senhora não ficaria contente em saber que se espedaçara uma xícara de porcelana do seu jogo favorito.

Ficando sozinho, Olavo mergulhou novamente em sua dor. As horas passavam sem que conseguisse conciliar o sono. Mentalmente buscava lembrar situações e atitudes que pudessem reforçar-lhe as dúvidas, tendo como ponto central a traição de Alexandra e Nikolai. Contudo, nada encontrou de dúbio ou falso no comportamento deles.

Apesar disso, o monstro do ciúme se lhe insinuara no íntimo e o aguilhão da dúvida ganhava corpo.

Não entendia o que sua amada poderia ter visto num simples criado, naquele homem que agora dominava seus pensamentos, enchendo-o de rancor.

Teria um entendimento definitivo com Nikolai no dia seguinte e dele arrancaria a verdade, a qualquer custo.

[11](#). Unidade de medida agrária utilizada na Rússia, equivalente a mais de um hectare.

9. Dúvidas

Olavo só conseguiu adormecer quando as primeiras tintas da alva clareavam o horizonte e as últimas estrelas deixavam o firmamento.

Levantou-se, desfeito e irritado, após a noite mal dormida. Criticou o criado de quarto que nunca fazia nada certo, reclamou do chá que estava frio e queixou-se das rosquinhas que não estavam a seu gosto.

A senhora Magda, que o observava discretamente, inquiriu, carinhosa:

– Qual a razão de todo esse mau humor, meu filho?

– Tive uma noite péssima.

– Ah!... E a dor de cabeça?

– Continua. Sinto como se tenazes em brasa me esmagassem o crânio.

Magda, que já tinha sido informada do que acontecera à noite e estava bastante preocupada, não achou prudente tocar no assunto. Colocando a mão no braço do filho, a mãe considerou, afetuosa:

– Percebo-te extremamente nervoso, Olavo. Isso só faz piorar teu mal-estar. Asserena-te um pouco e repousa. Volta para teus aposentos. Mandarei o criado levar-te um chá calmante.

Apertando a cabeça entre as mãos, Olavo recusou:

– Não, minha mãe. Agradeço-te o interesse, mas tenho importantes assuntos para resolver ainda hoje.

A dama suspirou, resignada. Conhecia o filho e sabia como era teimoso e determinado. Nada o faria mudar de ideia.

– Como quiseres! – murmurou, dando por terminado o diálogo.

Levantou-se. Precisava cuidar dos seus afazeres, dar ordens aos criados. Antes que saísse, Olavo indagou-lhe onde encontraria a pequena Ivana.

– Acordou muito cedo e deve estar brincando no parque.

Olavo ordenou ao criado que encontrasse a menina e a encaminhasse para a biblioteca, onde a estaria esperando. Em seguida, avisasse Nikolai de que ele precisava falar-lhe.

Tomadas as medidas necessárias, encaminhou-se para a biblioteca e ficou

aguardando. Poucos minutos depois, Ivana colocou seu rostinho pelo vão da porta. Olavo mandou que entrasse e fechasse a porta. Educadamente, a garota cumprimentou-o:

– Bons dias, *paizinho*. Mandaste chamar-me?

– Sim, minha querida. Senta-te aqui perto de mim. Estava com saudade. Como tens passado? – disse, observando-a detidamente.

Sentindo-se mais à vontade, Ivana começou a tagarelar:

– Também estava com saudade de ti. Ficaste muito tempo longe de casa. Pensei até que não fosses voltar mais!

A criança fitava-o com adoração indisfarçada. A pequena cigana amava Olavo como a ninguém mais no mundo, e a presença dele a enchia de felicidade.

– Também senti muito a tua falta, minha feiticeirazinha. O que tens feito de interessante?

– Quase nada. Sem ti, tudo fica triste e sem graça – respondeu, fazendo um muxoxo.

– Lisonjeira! Não tens passeado, então?

– Às vezes! Agora que Alexandra não está mais aqui, não tenho com quem sair. A *mãezinha* Magda tem estado muito ocupada.

– Ah! É verdade. Alexandra era tua companhia, não é? Por que ela foi embora?

A menina meneou a cabecinha, fazendo agitar os longos cabelos:

– Não sei.

– Não sabes? Todavia, Ivana, nada acontece sem ter uma razão.

Ele analisou a criança que brincava amassando o avental e insistiu:

– Dize-me, aconteceu alguma coisa enquanto estive ausente?

– Bem... disseram-me que não devo falar de certas coisas... – respondeu reticente.

– Nem com os amigos? – tornou a insistir ele. – Porque nós somos amigos, não somos?

– Sim. A um amigo acho que posso falar...

– E então?

– Bem, acho que foi por causa do Nikolai.

– Nikolai? O que tem ele?

– Costumava visitá-la em seus aposentos.

– Visitar quem? Alexandra?

– Sim, quem mais?

Tentando esconder sua perturbação e procurando aparentar serenidade, Olavo prosseguiu:

– Tu o viste entrando no quarto dela?

– Não.

– ?!...

– Eu o vi saindo do quarto dela. Olhava para os lados para ver se ninguém o estava espionando.

– Ah! E que mais?

– Antes de Nikolai ir embora, eles se beijaram – respondeu ela, depois de certa hesitação.

Rubro de cólera, Olavo se controlava com dificuldade.

– Muito bem. Desejas dizer-me algo mais?

– Não. Isto é, sim. Só uma coisa.

– O que é?

– Ficaste muito triste?

– Triste? Por quê?

– Bem... pensei que Alexandra fosse tua namorada e que gostasses dela.

– O que te levou a imaginar isso, Ivana?

– Olhavas para ela sempre de uma forma diferente, sobretudo quando saíamos a passeio, e ninguém os via.

– Ah! Sabes que és muito observadora?

– Ela também te olhava sempre com olhos melosos. Depois...

– Depois?...

– Quando partiste, Alexandra começou a se interessar por Nikolai. Eu os vi de mãos dadas, escondidos entre as árvores do parque e, sempre que tinham ocasião, ficavam juntos.

Com o coração batendo forte e o peito arfando de indignação, Olavo controlava-se a custo.

A menina perguntou, arregalando os grandes olhos:

– Não estás zangado comigo, *paizinho*?

– Por que estaria?

– Por ter contado todas essas coisas.

– Não. Não estou zangado. Não tens culpa de nada, pequena cigana.

Vencendo sua natural timidez, Ivana jogou-se nos braços de Olavo:

– Estou aqui e gosto muito de ti. Esquece Alexandra.

Surpreso, o rapaz a enlaçou, emocionado, deixando que os olhos se nublassem de pranto.

– Gostaria que me olhasses, *paizinho*, como olhavas Alexandra. Nunca me fitaste daquele jeito.

Intrigado com a percepção nada infantil que Ivana demonstrava, e sem saber o que dizer, ele se afastou dela.

– Agora vai brincar, que eu preciso trabalhar, está bem?

Logo após a saída de Ivana, a porta abriu-se novamente.

– Mandaste chamar-me, *barine*?

– Sim, Nikolai. Entra. Preciso ter uma conversa contigo.

Um tanto constrangido, o criado entrou e ficou parado defronte ao patrão.

Olavo examinava aquele que ali estava, de pé. Era um homem do povo, inculto e rude, mas de boa aparência. Constituição robusta, porte atlético, pele bronzeada pelo sol. Os cabelos, da cor do trigo maduro, e os olhos esverdeados, expressivos, davam-lhe um certo encanto.

“Sim! – pensou – é um belo tipo de homem e poderia atrair a atenção de qualquer mulher, por mais exigente que fosse.”

Ao fazer essa constatação, ele, que só agora reparava no criado como se o visse pela primeira vez, sentiu uma dolorosa físgada de ciúme. Vendo que Nikolai esperava que lhe dirigisse a palavra, e como o silêncio se estendera além do razoável, explicou:

– Precisamos falar sobre um assunto bastante delicado.

– Sim, senhor.

Olavo fez uma pausa e prosseguiu, analisando as reações do rapaz:

– É sobre a criada Alexandra.

– O que tem ela, senhor? Não está bem? – indagou, apreensivo.

– Bem, vejo que demonstras um interesse além do que se poderia esperar – considerou Olavo, algo despeitado, mordendo os lábios. E prosseguiu:

– Qual o tipo de relacionamento que mantinhas com a criada?

– Somos amigos, senhor.

– Nada mais?

– Nada mais – confirmou Nikolai, tranquilo.

– Contudo, viram-te deixando os aposentos de Alexandra tarde da noite.

Corando violentamente, ele confessou:

– É verdade, *barine*, mas nada existia entre nós.

– Não? Então, como explicas esse fato? – retrucou, irônico.

– Bem, senhor, Alexandra estava sofrendo. Quis consolá-la. Só isso.

– Estava “sofrendo”?

– Sim, meu senhor.

– Por quê?

Virando o chapéu nas mãos, Nikolai respirou profundamente e sugeriu:

– Talvez saibas melhor do que eu, senhor.

– O que estás insinuando? – indagou Olavo, colérico.

– Nada, senhor.

O silêncio se fez opressivo entre ambos. Olavo percebeu que o criado sabia do seu relacionamento com Alexandra e talvez quisesse aproveitar-se disso. Por essa razão, mudou o rumo do interrogatório:

– O que sentes por Alexandra?

– Como, senhor?

– Perguntei quais são teus sentimentos em relação à criada.

– Tenho muito apreço por ela.

– Ah! Sabes que ela está esperando um filho?

– Sei, sim senhor.

– Sabes?!...

– Sim. Ela me contou. Por isso, precisava de consolo e ajuda.

Irritado, Olavo deu um soco na mesa.

– Confessa! O filho que ela espera é teu! Tu a amas!

Só agora Olavo parecia ter entendido a verdade. Levantando a fronte, Nikolai olhou o *barine* desafiadoramente, medindo bem as palavras:

– Sim, é verdade. Eu a amo e me casaria de bom grado com ela. Todavia, não é a mim que ela quer.

Mentalmente, Olavo considerou que tinha razão em suas suposições. Nikolai a amava, porém Alexandra sonhava mais alto.

Por outro lado, o criado refletia, reconhecendo que a situação poderia ser-lhe favorável, se soubesse aproveitar a oportunidade.

– Tu a desejas para esposa, então?

– Sim, senhor.

Tomando uma decisão da qual se arrependeria amargamente no futuro, porque baseada no orgulho e no amor-próprio feridos, Olavo afirmou:

– Pois muito bem. Alexandra será tua esposa.

Nikolai, incapaz de acreditar no que tinha acabado de ouvir, curvou-se, agradecendo efusivamente. Fora favorecido muito além de suas melhores expectativas.

Olavo estava cansado e desejava ficar só. O ar vitorioso do criado lhe fazia mal.

– Podes ir agora. Cuidaremos dos detalhes depois. Dar-te-ei um cargo no

campo, uma casa onde possas morar e um dote para tua noiva.

O criado não cabia em si de felicidade. Olavo, no entanto, sentia um gosto amargo na boca. Suas mais caras esperanças haviam desvanecido e os sonhos de ventura ruíam por terra.

Por um momento, um momento só, naquela hora de tanta importância para suas vidas, teve dúvidas se a atitude que havia tomado fora a melhor. Todavia, o malfadado orgulho falou mais alto. O medo de ser enganado cortou-lhe todas as possibilidades de voltar atrás em sua resolução.

Se tivesse sido mais ponderado, analisado melhor a situação, refletido mais tempo e, sobretudo, investigado melhor as circunstâncias, sua decisão teria sido bem diferente.

Agora, não havia retorno possível. Concedera a mão de Alexandra ao criado Nikolai, e esse era um fato irrevogável.

Exalou um profundo suspiro, deitou a cabeça sobre a mesa e ali, solitário, chorou copiosamente.

10. O casamento

Tudo se passou muito rápido. Acertado o casamento de Alexandra com Nikolai, os acontecimentos se sucederam num turbilhão.

Tão logo Olavo comunicou sua decisão à mãe, os preparativos para o consórcio se apressaram.

Certo dia de primavera, mãe e filho dirigiram-se para o campo, conduzindo o venturoso noivo. Durante o trajeto, o perfume das flores, trazido pela brisa suave, encantava os sentidos, mas Barenkov nem percebia o festival primaveril da Natureza. Tenso e sisudo, procurava não pensar.

Ao cruzarem os portões da Mansão dos Lilases, o coração de Olavo bateu mais rápido. Não tardaria a ver sua amada Alexandra, que, agora, não mais lhe pertencia; estava prometida a outro e perdida para sempre.

Após as necessárias acomodações, chamaram a jovem criada para comunicar-lhe o noivado.

Na sala, apenas a *barínia*, sentada num sofá, o noivo Nikolai, que aguardava de pé, nervoso, e Olavo Barenkov, que media o recinto em largas passadas, com o cenho carregado.

Ao ingressar na sala, sorridente, Alexandra sentiu algo de estranho no ar, pelas expressões diversas que identificou. Não sabia por que fora chamada à presença dos senhores e tomou-se de um certo receio. Inicialmente, quando os viu chegar, encheu-se de alegria, acreditando que seu querido Olavo cumprira a promessa que lhe tinha feito: falara com a mãe e se apressara em ultimar o compromisso de noivado com ela. Como seria chamada à presença da *barínia*, correu antes para o quarto, colocou a melhor roupa, ajeitou os cabelos e até prendeu um pequeno ramo de flores do campo atrás das orelhas. Mas agora, diante do que vira, não sabia mais em que pensar.

O sorriso lhe fugiu da boca e procurou, discretamente, amparo em seu querido Olavo. Entretanto, ficou surpresa por não ver o olhar carinhoso e cúmplice de sempre. Fez uma mesura de estilo e aguardou.

– Alexandra Andreevna, em virtude do teu estado e para regularizar uma

situação constrangedora, houvermos por bem concedê-la em matrimônio a Nikolai Nikolaievitch, aqui presente.

Só então, pronunciadas as palavras que soaram com o efeito de um raio no ambiente, Olavo Barenkov fitou Alexandra. Queria ver a reação dela diante da notícia e se comprazer com sua decepção. No entanto, num primeiro momento, a atitude da jovem foi de surpresa e estarrecimento, não acreditando naquilo que acabara de ouvir. Logo depois, uma profunda dor estampou-se-lhe no semblante, seguida de mágoa e desprezo.

Alexandra titubeou, prestes a cair. O corpo fraquejou, as pernas se dobraram e a cabeça pendeu. Nesse instante, Olavo percebeu-lhe o mal-estar e fez menção de socorrê-la. Nikolai também pensou o mesmo. Alexandra, porém, num grande esforço, readquiriu o equilíbrio sozinha. Não desejava que ele notasse o quanto estava sofrendo.

Cheia de dignidade, rejeitou a ajuda que Olavo lhe oferecia, recompondo-se. Por alguns momentos, manteve-se apoiada na pequena mesa a seu lado; depois, ignorando a presença de Olavo, aceitou a mão que Nikolai lhe estendia.

Um *pope*¹² da região oficiou a cerimônia no dia seguinte, e pequena festa alegrou os criados e *mujiques* da mansão.

Anton Vassiliev, que os acompanhara, a princípio não compreendeu o que estava acontecendo. Sabia que Nikolai, a quem conhecia, iria casar-se com uma criada da casa, mas ele ignorava quem fosse.

Na verdade, só viu a noiva no momento da cerimônia, uma vez que a jovem, após o ligeiro noivado, se fechara em seus aposentos, não recebendo ninguém. Ocupado também ele com os preparativos para os festejos, não atentou para esse detalhe. Sabia apenas, pelos comentários correntes de boca em boca, que a noiva era jovem e bonita e que Nikolai era um felizardo por casar-se com moça tão prendada.

No momento do casamento, porém, ao ver a noiva, pálida e desfeita, Anton levou um choque. Aqueles cabelos dourados, o perfil de madona, lembraram-lhe sua filha Alexandra, que não via desde quando ela era criança.

O coração acelerou e uma emoção insólita o envolveu, enquanto a saudade ressurgia com mais força.

Ao ouvir o *pope* dizer o nome da noiva, não teve mais dúvidas. Era realmente Alexandra Andreevna, sua filha.

Naquela pequena igreja – cujo altar nesse justo momento recebia a claridade do sol, filtrada pelos vitrais, produzindo aspecto irreal às coisas e às

pessoas –, Anton deixou que o pranto lhe corresse livremente pelo rosto.

Com a mente torturada por muitas cogitações, lembrava-se daquela que vira pequenina e que tanta preocupação lhe causara. Por que obra do destino estaria Alexandra naquela casa como humilde criada? Onde estaria sua esposa? E a outra filha, a caçula?

Não obstante as apreensões naturais de um pai, Anton trazia o coração repleto de alegria. Afinal, a encontrara e logo obteria resposta para seus questionamentos.

Deus tinha caminhos realmente surpreendentes. Jamais esperaria rever sua pequena Alexandra trabalhando para Olavo. Quando ele chegou a São Petersburgo, a criada já não estava na mansão dos Barenkov, na cidade; por isso, não a vira. Qual não seria a surpresa do amigo quando lhe contasse a novidade!...

No entanto, uma ponta de preocupação martelava-lhe a mente. O que estaria acontecendo? Há dias Olavo andava irritado e nervoso. Desde que chegaram à mansão, esse seu mau humor vinha piorando. Percebera, por trechos de conversa ouvida aqui e ali, que algo não estava bem em relação a esse casamento, realizado muito às pressas e sem prévio conhecimento da jovem. E agora, prestando mais atenção na noiva, que se voltara para os convidados, notou leve nuvem de tristeza obscurecendo seus lindos olhos.

Suspirou profundamente. A cerimônia estava terminando. Limpou as lágrimas disfarçadamente com as costas das mãos e aguardou.

Anton não pôde deixar de observar também a grande felicidade de Nikolai, ao virar-se e beijar Alexandra, que suportou seu beijo com serena passividade.

Os presentes apressaram-se em cumprimentar o jovem casal. Além dos Barenkov, ali estavam os empregados e *mujiques* que residiam nas imediações da mansão, em pequena aldeia.

Anton aguardou a uma certa distância que os noivos recebessem os cumprimentos. De onde estava, constatou ainda a palidez doentia de Olavo, que se continha a custo. Viu-o aproximar-se, parabenizando-os. Ao lançar os olhos em Alexandra, sua expressão era de mágoa, de rancor. Não compreendeu o porquê, mas ficou claro para ele que Olavo não estava feliz com esse enlace. Quando o amigo afastou-se, seu semblante era de intensa dor.

Anton quis acercar-se da filha, mas naquele instante alguém veio avisar que deveriam dirigir-se todos à pequena festa preparada para comemorar o

acontecimento.

Durante os festejos, Anton não conseguiu falar a sós com ela, sempre rodeada pelos convidados. Em determinado momento, porém, Alexandra afastou-se, encaminhando-se para a mansão. Anton seguiu-a, compreendendo que aquela era a oportunidade ideal.

Viu-a dirigir-se para a ala dos criados e entrar no seu aposento. Sentada no leito, julgando-se sozinha, era a própria imagem do desalento. Com a cabeça entre as mãos, entregue a si mesma, dava vazão a seus sentimentos.

Encostado na porta entreaberta, Anton tossiu discretamente para chamar a atenção. A noiva assustou-se, erguendo a fronte e deixando ver o rosto torturado. Ao deparar com o homem desconhecido, parado no limiar da porta, fez menção de levantar-se, assustada e confusa.

Com um gesto, ele tranquilizou-a:

– Não te preocupes. Fica calma.

Alexandra fitou-o, surpresa. Aquele rosto e aquela voz não lhe eram desconhecidos.

Com sorriso terno, Anton indagou:

– Não te lembras de mim? Não me reconheces?

Ainda analisando o rosto do estranho, ela concordou:

– Sei que te conheço, mas não me lembro de onde... quem és?

Com os olhos nublados de pranto, ele disse:

– Lembras-te? Costumávamos passear juntos, ir às festas na aldeia, onde apreciavas tanto as danças ciganas? Fiz uma boneca para ti com pedaços de pano e palhas de trigo...

Coração aos saltos, a jovem gritou:

– Paizinho! És tu?!...

– Sim, minha querida, sou eu mesmo!

Abraçaram-se, felizes, dando vazão ao amor que sentiam um pelo outro.

– Ah, paizinho, quanta falta senti de ti! Depois que te deixamos, nossa vida foi tão difícil!

– E eu, minha filhinha? Quanto tempo sonhei abraçar-te como agora! Mas, conta-me: onde estão Macha, tua mãe, e Natália, tua irmã?

– Ah! meu pai, essa é uma longa e triste história.

– Não. Não falemos disso agora, então. Não desejo entristecer-te mais ainda no dia do teu casamento, que deveria ser o mais feliz da tua vida.

– Sim, paizinho, é verdade, se eu tivesse casado com o homem a quem amo. Outro dia te contarei todo o meu infortúnio. Hoje não. É dia de festa e

de alegria. Afinal, apesar de tudo, nos reencontramos depois de longo tempo.

Nisso, ouviram ruído de passos, e Olavo surgiu no vão da porta. Ficou estupefato ao ver o amigo sentado no leito e tendo as mãos de Alexandra entre as suas. Olhavam-se com muito amor e, ante aquela cena, o rapaz encheu-se de rancor e de agressividade. Antes que dissesse algo, Anton ergueu-se e explicou:

– Não é o que pensas, meu amigo Olavo Barenkov. Hoje tive uma das maiores alegrias da minha vida. Comprovo agora que o Senhor sabe o que faz e que tinha um propósito encaminhando-me para tua casa.

E, comovido, apresentou:

– Esta é Alexandra Andreevna, minha filha!

Em face dessa surpreendente revelação, Olavo desfaz a expressão hostil, aliviado e satisfeito, e felicita o amigo:

– Quem poderia supor? É inacreditável!

Abraçaram-se. Olavo estava perplexo. Então, aquela a quem amava com todas as forças da sua alma era filha do seu melhor amigo!

– Precisamos comemorar! Vinde! Brindemos o acontecimento!

Unidos, encaminharam-se para o gramado, onde se realizava a festa.

A música alegre se espalhava pela planície. Os aldeões, de temperamento alegre e extrovertido, aproveitavam todas as oportunidades para festejar. Músicos ciganos davam sua contribuição, e as danças, tão ao gosto do povo russo, animavam todos.

Olavo aproximou-se de Nikolai, que bebia e conversava com outros criados, e, chamando-o de lado, apresentou-lhe o pai de Alexandra. O mesmo fez com sua mãe, colocando-a a par da novidade. Não queria tornar pública, por enquanto, a paternidade de Anton a fim de evitar comentários e curiosidade em torno do assunto.

Alexandra, que até então estivera séria e indiferente, tornou-se mais alegre e comunicativa, participando das danças e divertindo-se a valer.

Sentado ao lado de Olavo, Anton apreciava os folguedos. Observou que o amigo acompanhava os volteios dos pares, contemplando a rainha da festa de modo especial, num misto de despeito e rancor. Após meditar alguns minutos, considerou:

– Bela festa, Olavo. Todos parecem muito satisfeitos... menos tu.

Barenkov virou-se bruscamente, analisando a fisionomia do amigo. Teria Anton percebido tudo?

– Sim, é verdade, a festa está muito animada.

Anton insistiu:

– E por que não estás feliz?

Olavo baixou a fronte e passou a olhar fixamente para um talo de grama que havia arrancado, levando-o à boca. Não respondeu.

– Perdoa-me, Olavo. Não tenho o direito de esperar que me faças confidências. Talvez nem confies em mim...

Rompendo o silêncio, o outro ponderou com voz melancólica:

– Não se trata disso, Anton. Sabes que confio em ti mais do que em qualquer outra pessoa, exceto minha mãe. No entanto, existem fatos que ignoras e que não posso contar, para não te magoar.

Franzindo o sobrolho, Anton percebeu que Alexandra, que bailava não muito distante dali, também olhava para eles, e de modo mais intenso para Olavo. E indagou:

– O que não podes, ou não queres me contar, tem relação com Alexandra, não é?

– Como sabes? – perguntou Olavo, surpreso com a perspicácia do amigo.

– Ora, meu caro, não é difícil de perceber. Qualquer observador mais atento teria notado que algo existe entre ambos.

– Tens razão e louvo tua argúcia, Anton. Qualquer dia desses falaremos sobre esse assunto. Não hoje. Não é o momento nem o local apropriado para esse tipo de confidência.

– Concordo contigo. Não te sintas, porém, coagido a contar-me o que quer que seja. Fala quando tiveres vontade.

Trocaram um olhar e sorriram. Eles se compreendiam tão bem que nem havia necessidade de palavras.

Alexandra veio buscar o pai para participar das danças. Ambos se levantaram, integrando-se nos grupos festivos.

Era tarde quando os ciganos pararam de tocar e a festa acabou. As fogueiras se apagaram aos poucos e somente as estrelas brilhavam no firmamento.

[12](#). Padre da Igreja ortodoxa russa.

11. Em busca de informações

Na manhã seguinte, todos despertaram com o sol alto, com exceção dos *mujiques* e demais criados.

Tomando a refeição num amplo terraço, local de sua preferência quando na Mansão dos Lilases, Olavo meditava.

O terraço, localizado no primeiro pavimento, permitia descortinar bela vista: a planície vasta, ao longe, com suas *deciatines* cultivadas e os *mujiques* trabalhando a terra, enquanto o sol dourava os campos de trigo, centeio e aveia.

Anton aproximou-se de Olavo, saudando-o com afabilidade:

– Bons dias! Parece que não repousaste o suficiente, Barenkov.

Ouvindo a voz conhecida, Olavo virou-se para o amigo que adentrara o terraço e se acomodava numa cadeira. O anfitrião sorriu:

– Tens razão, Anton Vassiliev. Não consegui conciliar o sono, apesar de todos os esforços.

– Provavelmente, porque usaste as horas consagradas ao repouso noturno para pensar, tentando solucionar teus problemas, quando esse não é o momento apropriado.

– Percepção é o que não te falta, Anton. Novamente, estás com a razão. Contudo, meu amigo, a criatura humana não é uma engenhoca que se liga e desliga a seu bel-prazer.

– Ah! Isso significa que algo te aflige muito. Para que fiques nesse estado e denotes tanta preocupação, deduzo que se trata de assunto ligado ao coração, uma vez que, segundo estou informado, teus negócios vão de vento em popa.

– Não sabes o quanto estou sofrendo. És a única pessoa a quem faria confidências. No entanto, não desejo causar-te dissabores – desabafou Olavo, amargurado.

Expressão grave, Anton considerou:

– Bem, para que temas causar-me *dissabores*, como dizes, é preciso que esse teu problema me afete também. Assim, deduzo que tem relação com

minha filha Alexandra Andreevna.

Olavo permaneceu calado. O outro prosseguiu:

– Como não desmentes, é porque confirmas as minhas suspeitas.

Como o dono da casa não respondesse, Anton respirou fundo e continuou:

– Meu caro Olavo, gostaria que visses em mim o amigo e não o pai de Alexandra. Não sei o que houve entre ambos para te afetar dessa maneira, mas fica certo de que te devo muito e quero tua felicidade. Se algo puder fazer por ti, não hesites, sou teu servo.

A essas palavras ditas com tanto carinho, Olavo sorriu ternamente, assegurando:

– Afianço-te que também te estimo muito. Dá-me tempo para refletir e prometo contar-te tudo. Ainda não é a hora. A ferida sangra e é preciso aguardar sua cicatrização.

Anton nada mais acrescentou. Não adiantava insistir.

Terminado o repasto, saíram a cavalo para percorrer os domínios dos Barenkov. Não mais tocaram no assunto e, cheio de orgulho, Olavo não queria que seu sofrimento fosse partilhado com outras pessoas. Por isso, procurou espantar a tristeza e pensar apenas como proprietário daquelas terras produtivas.

À hora do almoço, retornaram, trocando ideias animadamente. Após a refeição, Olavo e sua mãe recolheram-se para repousar e Anton saiu a caminhar.

Encontrou Alexandra no jardim e percebeu que era o momento ideal para conversar com a filha. Sentaram-se num banco de mármore à sombra de um lilaseiro, sentindo o perfume que se evolava das flores.

Anton observava-a discretamente. Afinal, perguntou:

– Estás feliz, minha filha?

Alexandra baixou a fronte, enquanto os cachos castanho-dourados caíam-lhe sobre o rosto, ocultando-o. Delicadamente, o pai tirou-lhe as mechas do rosto e notou que ela chorava.

– Alexandra Andreevna, não estás feliz e, mais do que isso, sofres. Por que, minha filha?

A jovem ergueu a cabeça, enxugando as lágrimas que lhe desciam pela face. Profunda tristeza marcava-lhe o semblante de madona.

– O dia de ontem poderia ter sido o mais feliz da minha vida, meu pai. Desde criança, sonhava com o dia do casamento, com a felicidade que teria...
– murmurou.

– Mas por que não és feliz, minha filha? Nikolai parece-me um bom moço, é trabalhador e gosta de ti. Por que, então, essa tristeza, essa amargura que vi em teu rosto ontem e que vejo agora?

– Por quê? Porque seria feliz se tivesse casado com o homem a quem amo – respondeu, baixando a voz, temendo que alguém pudesse ouvi-los.

– Por quê? Por que te casaste com um homem a quem não amas? Alguém te obrigou, minha filha?

– Não. Ninguém me obrigou. Mas essa é uma longa história, meu pai.

– Conta-me.

Alexandra cerrou os lábios e permaneceu calada. Agarrando-a pelo braço, ele falou com energia:

– Conta-me. Ordeno-te. Preciso saber o que está acontecendo contigo... – quase completou “e com Olavo Barenkov”, mas se conteve a tempo.

Com sorriso melancólico, ela acedeu:

– Está bem. Queres o motivo por que me casei? Seja. De resto, logo todos ficarão sabendo mesmo. Não adianta esconder mais. É questão de dias.

Fez uma pausa e, tomando coragem, completou:

– Estou grávida.

Para sua surpresa, o pai não se horrorizou. Apenas balançou a cabeça, concordando:

– Eu já desconfiava. Todavia, deverias estar satisfeita. Nikolai Nikolaievitch casou contigo e teu filho terá um nome. Quanto ao escândalo da tua situação, as pessoas esquecem com o passar do tempo.

Colocando as mãos no rosto, ela deu um grito abafado:

– Não estás entendendo, meu pai – baixando a voz, completou: – Nikolai não é o pai do meu filho!

– Ah, miserável! O que fizeste?

Cheia de altivez, ela ergueu a fronte, respondendo com dignidade:

– Nada fiz de mal, meu pai, exceto amar alguém até a loucura.

– Compreendo... – murmurou Anton. – Agora compreendo tudo. Que Nossa Senhora de Kazan se apiade de ti!

Como ébrio, Anton Vassiliev deixou Alexandra. Precisava pensar. Com passos trôpegos e incertos caminhou pelo parque, afastando-se o mais possível da mansão.

Existia nas proximidades um bosque, onde Anton se internou. À sombra das tílias, plátanos e salgueiros, sentou-se para meditar.

Então, era por isso que Olavo estava tão desgostoso. Agora não tinha

dúvidas de que o filho era dele e que o amigo era o homem a quem sua filha tanto dizia amar. Contudo, ele não assumira a paternidade da criança. Arranjara um casamento para a amante de forma que sua reputação ficasse resguardada. Talvez até pretendesse continuar mantendo esse relacionamento amoroso, já que ela, agora, tinha um marido para salvaguardar as aparências.

Apesar do seu coração generoso, Anton sofria com a decepção que o amigo e benfeitor lhe infligia.

Sofria, pensando que tudo poderia ter sido diferente, se ele houvesse orientado a filha desde criança, dando-lhe moral sólida e moldando-lhe o caráter; sofria, pela criança que estava por nascer e que encontraria uma situação esdrúxula, uma vez que cresceria com outro, que não o pai natural; sofria, pela filha que se desencaminhara tão jovem, a ponto de engravidar sem o sustentáculo de um casamento; sofria, ao pensar em Olavo, que, não satisfeito, sofria também; sofria, até por ele mesmo, Anton, por considerar-se incapaz de resolver situação tão intrincada.

Decidiu ir até o fundo da questão. Investigaria como tudo acontecera, buscando subsídios para uma solução conciliadora. Precisava saber.

Mais tranquilo, retornou à mansão. Determinado momento, no trajeto, sentiu um ar gélido, enquanto ouvia uma voz rouquenha dizer:

– Eles nunca serão felizes! Nunca! Nunca!...

Voltou-se, procurando a pessoa que assim lhe falava, como se tivesse ouvido os pensamentos que lhe dominavam a mente. Surpreso, viu que estava só. Não havia ninguém nas imediações, até onde a vista podia alcançar.

Um calafrio percorreu-lhe o corpo, enquanto os pelos se eriçavam.

– Que estranho! – pensou. – Poderia jurar que havia alguém atrás de mim, como que me acompanhando os passos. Era a voz de um homem, forte e possante, isso posso jurar. Senti sua presença, o calor do seu corpo e até o cheiro característico de tabaco!

Procurou desviar o pensamento. Não acreditava em fantasmas ou seres de outro mundo. Embora tivesse ouvido muitas histórias a esse respeito, nunca as levava a sério, em virtude da ignorância e da superstição do povo, sempre muito crédulo.

Naquele instante, lembrou-se do acontecimento insólito ocorrido em sua *isba*, em cuja porta Valfrido, o cocheiro, teria visto um cossaco. Além de Valfrido, ninguém mais viu a aparição, nem Olavo, nem ele, Anton, que, infelizmente, estava no leito, fraco demais para levantar-se. Por isso, não poderia ter sido testemunha.

Caminhando sem parar, aproximou-se da mansão e resolveu esquecer o assunto.

Algumas horas depois, prepararam-se para retornar a São Petersburgo. Alexandra e Nikolai permaneceriam na Mansão dos Lilases, onde Olavo lhes dera uma pequena mas confortável casa para morar.

Nos dias subsequentes, fiel ao que havia se proposto, Anton procurou obter informações por intermédio de Rose. Pelo que disseram, era das criadas mais antigas da família.

Entregue a seus afazeres na cozinha, Rose não se mostrou muito interessada em falar sobre o assunto.

– Nada sei do que se passou. Estimo sinceramente a menina Alexandra e gostaria de vê-la feliz. Não me pergunte nada, porque nada posso informar.

– Contudo, alguém deve saber a verdade. É de extrema importância, Rose, que eu saiba dos fatos aqui ocorridos – insistiu ele.

Notando-lhe a expressão de grande ansiedade, ela sugeriu:

– Talvez Ivana possa esclarecer-te melhor, Anton Vassiliev.

– A pequena Ivana? – indagou espantado.

– Sim, ela mesma.

Anton agradeceu e foi procurar a menina, que estava brincando no jardim. Sentou-se num banco próximo e ficou observando a pequena cigana, distraída com seus brinquedos.

Começou a falar com Ivana, que o ouvia desinteressada. A certa altura ele perguntou-lhe:

– Gostaste do casamento de Alexandra e Nikolai?

– Muito. Estava ótimo e me diverti bastante.

Animado com a resposta, Anton prosseguiu:

– Ouvi dizer que te davas muito bem com Alexandra, quando ela morava aqui.

– É. Somos amigas e ela sempre me levava a passeio, quando a *mãezinha* Magda não podia sair.

– Ah! compreendo. Então, ela te faz muita falta. E aonde Alexandra te levava a passear?

– Em muitos lugares. O que mais gostei foi um parque onde o *paizinho* Olavo nos levou.

– Ah! Olavo também ia junto?

– Às vezes. Íamos de carruagem e, enquanto conversavam, eu me divertia.

– Entendo. Mas, Alexandra não namorava Nikolai Nikolaievitch?

- Não. Eram só amigos.
- Tens certeza?
- Tenho.

Satisfeito com as respostas, que reforçavam suas ideias sobre o assunto, e como não queria despertar suspeitas, Anton a deixou entregue às suas brincadeiras e foi procurar Olavo.

Encontrou-o na biblioteca, com a cabeça entre as mãos, imerso em seus pensamentos.

- Olavo Barenkov, gostaria de conversar contigo.

Saindo do seu alheamento, Olavo indicou uma cadeira para que Anton se acomodasse.

- Estou à tua disposição.

Anton pigarreou, ajeitou-se melhor nas almofadas e começou a falar:

– Não pretendo parecer ingrato, pois te devo muito. Entretanto, precisamos esclarecer algumas coisas.

- Sim? Continua...

Analisando demoradamente o amigo, que não parecia muito interessado no que ele tinha a lhe dizer, Anton pensou um pouco e prosseguiu:

– Vejo que sofres, Olavo. Tua expressão é de profunda dor, e uma melancolia enorme ressuma de tua voz, de teus gestos. E é isso o que não compreendo.

Sentindo-se incomodado com a presença do amigo, quando desejava ficar só, respondeu com uma ponta de impaciência:

- O que não compreendes? Sê claro!

– Não me pareces ser alguém cheio de preconceitos. Ao contrário, trouxeste-me para esta casa, demonstrando generosidade incomum nos dias de hoje. Aceitaste ao teu lado uma criança cigana, sobre a qual não te cabia nenhuma responsabilidade.

- Fiz apenas o que me ditou a consciência.

– Exatamente. Este é o ponto. És homem íntegro, de bom caráter e possuis coração extremamente generoso... – afirmou Anton.

Irritado, Olavo o interrompeu:

– Não vieste aqui para tecer-me elogios, Anton. Não compreendo aonde desejas chegar. Sê claro, pois estou com terrível dor de cabeça.

– Compreendo. E não tenho intenção de te perturbar. Responde-me apenas: por que não assumiste a paternidade do filho que Alexandra aguarda? Pois sei que é teu!

Surpreso, Barenkov tirou as mãos da cabeça, erguendo-a.

– Tu divagas! Quem te afirmou tal coisa?

Anton levantou-se da cadeira, indignado:

– Negas? Negas que tiveste um relacionamento com Alexandra? Negas que ela espera um filho teu?

Suavizando a expressão, Olavo murmurou:

– Senta-te, Anton. Senta-te e acalma-te. Tens razão, precisamos conversar e esclarecer algumas coisas.

O pai de Alexandra voltou a sentar-se, aguardando, grave, as explicações de Olavo.

– Meu amigo, não sei o que andaram colocando na tua cabeça, mas compreendo tuas dúvidas e teus questionamentos. Acredita, se não te contei antes é porque não queria aborrecer-te.

Anton continuou ouvindo, sério e calado. Olavo prosseguiu, olhando o vazio e como que procurando rever os acontecimentos:

– Foi logo após ter retornado daquela viagem, quando me socorreste, acolhendo-me em tua *isba*, em meio à tempestade que desabava. Certo dia, não sei por quê, comecei a reparar em Alexandra. Jamais o fizera antes. Minha mãe é severa e não admite relacionamentos mais íntimos com os criados.¹³

Olavo fez uma pausa e prosseguiu:

– Com Alexandra era diferente. Sua beleza, a delicadeza de seus gestos me encantaram. Quando minha mãe adoeceu alguns dias, coube-me acompanhar Alexandra e Ivana a alguns lugares. Conversamos. Com a aproximação, passei a conhecê-la melhor. Aquilo que era apenas uma atração modificou-se, e tomei-me de louco amor por ela. Já não compreendia a vida sem sua presença. Mantínhamos as aparências e namorávamos às escondidas. Certa ocasião, em que precisei visitar a propriedade que adquirira nos Urais, não muito longe da tua, fui até seus aposentos para despedir-me e deixamo-nos dominar pela paixão. No dia seguinte, parti e demorei-me mais do que pretendia.

Parou de falar por alguns momentos, como a cobrar fôlego, respirou fundo e continuou:

– Ao visitar-te, encontrei o amigo enfermo, e o resto já sabes...

– O que aconteceu depois?

– No meu retorno, Alexandra não estava mais nesta casa, como é do teu conhecimento. Ficou doente, razão pela qual minha mãe mandou-a para o

campo. Os ares campestres lhe restituíam as cores. Fui atrás dela, saudoso e impaciente. Confessou-me estar esperando um filho meu. Feliz, tranquilizei-a, prometendo falar com mamãe e regularizar nossa situação, uma vez que era o que mais desejava no mundo. Casar-me com tua filha era meu maior anelo!

– Sim? E depois? – indagou, ansioso, Anton.

– Bem. Depois, infelizmente, descobri que ela me enganara, traindo-me com um reles criado.

– Nikolai Nikolaievitch?

– Exatamente.

– Mas como, santo Deus, chegaste a essa conclusão?

– Ivana viu Nikolai saindo do quarto de Alexandra altas horas da noite.

– Ivana? A pequena Ivana? – interrogou estupefato.

– Sim, ela mesma.

Perplexo, Anton percebeu que um grande equívoco ocorrera.

– E então...

– Então, tive uma entrevista séria com Nikolai, e ele não se negou a casar-se com Alexandra.

– Mas confirmou ser o pai da criança?

– A princípio, escusou-se. Contudo, quando acenei com a possibilidade de casar-se com Alexandra, ele aceitou, o que me pareceu um indício comprometedor.

Sem poder acreditar no que ouvia, Anton ponderou:

– Não passou pela tua cabeça que ele estivesse apaixonado por minha filha e que visse, então, a oportunidade de tê-la para si?

– Não...

– Baseaste teu julgamento apenas nas palavras de uma criança e, sem obter mais explicações, condenaste Alexandra inapelavelmente? – continuou Anton.

– Pois se eu não tinha dúvidas!... – gaguejou Olavo.

Aumentando gradativamente a intensidade da voz, o outro prosseguiu:

– Não passou pela tua cabeça que Alexandra, aquela que dizias amar loucamente, tivesse dito a verdade, isto é, que o filho era teu?

Na mente de Olavo a dúvida foi ganhando corpo e seu semblante passou a refletir as alterações mentais que se lhe processavam na cabeça.

– Por que me dizes isso? Tens motivos para julgar que me enganei? Tens provas disso? Fala! – ordenou, ofegante.

Atônito, Anton silenciou. Depois respondeu, frisando bem as palavras:

– Não. Não tenho provas. No entanto, prefiro acreditar na palavra de minha filha.

Olavo desabou na poltrona, atarantado, confuso. Depois dessas ponderações, pela primeira vez cogitou analisar o assunto sob outro ângulo.

Anton, observando o sofrimento espelhado no rosto de Barenkov, apiedou-se do amigo.

– Pobre de ti, Olavo Barenkov! Agora, mesmo que descobrisses a verdade, ela já não te serviria para nada. Ficarás sempre na dúvida e jamais terás paz. Nikolai será, para todos os efeitos, o pai da criança que vai nascer, e, toda vez que a vires, não poderás deixar de pensar: será meu filho?

Anton ouviu uma gargalhada soturna que soou no ar, dominando todo o recinto. Assustado, virou-se para Olavo, mas percebeu que ele nada ouvira.

Sentindo arrepios gelados por todo o corpo, deixou a sala, enquanto Olavo, tapando o rosto com as mãos, debruçou-se sobre a mesa e se pôs a chorar convulsivamente.

[13](#). Na verdade, relacionamentos mais íntimos com os criados eram fato comum na maioria das famílias da sociedade russa; pais e filhos, prevalecendo-se da autoridade, cometiam muitos abusos contra frágeis e indefesas moças do povo.

12. O recém-nascido

A partir dessa data, Olavo mudou por completo. Fechou-se dentro de si e, conquanto seu comportamento permanecesse basicamente o mesmo, por dentro haviam-se processado grandes alterações. Quem o conhecesse a fundo perceberia que a expressão, sempre melancólica e indiferente, era apenas a ponta de um *iceberg*; a maior parte se conservava submersa em seu íntimo.

Sofria muito por não expor seus sentimentos; não queria que os outros os percebessem. Torturava-se, pensando na possibilidade de ter-se enganado e de ser dele o filho que Alexandra aguardava. Contudo, nada mais poderia ser feito, desde que ele próprio resolvesse casar Alexandra com Nikolai. Orgulhoso, nem para si mesmo queria admitir que se enganara.

Como evitava rever o jovem casal, nunca mais fora à Mansão dos Lilases, outrora muito do seu agrado. Só por outrem sabia dos acontecimentos que lá ocorriam.

Incumbira Anton Vassiliev da administração da propriedade, para que o amigo tivesse a oportunidade de conviver com a filha, da qual estivera tanto tempo separado.

Anton transmitia-lhe apenas notícias que diziam respeito às suas funções: relatórios sobre o andamento das sementeiras, das colheitas, questões com os *mujiques* e tudo o mais que se relacionasse com a herdade. Olavo nunca mais quis saber notícias de Alexandra, e Anton, delicado, abstinha-se de tocar no assunto.

Certo dia, meses depois, indo a São Petersburgo, Anton informou com certo orgulho a transparecer na voz:

– Há dois dias nasceu o filho de Alexandra, meu neto.

Continuando impassível, Olavo perguntou:

– Ah!... Correu tudo bem?

– Sim. É um lindo garoto. Levará o nome do meu genitor: Andrei Urich.

– Muito bem. Regozijo-me contigo, Anton Vassiliev.

E, procurando modificar o rumo da conversa, para demonstrar uma

indiferença que estava longe de sentir, prosseguiu:

– Agora, vejamos os relatórios que me trouxeste. Resolveste o problema da aveia?

– Sim. Aqui estão os dados. Vê.

Animados, mergulharam no trabalho até a hora da ceia.

Em torno da mesa, entre uma iguaria e outra, Anton deu a notícia do nascimento da criança à *barínia*.

– Ah! Fico muito feliz por ti, Anton. Agora és avô! Gostaria muito de conhecer o bebê de Alexandra e levar-lhe presentes.

Depois, virando-se para o filho, sugeriu:

– Qualquer dia desses poderíamos ir à Mansão dos Lilases, Olavo. O que achas?

Imperturbável, o rapaz respondeu:

– Seria ótimo, minha mãe. Entretanto, negócios urgentes exigem minha presença em São Petersburgo. Nada impede, porém, que Valfrido te leve até lá. De resto, estás precisando dos ares do campo.

– Devo permanecer alguns dias na cidade, resolvendo diversos problemas. No retorno, poderei acompanhar-te, senhora, se for do teu agrado – ofereceu-se Anton, gentil.

– Ótimo. Está combinado, então. Na próxima semana, iremos até lá. Nesse tempo, comprarei presentes e roupas para o nenê. Além disso, Ivana vai adorar o passeio!

Alguns dias depois, foram para o campo. Barenkov, conquanto ardendo de curiosidade e desejo de acompanhá-los, não o fez. Preferiu manter-se à distância.

No retorno, Magda veio entusiasmada com a criança, só louvando sua graça e beleza. Ivana também não falava de outra coisa.

– Pelo que vejo – comentou Olavo com uma pontinha de inveja –, o pequeno Andrei Urich encanta a todos.

Ivana, com seu jeitinho infantil, imitava o bebê.

– Ele é lindo, *paizinho*, e até riu para mim!

Fazendo ar de incredulidade, Olavo retrucou:

– Ainda não é muito cedo para isso?

– Não! Ele sorriu mesmo e abriu os olhinhos!

Espicaçado pelo ciúme, Olavo perguntou:

– Com quem achas que se parece o pequeno?

Ivana pensou... pensou, enquanto Olavo aguardava com o coração

acelerado.

– Bem, não sei. Acho que se parece com Alexandra.

Suspirando aliviado, ele alegou algo urgente e retirou-se.

O tempo passava célere. Veio o inverno, que, na Rússia, é muito longo. As comunicações tornaram-se difíceis, as estradas, intransitáveis. Com a primavera, sobreveio o degelo e as estradas ficaram alagadas; viam-se regatos descendo das montanhas e serpenteando pelos campos. Os brotos surgiram e as flores iam dominando a paisagem e colorindo os campos.

A temperatura ainda estava baixa e fazia frio, mas os dias eram ensolarados e o céu sempre azul.

Magda resolveu passar alguns dias no campo e não aceitou a recusa de Olavo, exigindo sua presença.

– Tens trabalhado muito, meu filho, e necessitas de repouso. Nada melhor do que o ar da Mansão dos Lilases para refazer tuas energias.

Na verdade, Olavo estava com muita saudade do campo, aonde não mais retornara. E, no fundo, desejava de rever aquela que nunca deixara de ocupar seus pensamentos mais secretos, e que amava ainda. Concordou, afinal:

– Está bem. Iremos todos juntos para o campo. Será ótimo também para Ivana.

E assim, numa bela manhã primaveril, partiram com destino à Mansão dos Lilases.

Olavo fez o trajeto em silêncio. Pelo postigo da janela olhava a paisagem que se transformava, os campos verdes que se estendiam e os *mujiques* que, ao longe, trabalhavam na sementeira. Ao mesmo tempo, estava consciente do ruído monótono do rodar da carruagem e do estalar do chicote com que Valfrido comandava os animais.

Ivana cansou de falar e adormeceu ao lado de Magda, que cochilava, cabeça apoiada no encosto do banco.

Ele suspirou. Estava ansioso. Conquanto mantivesse atitude exterior de completa tranquilidade, no íntimo experimentava uma tempestade de sentimentos. Como estaria ela? Há muito não a via e tinha curiosidade de saber. Após o parto, teria engordado, perdendo as formas, como acontecia normalmente com as mulheres do povo?

Na memória, revia o vulto tão querido de Alexandra, o porte altaneiro, os cabelos, os olhos claros e a voz meiga e mansa.

Um eclodir de novas emoções tomou-o de assalto. Tudo o que reprimira em meses de grande esforço fora por água abaixo. Percebia agora que, mais

do que nunca, continuava amando-a.

Mais do que qualquer coisa, preocupava-o a criança, Andrei Urich. Como seria? Com quem se pareceria? Sentia-se tenso e angustiado. Pela primeira vez veria o menino e a expectativa era enorme.

Dessa forma, nervoso, viu ao longe o telhado vermelho da mansão por entre as árvores. Mais um pouco e deram entrada no portão da propriedade.

Os criados vieram esperá-los, cumprimentando os recém-chegados.

Nikolai Nikolaievitch adiantou-se para saudar os senhores. Barenkov só tinha olhos para Alexandra, que, um pouco atrás, aguardava ocasião de cumprimentar os patrões.

Afinal, Olavo conseguiu aproximar-se dela. Estava encantado. Nunca a antiga namorada lhe parecera tão bela quanto agora. Notava-a mais mulher, traços mais suaves e as formas mais arredondadas. Não era mais a adolescente esguia e magra. Transformara-se numa mulher encantadora e segura de si mesma.

– Como vais, Alexandra? Estás com ótimo aspecto. A maternidade te fez muito bem.

Ela inclinou-se, corando levemente.

– Sê bem-vindo, *barine*.

Olavo continha a custo o desejo de abraçá-la.

– E teu filho, onde está? – indagou, olhando em torno à procura da criança.

Alexandra afastou-se um pouco, retornando com o pequeno nos braços.

Era um bebê roliço, de cabelos louros como os da mãe e olhos escuros e aveludados. Tinha a tez clara e as maçãs do rosto coradas pelo sol que tomara naquela manhã. Contava, então, dez meses de idade.

Olavo não conseguia desviar os olhos da criança, emocionado. Andrei sorria para ele, estendendo os bracinhos.

Vigilante, Nikolai aproximou-se, passando o braço sobre o ombro da esposa, enquanto dizia:

– Não é lindo o nosso filho, senhor?

Ao vê-los unidos junto ao bebê e formando o perfeito quadro de uma família feliz, Olavo sentiu-se aferroado pelo ciúme e desejou ferir o criado.

– É verdade. Contudo, ele não se parece em nada contigo, Nikolai.

Assim dizendo, afastou-se bruscamente, alegando que o sol estava demasiado.

O criado baixou a fronte, sorriu levemente e nada respondeu. Alexandra corou, mas Olavo não percebeu porque já se havia afastado.

A alegria era geral. Magda e Ivana adoravam os ares do campo e aproveitavam todos os minutos.

Ivana, especialmente atraída pelo pequeno Andrei, não o deixava um momento sequer. Acompanhava-lhe o banho, a troca de roupas, a alimentação, e só o deixava quando a criança dormia, exausta de tanto brincar.

Para Olavo esse período, não obstante agradável, foi uma tortura. Ver Alexandra e Andrei Urich sempre o martirizava.

Certa feita, Ivana brincava com o pequeno no chão do terraço superior. Pedira permissão a Alexandra para um passeio e, depois, o trouxera para a mansão. Haviam forrado o piso de mármore com acolchoados, para evitar a friagem, e eles se divertiam a rolar no chão. Em determinado momento, Ivana fitou a criança e comentou ingenuamente:

– Andrei Urich tem os olhos escuros como os teus, *paizinho*.

Olavo, que fingia ler, sentado numa poltrona, levou um susto, retrucando:

– Que bobagem estás a dizer, Ivana?

Magda, que acompanhava a cena mordiscando um pêssego, considerou:

– Não é bobagem, meu filho. Ivana tem toda razão. Como não percebi antes? O bebê tem os olhos muito parecidos com os teus. Além disso, Alexandra e Nikolai têm os olhos claros. De quem teria o menino herdado esses olhos? De algum dos avós, com certeza...

Olavo não respondeu, mas o coração batia acelerado. Fingindo continuar a leitura do livro, discretamente observava a criança, que engatinhava, entretida a brincar com Ivana.

Uma emoção insólita o acometeu. Era verdade! Ivana tinha razão! O pequeno tinha os olhos escuros e aveludados como os seus. Seria essa a confirmação que tanto buscava? Seria o garoto, realmente, seu filho?

Naquela noite, Olavo não conseguiu dormir, só pensando em Alexandra e na criança. Ver Nikolai ao lado deles lhe fazia muito mal, mas a situação não tinha retorno, uma vez que fora ele mesmo que os jogara um nos braços do outro. Agora, era tarde demais.

Olavo estava tão dominado pelo ciúme que, nos dias subsequentes, não teve paz. Pensou que fosse enlouquecer de vez, ele que era tão equilibrado e dono de suas ações.

Por isso, resolveu que, embora lhe custasse bastante, não voltaria mais à Mansão dos Lilases. Era preciso manter distância para voltar à normalidade. Longe do casal e da criança, acreditava que iria readquirir a serenidade que

perdera.

Assim, ao se despedir para retornar a São Petersburgo, fê-lo consciente de que não os veria mais.

Fitou Alexandra, graciosa nas suas roupas coloridas, os cabelos dourados pelos raios do sol, procurando fixar a sua imagem indelevelmente na memória, para poder recordar-se dela e da criança, quando estivesse longe.

Alexandra estranhou o olhar intenso com que ele a envolveu e ficou emocionada.

Dentro em pouco, a carruagem rodava na estrada, e a Mansão dos Lilases ficava cada vez mais distante, até sumir numa curva do caminho.

13. Passa o tempo

Em sua biblioteca, Olavo analisava alguns documentos. Cabelos grisalhos nas têmporas, sua aparência era de alguém que envelhecera prematuramente. A expressão severa e os cantos da boca contraídos denotavam certa amargura e dureza de atitudes.

Dez anos haviam-se passado. Nesse tempo, fiel à decisão que tomara, Olavo evitou retornar à Mansão dos Lilases, deixando a cargo de seu fiel Anton todos os problemas atinentes à administração da herdade.

Inflexível consigo mesmo, só se interessava pelos assuntos que diziam respeito à propriedade. Os outros, ficava sabendo pelas conversas que chegavam a seus ouvidos. Jamais, porém, perguntava nada.

Dessa forma, fora informado de que Nikolai Nikolaievitch adoecera gravemente. Num inverno particularmente rigoroso, ele contraiu séria enfermidade, resultado do trabalho ao relento. Tinha momentos críticos de febre, ocasiões em que delirava, banhado em suor. Chegaram a temer por sua vida.

Avisado pelo amigo e administrador, Anton Vassiliev, enviou imediatamente um médico para atender o criado, uma vez que a Mansão dos Lilases ficava um pouco distante da cidade e não contava com recursos para socorrer um doente grave.

Todavia, o tempo piorara, dificultando ainda mais o auxílio ao enfermo. O médico atrasou-se, retido no caminho por uma nevasca. Nessas circunstâncias, o único meio de locomoção era a *troika*¹⁴, mas, mesmo com ela, não foi possível viajar sob a tempestade de neve, que tornou a estrada intransitável, sem contar o risco de o viajor precipitar-se em algum fosso.

A constituição forte e robusta de Nikolai levou a melhor e, aos poucos, foi-se recuperando. Todavia, a enfermidade se instalara, causando-lhe muita dor e desconforto. Estava dominado pelo reumatismo articular, doença comum na Rússia e que ataca de preferência no inverno, propício ao aparecimento dessas complicações.

Com o tempo, Nikolai ficou impedido de trabalhar; perdeu gradativamente a capacidade de locomoção, mantendo-se preso numa cadeira.

Olavo foi visitá-los, numa das raras idas a seus domínios rurais, ocasião em que sua presença se fazia absolutamente indispensável. O coração confrangeu-se ao ver o criado reduzido àquela situação de dependência antes de ter completado os trinta anos de idade.

Doía-lhe mais, no entanto, observar a atitude carinhosa e maternal de Alexandra, que cuidava do marido cheia de desvelos.

– Estás com fome, *paizinho*? Desejas alguma coisa?

E, aconchegando-lhe a manta ao peito, solícita:

– Estás bem aquecido, *paizinho*? Queres que aumente o fogo na lareira?

E Nikolai, sorrindo amoroso, respondia agradecido:

– Não te preocupes, *mãezinha*, estou bem.

Dolorosa fisgada de ciúme atingiu Olavo em cheio. Observando o casal à sua frente, a harmonia que se afigurava existir entre eles, lamentou não ser ele, Olavo, que estivesse no lugar de Nikolai, para receber todo o amor e carinho da mulher amada.

Amargamente, recordou no que se transformara sua vida. Sem amor, solitário, dedicara todos esses anos ao trabalho e ao aumento de sua fortuna, que antes já era tão grande. Agora, via-se desejando estar no lugar daquele pobre infeliz preso a uma cadeira, sem poder locomover-se e dependendo dos cuidados de outras pessoas. Que lhe importava a fortuna, os bens e os domínios? A situação do criado, pobre e enfermo, parecia-lhe bem melhor do que a dele, nobre senhor.

Tudo isso Olavo meditava, vendo os esposos a conversar, quase que esquecidos da sua presença ilustre.

Os olhos, úmidos de emoção, fitavam aquela mulher encantadora, acompanhando seus movimentos pela sala, que se conjugava à cozinha. Lembrou-se de que fora ele mesmo que obrigara Alexandra a uma vida de renúncias.

Ela, porém, tinha uma alegria: o filho.

Quando Andrei Urich entrou na sala e curvou-se numa reverência diante dele, contemplando-o curiosamente, Olavo não pôde deixar de admirar o menino, agora um rapazinho forte e saudável. Lamentou não ser ele, oficialmente, o pai de Andrei Urich. O garoto, após cumprimentar de modo respeitoso o visitante, dirigiu-se ao genitor cheio de atenções e cuidados:

– *Paizinho*, já alimentei o gado, as ovelhas, as cabras e as galinhas.

Consertei a cerca do estábulo que estava quebrada e retirei a neve que se acumulava na porta, impedindo a entrada.

– Muito bem, meu filho. Fizeste um bom serviço e eu me orgulho de ti. Obrigado.

– Desejas mais alguma coisa, *paizinho*?

– Não, Andrei. Trabalhaste muito hoje. Descansa agora, filho.

Olavo dirigiu a palavra ao garoto:

– Vejo que trabalhas como um homem.

– Não faço mais do que minha obrigação, senhor. Não desejamos ser pesados ao *barine*, que tanto nos tem ajudado. Como meu pai não pode mais trabalhar, preso a esta cadeira que aqui vês, eu trabalho no lugar dele.

Havia tanta dignidade e orgulho naquelas palavras que Olavo, surpreendido, não soube o que dizer. Sentia necessidade de continuar o diálogo com o menino, saber como ele pensava, como era.

– Trabalhando assim, por certo não tens tempo para mais nada – comentou.

– Ao contrário. Eu estudo, *barine*. Como não posso ir à escola, minha mãe dá-me aulas à noite, depois do jantar.

Ainda mais admirado Olavo ficou ao saber que o menino aproveitava todo o seu tempo livre para adquirir conhecimentos, quando poderia estar, com justiça, repousando das canseiras do dia.

Gostaria de ter esse garoto a seu lado e de proporcionar-lhe uma vida mais fácil, que lhe permitisse desenvolver suas aptidões. Uma ideia repentina lhe veio à cabeça e propôs:

– Não queres ir comigo para São Petersburgo? Lá, terias mais condições de estudar. Dar-te-ia todo o necessário e não mais precisarias trabalhar.

Olavo falava ao rapazinho enquanto lançava um olhar enviesado, discretamente observando a mãe, para ver sua reação.

Alexandra, que mantivera os olhos cheios de adoração postos no filho, virou-se corando para o patrão, ao ouvir a proposta que ele fizera.

– O que achas, Alexandra? Tu és a mãe e deves querer o melhor para teu filho.

– Andrei Urich está crescido e sabe decidir por si mesmo, *barine* – respondeu com dignidade.

– E então? – insistiu com o garoto.

Parecendo meditar por alguns instantes, entre o desejo de aceitar tão tentadora sugestão e o peso da responsabilidade, Andrei considerou:

– Lamento, *barine*, mas tenho obrigações aqui. Quem faria o serviço no

meu lugar?

– Bem, que isso não te cause preocupação. Colocarei alguém para te substituir nas tarefas.

– Ainda assim, lamento. Não posso deixar minha mãe e meu pai sozinhos.

Não valeram argumentos e ponderações. O menino ficou irredutível.

Conquanto um pouco irritado por não ver aceita a oferta que fizera, que reputava muito generosa, e até um pouco despeitado pela atitude firme do garoto, no fundo Olavo sentiu crescer dentro de si um enorme respeito e admiração por aquele rapazinho, ainda uma criança, mas que dava mostras de uma personalidade forte e íntegra.

Olavo deixou a humilde moradia e retornou a São Petersburgo, desinteressando-se pelo assunto. Retomou suas atividades normais, todavia, vez por outra, lembrava-se de Andrei Urich com carinho.

Um criado entrou na biblioteca, curvando-se reverente.

– Perdoa a interrupção, senhor, mas a senhora Magda deseja ver-te.

– Diz-lhe que irei logo.

Olavo procurou recompor a fisionomia e levantou-se da cadeira para atender ao chamado da mãe.

Desde algum tempo no leito, vitimada por sério problema cardíaco, a vida da *barínia* estava se apagando aos poucos. Não se levantava mais, e qualquer esforço lhe era excessivamente penoso.

Entrando nos aposentos de sua mãe, procurou manter fisionomia serena e alegre. A criada que a assistia afastou-se um pouco ao vê-lo chegar.

– Como estás passando, mamãe? Te alimentaste bem hoje?

Antes que a senhora respondesse, a criada adiantou-se:

– Não, senhor. Nada aceitou, nem mesmo uma chávena de chá.

– Ah, mamãe! Assim irás te enfraquecer muito. É preciso que te alimentes!

Afundada no grande leito, entre as cobertas e os travesseiros, pálida e desfeita, a doente respondeu num sopro de voz:

– Não sinto vontade de comer.

– Mas é preciso! Senão vou chamar o médico.

Decidido, Olavo considerou:

– Já sei. Queres que *eu* faça o chá. Sempre gostaste que eu o fizesse.

Virando-se para a criada, ordenou que lhe trouxesse o *samovar*.

Ele mesmo aqueceu a água, colocou as folhas e, depois de pronto, abrindo a torneirinha, despejou o chá em uma xícara, acrescentando dois tabletes de açúcar, como era do gosto dela. Com imenso carinho, o ofereceu à mãezinha:

– Toma, mamãe. Espero que esteja do teu agrado, na temperatura certa e adoçado convenientemente.

Com leve sorriso a senhora agradeceu a gentileza do filho e, apenas para contentá-lo, tomou alguns goles.

Adorava este filho, único que tivera e que fora a alegria de toda a sua vida.

– Agora repousa, mamãe. Estás cansada.

– Precisamos conversar, meu filho.

Sentando-se numa cadeira ao lado do leito, ele tomou-lhe a mão esquelética e fria, com ternura:

– Estou à tua disposição, mamãe. O que desejas dizer-me? Não te canses, porém.

– Meu querido, sabes que não tenho mais muito tempo.

– O que é isso? Que bobagem estás a dizer...

– Não me interrompas, meu filho. Preciso fazer-te algumas recomendações e um pedido.

Percebendo a gravidade do momento, Olavo passou a ouvir em silêncio.

– Continua, mamãe. Farei tudo o que a senhora desejar.

A respiração fez-se mais difícil e a doente fechou os olhos, intimamente suplicando a Deus não permitir que se fosse sem ter aberto o coração.

Dispensando a criada – que se conservava um pouco afastada, aguardando um chamado – a senhora apertou a mão do filho e falou com dificuldade:

– Afastei Ivana, que não me deixa um momento sequer, para que pudéssemos conversar.

– Pobre garota! Onde estará agora?

– Descansa em seus aposentos. Passou a noite a velar por mim e estava exausta.

– Ivana tem verdadeira adoração por ti, minha mãe.

A senhora enxugou uma lágrima que descera mansamente:

– Eu sei. Preocupo-me com ela, e é exatamente sobre isso que preciso te falar.

A bondosa dama parou de falar por instantes e, olhando o filho que ouvia atento, prosseguiu:

– A situação de Ivana é incerta, e percebo que ela está angustiada e insegura. Enquanto estivermos vivos, ela terá todo o nosso apoio, mas... e depois? Sinto que partirei logo...

– Mamãe! A senhora está bem. Por que ficar colocando...

– Meu filho, não me interrompas. Deixa-me falar o que sinto, enquanto

posso – ordenou.

– Está bem, minha mãe. Prossegue.

– Ivana, para a sociedade, é uma enjeitada que protegemos por mero capricho. Respeitam-na em atenção à nossa presença. Quando não estivermos mais aqui, o que será dela? Nenhum de nós é eterno, meu filho, e ignoramos o que Deus nos reserva para o futuro. Por isso, reputo de especial importância definir a posição de Ivana dentro desta casa.

– Concordo, minha mãe. Mas, o que sugeres? Que destinemos um dote para ela? Farei isso amanhã mesmo.

– Mais do que isso, meu filho. Quero que te cases com Ivana.

Olavo pulou da cadeira, perplexo.

– Mamãe! Enlouqueceste?

Tentando acalmá-lo, a senhora ponderou:

– Não, meu filho. Nunca estive tão lúcida. À primeira vista, parece-te um absurdo a ideia, mas, se pensares melhor, verás que tenho razão.

– Ela foi criada como tua filha e minha irmã! – retrucou ele, passando as mãos nos cabelos como fazia quando estava nervoso.

– Mas não é!

– Poderia ser minha filha!

– Mas não é!

– Sou muito mais velho do que ela, minha mãe.

– Já vi casamentos em que a diferença de idade era maior e nos quais os esposos foram muito felizes.

– Mas...

– Acalma-te, Olavo, e medita. O que tem sido tua vida até agora? Vives solitário ao lado de uma velha mãe que não durará para sempre. Preocupo-me também contigo, meu filho. O que será de ti quando eu me for?

– Basta, minha mãe! Proíbo-te falar sobre isso!

– É preciso encarar a realidade, por mais dura que ela seja, meu Olavo. Estás acostumado com o carinho e as atenções que te são prodigalizados por mim, e quero que alguém continue a fazê-lo. Por outro lado, Ivana terá sua situação regularizada, sem contar que desfrutarás uma companhia feminina, porque ninguém pode viver sozinho, meu filho. Além disso, Ivana te ama muito e ficará feliz em esposar-te.

Olavo olhou para a mãe, duvidando do que ela dizia.

– Impossível!

– É verdade, meu filho! Tenho notado, muitas vezes, que Ivana tem por ti

um amor muito grande e demonstra isso com suas atitudes.

O rapaz lembrou-se de que, realmente, percebera em Ivana certo comportamento mais carinhoso, atenções especiais e cuidados que ele sempre enxergara como sentimento fraternal. Agora, porém, alertado pela mãe, começava a ver de outro ângulo. Naquele instante, recordou-se também das palavras que ela lhe dissera muitos anos antes, quando ainda menina, na biblioteca: “Gostaria que me olhasses, *paizinho*, como olhavas Alexandra. Nunca me fitaste daquele jeito”. Na ocasião, ele se sentira desconfortável porque não lhe parecera uma criança falando, mas uma mulher!

– Pode ser que tenhas razão, minha mãe.

– Eu *tenho* razão – acentuou a senhora, convicta.

– O que desejas de mim, minha mãe?

– Que me prometas solenemente casar-te com Ivana. É o último pedido que te faço, meu filho. É o desejo de uma moribunda. Atende.

Resignando-se, afinal, Olavo concordou:

– Está bem. Prometo.

Como se só aguardasse aquela decisão, a enferma começou a piorar. O esforço fora demasiado e a respiração tornou-se estertorosa. Não obstante, havia paz em sua fisionomia. Sorriu para Olavo com amor e balbuciou:

– Obrigada... meu... filho.

Algumas horas depois, a situação da *barínia* era crítica. O médico, chamado às pressas, examinou-a cuidadosamente. Ao sair do aposento, sensibilizado, meneou a cabeça, colocando a mão no ombro de Olavo:

– Somos amigos há tantos anos, Olavo, por isso lamento dizer-te que nada mais posso fazer por tua mãe. Aguardemos.

Retornando ao quarto da doente, comovido, Olavo viu Ivana, pálida e desfeita, ajoelhada ao pé do leito e agarrada à mão daquela que considerava sua verdadeira mãe. Estava debulhada em lágrimas silenciosas.

Janelas cerradas, ambiente de penumbra, somente uma pequena vela ardia na mesa de cabeceira.

Olavo fitou aquela menina que iria desposar, segundo a vontade da mãe, e notou, somente agora, que não era mais aquela criança que ele recolhera numa manhã fria. Crescera, encorporara e agora era uma linda adolescente de dezessete anos. Seus cabelos escuros e sedosos caíam-lhe pelos ombros; os olhos castanhos, sombreados por longas pestanas, eram típicos da raça cigana da qual descendia. Ali, despreocupada da aparência, desfeita em lágrimas, debruçada sobre o leito, com os reflexos avermelhados da vela a lhe

iluminarem brandamente o rosto, estava mais bela ainda.

Ao perceber que Olavo entrara no quarto, Ivana levantou a cabeça e contemplou-o, apreensiva, procurando na fisionomia dele resposta a suas aflições. Olavo aproximou-se, envolveu-a com o braço sem dizer nada. Ela compreendeu. Tudo estava perdido. Não havia mais esperanças. Soluços doloridos partiram-lhe do peito.

– Vai repousar, Ivana. Tens sido a enfermeira mais dedicada que alguém poderia ter, mas estás muito esgotada devido aos cuidados que tens dispensado à mamãe. Se ela precisar de algo, não deixarei de te chamar.

Ivana negou-se terminantemente a sair de perto da senhora.

– Está bem – concordou Olavo. – Então, acomoda-te naquela poltrona perto do leito e procura repousar um pouco. Ela está dormindo tranquila agora e de nada necessita.

Ivana aceitou a sugestão e ajeitou-se na poltrona, fechando os olhos. Olavo, por sua vez, sentou-se numa cadeira do outro lado do leito, velando. A criada, num canto do quarto, acocorada no chão, estava a postos para qualquer eventualidade.

[14](#). Grande trenó, muito utilizado na Rússia, puxado por três cavalos emparelhados.

14. A morte de Magda Barenkov

Era madrugada. Branda claridade escoava através das venezianas, anunciando um novo dia. A vela extinguiu-se quase que totalmente e a criada ressonava, estendida numa esteira a um canto do aposento.

Olavo abriu os olhos, sonolento, e viu que a enferma se agitava. Apreensivo, ergueu-se de um pulo, debruçando-se sobre ela.

A mãe abriu os olhos lentamente e, reconhecendo o filho, olhou-o com carinho. Ivana, por ter sono muito leve, percebeu movimento no quarto e despertou também, aproximando-se do leito.

A senhora desviou o olhar que mantinha preso ao filho e tentou sorrir para a jovem, tranquilizando-a. Em seguida, dirigiu-se ao filho, balbuciando em voz quase inaudível:

- Não te... esqueças... do que... me pro... meteste... meu... filho.
- Estou lembrado, mamãe. Não esquecerei.

Naquele momento, intuitivamente sentindo que a enferma agonizava, Olavo quis acalmar-lhe os receios, para que partisse em paz para o outro mundo.

Por sobre a cama, estendeu a mão para Ivana, que fitava ambos sem entender o diálogo. Segurando com a mão esquerda a mão de sua genitora e, com a direita, a da jovem protegida, dirigiu-se a esta solenemente:

– Ivana, na presença de minha mãe, que sempre foi o anjo bom de nossas vidas, desejo fazer-te um pedido.

- Sim?!...
- Aceitas ser minha esposa?

Perplexa, acreditando não ter entendido direito, Ivana virou-se para a senhora, que, com leve sorriso, confirmava o que ouvira.

- Não compreendo! – murmurou, incrédula.
- Aceita... Ivana... aceita – insistia a velha dama. – Sonho... ver... esta casa... cheia... de... crianças...

Olavo, cujo olhar não se apartara da jovem, confirmou:

– Sim, Ivana. É um pedido formal de casamento que te faço. Se aceitares, farás minha mãe muito feliz.

Com os olhos rasos de lágrimas, Ivana concordou finalmente:

– Sim, *paizinho*. Aceito ser tua esposa.

Como se só esperasse essa decisão para partir, a doente, cuja respiração se tornara estertorosa novamente, com dificuldade extrema, balbuciou com voz entrecortada pela dispneia:

– Obrigada, Nossa... Senhora... de Kazan, por... ter... atendido aos... meus... rogos. Filho meu... chegou... a hora...

Nesse momento, o rosto da moribunda distendeu-se numa expressão de felicidade intensa.

– Eles... estão aqui! Meus... queridos... pais... vieram... buscar-me. Tanta... gente. Que... bom!... Adeus, meus... filhos!

O olhar, antes agitado e que parecia divisar algo além da matéria, apagou-se. A mão que segurava a do filho tornou-se lassa, e Olavo percebeu que a mãe partira.

Em prantos, Ivana jogou-se sobre o corpo sem vida, desesperada. A criada acordou com os gritos e também começou a chorar, descabelando-se. Abriu a porta e disparou pelo corredor, acordando todos.

– A nossa *barínia* morreu! A nossa *barínia* morreu!

Em poucos minutos, a confusão se estabeleceu. Os criados lastimavam a morte da senhora, a quem haviam aprendido a amar.

Olavo, procurando manter o equilíbrio, sentou-se a um canto, contemplando silenciosamente aquela que representava o amparo de toda a sua vida.

Anton Vassiliev, que naquele momento acabara de chegar dos domínios rurais, penetrou no quarto, aproximando-se de Olavo, em estado de choque.

– Lamento, meu amigo, a dor que se abateu sobre esta casa.

Como se estivesse saindo do torpor somente naquele instante, Olavo suplicou:

– Cuida de tudo, Anton.

– Sim. Não te preocupes, Olavo. Tomarei as providências necessárias.

Algumas horas depois, em câmara ardente, o corpo estava exposto à visita pública. Olavo Barenkov, vestido formalmente, recebia as condolências ao lado de Ivana, que, apesar do cansaço e da dor, não quis apartar-se da *mãezinha*.

Os parentes chegaram, arrogantes e orgulhosos. Olavo não tinha grande

afinidade com eles e poucas vezes haviam-se encontrado em toda a sua vida.

Entraram vestidos de luto, como mandava a etiqueta, e cumprimentaram Olavo, ignorando a presença da jovem postada a seu lado. Irritado com tamanha desconsideração que cometiam contra Ivana, não respeitando sequer a presença dele, Olavo aproveitou a oportunidade e anunciou, de forma discreta, mas firme, ciente de que os atingia profundamente:

– Meus caros tios e primos. Pretendia dar-vos a notícia em ocasião mais oportuna. Contudo, a enfermidade de minha querida mãe não o permitiu. Faço-o agora, aproveitando o ensejo.

E, tomando a mão da jovem e aproximando-a mais do grupo, completou:

– Quero informar-vos de que Ivana e eu estamos noivos e, assim que terminar o período de luto, nos casaremos.

Despeitados e surpresos, os familiares, apesar do desgosto que a notícia lhes causava, não podiam fazer uma desfeita àquela que seria, legalmente, parte da parentela por vontade do dono da casa.

A contragosto, portanto, cumprimentaram Olavo e também Ivana pelo noivado e afastaram-se rapidamente.

A jovem fitou o noivo com expressão de enternecida gratidão, pela atitude que ele tomara, defendendo-a perante seus orgulhosos parentes.

– Agora a notícia se espalhará e todos ficarão sabendo – comentou ela disfarçadamente, observando o grupo que se afastara e que se punha a conversar num canto afastado do salão.

– É verdade, Ivana. Eles discutem entre si. São serpentes que se destruirão umas às outras. Sempre ambicionaram nossa fortuna e sentem inveja. Com nosso casamento, a probabilidade de herdarem algo ficou mais distante, e isso não aceitarão facilmente.

Como novos visitantes chegavam para apresentar suas condolências, exigindo atenções, os noivos esqueceram-se do incidente.

Embora ocupando posição de destaque na sociedade russa, pelos bens de fortuna, a recém-desencarnada era muito benquista por todos pelos dotes do coração e pela simpatia, motivo pelo qual recebia vibrações balsamizantes de todas as pessoas. Pobres ou ricos, todos a amavam.

O salão ficou repleto de uma multidão que vinha prestar-lhe as últimas homenagens. Eram nobres, religiosos, criados e *mujiques*. Todos a bendiziam e elevavam ao Criador pensamentos em seu benefício.

Após os funerais, Olavo e Ivana retornaram ao lar, exaustos. Dirigiram-se cada qual para seus aposentos e jogaram-se no leito, entregues a profunda

dor. A tristeza e a saudade já começavam a doer, porque sabiam que ela não mais estaria ao lado deles com suas atenções e carinhos.

Olavo, pensando na querida mãe e repassando na memória seus últimos momentos, lembrou-se de tudo o que ela dissera. Recordou o instante em que ela parecia estar vendo seres que já não pertenciam mais a este mundo. Falou nos pais – seus avós – como se tivessem vindo recebê-la no limiar de uma nova vida.

“Será” – pensou – “que a vida continua? Que os mortos podem voltar?”

Ele nunca acreditara nisso em toda a sua vida. Ouvira, era certo, muitas histórias, às quais nunca dera crédito. Contudo, uma insistente dúvida acabara de instalar-se em sua mente:

“Existiria realmente uma outra vida após a morte do corpo? Se assim fosse, sua querida mãe continuaria viva! Bem, se isso fosse verdade, seria muito bom.”

Exausto, Olavo acabou adormecendo. Em seus aposentos, Ivana, por sua vez, chorara muito. Ao mesmo tempo, uma sensação de segurança e paz a envolvia, em face do compromisso de noivado. Lembrando-se com muito afeto daquela que acabara de partir, mergulhou em sono profundo e reparador.

No seu quarto, Anton Vassiliev também sofria muito. Terno sentimento o unia a Magda, deixando um imenso vazio em sua vida. Jamais permitiu que alguém percebesse suas emoções, por reconhecer-se velho e indigno da *barínia*. Contudo, desde que a viu pela primeira vez, sentiu que laços muito fortes os uniam, como se ocorresse um reencontro depois de longa ausência.

Agora, estava só. A família reduzira-se à filha Alexandra e ao neto Andrei Urich. A esposa Macha e sua pequena Natália, a caçula, haviam desaparecido em circunstâncias dolorosas, conforme lhe contara Alexandra. Durante uma epidemia de peste que lavrara na Rússia, ceifando milhares de vidas, também elas não resistiram, sendo contaminadas e morrendo sob terríveis sofrimentos. Só Alexandra sobreviveu e, apesar de criança ainda, foi morar com uma conhecida de sua mãe, que se tomou de compaixão pela órfã.

Tudo isso ele recordava naquele triste dia em que outra grande perda ocorrera. As lágrimas desciam-lhe pelo rosto livremente. No interior do seu quarto, sem testemunhas, Anton não continha as emoções tanto tempo represadas, soluçando convulsivamente.

Lembrou-se de Olavo e do quanto estaria sofrendo. Num grande hausto de amor e de gratidão, envolveu mentalmente o amigo que em tão boa hora

conhecera. Era o filho que não tivera. Algo lhe afirmava que não fora o acaso que levava Olavo Barenkov até sua *isba* naquela noite tempestuosa. Intimamente, reconhecia que uma Vontade Superior orientava suas vidas.

Elevando o pensamento ao Criador, Anton dirigiu vibrações carinhosas à querida amiga, suplicando à Senhora de Kazan a amparasse na nova vida.

Branda sensação de paz o envolveu.

15. Ivana

Em seus aposentos, mergulhada na penumbra, Ivana meditava. Recebera um golpe profundo com a morte daquela que também considerava como sua verdadeira mãe. Lembrava-se, sim, da cigana que lhe dera a vida e ao lado de quem havia passado os primeiros anos de sua existência. Era uma recordação agradável, cheia de afeto e carinho. Entretanto, o tempo se incumbiu de esfumçar essas imagens, que se tornaram tênues e quase apagadas.

Às vezes tentava mentalizar o rosto de sua mãe, mas, apesar dos esforços, não o conseguia. Apenas algumas cenas tinham permanecido mais nítidas em sua memória. O carroção onde moravam, a sujeira, a roda noturna onde, à luz das fogueiras, as mulheres dançavam ao som da música cigana; os cabelos escuros e desgrelhados, a boca desdentada e a pele morena de sua mãe; as atenções e o carinho que ela lhe dava. Com saudade, não esquecera do colo quente e macio, onde se sentia segura e protegida. Mas a fisionomia materna permanecia indevassável, o que muito a incomodava.

Algumas coisas lhe davam repulsa, como a necessidade de esmolar no meio das ruas, o olhar de desprezo das pessoas e a humilhação a que ficava exposta. Essas lembranças, porém, tinham seu lado bom, pois foi assim que conheceu o elegante e distinto cavalheiro que sempre as ajudava, dando-lhes as moedas com que saciavam a fome.

A imagem de Olavo invadiu-lhe a mente com as cores da gratidão e do afeto. Desde a primeira vez que o viu, sentiu-se fortemente atraída por ele. Era uma criança, mas sabia que ele era muito importante para ela.

Depois... depois sua mãe ficou enferma e ele veio visitá-la no acampamento. Brincava ao lado da carroça quando o viu chegar. Seu coraçãozinho infantil temia pela vida da mãe, que parecia mais doente e mais triste a cada dia que passava. Apesar disso, quando o cavalheiro elegante foi embora, entrou curiosa e notou a mãe completamente diferente.

– O que aconteceu? – perguntou.

– Tudo vai mudar, minha filha. Nosso benfeitor deu-me muitos rublos, vê!

Não passarás mais necessidades. Também prometeu mandar um médico para examinar-me.

Feliz, ao ver a mãe mais animada, Ivana exclamou:

– Que bom, mamãe! Ficarás boa e voltaremos a passear juntas pela cidade.

A cigana fitou a filhinha com seriedade e considerou:

– Talvez algum dia isso seja possível, minha pequena. Entretanto, se por qualquer razão ficarmos separadas, lembra-te de que o cavalheiro é nosso amigo. Deverás recorrer a ele, ouviste? Só ele poderá ajudar-te.

Sem entender direito o que a mãe queria dizer-lhe, ela assentiu com um gesto de cabeça, porque gostava daquele homem bom e generoso, que sempre as tratara com gentileza.

Uma noite a mãe morreu, e os ciganos levaram a órfã, adormecida, para um lugar estranho. Lembrava-se de ter acordado, na manhã seguinte, no meio de muitas plantas. Estava no terraço de uma casa enorme e cheia de gente desconhecida. No início, ficou um pouco assustada. Depois, quando viu o cavalheiro elegante e bonzinho, se acalmou.

A partir desse momento, sua vida mudou por completo, e gostava muito dela assim. Nunca mais passou falta de nada. A comida era boa e farta, tinha roupas lindas e bem-feitas, joias, brinquedos. Acima de tudo, tinha verdadeira paixão por Olavo, seu protetor.

A jovem recordava-se de como, através do tempo, esse amor foi crescendo, a ponto de não aceitar dividir Olavo com mais ninguém, exceção com sua mãe. Qualquer outra pessoa que se aproximasse de Olavo representaria perigo, e ela ficaria preocupada. Mais do que isso, ficaria apavorada. Tinha medo de perdê-lo.

Um pouco envergonhada, Ivana lembrou-se de Alexandra, por quem nutria verdadeiro rancor, após perceber o sentimento de afeto que unia a criada ao dono da casa. Não sabia o que fazer para afastá-los, quando surgiu uma oportunidade. Um dia, sem conseguir dormir à noite, encaminhou-se ao quarto de Rose – para onde costumava correr ao sentir medo –, quando viu o criado Nikolai conversando com Alexandra na porta do quarto dela. Sabia que eles eram apenas bons amigos e que Nikolai desejava apenas ajudar Alexandra. No dia em que Olavo a chamou na biblioteca para fazer-lhe algumas perguntas, percebeu a aflição dele e não teve dúvidas em aumentar o que viu, dizendo que os encontrara trocando beijos de amor.

Apesar de muito pequena ainda, sabia o mal que estava causando a Alexandra, mas não se incomodou nem se preocupou com isso. “Bem-feito!

Quem a mandou aproximar-se de Olavo?”

Com o casamento de Alexandra e Nikolai sentiu-se mais segura. Agora ninguém o tiraria dela. Não que tivesse esperanças. Sabia que Olavo nunca a olharia como mulher, mas contentava-se em ficar ao lado dele. Ela não se casaria com ninguém e ele também não. Fariam companhia um para o outro o resto da vida, e isso lhe bastava.

Depois, com a doença da *mãezinha*, ela não teve condição de pensar em mais nada. Realmente amava aquela que fora sua mãe por tantos anos e que tanto lhe dera. Por isso, o pedido de casamento de Olavo a pegara completamente desprevenida. Não podia acreditar que fosse verdade. Mas era! A emoção tomou conta do seu coração ao saber que seria esposa de Olavo. Não mais uma intrusa dentro de casa, mas a verdadeira esposa, que poderia mandar e desmandar à vontade, fazer o que quisesse. Cheia de júbilo, aceitou o pedido de casamento.

Ivana remexeu-se no leito um pouco incomodada. Bem verdade era que ele não lhe falara de amor. Lembrava-se perfeitamente de suas palavras: “Se aceitares, farás minha mãe muito feliz”.

Que importava isso? É certo que o noivo não a amava, mas e daí? Viveriam juntos como marido e mulher, e ele aprenderia a amá-la.

Novamente a imagem de Alexandra assomou-lhe à mente. Sempre que iam à Mansão dos Lilases, percebia o interesse dela ainda por ele. Educadamente, pedia notícias de Olavo, pretextando indiferença, mas Ivana não se deixava enganar. Sabia que ela se casara com Nikolai Nikolaievicht sem amor e por imposição; como acreditar que tivesse esquecido Olavo, rico, belo e sedutor?

Para sua tranquilidade, porém, Olavo raramente as acompanhava à Mansão dos Lilases. Da última vez em que ele concordou em ir, Ivana não deixou de observá-los, percebendo as trocas de olhares quando se cruzavam. Conteve-se com dificuldade, mas resolveu tomar mais cuidado dali para a frente.

Tinha medo de perder tudo o que já conquistara. Um pensamento de gratidão a envolveu ao lembrar-se da *mãezinha*. Tinha consciência de que a ela devia o pedido de casamento. Será que a querida morta notara que ela, Ivana, amava Olavo com loucura? Que aquele sentimento infantil e ingênuo transformara-se numa paixão devastadora? Ignorava, e agora nunca ficaria sabendo.

O certo é que novos rumos tomara sua vida dali em diante. A felicidade tão almejada era deposta a seus pés. Precisava aproveitar a oportunidade que o destino lhe reservara.

A noite passara sem que se desse conta. Já era dia e não conseguira dormir. Assim pensando, resolveu levantar-se. Precisava tomar providências e dar ordens. Afinal, agora era a nova dona daquela casa.

Arrumou-se cuidadosamente e desceu. Sentando-se para fazer o desjejum, perguntou à criada que a servia sobre o noivo.

– Pobre *barine*! Foi para o escritório trabalhar, com certeza para esquecer a morte da nossa querida senhora.

Com enfado, Ivana respondeu:

– Não pedi tua opinião. Por que não me avisaram que Olavo já estava desperto?

Surpresa, a jovem criada desculpou-se:

– Não achamos necessário, Ivana. Estavas cansada e o repouso era necessário.

– De hoje em diante exijo respeito. Quero ser chamada de senhora, ouviste? Dentro de muito pouco tempo, serei a dona desta casa e todos me devem obediência. Agora, avia-te. O chá está frio e as rosquinhas não estão bem assadas. Quero tudo a meu gosto.

Perplexa e desapontada, a criada saiu da sala. O que acontecera com Ivana? Pelo jeito, o noivado subira-lhe à cabeça.

Suspirando, foi até a cozinha e retornou com um novo chá e outras rosquinhas, em silêncio.

– Manda o cocheiro preparar a carruagem da *barínia*. Vou à modista.

– Sim, senhora.

– E a propósito, Macha, quero flores enfeitando os aposentos de Olavo e os meus também.

– Sim, senhora. Mais alguma coisa?

– Não. Podes ir.

Aquela manhã Ivana passou fazendo compras e escolhendo peças para o enxoval. Também encomendou muitos vestidos, inclusive o do casamento, à modista, que, curiosa, ponderou:

– Não é um pouco cedo para tratar desses detalhes, senhorita Ivana? Afinal, a nossa estimada senhora faleceu há poucos dias e a família está de luto.

– É verdade. Todos estamos muitíssimo pesarosos com a morte da *mãezinha*, e é com dificuldade que reiniciamos a vida normal. Contudo, o meu querido Olavo, como deves saber – referindo-se aos comentários que por certo já teriam tomado conta de toda a cidade –, pediu minha mão e deseja

casar-se logo.

– Oh! Congratulações! Para quando é o evento?

– Não estou certa. “Meu noivo” – frisou bem essas palavras com verdadeiro orgulho – não deseja esperar mais e, provavelmente, assim que transcorrer o período de luto fechado, nos casaremos.

Com sorriso largo em vista das encomendas que seriam efetuadas, a modista se abriu em gentilezas:

– Estamos prontos para servi-la em tudo o que for preciso. Escolha à vontade e colocarei as costureiras para trabalhar. Prometo entregar as peças o mais rápido possível.

Satisfeita, após escolher tudo o que desejava dentre os tecidos mais finos e luxuosos, Ivana despediu-se. Voltaria para as provas, assim que fosse avisada.

Tomou a carruagem de retorno à mansão com ligeiro sorriso nos lábios. Gastara horas na modista, e o noivo, provavelmente, já teria retornado.

Perguntando por Olavo, informaram que estava na biblioteca. Dirigiu-se para lá. Bateu delicadamente na porta e, como não ouvisse resposta, entrou.

Olavo estava sentado diante da escrivaninha com a cabeça entre as mãos, numa atitude de tristeza e abatimento tão grandes que Ivana se condoeu dele. Aproximou-se, envolvendo-o num abraço carinhoso. Erguendo a fronte, o rapaz balbuciou:

– Ah! És tu!?!...

Um pouco sem jeito, Ivana perguntou baixinho:

– Quem esperavas que fosse?

Surpreso, Olavo respondeu mais para si mesmo:

– Por um momento, pensei que fosse minha mãe, esquecido de que ela não mais se encontra entre nós.

Compreensiva, Ivana consolou-o:

– Isso é normal, presumo. Afinal, há tão poucos dias ela se foi! E depois a presença da querida morta é muito forte ainda nesta casa, onde habitou por tantos anos.

Olavo virou-se para a jovem, considerando:

– Esqueço-me de que também deve estar sendo muito difícil para ti, Ivana, que tanto a amavas. Mas, aonde foste hoje pela manhã? Cheguei em casa e os criados disseram que não estavas.

Compreendendo que não deveria contar toda a verdade, ela respondeu:

– Lembrei-me de que a *mãezinha* havia encomendado alguns trajes e achei

que ela, sempre tão correta, gostaria que eu avisasse a modista que, infelizmente, não precisará mais deles.

– Agiste bem e eu te agradeço a lembrança.

– A propósito, todos já sabem da novidade. Não se fala de outra coisa em São Petersburgo!

Sem entender a alusão, Olavo inquiriu:

– Que novidade? A morte da minha mãe?

– Não, querido. A notícia do nosso noivado!

Como se só naquela hora houvesse se lembrado desse fato, Olavo exclamou com enfado:

– Ah!...

Sem deixar perceber que notara o ofensivo desinteresse do noivo, Ivana continuou:

– Todos querem saber quando será o nosso casamento.

– Sei...

– Disse à modista que também ignoro. Já pensaste no assunto?

– Que assunto? – perguntou ele, demonstrando novamente seu alheamento.

– Não estás ouvindo uma palavra do que estou a dizer! – reclamou, amuada.

– Perdoa-me, Ivana. Prometo prestar atenção. De que assunto falavas?

– Da data do nosso casamento! Esqueceste?

– Não, claro que não.

– E então? – insistiu ela.

– Não sei. Não tive tempo de pensar sobre isso.

– Que achas de nos casarmos logo após o término do luto oficial?

.– Está bem para mim, se é o que desejas. Desde que seja algo íntimo e discreto, com a presença apenas dos parentes e amigos mais chegados.

Desapontada, Ivana mordeu os lábios. Ela sonhava com uma grande festa, em que se abririam os magníficos salões da mansão e para a qual seriam convidadas todas as pessoas mais importantes da corte. Talvez até mesmo o czar!

Um tanto contrariada, mas não desejando perder o que já conseguira, Ivana acedeu:

– Sim, naturalmente. Então, está combinado: nosso casamento se realizará assim que o luto terminar. Dessa forma, terei tempo suficiente para cuidar do enxoval.

– Faze como achares melhor. Tens liberdade para comprar o que for

preciso.

Animada com a condescendência dele, Ivana aproximou-se mais do noivo e o envolveu num abraço, agradecendo sua generosidade.

Intimamente, ela se ressentia da frieza do futuro esposo, mas sabia que teria de ter muita paciência.

Nos dias seguintes, Ivana passou a cuidar dos preparativos para o enlace e, aos poucos, a vida foi retornando à normalidade.

Os criados não gostavam do comportamento da futura *barínia*, que mudara por completo, mas evitaram levar suas queixas até o patrão, esperando que ele percebesse por si próprio o quanto a cigana havia mudado.

Meses depois, realizava-se o casamento. Sem nenhuma pompa e notoriedade. Presentes apenas os mais íntimos, parentes e amigos.

Após a cerimônia religiosa, o jovem casal recebeu os convidados para uma ceia, que, embora preparada sem grande aparato, era assim mesmo bastante requintada.

A noiva passeava, risonha e feliz, por entre os convidados. Percebeu o azedume dos membros da família, que eram absolutamente contra essa união, mas agiu como se nada tivesse notado. Sorridente e bem-disposta, tratou a todos com gentileza e cortesia, como convinha a uma dama e anfitriã.

Às vezes, observava Olavo à distância, não lhe passando despercebido que, embora sorrisse, tinha muita tristeza no olhar, e que todos, com certeza, estariam pensando dever-se ao falecimento da mãe, ainda tão recente.

Ivana, porém, sabia que aquela tristeza não era devida à morte da mãe, mas à perda das esperanças em relação a seu amor por Alexandra. Por isso, controlava com dificuldade sua ira, apesar do sorriso de felicidade nos lábios.

Naquele momento, Ivana prometeu a si mesma que ele lhe pagaria a afronta dessa hora e a amargura que estava sentindo, justamente no dia que deveria ser o mais feliz de sua vida.

16. Mudança de hábitos

Alguns meses se passaram. A vida de Olavo e de Ivana mudou completamente. Numa constante roda-viva, participavam sempre de festas e banquetes na corte, mais por insistência dela. Em contrapartida, também recebiam a nobreza alegre e elegante em sua mansão, em saraus que se tornaram muito concorridos.

Não tinham tempo para mais nada. Olavo descuidava-se dos negócios, entregando-os a seus prepostos, a instâncias da esposa, que requisitava sua presença.

Ivana em nada lembrava a cigana humilde e simples que fora recolhida naquela casa. Transformou-se numa mulher exigente, ambiciosa, consciente da sua beleza e do poder que exercia sobre os homens. Orgulhosa e egoísta, só pensava em si mesma, calcando aos pés todos os que lhe estivessem abaixo, assim como bajulando os que lhe estivessem acima.

No início do casamento, Olavo tentou corrigi-la, fazendo-a ver que a excelente posição social que desfrutavam não davam a eles o direito de humilhar os subalternos, ao que Ivana retrucava, dizendo que ele era excessivamente condescendente com os criados e *mujiques*, merecedores de tratamento mais rigoroso.

Outro ponto de constante discórdia entre o novo casal: Olavo, na verdade, não apreciava essas reuniões, às quais só comparecia quando absolutamente necessário, ao passo que Ivana ansiava por participar de todos os eventos da alegre nobreza de São Petersburgo. Assim, eram frequentes os atritos e as tempestades conjugais na mansão, onde sempre existira paz e harmonia.

Para não piorar a situação, Olavo concordava em acompanhar a esposa a algumas festas, mas se entretinha conversando sobre futilidades com outros convidados e amigos, enquanto Ivana dançava à vontade.

Com o tempo, ele se cansou dessa peregrinação pelos salões da moda, permanecendo em casa entregue às suas leituras, enquanto Ivana saía com um bando de amigos, tão amante dos prazeres quanto ela própria.

Em noites solitárias, Olavo punha-se a meditar sobre as mudanças que se haviam operado em sua vida. Lembrava-se com carinho e saudade da doce mãezinha, da paz que desfrutavam no recesso do lar e até da pequena cigana que tanta alegria trouxera àquela casa. Não compreendia como e por que Ivana mudara tanto. À medida que desabrochava como mulher em graça e beleza, tornava-se diferente a ponto de ele não a reconhecer mais.

Com o coração oprimido, Olavo lamentava-se:

– Ah, minha mãe, se soubesses o que me estaria reservado pelo destino, com certeza não me obrigarias a esse casamento!

Recordava-se com saudade dos primeiros dias de casados, quando tiveram a oportunidade de se conhecer mais profundamente. Os elos afetivos que se estabeleceram entre eles, como consequência de um contato conjugal mais íntimo. Chegara até a pensar que estava apaixonado pela esposa, encantado com sua alegria e espontaneidade. Até os passeios e as festas eram agradáveis, no início, porque uma exceção em sua rotina. Depois, Ivana mergulhou de tal maneira na vida social que não pensava em mais nada, apenas em divertir-se. Quando não estava em festas, vivia preparando-se para elas ou fazendo compras, ocasiões em que gastava somas exorbitantes num único traje. Quando Olavo ponderava, tentando mostrar-lhe a impropriedade do seu comportamento, ela reclamava que o marido se tornara avarento. Assim, ele se calava.

E as crises de ciúme? Esta era de fato uma faceta da personalidade da esposa que Olavo desconhecia por completo. Não se podia pronunciar o nome de Alexandra que Ivana se deixava levar por ira irracional, perdendo totalmente o controle. Não permitia sequer que o marido visitasse a Mansão dos Lilases. No início, ele se sentiu lisonjeado com os ciúmes da companheira, mas, com o tempo, se cansou.

E Olavo, quanto mais se afastava sentimentalmente da esposa, mais se via atraído pela doce namorada de outrora. Se antes evitava pensar em Alexandra, fiel ao propósito de esquecê-la, uma vez que era um homem casado, agora não conseguia tirá-la do pensamento. Inconscientemente, comparava as duas mulheres, e a imagem loura e diáfana da ex-namorada saía sempre vitoriosa. Quando Ivana cometia um ato que o desagradava, lembrava-se de Alexandra, procurando imaginar o que esta faria no lugar da esposa e reconhecia que Alexandra sempre agiria de outra maneira, com ponderação, dignidade e equilíbrio. E esses paralelos só faziam aumentar cada vez mais sua admiração pela esposa de Nikolai.

Também não conseguia compreender a animosidade que Ivana nutria por Anton Vassiliev que, através dos anos, se mostrara sempre amigo devotado e fiel. Provavelmente, pela sua condição de pai de Alexandra. Olavo, porém, sentia que algo mais sério se punha por detrás dessa inimizade.

Um outro ponto de discórdia do jovem casal é que Barenkov desejava muito ter um filho, porém Ivana se negava terminantemente a ser mãe. Talvez uma criança, vinda na época apropriada, tivesse salvado aquele casamento, que caminhava para o insucesso. Isso, todavia, não aconteceu e Olavo se tornava a cada dia mais amargo, mais triste e mais descontente da vida.

Com um livro entre as mãos, Olavo meditava. Tudo era silêncio na mansão. Todos se haviam recolhido; só ele permanecia acordado, lendo na biblioteca até altas horas da noite. De olhos fechados, começou a cochilar; o volume escorregou de suas mãos, caindo no tapete sem fazer ruído.

Nesse estado, entre a vigília e o sono, sentiu que branda aragem tocava-lhe de leve os cabelos, como um afago, enquanto suave perfume de alfazema atingia-lhe o olfato. Abriu os olhos e viu a figura de sua mãe, de pé, ao lado da poltrona, contemplando-o com ternura, como nos mais belos dias de sua vida.

– Mamãe! – exclamou num sussurro.

A genitora parecia-lhe muito mais bonita, mais leve e como que etérea. Olavo notou que ela usava o traje preferido e trazia o broche de brilhantes e rubis com que ele a presenteara no último aniversário e do qual ela nunca se apartava.

– Mamãe! – repetiu. – Estarei sonhando? És tu mesma?

– “Sim, meu filho, sou eu. Estou viva, como podes ver, uma vez que a morte não existe.”

Olavo não conteve a emoção e passou a chorar qual uma criança, copiando as atitudes que tomava, quando a mãe estava encarnada e o ouvia com paciência e ternura.

– Minha mãe, sofro tanto! – desabafou.

Colocando a mão sobre sua cabeça e acariciando-lhe os cabelos revoltos, ela afirmou:

– “Ah, meu filho! Não desconheço as desventuras por que passas e também não ignoro que lamentas teu casamento, culpando-me. A verdade, meu querido, é que tens responsabilidades para com nossa Ivana; apenas quis lembrar-te, intuitivamente, o compromisso assumido com ela na Vida Maior. Tua esposa precisa de muito carinho e compreensão, querido Olavo, pois sua

natureza fútil e vaidosa tem preponderado sempre. Foste tu mesmo que, em outras eras, a empurraste de forma inconsequente para a degradação moral. Agora necessitas reconduzi-la ao caminho do dever e do respeito próprio.”

Surpreso com a informação, o rapaz perguntou:

– Então é realmente verdade que não vivemos uma única vez?

– “Sem dúvida!” – esclareceu a amorosa entidade. – “Voltamos à Terra tantas vezes quantas forem necessárias, para atingirmos a perfeição. Não percebes a diferença que existe entre as pessoas? Tu mesmo, meu filho, és Espírito consciente das próprias responsabilidades e já caminhas no sentido do Bem. Ivana, por outro lado, ainda precisa muito aprender para vencer suas tendências negativas.”

Nessa hora, Olavo pensou em Alexandra, e a mãezinha, anotando a indagação que ele não se atrevia a verbalizar, esclareceu com um sorriso:

– “A nossa querida Alexandra também tinha compromissos com outra criatura, meu filho, e por essa razão estais separados presentemente. Mas, tu e ela sois Espíritos ligados por elos de amor profundo e que, através do tempo, têm-se encontrado muitas vezes e se reconhecido.”

Olavo murmurou algumas palavras, intimamente satisfeito. A generosa criatura, demonstrando urgência em despedir-se, concluiu:

– “Meu filho, tem confiança em Deus. Sejam quais forem as adversidades que tenhas de enfrentar, lembra-te de que nada acontece por acaso e que estamos todos sujeitos a leis sábias, justas e perfeitas, porque emanam do Criador. Resigna-te ao que não podes evitar e mantém a serenidade em qualquer circunstância. Estarei a teu lado, ajudando-te e fortalecendo-te. Acima de tudo, vela o Senhor do Universo. Que Nossa Senhora de Kazan te abençoe. Adeus.”

Sob profunda emoção, Olavo viu a imagem da mãe ir desaparecendo até esvair-se por completo. O coração serenara e um bem-estar, como há muito não sentia, o dominou.

Ficou ainda alguns minutos imóvel, desejando perpetuar os momentos mágicos que experimentara.

Então era verdade! – pensava ele. – A morte não existe e os seres que amamos continuam a velar por nós, como “anjos da guarda”?!

Percebia que o conhecimento dessas realidades era tão importante que mudaria completamente sua vida e seu modo de proceder. Compreendia agora a razão das diferenças entre as pessoas, diferenças essas que reconhecia serem culturais, sociais ou morais.

Seu horizonte mental se alargou e ele passou a entender muita coisa que jamais aceitara antes, inclusive a ideia da Justiça Divina, que, segundo sua visão, sempre carecia de fundamento e se lhe afigurava tão parcial.

Assim, refletindo sobre essas magnas questões que agora lhe povoavam a mente, ouviu o rodar de uma carruagem que parou defronte da porta principal da mansão. Um murmúrio difuso chegou-lhe aos ouvidos, acompanhado de risadas contidas. Nesse instante, lembrou-se da esposa.

Alguns minutos depois, Ivana abriu a porta e entrou. Percebendo luz na biblioteca, para lá se dirigiu.

O rosto corado, os cabelos algo desfeitos, chegou sorridente e falante, despencando numa poltrona.

– Não sabes o que perdeste, meu querido. O banquete estava ótimo e diverti-me muito.

– E bebeste um tanto mais do que seria conveniente – considerou o esposo, com gravidade.

– Ora, não sejas moralista, Olavo! O vinho era excelente e o príncipe Yroslav me fez companhia.

– Ah!... Foi ele, então, quem te trouxe para casa?

– Sim. Quem mais? O príncipe é um perfeito cavalheiro.

Olavo fitou o relógio, colocado acima da lareira, e retrucou descontente:

– Ivana, minha querida, é muito tarde. São quatro e trinta da manhã! Não achas que estás exagerando um pouco? Afinal, o que dirão as pessoas ao saberem que deixaste a festa acompanhada apenas do príncipe Yroslav, que não goza de boa reputação na corte e cujas conquistas amorosas são conhecidas de todos? És uma mulher casada e temos um nome a zelar!

– Deixa-te de sermões, Olavo Barenkov. Se precisei que alguém me trouxesse ao lar é porque te recusaste a acompanhar-me. Além disso – bocejou –, estou extremamente cansada e com muito sono. Vou dormir.

Com essas palavras, levantou-se com dificuldade e deixou o aposento, acompanhada do olhar melancólico do marido.

Olavo estava prestes a criar um atrito maior, chamando-a asperamente à responsabilidade, quando se lembrou das palavras que ouvira ainda há pouco da falecida mãe e que vieram tão a propósito. Calou-se, reconhecendo que, no estado de embriaguez em que Ivana se encontrava, não adiantaria dizer nada. Melhor deixá-la repousar e, quando estivesse sóbria, teria um diálogo franco com ela.

Assim, Olavo também se recolheu quando o dia começava a clarear e os

pássaros, despertando, enchiam com seus trinados as alamedas do jardim.

Contrariamente a seus hábitos, acordou com o sol alto. Arrumou-se e desceu, perguntando ao criado pela esposa.

– A *barínia* ainda não se levantou, senhor.

Olavo tomou o chá com ar distraído. Ultimamente, vinha fazendo a primeira refeição sozinho. Outrora, quando a mãe era viva, sempre lhe fazia companhia. Aproveitavam para resolver assuntos pendentes, trocavam ideias sobre o que deveria ser feito nessa ou naquela circunstância, quando não lhe pedia conselhos, que ela dava com ponderação e bom senso. Agora, Olavo estava solitário para tomar decisões e se reconhecia necessitado de alguém que o ajudasse.

Lembrou-se do acontecimento da noite anterior. Teria mesmo sido visitado pela mãezinha morta? Que encontro singular! Não poderia ter dúvidas quanto a isso, porque ainda estava acordado. Algo sonolento, é verdade, mas desperto. Além disso, fora tão real a presença da mãe que ele lhe sentira o toque das mãos sobre a cabeça e o perfume de alfazema que sempre usava. Falara-lhe também a morta querida sobre assuntos que absolutamente ele não cogitava no momento.

Mordiscando uma torrada, Olavo pensou: se era verdade que a mãe estava viva; se, como afirmou, a morte não existe, então continuaria velando por ele, como sempre o fez.

A esse pensamento sentiu-se estranhamente confortado, como se ela estivesse a seu lado, abraçando-o.

Foi para o escritório, permanecendo algumas horas entregue a problemas que estavam a exigir providências urgentes. O bem-estar persistiu durante todo o dia e, para seu espanto, assuntos pendentes e que pareciam de difícil solução foram executados rapidamente. À medida que as ideias lhe fluíam na mente, eram logo processadas, o que o levava a dizer: “como não pensei nisso antes?”.

Almoçou no próprio escritório, entusiasmado com o andamento do serviço e para não interromper o dia tão produtivo.

Ao retornar à mansão no final da tarde, lembrou-se da esposa e perguntou por ela, embora temesse estragar a agradável sensação de bem-estar que experimentara durante todo o dia. O criado informou que a *barínia* ainda não deixara seus aposentos. Acordara pelo meio da tarde e havia tomado a refeição no quarto, não chamando mais a criada.

Intimamente satisfeito, pois não estava propenso a suportar suas cenas – o

que seria inevitável se iniciassem uma conversa –, Olavo jantou tranquilo, leu o jornal sem maiores problemas e recolheu-se logo após.

No dia seguinte, Ivana acordou cedo. Olavo bebericava o chá quando a esposa desceu. Para sua surpresa, ela achegou-se a ele, enlaçando-lhe o pescoço, carinhosa e arrependida.

– Perdoa, querido, tua mulherzinha. Reconheço que agi muito mal e que mereço tua repreensão. Não acontecerá mais, prometo.

Contente com o epílogo do desagradável incidente, Olavo beijou-a, selando a reconciliação e fazendo com que a paz voltasse a reinar no céu conjugal.

Por alguns dias, Ivana não saiu de casa, evitando criar desentendimentos com o marido. Ficavam juntos, como nos primeiros tempos do casamento, e sentiam-se felizes.

Uma semana depois, portador vindo da Mansão dos Lilases trazia uma triste notícia. Anton Vassiliev informava a Olavo Barenkov que seu criado Nikolai Nikolaievitch falecera naquela manhã.

Imediatamente, Olavo mandou preparar a carruagem. Iria até a propriedade rural.

Tomando conhecimento da decisão do marido, que não poderia ser diferente, Ivana ficou possessa. Procurou o esposo, que tomava providências para sair, e ordenou, furiosa:

– Não irás!

Procurando manter o equilíbrio, Olavo falou com brandura:

– É necessário, querida. Não posso deixar de ir. Nikolai Nikolaievitch era meu criado e preciso tomar decisões. Além disso, creio ser importante que me acompanhes. Afinal, és minha esposa.

Olhos congestos, cheia de ira, Ivana parecia totalmente fora de si.

– Não irei e não irás também. Sei porque queres ir até a mansão. É para vê-la! Ver aquela miserável que nunca te deixou em paz.

Tentando manter a calma, Olavo retrucou:

– Não digas bobagem. Sei que sentes ciúmes, mas nunca te dei razão para isso. É uma questão de humanidade ajudar alguém nessa circunstância, querida, e não poderei me omitir. Se te sentes tão insegura, acompanha-me.

Conciliador, aproximou-se, tentando abraça-la, enquanto afirmava com voz carinhosa:

– Tua companhia me dará muito prazer, podes crer.

Mas Ivana recuou, rancorosa, fugindo a seu contato:

– Vais pagar-me por isso também.

Após remoer essas palavras, ela fez meia-volta e subiu correndo as escadarias, trancando-se no quarto.

Não valeram apelos e palavras doces do marido, que, indo em seu encalço, batia à porta, suplicando-lhe que abrisse para conversarem. Após algum tempo, Olavo desistiu. Sabendo que ela estava ouvindo, informou com ternura, mas também com firmeza:

– Minha querida, parto agora. Retornarei o mais rápido que puder. Na volta, conversaremos.

Como não obtivesse resposta, afastou-se preocupado.

A carruagem o aguardava. Uma outra levaria os criados que desejassem prestar as últimas homenagens ao morto, de quem foram amigos.

Anoiteceu. Ouvindo o ruído das rodas em atrito com o solo, Olavo deixou-se embalar pelos próprios pensamentos. Lamentava profundamente a cena, a que todos assistiram e que o deixara muito constrangido.

“O que Ivana quis dizer com aquelas palavras *vais pagar-me por isso também*”? Mais do que as palavras, impressionara-o a expressão de ódio com que elas foram pronunciadas. O que ele teria feito que a desagradara tanto? Rebuscando na memória, nada encontrou de que precisasse se penitenciar. A consciência não o acusava de nada que pudesse ter magoado a esposa.

Súbito, lembrou-se de Alexandra e envergonhou-se. Sim, tinha pecado por pensamento, é verdade, porque a lembrança da antiga namorada não lhe saía da cabeça. Era, contudo, a única coisa de que poderia ser acusado.

A imagem loura de Alexandra tomou contornos em sua mente. Como estaria ela? Como estaria reagindo à morte do marido?

Cheio de ansiedade, ouvia o rodar da carruagem. Estava impaciente para chegar à Mansão dos Lilases.

17. Encontro com a realidade

Nunca aquele trajeto lhe pareceu tão longo. Afinal, numa curva da estrada, colocando a cabeça pelo postigo da janela, divisou ao longe as luzes da propriedade. Reclinando-se novamente no banco, sentiu o coração acelerado. Há muito tempo não via Alexandra. Como estaria ela? Ansiava por vê-la.

Quando procurava colocar em ordem as próprias emoções, Olavo percebeu que a carruagem adentrara o portão da propriedade. Contornando os jardins da Mansão, estacionou defronte da casa do falecido.

Barenkov respirou profundamente, ajeitou a capa nos ombros e desceu.

Uma multidão se aglomerava na pequena moradia de Nikolai. Os criados da mansão ali estavam, bem como os das propriedades vizinhas, seus amigos. Vendo Barenkov chegar, respeitosa e abertamente abriram caminho para que pudesse passar. No centro da sala, em uma mesa, foi colocado o defunto. Acercando-se mais, Olavo notou que Nikolai conservava as feições tranquilas de quem está em paz consigo mesmo. Lembrando-se de sua mãe, emitiu um pensamento para aquele cujo corpo ali estava estendido, ciente agora de que a morte era uma ilusão.

– Que a Senhora de Kazan te proteja e abençoe, Nikolai Nikolaievitch!

Em seguida, despreocupando-se com o morto, olhou em torno procurando alguém. Deparou com Anton Vassiliev que, tendo-o visto chegar, se aproximara e agora estava a seu lado.

– Como está ela? – perguntou.

– Tendo em vista as circunstâncias, bem. Estou mais apreensivo é com meu neto, Andrei.

Somente naquele instante, Olavo lembrou-se do rapaz. Pensando na mãe, esquecera-se por completo dele. Tentando corrigir a falha, indagou, então, delicadamente:

– Como está Andrei Urich?

– Vê por ti mesmo.

Anton conduziu Olavo até o quarto do rapaz e o encontraram sentado no

leito, as mãos sobre o rosto. Não os viu chegar.

Aproximando-se do neto, Anton colocou-lhe a mão no ombro:

– Andrei Urich, meu neto, o *barine* veio trazer-te suas condolências.

A princípio, pareceu não ter ouvido. Depois, lentamente, ergueu a cabeça. Havia tanta desolação, tanto sofrimento naquele olhar, que Olavo se comoveu. Não sabia o que dizer naquela hora. As palavras convencionais pareceram-lhe desprovidas de qualquer sentido.

– Andrei Urich, teu pai era um bom homem, e Deus, por certo, o protegerá.

Naquele instante, parecendo ter rompido a barreira que o separava das outras pessoas, o rapaz murmurou com a voz embargada:

– Eu não o ajudei como devia. Poderia ter feito muito mais. Não fui um bom filho.

Abraçando-o com carinho, Anton retrucou:

– Não debes pensar assim. Foste o melhor filho que alguém poderia ter, e ele se orgulhava muito de ti.

Sentindo-se invadir pela emoção do momento, Olavo pensou: “És o filho que eu gostaria...” Não completou nem teve coragem de externar seu pensamento.

Afastou-se para não ser traído pela emoção.

Saiu para o jardim, tão bem cultivado por Alexandra. Onde estaria ela? Não a viu em parte alguma.

Nisso, espreitando o olhar pelas redondezas, divisou um vulto parado pouco adiante. Reconheceu o perfil de madona e o porte elegante que se destacava contra o intenso azul-cobalto do céu. Caminhou até onde ela estava, no escuro, tendo apenas a luz das estrelas por companhia.

Acercou-se dela, não se atrevendo a dizer nada. Ficou calado. Ainda uma vez admirou a dignidade e nobreza daquela mulher, tão diferente de Ivana. Naquele momento difícil, em que qualquer outra entraria em desespero, ela se mantinha equilibrada. A expressão era de intenso sofrimento, mas não havia lágrimas em seus olhos.

Sem se virar, Alexandra percebeu a presença dele e murmurou, como se falasse consigo mesma:

– Ele sabia que ia morrer.

– Por certo te equivocas. Como poderia saber?

– Não sei. Mas Nikolai sabia que ia morrer. Alguns dias antes, arrumou seus papéis, mostrou-me onde guardava algumas economias, que eu nunca soube que as tivesse, orientou-me sobre como usá-las, em caso de

necessidade, para a educação de nosso filho. Senti que estava despedindo-se de mim.

Somente agora, virando-se para Olavo, Alexandra considerou:

– Ele me deu tudo. Eu não lhe dei nada.

Uma onda avassaladora de amor o dominou e Olavo não pôde impedir que a voz saísse repassada de ternura:

– Não é verdade, Alexandra. Tu lhe deste tudo.

– Eu não o amava, e ele sabia disso. Não soube retribuir o amor que Nikolai tinha por mim.

Nessa hora, Olavo sentiu-se mais infeliz ainda, porque percebeu claramente que ela continuava a amá-lo, como ele a amava.

Com o coração aos saltos, não se conteve:

– Alexandra...

Ela interrompeu-o com expressão grave e dolorida:

– Não diz nada. Nada mudou. Tudo continua como antes.

Ajeitou o xale nos ombros e, sem acrescentar outra palavra, retornou a casa.

E ele permaneceu ali, estático, contemplando o céu estrelado numa interrogação muda: “Por quê? Por quê?”

Ao mesmo tempo, a imagem da mãe surgiu-lhe na tela da memória e ele se lembrou de suas palavras naquele dia, quando afirmara que Alexandra e ele tinham compromissos com pessoas diferentes: ela com Nikolai e ele com Ivana.

De qualquer forma, não havia mais jeito. Como o destino lhe era cruel! Agora que Alexandra estava livre, ele estava casado, irremediavelmente casado com Ivana.

Não voltou para o velório. Dirigiu-se à mansão. Precisava repousar um pouco e colocar em ordem as emoções. Estava cansado como há muito não ficava. Um desânimo, uma tristeza imensa tomavam conta dele. Não tinha por que lutar, nem vontade para fazê-lo.

Procurou seus aposentos e atirou-se ao leito. Não conseguiu, porém, conciliar o sono. Apesar do cansaço, não lograva o repouso necessário.

Os pensamentos não lhe davam tréguas e imagens jorravam-lhe na mente, em catadupas. Revia os doces momentos que passara com Alexandra, a alegria ingênua que tomava conta de seus corações, o riso constante em suas bocas, quando todas as coisas, até as mais pequeninas, tinham um sabor diferente, porque estavam enamorados. Tinha saudade do temperamento

equilibrado, do ar sereno, do bom senso e das palavras ponderadas com que ela vestia seus pensamentos; da presença suave, que passava até despercebida muitas vezes, mas que sabia reconhecer-lhe os menores desejos, atendendo-os com ternura e devotamento. Sobretudo, Olavo recordava-se com profunda saudade dos seus beijos, das suas carícias, dos momentos de íntimo enlevo que tinham experimentado.

Tudo isso fazia parte do passado. De um passado que não voltaria mais. E Olavo não se perdoava, não se perdoaria jamais, porque fora ele, com seu desmedido orgulho e intransigência, que a jogara nos braços de outro. Pior que isso: reconhecia-se inapelavelmente, desventuradamente, unido a Ivana. E essa realidade ele não poderia mudar. Embora Alexandra estivesse livre, era ele, Olavo, que estava preso, encarcerado por toda a vida a um casamento que não desejara e que lhe fora impingido. Gostaria de romper com as convenções, agora que sabia que Alexandra não o esquecerá; mas estava convicto de que ela não aceitaria uma união espúria. De qualquer forma, ele estava casado e, perante a Igreja Ortodoxa, severa em seus princípios, não poderia ter outra mulher.

Um gemido lhe saiu da boca, enquanto soluços de dor sacudiam-lhe o corpo.

O dia estava nascendo quando, cansado de tanto sofrer, levantou-se, sem ter conseguido dormir.

A madrugada era fria e uma névoa ligeira cobria todas as coisas, como imagens de um sonho. Puxou a capa para se abrigar do ar gelado que soprava e retornou ao velório.

O calor do ambiente o envolveu de forma agradável. A lareira estava acesa e alguém lhe ofereceu uma chávena de chá fumegante. Acomodou-se num banco, tomando com satisfação a bebida reconfortante.

Anton Vassiliev assentou-se a seu lado.

– Estás com uma aparência horrível – comentou.

– Não consegui dormir. Estou com o corpo fatigado e dolorido – justificou-se Olavo.

O amigo observou-o discretamente e, sem se virar, acentuou:

– Não é teu corpo que está cansado. É tua mente.

Olavo abriu a boca para retrucar, mas achou melhor ficar calado. Como Anton aprendera a conhecê-lo tão bem? O que teria percebido?

Algumas horas depois, realizou-se o sepultamento. Não era obrigatório que ele, o *barine*, ficasse até o final. A etiqueta estabelecia apenas que

comparecesse ao velório, numa visita que era sempre tão rápida quanto possível. No entanto, Olavo desejava cumprir o ritual até o fim.

Após o funeral, o povo se dispersou, cada qual retornando para suas casas e suas atividades rotineiras. Todos estavam extenuados. Para Olavo, todavia, era necessário saber o que a viúva e seu filho gostariam de fazer dali em diante, agora que o chefe da família falecera.

Alexandra, de luto, com um xale cobrindo a cabeça, era a própria imagem da dor. Amparada pelo pai e pelo filho, reentrou naquela casa que há bem poucas horas estava repleta de gente. Sentou-se numa poltrona e ficou a observar a desolação do ambiente, estranhamente vazio. Olavo acercou-se, preocupado:

– Alexandra, talvez não seja o momento ideal, mas gostaria de saber o que pretendes fazer doravante.

Ela ergueu a cabeça, os olhos úmidos de pranto que não chegava a cair, como se tivesse dificuldade de entender o que ele lhe dizia. Olavo insistiu:

– Acredito que será muito doloroso para ti continuar aqui nesta casa, e já não tens motivos para ficar. Vamos para São Petersburgo e lá terás condições de viver melhor.

Alexandra agradeceu a sugestão, mas não aceitou:

– Talvez algum dia, Olavo Barenkov. Por ora, preciso colocar em ordem a minha vida, fazer um balanço da situação, e quero ficar só.

Respeitando sua decisão, ele ponderou:

– Compreendo. Estás cansada e precisas repousar. Medita bastante e, se aceites minha proposta, comunica-me. Teu pai permanecerá contigo e te atenderá os menores desejos, teus e de teu filho.

Assim dizendo, e como ela voltasse a seu alheamento, Olavo retornou à capital.

Esgotado, subiu as escadarias buscando seus aposentos. Ao perceber que o marido chegara, Ivana correu a seu encontro.

Barenkov retirou a capa, auxiliado pelo criado de quarto, e sentava-se numa poltrona para descalçar as botas quando a esposa entrou. Notando a fisionomia congestionada, que nada pressagiava de bom, ele dispensou o servo para evitar comentários da criadagem.

Com profunda ironia, Ivana interrogou-o:

– E então?

– Então, o quê?

– Como está *ela*?

– Alexandra? Como queres que esteja? Sofre, naturalmente.

Ivana, que media o aposento com passadas rápidas e nervosas, deu uma gargalhada e, fitando-o com ar furibundo, retrucou:

– Não acredito. Aquela maldita há muito tempo estava desejando a morte do marido para ficar contigo.

Extremamente irritado, Olavo reagiu a essa acusação descabida e inconsequente:

– Cala-te! O que dizes é um absurdo e não permito que fales de Alexandra dessa maneira. Perdeste o juízo?

Com olhar esgazeado, Ivana parou de andar e inclinou-se para o marido, colérica:

– Não estou louca. Aquela sonsa jamais deixou de amar-te e só espera uma oportunidade para tentar reconquistar-te. Mas *eu* não permitirei. Ela não vai meter-se entre nós, ouviste? Eu juro!

Olavo observava a esposa, desconhecendo-a por completo. Estava diferente, não era a mesma pessoa com quem ele convivia há tantos anos.

– Tu divagas! Ela jamais me amou, e a prova é que se casou com Nikolai – que Deus o tenha!

Jogando a cabeça para trás, Ivana soltou nova gargalhada.

– Como és ingênuo! Acreditas mesmo nisso?

Cheio de piedade, Olavo olhava a mulher sem entender até aonde ela queria chegar.

– Ivana, estou exausto e preciso repousar. Além disso, falas de coisas que ignoras. Eras muito criança na época para saber o que estava acontecendo. Portanto...

Ela não deixou que ele prosseguisse, gritando:

– Sei muito mais do que pensas. Tu e ela jamais sereis felizes, ouviste? Jamais! Já fiz uma vez e farei novamente.

– Estás delirando.

– Não acreditas em mim, não é? Nunca me deste valor. Para ti, sempre fui e serei apenas uma cigana, confessa!

– Não sabes o que dizes, Ivana.

– Sei muito mais do que pensas – repetiu descontrolada. – Quis afastar um do outro e consegui.

– O que dizes?

– Isso mesmo que acabaste de ouvir. Quis afastar Alexandra de ti e consegui!

– O que fizeste, desgraçada? – interrogou ele, erguendo-se e agarrando-a pelos ombros.

Com ar de vitória, Ivana confessou:

– Era tudo mentira. Alexandra não teve encontros com Nikolai e jamais os vi beijando-se. Invenstei tudo, porque sabia que a amavas e que ela também te amava.

No auge do desespero, incapaz de acreditar no que ouvia, Olavo, que jamais levantara a mão para agredir alguém, desceu o braço com toda a força, dando-lhe uma bofetada em pleno rosto. O golpe fez com que Ivana rodopiasse, perdendo o equilíbrio e caindo no chão a soluçar.

Em estado de choque, com a cabeça estalando, Olavo jogou-se na poltrona, esquecido da esposa que permanecia no solo. Só conseguia pensar que tudo fora culpa dela.

Com um fio de sangue a escorrer pelo canto da boca, ela continuou, vitoriosa:

– Podes bater-me, podes matar-me até, mas não conseguirás mudar a situação. Sou tua esposa de direito e jamais conseguirás livrar-te de mim. Essa é uma realidade que terás que aceitar. Não importa o que faças, estás jungido a mim por toda a vida!

Ele ergueu o braço novamente para dar-lhe outra bofetada, mas, fazendo extremo esforço, controlou-se. Apenas murmurou furibundo:

– Sai! Desaparece da minha vista e não voltes a procurar-me, ou não respondo por mim!

Percebendo que o marido falava sério, Ivana ergueu-se e, silenciosamente, deixou o aposento.

Por muitas horas, Olavo ali permaneceu sem mover-se. A noite desceu. Quando o criado veio avisar que a ceia estava pronta, encontrou-o na mesma posição e o quarto na penumbra. Acendeu uma vela, assustando-se com a palidez e o ar abatido do patrão.

– Senhor, a ceia vai ser servida.

Não obtendo resposta, insistiu:

– Nada comeste durante todo o dia, *barine*. Desejas que sirva a ceia aqui mesmo?

Ainda desta vez sem resposta, perguntou:

– Não preferes deitar no leito, senhor? Estás tão mal acomodado nessa poltrona!

Como o silêncio persistisse, o servo pegou uma manta e ajeitou-a sobre

Olavo, pois estava frio. E saiu, sem fazer ruído, conversando consigo mesmo:

– Pobre senhor! O que estará acontecendo? A *barínia* também não desceu e a criadagem ouviu vozes alteradas. Com certeza estiveram brigando, como de costume. Agora, contudo, parece diferente. Nunca vi o patrão nesse estado. Nem mesmo quando a estimada *barínia* morreu.

Na cozinha, os criados tagarelavam sem parar, fazendo conjecturas sobre o que teria acontecido e juntando informações daqui e dali.

– Ninguém me tira da cabeça que é por causa de Alexandra. Ivana morre de ciúmes dela! – comentou uma criadinha.

– Pode ser. Antes de o patrão ir para a Mansão dos Lilases, ela tinha feito uma cena terrível – lembrou outra.

– E agora, a “outra” está livre – disse uma terceira, maliciosa.

Chegando à cozinha e ouvindo a conversa, Rose ordenou:

– Vamos parar com esse falatório. Se o *barine* ficar sabendo, não vai gostar. Fora! Fora! Cada um cuidando de suas obrigações.

Num minuto a cozinha ficou vazia. Rose manteve-se pensativa por instantes. Fora até o quarto de Ivana, preocupada com aquela que considerava como filha, e sentiu-se muito mal. Ela estava completamente diferente e dizia palavras sem nexos. Houve um momento, por sinal, em que Rose viu uma sombra escura perto de Ivana. Só de lembrar, um arrepio gelado percorreu-lhe o corpo todo. Benzendo-se, a velha criada falou baixinho:

– Que Nossa Senhora de Kazan nos proteja!

Em seus aposentos, Olavo mantinha-se imóvel, entregue a profundo sofrimento. Parecia dormir, todavia a mente fervilhava. A briga com Ivana não lhe saía da cabeça e as cenas se repetiam ininterruptamente.

Perplexo, não conseguia acreditar. Teria ela dito a verdade agora, isto é, que nada existia, na época, entre Alexandra e Nikolai? Mentira antes, então, quando era apenas uma criança? Se isso se confirmasse, sua conduta fora monstruosa.

Quantas vezes lamentou a atitude orgulhosa e intempestiva que tomara, baseada nas palavras de uma criança, e que pôs fim a seu sonho de felicidade. Especialmente depois da conversa com Anton Vassiliev, quando o amigo apresentou-lhe ponderações tão lógicas. Pensou que iria enlouquecer ao verificar o quanto errara.

Não conseguia chorar, o que teria aliviado sua angústia. Os olhos enxutos perscrutavam a escuridão que tomara conta do aposento.

Jamais esquecerá o olhar de perplexidade e dor que Alexandra lhe lançara no momento em que ele lhe comunicou o noivado com Nikolai. Quanto a humilhara e magoara por sentir-se traído!

“Mas se nada existiu entre Alexandra e o criado, o filho era dele. Andrei Urich era seu filho!”

Esse pensamento o encheu de esperança, embora intimamente já tivesse essa certeza, que dependia de confirmação.

Porém, era muito tarde para uma reparação. Ivana tinha razão. Estava preso a ela, amarrado a um casamento que não desejava e a uma esposa que não amava. Muito tarde para voltar atrás...

No dia seguinte, pediria explicações à esposa sobre as revelações que fizera.

Assim, entregue a suas dúvidas, Olavo só conseguiu adormecer alta madrugada. Teve sono agitado e despertou cansado e abatido.

18. Influenciação espiritual

Em seus aposentos, Ivana dava vazão a impulsos descontrolados, consequência do desequilíbrio mental, emocional e orgânico que permitira se instalassem em seu íntimo, pelos sentimentos negativos que agasalhara.

Espírito com grandes débitos do passado, cujas imperfeições facilitavam a interferência de entidades desencarnadas rancorosas e vingativas com as quais se acumplicara em épocas transatas, possuía sensibilidade que facultava o intercâmbio com o além-túmulo, através do fenômeno de sintonia. Não reconhecia, na vida atual, a necessidade de melhoria interior pelo cultivo dos dotes superiores do espírito, das qualidades morais e de tudo o que fosse nobre, útil, belo e elevado. Sem a fé em Deus, que lhe daria forças e condições para enfrentar as adversidades da vida, e acostumada a ver satisfeitas todas as suas vontades, em razão do egoísmo que cultivava, Ivana se transformara numa sofredora e, segundo seu modo de entender, numa vítima.

Na penumbra do aposento, uma entidade desencarnada ocupava-se em insuflar-lhe sugestões maléficas, tumultuando seu íntimo com pensamentos malsãos. Tinha a aparência de um cossaco; vestia-se com calças largas, em péssimo estado de conservação, franzidas à altura do tornozelo e presas por botas pretas de couro. Sobrepunha-se à camisa, branca, uma velha túnica que lhe caía até os joelhos, com abotoamento lateral. Sobre esta, uma larga faixa de couro contornava-lhe a cintura. Na cabeça, um gorro de peles completava-lhe a indumentária, segundo o costume. Em seu rosto, contraído e irado, percebiam-se as marcas de um ódio terrível. Era a mesma entidade que fora vista várias vezes por Valfrido na *isba* de Anton Vassiliev.

Postado junto ao leito, acercava-se de Ivana, envolvendo-a em emanções pesadas, de coloração plúmbea, enquanto lhe dizia:

– “Não te deixes enganar. Os miseráveis traíram tuas mais caras esperanças e merecem sofrer. Olavo nunca te amou, sempre preferindo ‘ela’. Lembra-te? Da ‘outra vez’ foi assim também. Após ter-te enganado, arremessou-te à

rua da amargura, onde começou teu martírio. E sempre por causa ‘dela’. Agora que o infeliz marido morreu, ficarão livres para construir uma vida juntos ao lado do filho. Isso, se não fizeres alguma coisa, porque não serás empecilho para eles. Pretendem matar-te para, assim, terem o caminho livre e a felicidade que almejam. Vamos, faz alguma coisa, pensa em algo!”

De olhos congestos, Ivana parecia alheia a tudo que a cercava, fitando o vazio. Não ouvia as palavras que lhe eram ditas, mas assimilava os pensamentos em forma de sugestões. Amarfanhava um lençinho nas mãos, nervosamente, enquanto pensava. Um resquício de lucidez tremulava em seu íntimo e ela tentava contrapor-se a essas ideias, lembrando-se dos bons momentos:

– Sempre fui tão feliz aqui nesta casa! Olavo, apesar de tudo, tem sido gentil e amoroso comigo. Não posso crer que seja tudo fingimento. Ele a amou, sim, talvez a ame ainda, mas é nobre, digno e jamais me causaria qualquer sofrimento.

Ao que a vingativa entidade retrucava:

– “Como és ingênua! Bem se vê que não o conheces. Não viste como defendeu ‘aquela’ mulher? Agora mesmo, neste instante, está pensando numa maneira de livrar-se de ti. És um fardo, pesado e indesejável, e o miserável Barenkov planeja destruir-te a vida.”

– Será verdade? Não posso acreditar!

Lentamente, o espírito malfazejo ganhava espaço, impondo seu pensamento e sobrepondo-se à personalidade da infeliz Ivana.

– “Procura averiguar se não tenho razão. Vamos, levanta-te deste leito! Vigia o canalha, estuda suas reações, observa suas atitudes, analisa suas palavras! Verás que falo a verdade!”

Atendendo à sugestão mental, Ivana tocou a sineta, chamando a criada para ajudá-la a vestir-se. Indagou do marido e foi informada de que ele se encontrava na sala, aguardando a ceia.

Arrumou-se cuidadosamente e desceu. Encaminhando-se para lá, Ivana ouviu um murmúrio em seu ouvido:

– “Cuidado!...”

Assustada, olhou em torno para ver quem havia falado, mas não havia ninguém. Estava só. Um arrepio gelado percorreu-lhe o corpo. Respirou fundo e entrou.

Abandonando o copo de bebida que tinha nas mãos, Olavo levantou-se ao vê-la entrar na sala. Ansiava por uma explicação. Não sabia se devia dar

crédito às afirmações dela, ou se suas palavras eram fruto de descontrole do momento, ditas apenas para atingi-lo. Todavia, penalizado com o aspecto doentio da esposa, optou por calar-se naquela hora. Cortesmente aproximou-se.

– Como estás? Há dois dias não nos vemos e reencontro-te agora pálida e abatida.

– Estou bem, Olavo. Um pouco fraca, naturalmente, porque não tenho me alimentado direito. Mas estou bem.

Com delicadeza, ele a levou para um sofá. Ambos se examinaram discretamente. Generoso e cordato por natureza, ele não se conteve, indagando:

– Tu me olhas de maneira estranha, Ivana! O que está havendo? Quero que saibas que lamento a nossa discussão de outro dia. Por certo estranhei tuas alusões naquela oportunidade, e me deves uma explicação. Não justifica, porém, minha agressão. Eu chegara cansado e irritei-me contigo. Perdoa-me!

Admirada, Ivana analisava as palavras e as mínimas reações do marido. Olavo parecia-lhe sincero.

– Não está acontecendo nada. Estou bem, já disse.

Barenkov calou-se. Contudo, sentia-se vigiado. Percebia que a mulher não o perdia de vista, como se temesse algo. Estranho!... Ela estava de fato diferente.

Levantando-se, Olavo aproximou-se da pequena mesa onde o criado havia deixado uma bandeja com uma jarra, copos e um prato com frutas, perguntando se ela desejava um copo de vinho.

Aceitando, Ivana não pôde impedir-se de pensar por que o marido não solicitara que o criado a servisse, como era de uso. Viu-o colocar a bebida no copo e teve medo. Ele retornou com o vinho, oferecendo-lhe a taça.

Num átimo, Ivana reagiu instintivamente. Empurrou o copo, que caiu no tapete, enquanto um pensamento cruzava sua mente: “Ele quer envenenar-me!”

Caindo em si e percebendo a surpresa do marido, desculpou-se:

– Perdoa-me, Olavo, bati a mão sem querer.

Procurando não dar maior atenção ao fato, o marido ofereceu-lhe o braço, conduzindo-a à mesa, que estava posta para a ceia.

Ao ver o prato, onde estavam as iguarias que o criado servira, Ivana pensou: “Está envenenada. Nada comerei.”

Tentando dialogar com a esposa, Olavo notou que ela respondia por

monossílabos e que nada havia comido ou bebido. Preocupado, considerou:

– Precisas alimentar-te melhor, Ivana. Não tocaste em nada. Prova esta vitela; está excelente.

– Não tenho fome.

Olavo não insistiu, permanecendo calado, mas apreensivo com o estado da esposa.

No dia seguinte, Rose o procurou consternada:

– Senhor, alguma coisa de muito estranho está acontecendo. A *barínia* não come a comida que eu faço, alegando estar sem apetite; no entanto, foi vista comendo às escondidas frutas e biscoitos, como se não fosse a dona da casa e precisasse roubar para saciar a fome...

Olavo agradeceu a informação, tranquilizando a criada:

– Não te preocupes demasiadamente, Rose. Ivana não está bem e precisamos ajudá-la. Mantém-me a par de tudo que ela fizer; observa-a discretamente e evita, se possível, que os outros serviçais percebam. Não desejo comentários em torno do assunto.

– Compreendo, *barine*, e agradeço-te a confiança. Procurarei ajudar da melhor forma possível. O senhor sabe como estimo a nossa Ivana. Ela é uma filha para mim.

– Sei, Rose. Tu a criaste, e justamente por isso estou pedindo-te este favor. A ninguém mais poderia fazê-lo.

A criada saiu e Olavo mergulhou em profundas reflexões. O que estaria acontecendo com Ivana? Debalde procurava motivos para o comportamento estranho da esposa. Após o casamento, muitas vezes haviam-se desentendido e outras tantas vezes feito as pazes, mas nunca Ivana agira dessa maneira. Tinham tido uma séria altercação, é verdade, quando ele perdera o controle e a agredira fisicamente, mas não justificava o estranho comportamento de Ivana. Ela parecia completamente desequilibrada e, além disso, era como se o temesse! O certo é que Ivana lhe devia explicações sobre as revelações terríveis que fizera. Contudo, ela não estava em condições de fornecê-las no momento. Teria que esperar.

Nos dias seguintes, a situação se complicou ainda mais. Certa manhã, Olavo estava na biblioteca, onde havia também uma coleção de armas que pertencera a seu pai, quando Ivana entrou. Nesse exato momento, ele as examinava, notando que precisavam de limpeza. Distraído, apanhou uma das armas, a preferida de seu pai, e, analisando seu estado, percebeu que a porta se abria. Virou-se e ouviu um grito. Era Ivana.

– Não! Socorro! Não me mates, por piedade! Socorro! Socorro!...

Muito assustado, Olavo não sabia o porquê daqueles gritos da esposa. Apavorada, encolhia-se de encontro à porta, que fechara ao entrar, até escorregar lentamente para o chão.

– Mas o que é isso, Ivana? Por que gritas desse jeito, como se estivesses correndo perigo? Como se eu te ameaçasse? Por Deus, minha querida, acalma-te! Estava apenas examinando a arma...

Ivana, porém, encolhida no chão, mantinha a mesma expressão de pavor, tremendo sem parar.

– Não me mates! Nada fiz para merecer isso. Poupa-me a vida!

– Enlouqueceste, por acaso? Vê, a arma nem sequer está carregada!

Mas tudo em vão. Ela não o ouvia. Frágil e indefesa, parecia uma criança, encolhida e aterrorizada. Olavo, condoído, tentou aproximar-se:

– Não! – ela gritou. – Não te aproximes!

Assustados com a gritaria, os criados para lá se dirigiram, presenciando a cena estranha e constrangedora.

Olavo ordenou a um deles que fosse atrás do médico da família. Em seguida, pediu a Rose, desfeita em prantos, que tentasse conversar com a esposa, uma vez que ela não permitia a aproximação dele.

A criada acercou-se e, ajoelhando-se no tapete, procurou dialogar com Ivana, que parecia completamente alheia a tudo e a todos, consciente apenas da presença ameaçadora do marido.

– Ivana, minha filhinha – dizia a serva com inflexão de profundo carinho. – O que está acontecendo? Ninguém deseja te fazer mal. Todos te amamos.

– Mentira! Ele me odeia. Quer livrar-se de mim para ficar com “ela”.

– Não é verdade, minha querida – retrucava Rose. – Acalma-te, asserena teu coração. Estou aqui e quero ajudar-te.

Olavo, um pouco afastado, acompanhava a cena estarecido, sem poder acreditar no que ouvia.

Poucos minutos depois, o médico deu entrada na biblioteca. Cumprimentou os presentes e pediu a Olavo que dispensasse os criados, enquanto procurava com os olhos a paciente. Localizando-a, abaixou-se, examinando a assustada jovem, que permanecia no mesmo lugar, sem querer sair dali.

Após examiná-la, o médico tirou um pequeno frasco da maleta e verteu-o na boca de Ivana, que ingeriu o líquido docilmente. Logo em seguida, ela entrou em sonolência, o que facilitou ao médico e a Olavo transportá-la para

seus aposentos.

À saída do quarto, profundamente apreensivo, Olavo interrogou-o:

– E então, doutor?

– Bem, Olavo Barenkov, tua esposa está bastante desequilibrada. Dei-lhe um calmante, que deverá tranquilizá-la. Dormirá até amanhã. Aproveita para repousar também, meu amigo. Estás exausto. Logo cedo retornarei para vê-la e conversar com ela.

– Ivana vai ficar boa, doutor?

– Nada posso afirmar por enquanto. Vamos aguardar – respondeu evasivamente o médico.

Após a saída do facultativo, Olavo deixou-se cair numa poltrona, desalentado. O que estaria acontecendo? Nunca vira coisa semelhante.

Retornou ao quarto da esposa e, verificando que ela estava adormecida, deixou-a aos cuidados de Rose e foi descansar, dando ordem à velha criada para chamá-lo, caso Ivana acordasse.

Olavo demorou para dormir e, quando conseguiu, alta madrugada, teve sono agitado e horríveis pesadelos. Despertou com o corpo todo dolorido, a cabeça pesada.

Levantou-se e logo depois o médico chegou para ver a paciente. Tomaram chá juntos, aguardando que Ivana acordasse. Quando ela despertou, meia hora depois, encontrou o doutor a seu lado. Olavo manteve uma conveniente distância, temendo que sua presença pudesse desencadear nova crise.

Puxando uma cadeira, o médico sentou-se junto ao leito.

– Bom dia, cara Ivana. Como estás hoje?

A jovem senhora olhou o velhinho que lhe falava suave e calmamente:

– Não sei. Estou cansada e todo o corpo me dói. Mas... por que o senhor está aqui?

– Não te recordas? Ontem tiveste um problema e teu esposo mandou chamar-me.

– Ontem? Não me lembro! O que aconteceu?

Saindo da penumbra, Olavo acercou-se, intrigado.

– Não te lembras de nada?

– Não. O que deveria lembrar?

Olavo olhou para o médico, igualmente surpreso, e considerou:

– Nada. Provavelmente, terás comido algo que te fez mal. O doutor ministrou-te um remédio, que, pelo visto, deve ter regularizado tuas funções orgânicas.

Passando a mão na maleta, o médico despediu-se da paciente, recomendando-lhe repouso por mais algumas horas.

Olavo acompanhou-o e, ao ficarem a sós, não conteve a curiosidade:

– O que achas, doutor?

– Muito estranho. Continua a observá-la. Se notares algo de anormal em seu comportamento, avisa-me e virei em seguida.

Durante alguns dias, nada aconteceu. Tudo parecia ter voltado à normalidade. Na semana seguinte, Olavo recebeu um convite para uma caçada e preparava-se para partir, já esquecido do estranho incidente, quando Ivana veio despedir-se. Ao ver a espingarda na mão do marido, entrou em crise novamente, pondo-se a gritar, apavorada. A cena se repetiu e imediatamente chamaram o médico.

Desistindo da caçada, sumamente apreensivo, Olavo ficou ao lado da esposa.

À noite, quando toda a casa estava em silêncio, Olavo preparava as gotas calmantes que o médico prescrevera, quando Ivana acordou. Vendo o marido inclinado sobre o copo a derramar uma substância em pequena quantidade de água, começou a gritar novamente:

– Ele quer matar-me! Socorro! Vede! – dizia para os criados que, com o barulho, haviam acordado e, curiosos, já estavam no quarto. – Ele quer envenenar-me! Socorro! Socorro!

Durante horas, Ivana gritou sem que lograssem acalmá-la. O médico ministrou-lhe o medicamento, explicando que era um calmante, não um veneno.

Desse dia em diante, as coisas pioraram de vez. Ivana passou a recusar todas as refeições que lhe eram oferecidas, sob a alegação de estarem envenenadas. Não adiantava o marido provar antes a comida, para convencê-la de que estava boa. Passou também a rejeitar as criadas, afirmando estarem a serviço do *barine*, de serem fiéis a ele e de desejarem livrar-se dela.

Profundamente consternado, Olavo não sabia o que fazer. Aconselhado pelo médico da família, procurou as maiores sumidades da medicina da época, mas todas foram concordes: sua esposa estava sofrendo das faculdades mentais. Necessário mantê-la sob vigilância constante e cuidados especiais. Nada poderia ser feito.

Alguém sugeriu, no entanto, que procurasse o médico Jean-Martin Charcot, em Paris, que se especializara em doenças nervosas e utilizava métodos próprios e nada convencionais.

Barenkov, com esperanças renovadas, escreveu para o distinto médico e obteve resposta. Afirmava o famoso estudioso da mente humana que ele, Olavo, poderia levar a doente para Paris, deixando-a entregue a seus cuidados. Informava-o sobre os métodos utilizados e dizia não poder garantir a cura, visto não conhecer as verdadeiras condições da doente. Caso resolvesse enviá-la à França, seria possível dar-lhe o diagnóstico tão desejado. Terminava a missiva com votos de que se decidisse favoravelmente pelo internamento da esposa, apresentando-lhe as saudações de praxe.

Olavo Barenkov analisou maduramente o assunto, ouviu autoridades médicas da área, favoráveis ou não ao revolucionário tratamento, pesou as consequências de tal empreitada e decidiu-se por manter Ivana a seu lado, em São Petersburgo. Apesar da gentileza do médico parisiense, a verdade é que as opiniões eram muito desencontradas e ainda não se conheciam os efeitos desse tratamento.

Por outro lado, imaginar a esposa internada num hospital junto com doentes mentais de todo gênero, afastada do ambiente e do conforto a que estava acostumada, longe dos amigos e da família, era algo que Barenkov não conseguia admitir. Além do mais, não se garantiam resultados satisfatórios.

Com o passar do tempo, Ivana não saía mais dos seus aposentos, com medo de tudo e de todos. Horas havia em que tinha consciência dos próprios atos; apenas não conseguia evitá-los. Em outros momentos, ignorava por completo o que acontecia, agindo de forma inconsciente.

Por essa época, Alexandra apareceu um dia na mansão. Precisando vir a São Petersburgo, aproveitou a companhia do pai, Anton Vassiliev.

Assim que chegaram, pai e filha procuraram Olavo, encontrando-o na biblioteca. Com a cabeça entre as mãos, o dono da casa acusava fundo desalento. Não os viu entrar.

Anton conservou uma certa distância, tossindo discretamente. Olavo ergueu a fronte, surpreso, e só então percebeu a presença deles.

Alexandra contemplou aquele a quem sempre amara, penalizada com seu estado. Os cabelos, prematuramente grisalhos nas têmporas, revelavam os sofrimentos e as tribulações por que estava passando. Apesar de tudo, notou em seus olhos a satisfação de vê-la.

– Alexandra Andreevna! Anton Vassiliev! Sede bem-vindos. Há quanto tempo não nos víamos!...

Pronunciou essas palavras, olhando diretamente para Alexandra, que corou perceptivelmente.

Afinal, em meio a tristezas e problemas, uma alegria.

19. A volta de Alexandra

— **A** que devo o prazer desta visita tão inesperada? — perguntou Olavo.

Alexandra fitou o pai e desculpou-se:

— Perdoa-nos a entrada intempestiva, *barine*. Não pretendíamos perturbar-te. Como necessito resolver alguns problemas de interesse de meu filho, aproveitamos a vinda de meu pai à capital e, ao mesmo tempo, lhe fizemos companhia.

Denotando fundo interesse, Olavo indagou:

— Andrei Urich também veio?

— Sim, mas...

— Por que não está aqui?

— Achamos que não seria conveniente. Está na cozinha, com Rose, muito interessado em tudo e encantado com o que vê. Afinal, esta é a primeira vez que visita São Petersburgo.

Nesse momento, um criado avisa que a refeição está servida.

— Ótimo. Não almoçarei sozinho hoje. Dar-me-eis o prazer da vossa companhia.

A Alexandra não passou despercebida a amargura e a melancolia com que essas palavras foram pronunciadas.

Encaminharam-se para a sala de refeições, e foi com muita emoção que Olavo reencontrou o jovem Andrei Urich.

— A senhora tua mãe falou-me que veio resolver assuntos atinentes à tua pessoa. Posso saber do que se trata?

— Naturalmente, senhor — respondeu o adolescente. — Agora que meu pai... que Nossa Senhora de Kazan o proteja, está morto e não preciso mais ajudá-lo, gostaria de estudar. Antes, porém, desejamos consultar-te. Lembro-me de que uma vez te colocaste à disposição para o que fosse necessário. Ainda está de pé o oferecimento, *barine*?

Alexandra interveio, algo constrangida com a franqueza do rapaz:

— Meu filho!...

Achando graça, Olavo interrompeu a viúva:

– Não, Alexandra, deixa que teu filho fale. Andrei Urich tem razão.

Virando-se para o rapaz, o anfitrião concordou:

– Sim, meu jovem, o oferecimento está de pé. Pensei apenas que não estivesses interessado nele.

– Na época era impossível, senhor. Hoje as condições são outras.

– Concordo contigo e louvo tua atitude. Estou a teu inteiro dispor.

Mudando o teor da conversa, Anton Vassiliev indagou:

– Como está tua esposa?

– Nas mesmas condições. Permanece em seus aposentos todo o tempo, hostiliza as criadas e vê perigo em qualquer parte.

Alexandra, delicadamente, solicitou:

– Se não for inconveniente, gostaria de vê-la. É possível?

Um pouco sem jeito, lembrando-se do ciúme que a esposa sentia de Alexandra, Olavo considerou:

– Bem... não sei. Às vezes Ivana tem comportamento estranho e agressivo.

– Por favor! – suplicou ela. – Acho difícil imaginar a pequena, gentil e formosa Ivana agindo dessa forma. Sempre fomos amigas e a estimo imensamente. Ficaria muito grata se me permitisses revê-la.

Olavo contemplou-a, pensando em como tudo mudara e o quanto Alexandra desconhecia dos fatos.

– Bem, se insistes... não tenho como negar um pedido teu. Após a refeição, iremos até os aposentos dela. Prepara-te, porém. Ivana não é mais aquela que conheceste.

Terminado o repasto, Olavo dirigiu-se com Alexandra para o quarto de Ivana. Abriu a porta de mansinho e, vendo Rose, que velava, indagou:

– Como está minha esposa hoje?

– Nada bem, senhor. Está agitada, inquieta, como se ameaçada por perigos ocultos a nós outros.

– Alexandra veio da Mansão dos Lilases e gostaria de fazer-lhe uma visita.

Apreensiva, a serva ponderou:

– No momento Ivana está descansando. Teve uma noite difícil. Ministrei-lhe algumas gotas calmantes e agora dorme.

Alexandra aproximou-se, insistindo:

– Deixa-me ao menos vê-la, Rose. Não desejo importuná-la e prometo não fazer ruído algum.

– Está bem, Alexandra Andreevna. Que seja uma visita rápida, porque se

Ivana despertar teremos problemas.

A recém-chegada não podia entender a razão de tantos cuidados. Calou-se e entrou. O quarto estava mergulhado em penumbra. Passando os olhos pelo ambiente, Alexandra viu o leito onde a jovem dormia. O recinto estava totalmente modificado e custou-lhe reconhecê-lo. Olavo, por ocasião do casamento, havia mandado redecorá-lo luxuosamente para receber a futura esposa, e a visitante não pôde deixar de sentir uma pontinha de ciúme.

Entretanto, ao focalizar sua atenção na enferma, arrependeu-se do pensamento egoísta que por um instante lhe passara pela mente. Condoeu-se da expressão abatida e angustiada que ela conservava, mesmo dormindo. Emagrecera bastante. Da adolescente cheia de vida, cujos encantos haviam atraído tantos pretendentes, nada mais restava.

Retirou-se do aposento profundamente sensibilizada com a sorte da pequena Ivana, que conhecera criança alegre e despreocupada e por quem tinha tanto afeto.

Mais tarde, conversando com Olavo, ficou a par do que estava ocorrendo, das dificuldades na mansão em virtude da enfermidade de Ivana. Ao recolher-se aos antigos aposentos, lembrou-se com saudades da época em que ali vivera e em que fora tão feliz. Sentiu vontade de permanecer ali, entre aquelas paredes tão queridas.

Meditando em tudo o que ouvira e percebera, sentiu que Olavo precisava da sua ajuda nesse momento difícil. Notou que a administração da mansão deixava muito a desejar. Com Rose ocupada permanentemente no atendimento a Ivana, fazendo as vezes de enfermeira, a cozinha ficava entregue a criadas sem experiência. Observando discretamente, percebeu os servos muito à vontade, relaxados em suas obrigações e não primando pela eficiência. Além disso, a bondosa *barínia*, que mantinha sob suas mãos delicadas um controle perfeito da casa, havia morrido, e Ivana, a quem competia por direito essa função, não estava em condições de exercê-la. Por tudo isso, Olavo precisava de alguém de confiança, um braço forte que o auxiliasse na administração da casa e na execução de suas ordens.

Nesse momento, teve a certeza de que ela seria a pessoa indicada para isso. Afinal, ali vivera por muitos anos, conhecia os hábitos e costumes da mansão, os gostos do proprietário, além de saber cozinhar como ninguém. Afora isso, se Andrei Urich fosse permanecer na capital para estudar, nada mais justo que ficasse com ele. Estava decidida. Sim, exporia a Olavo suas argumentações e veria o que ele pensava sobre isso.

Com essa convicção, Alexandra mergulhou em sono profundo, satisfeita intimamente pela decisão que tomara. Procurou ignorar o fato de que no fundo, bem no fundo, a possibilidade de voltar a viver próximo daquele a quem nunca deixara de amar a enchia de contentamento. Não que mantivesse no coração qualquer tipo de esperança em relação a ele. Não. Sabia que era um homem casado e que nada poderia modificar essa realidade. Todavia, a tristeza e o desalento eram tão patentes nos olhos dele, nos seus gestos, nas suas palavras, que mexeram com suas fibras mais profundas. Condoeu-se da solidão em que ele vivia, embora cercado de pessoas, e desejou amenizá-la. Assim, o simples fato de estar a seu lado, de poder ajudá-lo, de contribuir para tornar sua existência mais agradável, era suficiente para Alexandra. Se isso fosse possível, nada mais pediria à vida.

No dia seguinte, Alexandra levantou-se muito cedo. Foi para a cozinha e, para espanto das novas criadas, preparou pasteizinhos de nata recheados com geleia de cereja, de que ele tanto gostava; fez as torradas no ponto certo, o chá na medida exata de açúcar e arrumou a mesa como o fazia antigamente a senhora.

Ao sentar-se para o desjejum, Olavo estranhou a arrumação da mesa, o cheiro bom das torradas amanteigadas, dos pasteizinhos de nata.

Quando a criada trouxe o leite, ele indagou, curioso:

– Quem fez todas essas coisas, Irina?

Antes que a moça pudesse responder, Alexandra entrou na sala, sorridente:

– Fui eu. Está a teu gosto, senhor? O chá está com açúcar suficiente, na temperatura certa?

Com os olhos úmidos de emoção, Olavo fitou-a agradecido:

– Realmente, só tu poderias ter tido essas gentilezas. Está tudo perfeito. Senta-te e come junto comigo.

Alexandra acomodou-se e, enchendo-lhe novamente a xícara de chá que já se esvaziara, sentiu a mão de Olavo sobre a sua, num gesto de muito carinho:

– Ao sentar-me aqui hoje, era como se minha saudosa mãe estivesse presente. Há quanto tempo não me sinto tão bem como neste momento!

Suspirou longamente e exclamou:

– Ah! Se tudo pudesse voltar a ser como antes!...

Com gravidade, Alexandra redarguiu:

– Voltar a ser como antes é impossível, *barine*. Contudo, tenho uma sugestão a fazer.

Alexandra fez uma pausa para avaliar o interesse de Olavo e prosseguiu:

– Apreciaria muito poder permanecer nesta casa. Poderia cuidar da administração da mansão e da execução das tuas ordens. Sinto que estás precisando de alguém que tome conta da criadagem e coloque ordem em tudo.

– Farias isso? Por mim? – indagou ele, envolvendo-a num olhar intenso.

O coração de Alexandra batia forte, sentindo o olhar pousado nela e a mão dele na sua, mas o orgulho falou mais alto. Procurando controlar-se, ela respondeu:

– Não por ti. Por meu filho. Se Andrei Urich permanecer em São Petersburgo, gostaria de estar junto dele. Afinal, ele é o que tenho de mais importante na vida. Aliás, é só o que tenho – concluiu num sussurro.

– Compreendo. Por um momento... enfim, não queres mais voltar à Mansão dos Lilases, não é mesmo?

– Exatamente. Se for possível, executarei minhas funções de criada nesta casa. Isto é, se achares conveniente.

– Concordo, Alexandra Andreevna, desde que aqui permaneças, não como criada mas como minha hóspede. Falarei hoje mesmo com teu pai, Anton Vassiliev, para que arranje outra pessoa para cuidar da Mansão dos Lilases.

Olavo estava um tanto decepcionado. Esperava que Alexandra dissesse que ficaria por ele, demonstrando que o amava. Fora um idiota! Ela nunca confessaria seu amor, aquele amor que ele entrevira no carinho com que o servira, no cuidado com que preparara as guloseimas de que ele mais gostava, na ternura com que adoçara o seu chá.

Vendo-o sério e cabisbaixo, Alexandra procurou adivinhar seus pensamentos:

– Estás preocupado com Ivana, não é verdade?

– Sim, mas não da maneira como pensas. Preocupo-me contigo. Minha esposa não deve saber da tua presença nesta casa, em hipótese alguma. Deverás manter distância dela, ouviste?

– Dessa forma, como poderei ajudá-la?

– Faze tudo o que estiver a teu alcance, sem permitir que ela te veja. Prometes?

– Sim, prometo. Mas, não entendo... por que tantos cuidados?

– Não importa. Faze o que estou te pedindo e será o suficiente. Agora tenho que ir para o escritório. Mais tarde conversaremos.

Alexandra acompanhou-o até a porta e esperou que tomasse a carruagem, que já o aguardava. Só depois entrou.

Quando Olavo retornou ao entardecer, encontrou tudo diferente. Com o acúmulo de serviço, não veio para o almoço; comeu qualquer coisa no escritório mesmo.

Ao entrar em casa, notou as modificações que tinham sido feitas. Alexandra ordenara uma faxina geral, e as criadas, a contragosto, haviam ficado o dia todo limpando o piso, as escadarias, as janelas, os lustres, batendo os tapetes, lavando as porcelanas, polindo as pratarias e os cristais.

Alexandra tomou conta da cozinha, ensinando a nova cozinheira a preparar algumas iguarias e supervisionando os serviços pessoalmente. Quando tudo estava pronto, colheu flores no jardim e enfeitou toda a casa.

Após refrescar-se, Olavo desceu, satisfeito. Um cheiro bom de limpeza e o perfume das flores invadiam todas as dependências. Acomodou-se no sofá e o criado trouxe-lhe o aperitivo costumeiro, um copo de vinho.

Alexandra desceu, arrumada e bem penteada, acompanhada de Andrei Urich e de Anton Vassiliev.

Apesar dos trajés singelos de camponesa, jamais estivera tão bela, nem mesmo quando adolescente, considerou mentalmente Olavo. Uma nova esperança nascia em seu coração, acompanhada de bem-estar e prenúncios de dias melhores.

O anfitrião levantou-se e foi recebê-la, estendendo-lhe a mão, agradecido:

– Reconheço que devo todas essas mudanças a ti, Alexandra. Entraste nesta casa como um sopro renovador de vida. Sê bem-vinda!

20. A fuga

A partir daquele dia, muitas coisas mudaram na mansão. Alexandra imprimiu o cunho de sua personalidade em tudo. Na organização da casa, na firmeza de trato com a criadagem, nas atenções com o proprietário e até nos cuidados com a enferma.

Não conseguira ainda falar com Ivana, uma vez que havia prometido a Olavo manter-se distante. Contudo, estabelecera um plano de ação e lentamente o colocava em funcionamento.

Fazia questão absoluta de preparar pessoalmente a bandeja que era levada aos aposentos de Ivana com a refeição. Rose, a quem estava afeto esse encargo, aceitou a ajuda com satisfação, pois assim não precisaria deixar a querida doente por um minuto sequer.

Dessa forma, Alexandra esmerava-se nos cuidados com a alimentação de Ivana, preparando-lhe os pratos preferidos, acompanhados sempre de uma flor. Com isso demonstrava o carinho que tinha por ela. Esta, que mal tocava nos alimentos e ainda obrigava Rose a prová-los, para certificar-se de que não estavam envenenados, notou a diferença e passou a alimentar-se melhor.

Quando, em momentos de lucidez, perguntava a Rose quem estava cozinhando, a vigilante enfermeira respondia sempre de forma evasiva:

– É uma nova criada. Não a conheces.

– Pois gostaria de conhecê-la. É exímia cozinheira. Além disso, acho que posso confiar nela. Jamais tentou envenenar-me.

Com paciência e carinho, Rose retrucava:

– Ninguém jamais tentou envenenar-te, querida Ivana.

Com o passar dos dias e em virtude de uma melhor alimentação, a doente se fortalecia organicamente.

Certa ocasião, dois meses depois, mais refeita, ela resolveu deixar o quarto. Rose precisou sair por alguns minutos e a enferma aproveitou a oportunidade para caminhar um pouco.

Nas raras ocasiões em que isso acontecia, Rose avisava Alexandra para

que se escondesse. Nesse dia, porém, Ivana resolveu sair sem o conhecimento de Rose e, ao descer as escadarias, viu Alexandra, que dava algumas ordens aos empregados.

Todo o progresso conquistado anteriormente se perdeu naquele instante. Numa violenta crise nervosa, Ivana debateu-se, fixando Alexandra com profundo ódio e acusando a todos de traição.

Com dificuldade a levaram de volta a seus aposentos, entre gritos e pedidos de socorro.

Perplexa, Alexandra ficou parada sem saber o que fazer. Tentou aproximar-se para ajudar Ivana, mas percebeu que era inútil porque a doente se punha a gritar ainda mais.

Após algum tempo, Rose conseguiu tranquilizá-la, ministrando-lhe gotas calmantes.

Ao chegar em casa, Olavo notou que algo tinha acontecido. Encontrou Alexandra pálida e desfeita, aguardando-o na sala. Mal entrou, a viúva abordou-o interrogativamente:

– *Barine*, Ivana teve uma crise. O que se passa? O que me escondem? Ficou aterrorizada ao ver-me!

Empalidecendo de susto, Olavo considerou:

– Tens razão, Alexandra Andreevna. Devo-te algumas explicações. Senta-te e ouve.

Com gravidade, Olavo relatou tudo o que havia ocorrido. Os ciúmes de Ivana e seus medos infundados, as crises que se prolongavam por muitas horas, alterando-lhe o estado mental. Concluindo, lamentou-se:

– Não sabes o que tenho sofrido durante esse período. Ivana parece outra pessoa e diz coisas desconexas, como viste.

Sensibilizada, Alexandra murmurou:

– Essa a razão por que não querias que ela me visse...

– Percebes agora? Ela tem de ti ciúmes doentios. Após a morte do teu marido, julga que estamos de comum acordo para eliminá-la. Perdoa-me não ter-te contado antes, mas quis evitar-te maiores dissabores.

– Pobre e infeliz Ivana! O que podemos fazer?

– Para ajudá-la? Nada. O médico afirma que precisa de muita paz e tranquilidade. Só assim recuperará a lucidez.

Considerando encerrado o assunto, Olavo pediu licença e demandou os aposentos da esposa, preocupado.

Alexandra, recolhendo-se a seu quarto, meditava sem saber qual o melhor

procedimento a adotar. Reconhecia-se impotente para ajudar e, ao mesmo tempo, julgava necessário esclarecer tudo. Conversar com Ivana, abrindo a ela o coração e a mente, de forma que pudesse notar sua sinceridade. Sentia que a jovem não ficara assim de uma hora para outra e que era preciso chamá-la à razão.

Decidiu que tomaria uma atitude, apesar de ir contra o desejo de Olavo. Afinal, a situação era em si mesma tão melindrosa que não acreditava pudesse piorar. Assim pensando, resolveu que aproveitaria a primeira oportunidade que se lhe oferecesse para tentar dialogar com Ivana.

O dia seguinte encontrou-a insone. Não conseguira dormir a noite toda, preocupada com a enferma.

Levantou-se com dificuldade para assumir suas tarefas na administração da casa. Nisso, ouviu um grito estridente que ecoou em todas as dependências. Saiu para o corredor, encontrando os criados que, também assustados, procuravam saber o motivo daquela bulha. Era Rose.

Ao acordar, Rose descobrira que sua querida Ivana não estava no leito. Procurou-a por toda a mansão, mas nem sombra dela. Apavorada, começou a gritar.

Olavo, muito aflito, queria saber o que ocorrera, mas Rose falava com dificuldade, em meio aos soluços que a agitavam toda.

– Fala, mulher, o que houve?

– Senhor, uma desgraça! A pequena Ivana desapareceu! Não está em parte alguma!

– Como deixaste isso acontecer, miserável?

Torcendo as mãos, desesperada, Rose explicou:

– Não sei, senhor. Estava muito cansada. Fiquei horas acordada, tentando acalmar a nossa doente. Quando ela adormeceu, também caí no sono, certa de que ela, após tomar as gotas calmantes, só acordaria pela manhã, como de hábito.

– Como minha esposa saiu?

– Ignoro, senhor. Tenho sono leve e desperto ao menor ruído. Entretanto, nada vi nem ouvi.

E Rose lançava-se ao chão, arrancava os cabelos e rasgava as vestes, entre lamentos e gritos de desespero. Vendo o estado da criada, Olavo percebeu que não conseguiria dela informação alguma.

– Levanta-te, Rose. O que aconteceu não tem mais jeito. Precisamos localizá-la o mais rápido possível. No estado em que está, Ivana não deverá ir

longe.

Iniciaram-se buscas cuidadosas. Grupos especialmente formados para esse fim vasculharam a cidade de São Petersburgo de ponta a ponta. Ela, porém, parecia ter sido tragada pela terra. Olavo chegou a oferecer recompensas a quem a encontrasse e a trouxesse sã e salva. Tudo em vão.

Após dois meses, percebendo a inutilidade de tudo, as buscas foram interrompidas. Entretanto, ficava a interrogação: Onde estaria Ivana? O que teria acontecido? Como, tão frágil e indefesa, sem amigos e sem recursos, conseguira desaparecer sem deixar rastros?

A verdade é que ela, mentalmente desequilibrada, temendo a morte e vendo perigo em todos os lados, resolveu fugir. De forma sorrateira, aproveitando que todos dormiam, saiu de mansinho demandando a rua. Utilizou uma pequena passagem, escondida entre as folhagens no fundo do jardim, para evitar os seguranças que vigiavam a frente da mansão. Assim, sem ser vista, conseguiu sair numa rua lateral.

Tudo estava quieto, a cidade tranquila. Correndo, percorreu muitas quadras, ouvindo apenas o som dos seus passos nas pedras da rua e o ladrar de cães ao longe.

Desacostumada de exercícios físicos, logo se cansou. Olhou em torno. Estava em uma rua estreita e pobre de um bairro que não conhecia. Não havia um banco, nada onde pudesse se acomodar e repousar alguns instantes. Como estava exausta, deixou-se cair no chão, escorregando pela parede de uma moradia singela.

Fechou os olhos, reclinando a cabeça. Sob o efeito do calmante que tomara e que agora começava a agir, a respiração se foi normalizando e adormeceu ali na calçada.

Levantando-se bem cedo para trabalhar, o dono da casa abriu a porta e deu com a moça estendida no chão. Penalizado, abaixou-se e percebeu que ela tremia de frio. Estava muito pálida, parecia doente e não poderia ficar assim ao relento. Sem pensar duas vezes, recolheu a jovem, deu-lhe um leito humilde, mas confortável, e cuidou dela.

Precisava trabalhar, porém a tranquilizou:

– Fica sossegada. Vou sair, mas poderás ficar à vontade. Ninguém te aborrecerá. Se tiveres fome, na cozinha tem o que comer. Quando voltar, conversaremos.

Fez uma pausa, avaliando pelas roupas que era alguém de posição, e perguntou:

– Certamente tens família. Queres que avise alguém do teu paradeiro?
Assustada, ela apenas fez um gesto negativo com a cabeça.

– Está bem. Não sei o que se passa contigo, mas respeito tua vontade. Não vás embora. Mais tarde conversaremos.

Ele saiu e Ivana respirou aliviada. Teve vontade de fugir, mas o aconchego da casa, a segurança de um teto, o ambiente aquecido pela lareira fizeram com que desistisse. Não tinha para onde ir e ali estava abrigada. No leito tépido e macio, adormeceu novamente, mergulhando em sono profundo.

No final da tarde, o dono da casa retornou, verificando com satisfação que sua hóspede ainda estava lá. Dormia.

Preparou um caldo de legumes e, quando o cheiro de comida espalhou-se pela casa, ela acordou. Percebendo que seu hospedeiro chegara, tentou levantar-se, mas não conseguiu. Estava muito fraca.

Ouvindo ruído, o homem acercou-se da porta do quarto e, ao vê-la acordada, sorriu:

– Como estás? Pelo visto, descansaste bastante. Preparei a refeição. É bastante simples, mas substancial. Vem, não tenhas receio.

Como Ivana não conseguisse deixar o leito, o homem levou-lhe no quarto a refeição, constante de um prato de sopa, um pedaço de pão e um naco de queijo curado.

Após comer, ela acomodou-se novamente, fingindo estar com sono. Desejava evitar as explicações que, por certo, ele lhe pediria.

Percebendo que a hóspede queria ficar sozinha, o homem afastou-se. Comeu em silêncio e, depois de improvisar um lugar onde pudesse dormir – pois a moça ocupava a única cama –, apagou a luz. Estava exausto, trabalhara o dia todo, o serviço era pesado e teria que levantar muito cedo.

No dia seguinte, também não conseguiu conversar com a hóspede. Ela claramente se esquivava a qualquer explicação. Contudo, as coisas não poderiam ficar do jeito que estavam.

Dois dias depois, ele não foi trabalhar. Quando Ivana acordou, dirigiu-se a ela nestes termos:

– Precisamos conversar. Estás aqui sob meu teto há dois dias e ainda nem sei teu nome. Como te chamas?

Constrangida, ela murmurou:

– Isso não importa.

– Bem. Meu nome é Roman. Não queres me dizer como te chamas?

Abaixando a cabeça, a jovem permaneceu calada.

– Olha, gostaria de ajudar-te, mas não confias em mim...

Ele parou de falar, analisou-a detidamente e prosseguiu, frisando bem as palavras:

– Estão à procura de uma mulher por toda a cidade. O marido ofereceu até uma polpuda recompensa para quem a encontrar. Tu a conheces?

Assustada, os olhos arregalados, ela implorou:

– Por piedade! Protege-me! Desejam matar-me. Por isso, fugi.

– Assim está melhor. Conta-me tudo.

– Meu nome é Ivana. Meu marido é rico e muito poderoso. Deseja livrar-se de mim para ficar com a amante, que mantém em nossa própria casa. Não suportando mais e temendo pela minha vida, aproveitei a distração da minha carcereira, pois era mantida como prisioneira, e me evadi durante a noite.

– Por que não avisaste às autoridades? Por que não recorreste ao czar?

– Bem se vê que não conheces meu esposo, Roman. Usaria de sua influência na corte para prejudicar-me. Ninguém acreditaria em mim! Seria a minha palavra contra a dele.

Condoído da situação de sua hóspede, ele considerou:

– Então não podes permanecer aqui. Não tardariam a encontrar-te. O que desejas fazer?

– A verdade é que não sei. Saí de casa sem roupas, sem dinheiro e sem joias. Como sobreviver? Aconselha-me!

Após concentrar-se durante alguns minutos, o homem sugeriu:

– Tua situação é bastante melindrosa, e dificilmente poderás confiar em alguém, tendo em vista a recompensa que foi oferecida para quem der notícias tuas. Acho, porém, que tenho a solução.

– Por favor, dize.

– Bem, tenho alguém a quem salvei a vida certa ocasião e que se tornou meu amigo leal; pertence a uma tribo cigana. Felizmente para ti, informaram-me hoje de que estão acampados numa pequena aldeia não muito distante de São Petersburgo.

Lembrando-se da sua origem, Ivana se entusiasmou:

– Ciganos! Sim! Gostaria muito de ficar com eles. Achas que me aceitarão?

– Por certo. Esse meu amigo faria qualquer coisa que eu lhe pedisse. Então, está resolvido. Partiremos de madrugada e ninguém nos verá.

O resto do dia passaram planejando e preparando o necessário para a viagem. De tarde, Roman saiu e voltou trazendo uma roupa para Ivana.

– Acho que vai servir-te. Veste. Teus trajes são excessivamente luxuosos e não passariam despercebidos nas ruas. E o que menos desejamos é atrair a atenção das pessoas.

Deitaram-se cedo e, logo às primeiras horas da manhã, se puseram a caminho.

Ivana jogou um manto nos ombros e cobriu a cabeça. Ninguém que visse aquele casal reconheceria na mulher a dama tão procurada. Roman havia alugado dois cavalos e, devagar, para não chamar a atenção, deixaram a cidade. Já no campo, respiraram aliviados. O pior havia passado.

– Agora, que a Senhora de Kazan nos ajude e que os ciganos continuem acampados onde penso que estão.

Muitas horas mais tarde, com o sol a pino, depois de uma curva da estrada, avistaram ao longe os carroções em círculo.

Estendendo o braço, Roman apontou satisfeito:

– Vê! Estamos chegando.

21. No acampamento cigano

A visão do acampamento cigano despertou em Ivana estranhas sensações. Era como o retorno ao lar depois de longa ausência.

Uma onda de emoções, dificilmente controladas, dominou-lhe o íntimo. Era um misto de tristeza e de saudade, de repulsa e de atração, de insegurança e de aconchego. Sentimentos muito fortes, que lhe colocaram o coração em polvorosa à medida que se aproximavam.

Conforme a distância diminuía, permitindo divisar com mais nitidez os carroções, o movimento de pessoas, a fogueira acesa, onde um caldeirão fumegava, sentia que tudo aquilo lhe era muito familiar.

Lembrou-se da mãe, que tão cedo partira, deixando-a entregue a estranhos, e sentiu vontade de chorar. Controlou-se com dificuldade, uma vez que não queria que notassem sua fraqueza, pois os ciganos, tendo avistado os desconhecidos que se aproximavam, pararam suas atividades, curiosos, vindo-lhes ao encontro.

Roman, fazendo um sinal quase imperceptível para que ela aguardasse, caminhou até onde eles estavam. Reconhecido pelo amigo, abraçaram-se efusivamente. Após os cumprimentos, Roman justificou sua presença:

– Vim em busca de ajuda.

Sem fazer perguntas, o chefe do grupo colocou-lhe a mão no ombro e disse:

– Vem. Traz tua companheira. Deveis estar cansados. Contar-me-ás tudo depois, em minha tenda.

Mais tarde, já refeitos da viagem, reunidos com os anciãos da tribo, Roman explicou em poucas palavras a situação da sua companheira, cuja vida corria sério risco. Precisava de um esconderijo até que as coisas se acalmassem, ou até que pudesse fugir para outra região, talvez até outro país, uma vez que o marido tinha muita influência na corte, e a pobre senhora não estaria segura em parte alguma.

Condoídos da sorte da jovem mulher, os ciganos concordaram em protegê-

la. Sabiam bem o que era isso. Também eles eram perseguidos, vez por outra, pela intolerância e pelo preconceito dos homens.

Para Ivana começara uma nova fase. Adaptava-se, não sem alguma dificuldade, às novas condições de vida. Não obstante sua origem cigana, crescera na mansão, tivera educação esmerada, convivera com pessoas nobres e distintas, frequentara sempre os melhores salões da corte imperial. Agora, a simplicidade da vida ao ar livre, os hábitos ciganos rudes e grosseiros, a falta de conforto, a alimentação frugal faziam com que lamentasse sua desdita, aumentando seu rancor para com aqueles que, segundo seu ponto de vista, a teriam prejudicado.

Certo dia, Ivana estava sentada à porta da carroça que lhe servia de morada e que dividia com uma outra mulher, quando se aproximou uma velha cigana. Acomodou-se a seu lado e continuou fumando seu cachimbo, calada, como se a nova hóspede não estivesse ali.

Intrigada, Ivana a observava. As roupas amplas e coloridas estavam sujas e gastas; no pescoço, os colares de muitas voltas cobriam parte do peito, que surgia enrugado pela idade; nos braços, as pulseiras tilintavam à medida que levava o cachimbo à boca, com mãos encardidas, unhas enormes e pretas de sujeira; os cabelos, longos e ensebados, embranquecidos pelo tempo, eram amarrados com um lenço que lhe caía sobre os ombros; os pés, escondidos sob as amplas vestes, com certeza estariam tão imundos quanto o resto. Apesar da repulsa que aquela visão lhe causava, ao mesmo tempo sentia que lhe era muito familiar.

Intimamente, não pôde evitar a comparação com as outras pessoas com as quais convivera até então: sempre limpas, distintas e elegantes.

Sem se virar, a cigana disse com voz rouca e abafada:

– Estás a observar-me? Julgas, porventura, que és melhor do que nós?

Envergonhada ao ser pilhada em flagrante, Ivana desculpou-se:

– Perdoa-me. Não quis ofender-te. Algo em tua figura se me apresenta extremamente conhecido.

Somente então a velha cigana se voltou, fixando Ivana com olhos indagadores.

– Apesar da tua descendência nobre, tens traços de cigana.

A jovem sorriu melancolicamente.

– Vou te contar um segredo. Não sou de descendência nobre, como pensas. Sou uma cigana, como tu, como os outros.

E diante do olhar espantado da outra, Ivana abriu pela primeira vez o

coração, contando sua história e como fora acolhida na mansão.

Enquanto ela falava, a mulher ouvia sem interromper, cada vez mais perplexa. Ao terminar, a velha cigana perguntou:

– Como te chamas?

– Ivana.

Cheia de alegria, a anciã exclamou:

– Sim! És tu mesma, agora percebo! A filha de Mira, minha amiga. Não te recordas de mim? Sou Dália, que muitas vezes te embalou nos braços. Por isso, algo em ti não me era estranho.

Em lágrimas, Ivana juntou:

– Sim, lembro-me agora. Foi o teu cachimbo que me chamou a atenção. Sempre fumaste, e eu, quando criança, achava engraçado ver a fumaça sair formando desenhos no ar.

– Mas, conta-me, Ivana. Na época, não tive condições de cuidar de ti e, com tristeza, te vi partir, tão pequenina, para destino incerto. Segundo ouvi dizer, ficaste bem colocada; família rica e generosa. O que aconteceu para vires aqui pedir asilo aos ciganos?

Ivana suspirou e disse:

– Essa é uma longa história.

– Conta-me.

Ivana pareceu meditar alguns segundos e, depois, olhando à distância como se quisesse recordar-se de tudo o que havia acontecido, principiou a falar:

– Tens razão quando dizes que fiquei bem colocada. A família era boa e cresci como se fora ali nascida. A *barínia* – que Deus a tenha! – sempre me tratou como filha, dando-me de tudo e cercando-me de carinho. Olavo, seu filho, também me tinha afeto e acabamos nos casando. A *mãezinha* Magda, nessa ocasião, já havia falecido. Na verdade, só após sua morte é que começaram meus problemas. Sentia-me insegura e desprotegida. Meu marido, que no início fora tão gentil e amoroso, passou a interessar-se por uma criada, com quem, aliás, havia mantido um relacionamento amoroso no passado, e começou a desejar a minha morte, para poder unir-se a ela.

– Por isso fugiste – completou a estupefata cigana.

Com tristeza e melancolia, Ivana concordou:

– Sim. Que mais poderia fazer? O infame a levou para nossa casa e eu passei a viver como prisioneira em meus aposentos. Um dia, aproveitando um descuido dos meus carcereiros, consegui fugir.

– Como conheceste Roman?

– Após sair da mansão, caminhei durante muitas horas sem destino. Exausta, sentei-me no chão, encostada à parede de uma casa, e adormeci. Nem ao menos sabia onde me encontrava, visto que não tinha por hábito andar pelos bairros da periferia da cidade. Roman encontrou-me e, qual anjo bom, recolheu-me e cuidou de mim. O resto já sabes.

Dália, com seriedade, contemplou Ivana e considerou:

– Minha menina, nosso povo deve ser informado de tudo o que me relataste. Afinal, és uma de nós e corres perigo. Imago, nosso chefe, saberá o que fazer. Vamos.

Ivana acompanhou Dália, demonstrando algum constrangimento por ter que expor sua vida. Contudo, a outra convenceu-a de que era o melhor que tinham a fazer.

Poucos passos as separavam da tenda que servia a Imago, o qual, como os demais, residia numa carroça. Nessa grande barraca, reunia-se com seu povo para tratar de assuntos do interesse geral. Naquele momento, discutia ele alguns problemas, quando Dália entrou, trazendo Ivana e interrompendo a reunião:

– Tenho uma surpresa para ti, Imago. Sabes quem é nossa jovem protegida?

– Sei que é uma fugitiva a quem Roman, meu amigo, solicitou asilo e proteção – respondeu ele, intrigado.

Com ar de triunfo, Dália puxou Ivana para o centro da tenda, informando:

– Olha! Observa-a bem. Não a reconheces? Pois é a pequena Ivana, filha da falecida Mira.

Incrédulos, os ciganos trocaram olhares e cochicharam entre si, sem poder acreditar. Imago, alisando um punhal que tinha nas mãos, fitou a protegida com atenção, tentando lembrar-se. Nada naquela jovem bela e distinta fazia lembrar a menina franzina e pálida que eles tinham abandonado um dia na mansão dos Barenkov.

Ivana, em pé, defronte daquele homem de fisionomia carrancuda e grave, cujos olhos penetrantes a devassavam por inteiro, sentiu medo.

Sem desviar os olhos, Imago ordenou:

– Fala. É verdade o que Dália afirma?

Assustada, ela virou-se para a cigana, que a incentivou:

– Conta tudo. Nada omitas. Não tenhas medo, Ivana.

– Sim. É verdade.

E Ivana repetiu, diante daquela assistência interessada, toda a história da sua vida. Quando terminou, ninguém mais tinha dúvidas de que fosse quem realmente dizia ser. Isto é, uma cigana.

Imago, colérico, trazia o olhar incendiado. Quando Ivana terminou de falar, ele arremessou o punhal ao solo, cravando-o com fúria. Ela conseguira despertar neles o ódio por Olavo. As tradições ciganas ordenavam a vingança nesses casos.

Nos dias que se seguiram, crivaram Ivana de perguntas, procurando saber tudo sobre a vida que levara e armazenando o máximo possível de informações.

Como consequência desse ambiente saturado de pensamentos de vingança e de ódio, de vibrações deletérias que a envolviam completamente, o estado psíquico de Ivana piorou, passando ela a acusar profunda alteração em seu comportamento.

Após a fuga da mansão, serenara um pouco. Não tendo mais a presença daqueles a quem odiava, seu estado geral teve alguma melhora. Com a mudança de vida, novo ambiente, novos interesses, ela mudou o teor dos pensamentos, abandonando por algum tempo as ideias fixas que cultivara, incutidas pelo inimigo desencarnado.

Agora, contudo, as lembranças depressivas voltavam com força total, revigoradas pela insistência dos ciganos em fazer com que se recordasse do passado. Mergulhando, mental e emocionalmente em fatos ainda tão recentes, sentia retornar todo o rancor contra aqueles que – supunha – a haviam prejudicado.

Perambulava pelo acampamento arredia e cabisbaixa, com olhar perdido no vazio e expressão rancorosa.

Íria, uma outra velha cigana, que tinha facilidade em ver e ouvir aqueles que já deixaram este mundo, observava-a atentamente à distância, preocupada.

– Dália – disse ela um dia. – Nossa menina não está bem. Tenho visto sempre perto dela um vulto escuro e maléfico.

– Ah! – exclamou a outra, assustada. – Sabes quem é?

– Não. Ele se esconde. Mas sei que suas intenções não são boas. Quer prejudicar Ivana e aqueles que ela abandonou. Precisamos ajudá-la.

– Será conveniente que ela saiba?

– No momento, não. Vou tentar aproximar-me dela e descobrir mais alguma coisa. Para isso, necessito da tua ajuda.

– Naturalmente. Podes contar comigo.

22. Misterioso desaparecimento

Por sessenta dias consecutivos, procuraram Ivana sem descanso; entretanto, ela parecia ter sumido da face da Terra. Aos poucos os ânimos arrefeceram e, com o passar do tempo, sem esperanças de reencontrá-la, a vida na mansão voltou à normalidade.

Mesmo assim, cabisbaixo e melancólico, Olavo continuava culpando-se do desaparecimento da esposa enferma. Alexandra procurava ajudá-lo a sair desse estado, sem muito sucesso.

Somente Andrei Urich, dentre todos, conseguia dialogar com ele, fazendo-o interessar-se por alguma coisa.

Abandonou os negócios e, não fosse a fiel amizade de Anton Vassiliev, as perdas teriam sido irreparáveis. Vendo o estado de Barenkov, o amigo passou a tomar conta de tudo com seriedade e competência adquiridas no decorrer dos anos de trabalho junto a Olavo. Colocou na Mansão dos Lilases alguém de confiança, estabelecendo-se definitivamente em São Petersburgo.

Certo dia, Anton Vassiliev chegou à mansão trazendo notícias não muito boas. Encontrando Olavo na biblioteca, expôs-lhe a situação:

– Meu amigo, venho dos teus domínios na região dos Urais e as notícias são inquietantes. Estamos tendo problemas com os empregados. Desapareceu parte da colheita de aveia e centeio. Comunicado do que estava acontecendo, não quis preocupar-te e parti para lá. Porém, não consegui descobrir o culpado, e a desconfiança grassa entre todos. Os desentendimentos são frequentes e têm surgido muitas brigas. Já houve uma morte e, apesar dos meus esforços, não logrei restabelecer a ordem.

Fez uma pausa e concluiu, categórico:

– Só tu tens autoridade suficiente para controlar aqueles homens rudes das montanhas. Tens que ir até lá.

Saindo de sua apatia, mas não muito interessado, Olavo perguntou:

– Julgas que isso seja realmente necessário? Uma viagem longa como essa e em condições difíceis...

– Sim. Acho que é imprescindível tua presença lá, para que não venhamos a ter problemas mais graves.

Olavo pensou por alguns instantes e depois concordou, meio a contragosto, como se tal atitude lhe causasse grande sacrifício:

– Está certo. Se não tem outro jeito...

– Muito bem. Não esperava outra coisa de ti, Olavo. Quando partiremos? – indagou Anton, satisfeito.

Com um gesto negativo de cabeça, Olavo respondeu:

– “Partiremos”? Não. “Eu” irei. Tu ficarás aqui, onde és mais necessário.

Com uma ponta de apreensão, Anton reagiu:

– Não concordo. A situação lá é séria e precisarás de ajuda. Não poderás ir sozinho. Impossível!

– Não irei sozinho. Levarei meu fiel cocheiro e um homem de confiança. Isso basta.

– É pouco. As estradas são perigosas e existem muitos salteadores. Tenho uma sugestão: leva pelo menos mais dois homens fortes e hábeis no manejo das armas. Um deles substituirá Valfrido que, apesar de ser de confiança, não é bom lutador. Assim, ficarás, na verdade, com três seguranças.

– Está bem, se assim o desejas. Todavia, julgo desnecessário tudo isso. Vou em missão de paz falar com subordinados meus. Não são criminosos!

– Ótimo. Estou satisfeito e assim fico muito mais tranquilo. Quando partes?

– Dentro de dois dias. O tempo necessário para preparar a bagagem e resolver algumas coisas mais urgentes.

Anton observava Olavo, que apresentava sensível mudança. A indiferença e o alheamento que caracterizaram seu comportamento nos últimos meses haviam quase que desaparecido, substituídos pela energia e decisão que sempre fizeram parte de sua personalidade. Diante da crise, reagira de forma positiva e reassumira sua condição de líder.

Satisfeito, intimamente Anton agradecia ao Criador pela feliz ideia que tivera.

Conversaram mais algum tempo, que foi aproveitado por Vassiliev para colocar Olavo a par dos negócios. Cearam juntos, para alegria de todos, especialmente de Alexandra e de Andrei Urich, sensibilizados com a mudança que se operara no dono da casa.

À mesa, Olavo Barenkov comunicou sua decisão de sair em viagem, causando surpresa em mãe e filho, que ignoravam as últimas resoluções.

– Mas, é necessário que vás pessoalmente? – perguntou Alexandra, preocupada.

– Sem dúvida. Entretanto, não pretendo me demorar. Apenas o tempo preciso para resolver algumas questões pendentes.

– Mas...

Retrucaria, ponderando que outra pessoa poderia ir em seu lugar; todavia, a um sinal quase imperceptível do pai, Alexandra calou-se, compreendendo a inutilidade de tentar dissuadi-lo. Contudo, trazia o coração apertado por crescente angústia.

Ao recolher-se, Olavo pegou um livro à espera do sono, porém não conseguia prender-se à leitura. Sentia um crescente mal-estar, como se estivesse correndo algum perigo, o que o deixou apreensivo.

– Bobagem! – pensou. – Sempre fico um tanto tenso antes de uma viagem. Estou necessitando de repouso. Amanhã acordarei com outra disposição.

Estendeu-se no leito, tentando conciliar o sono. A mente não lhe dava paz; sentia-se angustiado e aflito. Durante horas rolou na cama, insone, só conseguindo adormecer pela madrugada, quando o céu começava a clarear.

Despertou decidido a tomar algumas providências. Após a primeira refeição, dirigiu-se com Anton Vassiliev para os escritórios e, até a hora do almoço, resolveu os assuntos mais urgentes, orientou sobre questões pendentes, recebeu empregados que tinham solicitações a fazer, deixando tudo encaminhado.

Retornou para casa, almoçou frugalmente, parecendo um tanto preocupado. Em seguida, dirigiu-se à biblioteca, onde passou a tarde procedendo a uma limpeza nas gavetas da secretária e colocando em ordem seus papéis. Mandou chamar o notário e, diante da surpresa de Anton, esclareceu que tinha alguns documentos que desejava regularizar.

No final da tarde, o escrivão chegou, sobraçando um grande livro preto. Imediatamente introduzido na biblioteca, segundo ordens expressas, permaneceu em conferência com o proprietário por mais de uma hora. Após esse tempo, a porta foi aberta e o tabelião saiu, todo empertigado, despedindo-se com leve movimento de cabeça.

Olavo parecia satisfeito, mais tranquilo, como se tivesse resolvido importantes problemas. Conversou com todos, mais especialmente com Andrei Urich, que demonstrava por ele um sentimento que raiava à adoração. Também o *barine* aprendera a amar esse rapaz sério e responsável, afável e carinhoso. Sentia imensa satisfação em pensar que poderia ser seu filho,

aquele filho que sempre desejara ter e que Ivana não lhe pôde dar.

A certa hora, vendo que Alexandra se esquivava, foi à sua procura. Encontrou-a no terraço a contemplar o céu estrelado. Acercou-se dela e ficou a observá-la em silêncio. Alexandra tinha o semblante tenso e o olhar externava grande angústia. Ele gostaria de poder dizer a ela tudo o que tinha guardado no coração durante todos aqueles anos, mas não se atrevia. Ternamente murmurou:

– Alexandra, não te preocupes. Tudo vai dar certo. Estarei de volta mais rápido do que imaginas. Conto contigo para manter a ordem na casa.

Ela sufocou um soluço e indagou:

– E se Ivana voltar enquanto estiveres viajando? Que fazer?

– Ajuda-a. Só tu podes fazer isso.

– Ela não me aceita.

– Mas sinto que precisa muito de ti. Repito, só tu podes ajudá-la.

Alexandra virou-se e seus olhos se cruzaram. Falavam de outras coisas, não do que realmente gostariam de dizer um ao outro.

Olavo tomou-lhe as mãos e ficaram assim, embevecidos em mútua contemplação por algum tempo. Até que Andrei Urich os interrompeu. Estava cansado e com sono. Queria se recolher, mas não sem antes se despedir.

– Tens razão – concordou Olavo. – Também tive um dia cansativo e a noite passada dormi muito pouco. Preciso recuperar-me, pois pretendo sair amanhã bem cedo.

Abraçou o rapaz com ternura, afirmando-lhe que retornaria breve e pedindo-lhe que ajudasse a cuidar de tudo. Andrei Urich, com os olhos úmidos, concordou com um gesto de cabeça, sem conseguir articular palavra alguma.

Quebrado o momento mágico, cada qual foi para seus aposentos, tentando conciliar o sono.

Na manhã seguinte, antes de o sol surgir, já estavam todos de pé. Tudo pronto, Olavo reuniu-se aos amigos no saguão e deu as últimas instruções.

– Alexandra, entrego-te a administração desta casa. Cuida bem de tudo na minha ausência. Não te faltará ajuda em Andrei Urich, teu filho, e em Anton Vassiliev, teu pai.

– Sim. Podes ir descansado.

– Anton, meu amigo, serás o gestor de todos os meus bens. Age com sabedoria e com brandura.

– Podes contar comigo. Minhas decisões serão as que tu mesmo tomarias. Em caso de dúvida, esperarei o teu retorno.

– Agradeço-te. Sei que és leal e capaz. Para qualquer coisa a mais que seja necessária, deixei instruções na gaveta da mesa, na biblioteca.

Despediu-se de todos, abraçando-os com muito carinho. Ao aproximar-se de Andrei Urich, que também estava desperto e a custo continha as lágrimas, deu-lhe um abraço apertado, dizendo sensibilizado:

– És o filho que eu sempre quis ter. Aprendi a amar-te durante o tempo em que estás aqui conosco. Auxilia tua mãe e teu avô nas tarefas. Confio em ti.

– Sim, senhor. Também te quero muito.

Aos servos que aguardavam no vestíbulo para despedir-se do patrão, dirigiu palavras de bom ânimo e otimismo, externando o respeito e a consideração que nutria por todos.

A carruagem ia lotada de gêneros e presentes, coisas difíceis de encontrar na região dos Urais, para onde se dirigiam, e que seriam recebidas com muito agrado por todos.

Os homens montaram nos cavalos e a caleça, própria para viagens, pesada e rústica mas confortável, pôs-se em movimento. Olavo colocou a cabeça para fora do postigo da janela e acenou. Logo o veículo desapareceu numa nuvem de poeira amarela.

A mansão foi aos poucos voltando à normalidade. Todos sentiam muita falta de Olavo, especialmente Anton, Alexandra e Andrei Urich. Contudo, gastavam o tempo preparando o melhor, de forma que o proprietário, ao retornar, encontrasse tudo na mais perfeita ordem.

Entretanto, o tempo passava sem nenhuma notícia, nenhum comunicado. Como o inverno se aproximasse, entenderam que o *barine* não tardaria a regressar, uma vez que depois, quando as primeiras neves começassem a cair, ficaria mais difícil o trajeto, pois as estradas se tornariam intransitáveis.

Mas ele não veio e o inverno chegou. Ponderaram que, por alguma razão, Olavo se atrasara e agora teria que esperar o inverno passar. Certamente voltaria no início da primavera, com os primeiros degelos.

Mas a primavera despontou, trazendo sol e alegria. A neve acumulada derretia e fios d'água surgiam de todos os lados, formando regatos. As pessoas saíam às ruas, felizes, trocando as roupas escuras e pesadas da estação invernal por trajes mais leves e coloridos. Ainda fazia frio, mas o sol brilhava num céu muito azul e sem nuvens; o verde da vegetação cobria os

campos e as primeiras flores coloriam a paisagem. E Olavo não voltava.

Anton Vassiliev e Alexandra traziam o coração ralado de angústia, sem que se atrevessem a comunicar um ao outro suas impressões. Até que, não suportando mais, Alexandra explodiu:

– Não aguento mais, meu pai. O que estará acontecendo com Olavo? Temo o pior. Por que não manda notícias? Nem um portador, nada...

Anton, que também estava muito apreensivo, concordou:

– Tens razão, minha filha. Já esperamos o tempo suficiente. É preciso fazer alguma coisa. Agora que o inverno passou e as estradas estão voltando à normalidade, vou em busca dele. Vou aos Urais.

– Ah! meu pai, não sabes que alívio sinto com esta tua decisão! Que a Senhora de Kazan te acompanhe! Traze-nos notícias dele, suplico-te!

Era tal o desespero de Alexandra que Anton tomou-a nos braços:

– Tu o amas muito, minha filha, não é verdade?

– Muito... muito... Não consigo conceber a vida sem ele, meu pai.

– Fica tranquila, minha querida. Eu o encontrarei e o trarei são e salvo para casa.

Rapidamente, juntou algumas coisas, apenas o necessário, colocou num saco de couro de carneiro um bom naco de carne salgada, pão, queijo, um pouco de vinho e, depois de comunicar no escritório que iria ausentar-se, deixando um responsável, montou no cavalo e partiu a galope.

Valfrido, o fiel cocheiro, insistiu para acompanhá-lo:

– Deixa-me ir contigo, Anton. Também estou aflito pelo nosso querido *barine*.

Anton, porém, recusou:

– Agradeço-te, Valfrido. Tua companhia seria um prazer para mim. Contudo, na minha ausência, preciso que fiques aqui na mansão. Confio em ti.

Assim, partiu. Não quis afligir ainda mais Alexandra, porém estava extremamente apreensivo. Também considerava muito estranha a falta de notícias de Olavo.

Enquanto o animal galopava célere pelas estradas, Anton, sentindo o vento gelado que lhe batia no rosto, como um látego, conjeturava: “Como teria Olavo encontrado a herdade? Teriam os servos, revoltados, cometido alguma violência?”

Parando apenas o suficiente para se alimentar frugalmente e dar algum repouso ao cavalo, em poucos dias atingiu a propriedade. Tudo estava calmo

e na mais perfeita ordem.

Recebido com alegria pelos *mujiques*, ordenou, após os cumprimentos de praxe:

– Levai-me até Olavo Barenkov. Necessito vê-lo.

Os homens trocaram olhares surpresos entre si, e o responsável pela propriedade respondeu:

– Por certo te enganas, Anton Vassiliev. Ele não se encontra aqui. Há muito não o vemos.

– Ah! Já retornou, então! – exclamou, aliviado. – Com certeza nos desencontramos no caminho.

Vladmir, o intendente, coçou a cabeça:

– Creio que não estás entendendo, Anton Vassiliev. O *barine* não esteve aqui. O que se passa? – indagou, preocupado.

– Como não esteve aqui? Saiu de São Petersburgo há muitos meses com destino a esta propriedade!...

– Pois se o que dizes é verdade, algo aconteceu. Afirmando-te que aqui não chegou.

Anton sentiu a cabeça formigar e o chão parecia faltar-lhe sob os pés. Encostou-se ao cavalo para não cair.

Percebendo o estado de depauperamento do recém-chegado, Vladmir ponderou:

– Estás exausto, Anton Vassiliev. Pelas tuas condições, noto que viajaste sem descanso. Estás muito pálido e abatido. Vem, vamos entrar. Enquanto te lavas e vestes roupas limpas, providenciarei algo para comer. Depois, conversaremos.

Como estivesse extremamente cansado, Anton deixou-se levar. A refeição – que constou de um bom pedaço de carne de carneiro assada, pão, queijo e vinho – foi consumida com satisfação, pois o recém-chegado estava realmente faminto. Após o repasto, os homens, reunidos na *isba* de Vladmir, puseram-se a conversar.

– Explica-te melhor, Anton Vassiliev. Por que esperavas encontrar o *barine* aqui na herdade?

Anton, já mais refeito, esclareceu:

– Assim que retornei à capital, coloquei Olavo a par da situação, aliás bastante tumultuada. Imediatamente, ele se dispôs a vir aos Urais resolver o problema.

Fazendo uma pausa, Anton indagou:

– A propósito, como resolveram a questão? Vejo tudo calmo e na mais perfeita ordem...

– É verdade – concordou Vladimir. – Logo após tua partida, descobrimos o criminoso, Natan, que estava mancomunado com um vizinho velhaco. Depois de sua confissão, fizemos com que nos levasse até o local onde estocava o produto do roubo, a *isba* de seu cúmplice. Conseguimos reaver boa parte do que fora roubado.

– E Natan? – quis saber Anton. – O que fizestes com ele?

– Considerando-se perdido, aproveitou um descuido nosso e tentou fugir, atacando um dos homens que o vigiavam. Defendendo-se, o *mujiqe* acabou por matá-lo.

– É lamentável.

– Sim. Porém, entre ele e nós, não havia escolha possível. Natan teve o que mereceu. Além disso, o importante é que a paz voltou a esta propriedade. Mas, continua...

– Tens razão. Prossigo, então. O *barine* deixou São Petersburgo bem antes do inverno. O inverno chegou, partiu, veio a primavera, e a verdade é que ele não voltou para a capital. Pior que isso, agora descubro que ele nem sequer chegou até aqui! O que teria acontecido?

– Ignoro. Mas precisamos descobrir – falou Vladimir, inquieto.

Um dos empregados ponderou:

– Essas estradas estão infestadas de salteadores. Quem sabe o nosso *barine* não foi vítima deles? Poderemos investigar.

– Muito difícil. Se algum vestígio de violência existisse, teria sido apagado pela neve – retorquiu Anton, prosseguindo: – Além do mais, não viajava sozinho. Tinha uma escolta de segurança, composta de três homens fortes e valentes, incluído o cocheiro.

Outro homem sugeriu:

– Não poderia ter sido vítima do cúmplice de Natan? Afinal, ficou furioso por ter sido desmascarado.

– É uma possibilidade, embora pouco provável. Ele não é trouxa e sabe que, em virtude do acontecido, seria o primeiro suspeito. Não, não creio. Por via das dúvidas, deverá ser investigado, naturalmente.

Por longo tempo estiveram conjecturando sobre o paradeiro de Olavo, sem que chegassem a uma conclusão. Antes de se recolher, Anton decidiu:

– Já que Olavo Barenkov aqui não chegou, é inútil minha permanência nestes sítios. Amanhã mesmo retornarei para São Petersburgo, agora fazendo

o trajeto mais devagar e observando todos os lugares, para tentar descobrir o que aconteceu. Aqui, continuareis alerta investigando na região. Comunicai-me qualquer novidade.

23. Busca infrutífera

Na manhã seguinte, Anton Vassiliev partiu. Dormira numa boa cama, macia e aquecida, e, apesar do cansaço, sentia-se mais bem-disposto. Levava um pouco de víveres, um odre de vinho e muita esperança. Nas despedidas, recebeu o carinho e os votos dos *mujiques* nas palavras de Vladimir:

– Que Nossa Senhora de Kazan te proteja e te ajude a descobrir o paradeiro do nosso *barine*!

Assim, atento a tudo, Anton Vassiliev iniciou sua jornada. Agora, só viajava enquanto houvesse clareza, para não perder nenhum vestígio que ainda pudesse existir. Durante as horas noturnas, descansava, fosse num celeiro, numa estalagem, numa gruta, sob a copa de uma árvore, ou mesmo sob o céu estrelado, ouvindo o uivo do vento das estepes, quando não tivesse onde se abrigar. Nessas ocasiões, envolvia-se na grossa manta de lã de carneiro que trouxera consigo e deitava-se recostado no cavalo para se aquecer, pois à noite ainda fazia muito frio. Contemplando as estrelas, refletia sobre o que teria acontecido com Olavo, não se esquecendo do amigo nem por um momento.

Todas as manhãs era a mesma rotina: recomeçava a marcha, parando sempre que julgasse necessário para observar cuidadosamente as encostas das montanhas, os fundos precipícios que se estendiam a seus pés, no meio da vegetação, para ver se descobria algum indício da passagem de Barenkov, acreditando pudesse ter caído em algum despenhadeiro. Ou, então, parava nas estalagens à beira do caminho, indagando se teriam visto o *barine* – um homem muito bem vestido, viajando numa caleça, acompanhado de três fortes cavaleiros. Às vezes, precisava colocar algumas moedas na mesa para avivar a memória do estalajadeiro, mas a resposta, invariavelmente, era a mesma: “Não, *paizinho*, por aqui não passou ninguém que corresponda a tua descrição”.

Anton pagava a conta, agradecia e partia, cada vez mais desanimado.

Certa tarde, quando já havia perdido de vez as esperanças, parou numa

estalagem, mandou que cuidassem do animal e, em seguida, adentrou o salão, acomodando-se em mesa próxima à janela de onde se descortinava magnífica vista. Aproximou-se uma jovem aldeã, bonita e rosada:

– Boa tarde, senhor. O que desejas?

– O que tens aí para se comer?

– Um guisado de lombo de carneiro com couves, carne assada na brasa, pão e queijo.

– Parece muito bom. Podes trazer-me. E para beber?

– Temos um vinho excelente! – informou a moça com um sorriso convidativo.

– Ótimo. Então, traze-me uma caneca de vinho.

Não demorou muito e a serviçal retornou com uma bandeja de madeira, os pratos fumegantes e a caneca de vinho, a qual colocou sobre a mesa.

Com a bandeja na mão, ficou parada esperando que ele provasse o vinho. Anton tomou um gole da bebida e por pouco não fez careta. O vinho era horrível, dos piores que já tinha provado em toda a sua vida.

– E então? – perguntou a jovem.

– Muito bom! – mentiu, gentilmente. – A propósito, gostarias de fazer-me companhia? Não estou acostumado a comer sozinho. Aqui tem comida de sobra para dois. Senta-te comigo e, enquanto comemos, iremos conversando.

A jovem aldeã olhou em torno. A proposta era tentadora. Não se alimentava desde a hora do almoço; só tinha permissão para comer depois que o movimento terminasse, com a saída do último freguês. Mas agora o salão estava praticamente vazio e tinha folga.

– Bem... não sei se devo. Não é costume sentar-me com estranhos.

– Então, apresento-me. Sou Anton Vassiliev e resido em São Petersburgo. Retorno de uma visita à propriedade de meu patrão, nos Urais.

Mais tranquila, a jovem acedeu em lhe fazer companhia, especialmente quando ouviu falar da capital do império.

– Ah! São Petersburgo! Tenho muito desejo de conhecer a nossa capital, mas ainda não foi possível.

– Quem sabe? Nada é impossível! Mas, não me disseste teu nome.

– Perdoa-me, senhor. Ludmila é o meu nome. Mas podes me chamar de Mila, que é como todos me tratam.

Aos poucos o gelo foi quebrado e logo conversavam como velhos amigos. Anton direcionou o assunto para o que lhe interessava:

– Mila, poderias informar-me se passou por aqui, há alguns meses, um

cavalheiro claro, de cabelos pretos, bem vestido, que viajava numa caleça, com uma escolta de dois homens fortes além do cocheiro?

Após pensar por instantes, a aldeã indagou:

– Um cavalheiro bonito e elegante?

Anton sorriu, achando graça:

– Sim.

– De olhos tristes?

– Sim, esse mesmo! – surpreendeu-se Anton. – Esteve aqui?!... – perguntou.

– Esteve. Recordo-me porque tenho boa memória e porque fiquei impressionada com a figura do distinto cavalheiro. Era muito atraente! – justificou-se.

Agradecendo intimamente a Deus, Anton continuou a perguntar, desejando detalhes.

– Hospedou-se aqui na estalagem?

– Sim, ele e sua escolta. Deve ser muito rico, não é?

Sem parecer ter ouvido a pergunta, Anton continuou, ansioso:

– Conta-me tudo.

– Bem. Eles chegaram mais ou menos neste mesmo horário. Pediram a refeição, comeram e, em seguida, o cavalheiro subiu para o quarto.

– E os outros?

– Ficaram no salão até mais tarde, bebendo e jogando.

– E depois?

– Depois... também se recolheram. Partiram na manhã seguinte bem cedo, após uma rápida refeição.

– Notaste algo de estranho durante o tempo em que permaneceram aqui?

– Estranho? O quê, por exemplo?

– Não sei! Uma palavra, uma reação, uma atitude talvez...

A jovem pensou um pouco e meneou a cabeça:

– Não... nada de estranho ocorreu.

– Pensa bem!

Concentrou-se por momentos, tentando lembrar de todos os fatos ocorridos naquela noite:

– Nada... nada aconteceu – repetiu Mila. Em seguida, porém, como se somente naquele instante uma ideia lhe ocorresse, comentou:

– Com exceção de um dos homens, que, por duas vezes, chegou até à janela como se esperasse alguém.

– O que dizes?

– É... isso mesmo! É verdade! Lembro-me agora. Um dos homens da escolta por duas vezes, que eu tenha visto, aproximou-se da janela discretamente, esquadrinhando lá fora. Estranhei, porque, àquela hora, a noite estava muito escura e nada havia para ver do lado de fora, apesar da beleza da paisagem que, durante o dia, todos admiram. Estava um breu!

– Muito interessante!... Conta-me, como era esse homem?

– Não muito jovem, estatura mediana e bem magro; barba curta e cabelos longos amarrados com uma fita vermelha.

– Rúdi! – exclamou Anton, batendo com o punho cerrado na mesa. – Bem que eu não confiei nele, desde que surgiu não se sabe de onde! Mas Olavo tomou-se de simpatia pelo miserável e nada pude fazer.

Olhando-o surpresa, Ludmila quis saber:

– Mas, o que está acontecendo? Por que tantas perguntas, senhor? Quem é esse Rúdi? Ou melhor, quem é esse cavalheiro rico? O que aconteceu? Por Deus, senhor, conta-me!

Tentando readquirir o equilíbrio, Anton respirou fundo e tranquilizou a jovem:

– Acalma-te. Contar-te-ei tudo o que aconteceu, porque talvez me possas ajudar. Ouve.

E assim, em voz baixa, Anton colocou a jovem a par dos fatos. Para finalizar, completou:

– Agora já sabes de tudo. A primeira informação que consegui da passagem do meu patrão e amigo por estas bandas foi contigo. Penso que algo de muito grave deve ter acontecido após eles terem saído desta estalagem.

– Por Nossa Senhora de Kazan! Será que o cavalheiro foi vítima de bandoleiros que pululam por essas estradas? – considerou Mila, perplexa.

– Não. Não creio. Cheguei até a pensar que sim, mas depois do que me contaste, estou mais inclinado a acreditar que Olavo foi vítima de uma cilada.

– Achas que o tal Rúdi estava mancomunado com alguém?

– Tudo leva a crer que sim. Por que estaria preocupado em vigiar a janela? Certamente esperava alguém. Ah! Desde que apareceu pedindo serviço na mansão, em São Petersburgo, não gostei dele. Algo em sua aparência causava-me aversão, talvez seus modos, seu jeito. Não me parecia digno de confiança. Enfim, era-me profundamente antipático. Todavia, Olavo deixou-se seduzir por suas maneiras obsequiosas e melífluas. Conservava-se à

disposição do patrão, atento e interessado, sempre que fosse necessário. E, dessa forma, conseguiu a confiança de Barenkov, fazendo-se indispensável.

– E agora, o que farás?

– Vou retornar sobre meus passos para ver se descubro alguma coisa.

Nesse momento, Ludmila notou que o estalajadeiro olhava para eles, impaciente. Na verdade, ele não se incomodava com o fato de a criada sentar-se à mesa dos fregueses, desde que os incentivasse a gastar. Discretamente, ela explicou a situação para Anton:

– Vou buscar mais vinho. Acabamos de comer há tempo e o patrão está indócil.

Compreendendo a posição da moça, Anton pediu em voz alta:

– Traze-nos mais desse excelente vinho. Hoje quero beber bastante!

Com um sorriso, Ludmila levantou-se e retornou pouco depois com um odre de vinho. Junto, trazia um prato de torresmo temperado.

– Gentileza do patrão para acompanhar a bebida – explicou.

Anton virou-se para o local onde o estalajadeiro estava e acenou, num gesto de agradecimento.

Resolvido o problema, mais tranquilos, ambos continuaram a conversar.

– Mila, procura lembrar quem esteve aqui no dia seguinte, após a partida do *barine*.

Rebuscando na memória, a jovem nada encontrou:

– Aqui? Não me recordo. O movimento foi pequeno, se não me engano. Ninguém que tivesse chamado a atenção.

Agarrando-a pelos braços, ele insistia:

– Por favor, Mila, é muito importante!

– Ninguém esteve aqui! A não ser um grupo de ciganos que parou para dar água aos cavalos, e que nem sequer entrou aqui no salão, não me lembro de ninguém.

– Grupo de ciganos?!... É isso! Rúdi era cigano, posso jurar! Com certeza, era a eles que aguardava, vigiando pela janela. Talvez esperassem a ocasião ideal para agir...

– Valha-me Deus! Será que os ciganos os assaltaram?

– Quem sabe? Parece-me que sim. Todavia, nada posso afirmar por enquanto. Uma coisa é certa: rastrearei esta região toda e, tão certo quanto me chamo Anton Vassiliev, desvendarei esse mistério.

Fez uma pausa, fitando a jovem à sua frente.

– Ajudaste-me muito, Mila, e te sou grato por isso. Se puder ser-te útil em

alguma coisa, diz. Farei qualquer coisa para servir-te.

Com um sorriso luminoso no rosto corado, ela respondeu:

– Meu sonho é conhecer São Petersburgo. Quem sabe poderias me ajudar a concretizá-lo. Não tenho família e moro de caridade na casa de Nikolos, o estalajadeiro, que, em troca do meu trabalho servindo às mesas, dá-me pouso e comida.

– Nada mais fácil. Se é esse teu desejo, está feito. Quando puder, virei buscar-te. Na grande cidade tenho como dar-te moradia e um emprego decente. Aguarda minha volta.

– Sim, *barine*. Ficarei rezando para que a Senhora de Kazan te abençoe e encontres teu amigo.

Como o odre de vinho estivesse quase vazio – uma vez que, não desejando se embebedar, enchia a caneca e jogava o líquido pelo vão da janela, quando sabia não estar sendo observado –, Anton agradeceu à boa jovem e despediu-se:

– Vou recolher-me agora. Amanhã partirei bem cedo. Obrigado por tudo.

Pedindo um quarto, Anton deitou-se rapidamente. Entretanto, estava muito ansioso para conciliar o sono, conquanto extremamente cansado. Sentia-se radiante por ter, finalmente, obtido notícias; apreensivo, porém, por ignorar o que tinha acontecido com o amigo Olavo.

Na manhã seguinte, alimentou-se frugalmente, pegou o cavalo, descansado e bem nutrido, e despediu-se da jovem aldeã, que o aguardava no pátio:

– Lembra-te, Mila. Fica atenta e informa-me sobre tudo o que conseguires descobrir. Na volta, levar-te-ei comigo.

Eufórica, Mila tomou a mão de Anton e, inclinando-se numa reverência, beijou-a, antes que ele pudesse impedi-la:

– Conta comigo, *paizinho*. Serei teus olhos e teus ouvidos enquanto estiveres longe. Vai em paz e que a Senhora de Kazan te proteja!

Anton partiu numa nuvem de poeira, refazendo os caminhos percorridos. Toda *isba* que encontrava no caminho, todo *mujique* que visse entregue ao cultivo da terra nas extensas *deciatines*, ele parava para obter informações. As ravinas, os precipícios, examinava-os um a um com especial atenção, quando não descia pelas ribanceiras, sempre que possível; andava pelas margens dos rios procurando vestígios; internava-se nas montanhas, a que estava acostumado, embrenhando-se pelo mato e ferindo-se nas ramagens mais espessas.

Por dois meses, perambulou pelas estradas, passando privações de toda

ordem. Voltou à propriedade nos Urais, mas também lá nada havia de novo. Continuou em sua busca, incansável. Findo esse tempo, numa noite em que dormia sob a luz das estrelas e após muito meditar, tomou uma decisão. Como se tornara impraticável descobrir o mistério que encobria o desaparecimento do seu amigo Olavo – pois se houvesse uma possibilidade, mínima que fosse, ele já o teria encontrado –, melhor seria retornar para São Petersburgo.

A caminho de casa, chegou à estalagem ao anoitecer. Como da outra vez, o movimento era pequeno. Ludmila aproximou-se, olhando-o com estranheza.

– Não me reconheces, Mila?

– Anton Vassiliev?!...

– Estou tão mudado assim?

A jovem examinou-o, penalizada:

– A que estado estás reduzido, *paizinho*!

Anton não se dera conta das mudanças que sofrera durante aqueles meses. Estava sujo, com a roupa em frangalhos, botas rotas, cabelos e barba crescidos e sem trato, olhos encovados. Emagrecera bastante. Exausto, mal se sustinha em pé. Abatido, em virtude das dificuldades e obstáculos do trajeto, ansiava por um leito macio.

Tomando-o pela mão, compadecida, a moça o conduziu:

– Vem comigo. Preparar-te-ei um banho quente e roupas limpas. Depois, uma refeição e, para completar, uma cama macia e acolhedora.

– Mila, não tenho com que pagar tudo isso. Estou sem recursos.

– Não te preocupes. Tenho alguns *rublos* que consegui ajuntar das gorjetas que recebo. E as roupas, temos algumas que um transeunte esqueceu e que deverão servir-te.

– Mas esse dinheiro é teu. Não é justo que o gastes comigo.

Com um gesto bem-humorado, ela considerou:

– Que importa? O dinheiro existe para ser usado quando precisamos dele!

Além disso, não prometeste levar-me a São Petersburgo?

– É verdade. Nosso acordo está de pé.

– Então? Não te preocupes!

Com um sorriso triste, ele se deixou conduzir.

Após o banho, Mila levou-lhe a refeição no quarto e ficou ali perto enquanto ele comia.

– E então? – indagou ela quando Anton terminou a refeição. – Descobriste alguma coisa?

– Nada. É como se Olavo Barenkov e sua escolta tivessem sido tragados pela terra. E tu?

– Infelizmente, também não tenho boas notícias para dar-te. Nada descobri. Suspirando, Anton ponderou:

– Só o tempo talvez poderá responder às nossas indagações. Partirei amanhã. Infelizmente, não posso levar-te agora, pois só tenho um animal.

– Não seja por isso. Após o pagamento do quarto e da refeição, me sobrarão alguns *rublos*. Comprarei um cavalo, arreios, e ainda teremos o necessário para nos abastecermos durante a viagem.

– Então está decidido. Quando chegarmos a São Petersburgo, te reembolsarei de tudo o que gastaste comigo.

– Só o fato de me lebares junto contigo já é pagamento suficiente. Repousa agora.

Anton acomodou-se no leito e, puxando as cobertas, agradeceu a Deus o conforto dessa noite. Fechou os olhos e caiu em sono profundo.

Despertou com o sol a pino. Espreguiçou-se e olhou para a janela. Deveria ser muito tarde. Nunca dormira tanto.

Alguém bateu na porta discretamente e entrou. Era Ludmila.

– Afinal, acordaste *paizinho*. Estavas dormindo tão profundamente que não tive coragem de despertar-te.

– Que horas são?

– A tarde está a meio.

De um pulo Anton se pôs de pé, recolhendo os poucos pertences que ainda possuía.

– Então vamos, avia-te! Deveríamos estar galopando há muitas horas. Perdemos um tempo precioso.

Logo estavam prontos para partir. A aldeã aproveitara, enquanto ele dormia, para fazer seus preparativos. Explicara a situação ao estalajadeiro, solicitando dispensa do serviço e agradecendo por tudo o que ele lhe fizera. Conquanto não tivesse gostado muito do pedido de Ludmila, visto que perderia excelente ajudante, não poderia impedi-la. Acusou-a de ingrata, mas resignou-se ao inevitável. Cúpido, amansou um pouco quando a antiga serviçal pagou generosamente pela hospedagem de Anton e pelo cavalo, cujo preço cobrado era muito superior ao que realmente valia.

Despediram-se e partiram. Mila deixava aquele lugar sem tristeza. Jamais fora feliz ali, onde somente encontrara trabalho, cansaço e solidão. Agora, com o coração cheio de esperança, tomava o rumo da capital.

24. Em São Petersburgo

Após alguns dias de jornada, aproximaram-se da grande cidade. Anton teria feito o trajeto em bem menos tempo, mas era preciso considerar as condições de Ludmila, não acostumada a grandes viagens e às canseiras daí decorrentes.

Assim, extremamente fatigados, divisaram ao longe as torres da cidade. A vista de São Petersburgo, porém, encheu a jovem camponesa de entusiasmo e energia.

A capital do império russo, já naquela época, era uma urbe de vida intensa e movimentada. Entrando pelos grandes portões, Mila fez o trajeto sob grande euforia, observando construções e monumentos, praças e palácios, esquecida já do cansaço.

Ao se deterem defronte da elegante mansão da família Barenkov, seu novo lar, Mila não continha a surpresa, que aumentou ao transporem os portões da senhoril residência.

Alexandra e os demais criados correram ao encontro dos recém-chegados. Com espanto observaram a bela jovem que acompanhava Anton Vassiliev. Diante do interesse geral, ele fez as apresentações:

– Alexandra, esta é Ludmila, uma amiga que ficará conosco de ora em diante. Mila, esta é minha filha, Alexandra Andreevna, e estes são os servidores da casa.

Notando o natural acanhamento da recém-chegada, Alexandra aproximou-se e lhe deu as boas-vindas, apresentando cada um dos criados, que receberam a nova moradora com gentileza. Em seguida, Alexandra não se conteve mais. Puxou Anton para um lado e indagou:

– Pai, estamos todos aflitos! Conta-nos. Quais as notícias que nos trazes? Encontraste Olavo? Como está ele?

Anton e Mila trocaram um olhar apreensivo.

– Calma, minha filha. Sê forte. Não trago boas notícias. Ninguém sabe de Olavo; nada consegui descobrir. Mas a história é longa... muito longa...

Alexandra sentiu uma vertigem; apoiou-se na cadeira mais próxima e

respirou profundamente. Era uma mulher forte e de alta têmpera, já tinha sofrido muito na vida e não se deixaria abater. Reunindo forças, conteve a emo o, não desejando desnudar seus sentimentos perto dos criados e, ainda menos, perante a jovem desconhecida. Com voz que pretendia fosse a mais natural possível, considerou:

– Compreendo, meu pai. Saberemos enfrentar mais esta desventura. Agora, estais muito cansados. Vou mandar preparar-vos uma refei o, enquanto repousais um pouco. Depois, conversaremos – e voltou-se para a jovem: – Mila, vem comigo. Vou mostrar teus aposentos.

Duas horas depois, mais refeitos e alimentados, dirigiram-se ao salão para conversar. Como Mila percebesse que a filha de Anton se sentia constrangida na sua presença, despediu-se:

– Gostaria de recolher-me agora. A viagem foi extremamente cansativa. Peço-vos licença. Boa noite!

Após a saída da jovem, ambos ficaram mais à vontade. Alexandra deu vazão   sua ansiedade:

– Pai, por piedade! Já esperei demais! Nada me escondas. Onde está Olavo? O que aconteceu com ele? Estou enlouquecendo s  de pensar que algo de terrível possa ter ocorrido!

– Tranquiliza-te, minha filha, para poder ouvir as notícias que, contra a minha vontade, te trago. Deus   testemunha de que fiz tudo o que podia para descobrir o paradeiro de Olavo Barenkov. Apesar disso, tudo inútil.

– Como assim? Fala, pai!

Respirando profundamente, ele principiou a falar:

– Ouve, minha filha, e julga por ti mesma.

E relatou a Alexandra todas as suas andanças e peripécias durante os meses de ausência. Quando terminou, ela chorava.

– Segundo julgo, meu pai, nós o perdemos.

– Não, minha filha, desconhecemos o que houve. É diferente. Pode ser que tenha sido aprisionado, sofrido um acidente, quem sabe? O certo é que R di deve estar metido nessa encrenca. Isso foi coisa de ciganos.

Enxugando o pranto, Alexandra perguntou:

– E agora, pai, o que vamos fazer?

Com um gesto de desalento, ele murmurou:

– Esperar! Só nos resta esperar. Tenho c  comigo que um dia ainda iremos ter notícias dele. Mas por enquanto vamos tocar nossa vida, cuidando do patrim nio que nos foi entregue para administrar e esperando que Nossa

Senhora de Kazan nos ilumine.

Com os olhos perdidos no vazio, meditando sobre as últimas horas que Olavo passara naquela casa, Alexandra afirmou:

– Pai, ele sabia de alguma coisa, talvez pressentisse algum perigo. Estava muito estranho ao despedir-se. Deixou inclusive ordens expressas para o caso de “necessidade”. Lembras-te?

– É verdade! Amanhã mesmo verificaremos esses documentos. Agora é tarde e preciso descansar para poder enfrentar o novo dia. Terei muitas tarefas espinhosas. Entre elas, a de comunicar aos criados da casa e aos empregados do escritório o desaparecimento do patrão, e tomar as decisões cabíveis.

Abraçou e beijou a filha, desejando-lhe uma boa-noite. Nesse instante lembrou-se de perguntar:

– A propósito, onde está meu neto, Andrei Urich? Estranhei sua ausência.

– Meu filho foi à Mansão dos Lilases vistoriar a propriedade, mas amanhã estará de volta. Não imaginas como ele tem trabalhado, meu pai, procurando suprir tua falta e assumindo muitas responsabilidades. E também como tem sentido saudades de Olavo.

– Sei disso. Esse é um outro problema que terei de enfrentar amanhã.

Recolhendo-se, Anton não conseguia, apesar do cansaço, conciliar o sono. Nada mais dissera à filha para não aumentar seu sofrimento. Contudo, sentia-se profundamente desalentado, embora demonstrasse firmeza. Chegara à capital com esperanças de que ali tivessem notícias do amigo desaparecido, ou até que ele houvesse retornado e tudo estivesse em perfeita ordem. A decepção fora rude e violenta. No entanto, nada mais lhes caberia fazer. Só aguardar.

Revirando-se no leito, Anton não tinha paz. Ainda um outro motivo, que não queria reconhecer nem para si mesmo, tinha ele para perder o sono. Intimamente se sentia culpado por ter incentivado Olavo a fazer essa viagem trágica. Agora, não havia mais jeito. Gostaria de voltar no tempo, mas era impossível.

Conseguiu adormecer somente pela madrugada e teve sono agitado. Quando despertou, o sol já ia alto e a claridade inundava o aposento.

Levantou-se e encontrou Alexandra na biblioteca, examinando a papelada de Olavo.

– Ah! Acordaste, meu pai! Vê, consegui encontrar as orientações dele. Eilas.

Havia dois pacotes. Um, maior, destinado a Anton Vassiliev. O outro, endereçado a Alexandra Andreevna.

Com o coração batendo forte, Alexandra quebrou o lacre com mãos trêmulas e desdobrou o papel. A caligrafia, de traços firmes e bem delineados, parecia saltar do papel.

Era como se Olavo estivesse ali, presente, o que fez com que uma emoção muito forte a envolvesse. Procurando se conter, com uma das mãos no peito, leu:

À minha muito querida Alexandra.

Quando estiveres lendo estas linhas, provavelmente já terei partido. Não quero que sofras, nem que lamentes coisa alguma. Certamente tudo teria que ser como realmente foi, porque nada acontece por acaso, pelo menos foi o que me assegurou o fantasma da minha mãe, certa ocasião.

Provavelmente, estranharás minhas palavras, pois jamais dei crédito a essas superstições, e sabes disso. Contudo, devo assegurar-te que estava enganado. Hoje, tenho absoluta certeza de que ninguém morre e que continuamos existindo num outro lugar, que não sei bem onde fica, mas que existe. Tanto é que minha adorada mãe, após seu falecimento e numa época em que eu, já casado, sofria muito, apareceu a mim e deu-me provas de sua identidade, consolando-me e aconselhando-me.

Relato-te estas coisas para que não te desespere em momento algum. Mesmo que eu haja desaparecido do mundo dos vivos, continuarei existindo e estarei a teu lado, uma vez que nunca deixei de amar-te.

Perdoa minhas palavras, palavras essas que nunca pude pronunciar enquanto estávamos juntos, mas, neste instante, já não estarei preso a compromissos terrenos, segundo julgo.

Algo de muito forte leva-me a pensar assim. Uma angústia e uma apreensão muito grandes invadem minh'alma e sinto que corro grande perigo. Tenho a intuição de que esta é a última vez que vejo esta casa. Ao solar da família Barenkov não retornarei mais com este corpo material. Entretanto, só o futuro dirá se tenho razão.

Tem a certeza de que continuarei velando por ti e por nosso filho, Andrei Urich. Estás surpresa? Sim, não me perguntes como, mas agora eu “sei” a verdade. Suplico-te que me perdoes todo o mal que te fiz. Na ocasião, errei e reconheço meu erro. Não confiei em ti e, por isso, me arrependi amargamente. Perdoa-me, se puderes.

Desejo pedir-te ainda um favor. Cuida de tudo, auxiliando teu pai, meu

amigo Anton Vassiliev, na administração de meus bens de fortuna. Deixei ordens expressas que deverão ser cumpridas. Elas se destinam a preservar os direitos de meu filho, que reconheço legalmente, e de minha esposa, Ivana, enquanto existir, no caso de ser encontrada. Espero que já o tenha sido. Se isso acontecer, peço-te que cuides dela. Ivana necessita muito da nossa ajuda.

Quanto a Andrei Urich, deixo a teu critério revelares ou não a verdade a ele. Não desejo que a memória de Nikolai Nikolaievitch seja manchada, e também temo que Andrei não me perdoe a posição tomada na época. Não obstante, confesso que apreciaria muito que meu filho soubesse que sou seu verdadeiro pai.

Algum dia, em algum lugar, voltaremos a encontrar-nos. Esperarei com ansiedade esse momento, pelo muito que te quero, pedindo à Senhora de Kazan te abençoe e proteja.

Do sempre teu,

Olavo Barenkov.

Ao terminar de ler a carta, Alexandra chorava copiosamente, não contendo a emoção.

A seu lado, Anton Vassiliev examinava os papéis que lhe haviam sido endereçados.

Olavo pensara em tudo. Ali estavam reunidos documentos da maior importância, tais como: uma procuração em seu nome para que pudesse gerir os bens da família Barenkov na falta do seu titular; o reconhecimento da paternidade de Andrei Urich; um testamento, em que dividia seus bens, resguardando a parte de Ivana, sua esposa, e a de Andrei Urich, seu filho e herdeiro; também deixava algumas propriedades para Alexandra e Anton Vassiliev, além de alguns legados menores para antigos e fiéis criados. Ao mesmo tempo, deixava Anton Vassiliev como gestor de toda a sua fortuna, enquanto Ivana estivesse impedida de exercer sua vontade e Andrei Urich não houvesse atingido a maioridade.

Anton quedou-se, pensativo. Alexandra, mais calma e notando o pai preocupado, quis saber do que se tratava.

– Vê por ti mesma – disse Anton, passando a papelada para a filha.

Analisando os documentos, Alexandra ainda uma vez reconhecia a eficiência e a grandeza de alma de Olavo.

– O que temes, meu pai?

– Tu sabes o que temo. Achas que os outros membros da família Barenkov

aceitarão isto?

– Não. Sei que não aceitarão. Mas foi exatamente por isso, por prever essa eventualidade, que Olavo tomou as decisões que acabamos de conhecer. Para proteger-nos da perseguição de parentes ambiciosos. O que faremos, meu pai?

– Nada. Temos que aguardar. Mesmo porque Olavo, para todos os efeitos, está apenas viajando.

– É possível que recorram ao czar?

– Sem dúvida. Se isso acontecer, e quando acontecer, apresentarei estes documentos que me foram entregues em confiança. Até lá, nossa vida continuará como sempre foi. Apresentarei apenas a procuração aos empregados mais antigos da empresa, para que conheçam a vontade do proprietário. É só.

– Que Deus nos ajude! – exclamou Alexandra, benzendo-se e fitando um ícone na parede.

25. Consciência culpada

Ivana estava inquieta. Uma dezena de varões da tribo haviam deixado o acampamento naquela manhã, armados até os dentes. Por vários dias estiveram fora, sem dar notícias. Ela, intuitivamente, sentia que a excursão estava vinculada a seu problema pessoal.

No local, haviam permanecido apenas as mulheres, as crianças e os idosos, além de alguns homens válidos, responsáveis pela segurança.

No início, curiosa, Ivana tentou conseguir informações dos ciganos, crivando-os de perguntas. Invariavelmente, porém, não obtinha resposta. Depois, com o passar dos dias, mais conformada, esqueceu o assunto.

Numa tarde, notaram uma cortina de poeira levantar-se ao longe. A princípio, era apenas um ponto que, lentamente, foi aumentando; já podiam sentir o tremor da terra e o barulho da cavalaria. Eram os ciganos que retornavam, e todo o acampamento se alegrou.

Cansados, mas risonhos, satisfeitos e brincalhões, eles abraçaram os parentes e amigos. Naquela noite, houve uma festa para comemorar a volta dos homens. Em certo momento, o chefe, Imago, dirigiu-se a Ivana e informou:

– Podes dormir tranquila hoje. Estás vingada.

Levando a mão ao peito, ela tentou entender:

– O que dizes?

– Isto que ouviste. Olavo Barenkov já não poderá fazer-te qualquer mal. Está morto.

Ivana empalideceu violentamente ao ouvir aquelas palavras. Tentou falar alguma coisa, mas a voz não saiu. Rodopiou sobre os calcanhares, fugindo dali. Não conseguia concatenar as ideias. Acocorada num canto escuro do acampamento, em meio às árvores, ela procurava assimilar o que lhe fora dito.

“Olavo morto?! Olavo Barenkov, meu marido, já não pertence ao mundo dos vivos?”

Sua cabeça parecia formigar. Imagens do passado surgiam-lhe à mente como em catadupa. Lembranças de um tempo em que foram felizes, quando ele era tão bom e gentil com ela. Sentia-se culpada pela morte dele.

Levou as mãos à cabeça, soltando um grito desesperado de dor:

– Não!... Não pode ser!...

Nisso, uma sonora gargalhada soou ali perto. Cheia de medo, Ivana encolheu-se ainda mais. Sentia frio e solidão. A escuridão era completa. Não havia lua e a pálida luz das estrelas chegava muito imperfeitamente até onde estava, escondida entre a vegetação.

Na manhã seguinte, alguém a encontrou. Estava no mesmo lugar, a tiritar de frio, com o olhar vago e distante.

Havia enlouquecido.

A partir desse dia, não mais lhe retornou a razão. A consciência culpada era peso demasiado para a criatura que tudo recebera e nada dera em troca. O remorso, atenazando-lhe o íntimo, era qual ferro em brasa a queimar-lhe o coração ingrato. Sabia que errara, e a consciência, em processo de fuga, bloqueara-lhe o entendimento e as lembranças.

Penalizados, os irmãos de raça viam aquela mulher, jovem, bela e rica, que poderia ter tudo o que quisesse da vida, a vagar pelo acampamento sem noção de nada. Ficara completamente dependente. Alguém tinha que colocar-lhe o alimento na boca, para que a pobre louca não morresse de fome; se ninguém se lembrasse de agasalhá-la, morreria de frio.

O chefe do bando deu à cigana Dália a incumbência de cuidar dela, visto que a conhecera quando menina, fora amiga de Mira, sua mãe, e a estimava bastante.

Contudo, entre os ciganos, todas as pessoas válidas eram obrigadas a trabalhar para cuidar da própria sobrevivência, e Dália não fugia à regra.

Um dia em que a protetora saíra para ler a sorte numa aldeia vizinha, na esperança de ganhar alguns *copeques*¹⁵, Ivana se pôs a andar e desapareceu. Ninguém mais a viu.

Procuraram por todos os lugares, mas não a encontraram. Resignados – e até algo aliviados –, os ciganos desistiram do intento. Afinal, era sempre um peso para o bando e estavam cansados de protegê-la.

A infeliz dementada caminhou por muito tempo. Por onde passava, os *mujiques*, condoídos da sua situação, davam-lhe o que comer, mas ela nem percebia. Quando o sono a dominava, acomodava-se em qualquer lugar e dormia, fosse no meio do mato, na rua de uma aldeia, numa praça ou na porta

de alguma moradia.

Certo dia, Valfrido tinha ido à feira fazer algumas compras e viu, em meio às barracas, sentada no chão, aquela mulher. Algo nela atraiu sua atenção.

A desconhecida acusava extrema miséria. Seu aspecto imundo denotava alguém não habituado ao banho; vestia roupas esfarrapadas e igualmente sujas; os cabelos, desgrenhados, escondiam-lhe parte do rosto. Muito magra, a pele mal cobria-lhe os ossos.

Seu ar faminto fez com que Valfrido se apiedasse. Comprou um pão e aproximou-se, estendendo a mão para que ela o pegasse.

A infeliz demente não deu sinal de ter percebido o gesto amável do criado, mas, naquele justo momento, ela levantou a cabeça. Os olhos da mulher chamaram sua atenção. Apesar de vagos e ausentes, alguma coisa neles lembrou-lhe a antiga *barínia*.

Um comerciante, vendo seu interesse, alertou:

– Não adianta. Tenho dado coisas para ela comer, mas a pobre louca não percebe. É inútil. Só come quando alguém coloca o alimento diretamente em suas mãos.

Valfrido abaixou-se, pegou o pão e o colocou entre os dedos da mulher, fazendo com que o levasse à boca. Só então ela, lentamente, começou a comer.

Impressionado, Valfrido fixava aquelas mãos que, apesar de imundas e maltratadas, eram finas e delicadas, desconhecendo o trabalho mais pesado. Não eram mãos de uma camponesa, disso estava absolutamente certo. Lembravam-lhe muito as mãos da senhora Ivana, que conhecera ainda criança durante os tempos felizes na mansão.

Apressou-se a retornar, relatando a Alexandra o encontro que tivera. Sem pensar duas vezes, ela lhe perguntou:

- Contaste esta história a mais alguém?
- Por certo que não. Acabo de chegar da rua.
- Ótimo, Valfrido. Melhor que fique entre nós. Leva-me até a tal andarilha
- ordenou.
- Mas ela parece completamente louca!
- Mais uma razão para que seja a nossa Ivana – retrucou, convicta.

Chegando à feira, encontraram a desconhecida no mesmo lugar. Alexandra examinou-a detidamente.

- É incrível! – murmurou, sob intensa emoção.

– E então, o que achas? – perguntou o criado.

– Sim, é ela mesma. Apesar do aspecto miserável e doentio, reconheço-a. Tomando uma decisão rápida, ordenou:

– Valfrido, traze a carruagem até aqui. Está tão fraca que não sei se poderá caminhar.

Dentro em pouco, a pobre mulher era colocada na carruagem de luxo, para espanto dos comerciantes e transeuntes, que teriam sobre o que falar o resto do dia, não entendendo porque alguém se interessaria pelo destino da louca, a ponto de transportar tamanha sujeira numa carruagem tão elegante. E faziam mil conjecturas sobre o assunto.

Na mansão, foi conduzida sem alarde para os antigos aposentos, recebendo toda a atenção precisa. Alexandra e uma criada deram-lhe um bom banho, vestiram-lhe roupas limpas, pentearam-lhe os cabelos, trançando-os cuidadosamente. Fizeram curativos em seus pés, feridos pelas longas caminhadas, e depois os calçaram com chinelos de pelo de carneiro, macios e confortáveis.

Só então, após acomodarem-na numa poltrona, a observaram melhor.

– O que achas, Macha?

– Sim, Alexandra. É ela mesma.

Requisitada, Rose fez um caldo reconfortante e o levou até os aposentos, sem saber para quem era. Ao ver sua antiga protegida, a quem amava como filha, se pôs a chorar, caindo de joelhos e abraçando-lhe as pernas.

– Minha menina! Em que situação te reencontro! O que aconteceu, minha querida Ivana? Por que estás neste estado? Eras tão formosa!

Alexandra, tocando a antiga criada no ombro, alertou-a:

– Rose, ela não está bem. Nem sabemos se fala, pois ainda não disse uma única palavra. Não te responderá. Portanto, inútil lhe fazeres perguntas que não serão respondidas. Ivana precisa de nossa ajuda e compreensão. Talvez algum dia possamos saber o que realmente aconteceu.

Sem conseguir conter-se, Rose levantou-se e, soluçando convulsivamente, deixou o quarto:

– Não posso! Não suporto ver a minha menina nesse estado!

Alexandra suspirou e, pegando o prato que estava na bandeja, sentou-se e, delicadamente, às colheradas, deu o caldo à enferma. Quando terminou, ela e Macha colocaram Ivana no leito.

Em meio aos limpos lençóis, coberta com acolchoados quentes e macios, Ivana continuava a tremer de frio. Colocaram mais cobertas sobre ela,

trouxeram um tripé com brasas fumegantes, colocando-o ao lado do leito, para aquecê-la, porém nada parecia suficiente.

Ao retornarem do escritório, Anton e o neto receberam a auspiciosa notícia e foram ver a recém-chegada.

– Nossa Senhora de Kazan ouviu as nossas orações! – comentou Anton Vassiliev com unção.

– Agora, meu pai, falta sabermos notícias de Olavo Barenkov. Está a ver-se que tudo é possível. Olha Ivana. Desistíamos de procurar, por nunca obter notícias, e ela agora retorna. Não podemos perder as esperanças. Deus há de atender às nossas súplicas.

Na Espiritualidade, Olavo e Magda, ali presentes sem ser percebidos, se comoveram com as palavras de Alexandra.

Olavo, cheio de emoção, chegou-se até a sua sempre amada, envolvendo-a num abraço carinhoso, pleno de saudade.

– Ah, minha mãe, como é difícil ficar longe de Alexandra!

– Eu sei, meu filho, mas não estás longe. Estás separado dela temporariamente, mas dia virá em que o reencontro será possível. O Senhor permitiu-nos ajudar a nossa desventurada Ivana, e isso é um grande passo para a solução de nossos problemas e para a redenção de nossos Espíritos.

– Reconheço que Deus tem sido pródigo para comigo, minha mãe, e não quero ser ingrato.

– Vamos, meu filho. Por ora, nada mais temos que fazer aqui. Deixamos Ivana em boas mãos. Nossa querida Alexandra saberá dar-lhe o atendimento de que precisa.

[15](#). Moeda russa que equivale a um centésimo do rublo.

26. Na espiritualidade

Em ambiência da Espiritualidade, situada sobre a cidade “santa” de Kiev e criada especialmente para atendimento e assistência aos que retornavam à Pátria Espiritual, mãe e filho conversavam, aproveitando momento de descanso.

Olavo, recuperado, adaptava-se com facilidade às novas condições de vida.

Alguns meses antes, havia sido socorrido pela mãezinha e por outros amigos de além-túmulo, inconsciente do seu estado de Espírito desencarnado.

Ao iniciar a viagem que o conduziria à morte, estava algo inquieto, aflito. Maus presságios o dominavam intimamente. No entanto, pelo seu temperamento lógico e racional, eles não foram suficientes para que desistisse do intento.

Preparou tudo na véspera, deixou em ordem a papelada em que expressava sua vontade e partiu.

A certa altura do trajeto, numa curva da estrada ladeada por enormes pedras, foram atacados. Pelo aspecto dos salteadores, viu que eram ciganos. Ficou perplexo, porém, ao notar que Rúdi, um dos homens da sua escolta, debandara e agora lutava ao lado dos agressores.

Como os salteadores eram em grande número e contavam com o elemento surpresa, em pouco tempo colocaram por terra os homens de confiança de Olavo, valentes e fortes guerreiros, que lutaram como leões.

Foi tudo muito rápido. Ao perceber o ruído da luta, Olavo abriu a porta da caleça para descer e viu Rúdi lutando contra um de seus homens.

– Ah, infame! – bradou, puxando a arma e entrando na refrega.

Não viu, porém, outro cigano que se aproximara sorrateiramente e que o apunhalou em pleno peito. Entre golfadas de sangue, quase perdendo a consciência, teve tempo de ver a expressão sarcástica e de ouvir a sonora gargalhada do seu agressor.

Na semiconsciência de que ainda gozava, tentou recordar onde já vira aquela fisionomia, mas foi em vão. Caiu por terra, morto. Era Imago, que

Olavo conhecera há anos no acampamento no dia em que fora visitar Mira.

Por um tempo indeterminado ficou ali, exangue. Aos poucos, Olavo foi voltando a si e viu que estava só. Sentia frio e dores intensas no peito. O sangue continuava a jorrar da ferida. Olhou em torno e não reconheceu o lugar. Onde estaria?

Desesperado, sentindo-se morrer ali, sozinho, sem assistência de espécie alguma, se pôs a caminhar, gritando por socorro, o que era de todo inútil, pois a região era completamente deserta. Somente o vento soprava nas estepes geladas.

Subitamente, sentiu-se atraído poderosamente para um outro local, no meio de umas árvores. Num sítio de difícil acesso, viu um lobo que tentava desenterrar algo. Assustado, escondeu-se; sabia que estava desarmado e temia que o animal selvagem o atacasse.

Com inaudito horror, percebeu que o lobo desenterrava um cadáver, e mais enlouquecido ficou ao reconhecer seus próprios despojos sangrentos.

Sem saber a que atribuir o fato, alucinado de dor, Olavo sentia as dentadas do animal sobre ele. Apavorado, gritava a plenos pulmões até perder novamente os sentidos.

Quando acordou, estava num local diferente. Caminhou sem destino, através das estepes batidas pelo vento, por um tempo que não saberia precisar. Reconhecendo-se exausto, necessitado de repouso, começou a procurar um lugar onde pudesse abrigar-se. Sentia frio, fome e sede. As necessidades básicas eram um verdadeiro tormento para ele. Em lágrimas, lembrou-se com saudade de sua casa, do conforto que lá desfrutava, do calor gostoso da lareira.

Sem saber como, imediatamente se viu transportado para a mansão, em São Petersburgo. Ao divisar o lar paterno, onde havia passado os melhores anos de sua vida, chorou de satisfação e alívio, sentindo-se em segurança.

Entrou. Os criados, sempre atentos e respeitosos, andando de um lado para o outro entregues às suas tarefas, não deram sinal de notar-lhe a presença. Sentia-se necessitado urgentemente de um banho quente, roupas limpas e cuidados médicos, visto que o ferimento continuava aberto. Tentou dar-lhes uma ordem, mas não foi obedecido.

O sentimento de satisfação e a ansiosa expectativa com que chegara desapareceram, ante a atitude displicente dos criados. Irritado, percebeu que ninguém o atendia. Não adiantava pedir, gritar ou suplicar. Pareciam ignorá-lo por completo.

Nesse momento, viu Alexandra que chegava com o pai, seu querido amigo Anton Vassiliev. Encheu-se novamente de esperança. Por certo sua amada Alexandra e Anton não deixariam de atendê-lo.

Aproximou-se alegremente, dirigindo-lhes palavras gentis e falando-lhes das suas necessidades. Contudo, também eles não lhe deram atenção. Profundamente ressentido e humilhado, Olavo acomodou-se num sofá, defronte deles, sem poder entender a razão do procedimento de ambos, que o tratavam com extremo descaso após tanto tempo de ausência.

Aos poucos, interessou-se pelo que estavam falando e se pôs a ouvir o diálogo que acontecia entre pai e filha. O assunto versava sobre negócios. Anton relatava para Alexandra os problemas que vinha enfrentando na empresa. A certa altura, Anton referiu-se a “ele” como se não estivesse ali presente:

– Pois é, minha filha, se Olavo estivesse aqui conosco tudo seria diferente. Ele conhecia profundamente todos os assuntos relacionados com o andamento dos negócios e não teria dificuldade em resolver mais essa pendência.

Alexandra, à menção do proprietário da casa, comoveu-se profundamente, enchendo-se-lhe os olhos de pranto.

– Sim, meu pai. Porém, não adianta basearmos nossa vida em esperanças hipotéticas. A verdade é que Olavo desapareceu e dele não tivemos mais notícias. As saudades me torturam e daria tudo para saber onde ele está.

Nesse instante, perplexo, Olavo de um salto ergueu-se do sofá e aproximou-se dela, tentando ser ouvido:

– Mas eu estou aqui! Por que agem como se eu não estivesse presente? Por que me ignoram? Estou aqui! Aqui!

Abraçou Alexandra, que, naquele momento, passou a experimentar grande emoção, além de profundo mal-estar.

– Meu pai, acode-me! Não estou bem! Sinto uma dor aguda no peito, como se tivesse sido transpassada por uma lâmina!

Anton chamou os criados às pressas. Mandou que trouxessem um remédio para aliviar a dor de Alexandra.

O atônito Olavo viu o tumulto que se estabeleceu, como um espectador a quem não fosse permitido participar de nada. Continuavam a não dar-lhe atenção. Pior, sua querida Alexandra, a amada do seu coração, acusara mal-estar com sua aproximação!

O que estaria acontecendo? Confuso, com os pensamentos em desalinho,

deixou-os na sala e subiu as escadarias. Precisava ficar só para poder pensar. Em seus aposentos certamente encontraria paz.

Passando defronte do quarto que havia pertencido à sua mãe, teve vontade de revê-lo. Entrou. Uma onda de saudade o envolveu. Um leve e peculiar aroma ainda existia no ar e atingiu sua sensibilidade. Era o perfume que ela gostava de usar.

Deixou-se cair sentado no leito, que por tanto tempo a mãe ocupara, e pôs-se a chorar, desconsolado.

Sentia-se perdido, desnordeado. Não compreendia o que estava acontecendo. Tudo estava tão diferente! Estava ali e era como se não estivesse!

Lembrava-se do ataque que sofrera dos salteadores de estrada. Após o saque, os bandidos haviam fugido, deixando-o ferido na estrada. Mas... e os outros? Seus homens estariam todos mortos? E o episódio com o lobo que atacara seus despojos? Mas como, se não morreria? Continuava tão vivo quanto antes, e a prova era o ferimento que tinha no peito. Como chegara até a mansão?

Os pensamentos fervilhavam em sua mente, torturando-o.

Que falta sentia da mãezinha! Gratas imagens da sua infância e juventude desfilarão diante de seus olhos.

Ali estava o nicho com o ícone de Nossa Senhora de Kazan, onde ela costumava rezar. Recordou a figura meiga e suave da mãe, ajoelhada, contrita. Essa lembrança trouxe-lhe à memória a doce figura materna como nos mais belos dias de sua vida: os cabelos cuidadosamente penteados em tranças, enrolados em coque na nuca; a roupa, sempre elegante e de talhe perfeito. Julgava ouvir até o farfalhar do tafetá do vestido.

Suspirou.

– Ah! Se Nossa Senhora de Kazan pudesse me ajudar!... Nunca precisei tanto de amparo quanto nesta hora amarga de minha vida, quando, humilhado, experimento o desprezo e a ingratidão de todos os que me são caros.

Uma onda de perfume o envolveu, como se trazida por uma aragem. Lentamente, uma figura se formou à sua frente. Era a mãezinha, evocada por suas ternas lembranças.

Surpreso e aliviado, Olavo murmurou:

– Finalmente, minha mãe! Quanto tenho necessitado de tua presença!

Aproximando-se dele, a senhora o envolveu em seus braços, enquanto

delicadamente afirmava:

– Nunca estive apartada de ti, meu filho. Entretanto, ainda não estavas em condição de receber ajuda. Foi preciso que elevasses o pensamento para que pudesses me ver.

– Ah, mãe, quanto tenho sofrido!

– Eu sei. Dependia de ti, porém, que esse sofrimento fosse menor. Preocupado com as próprias aflições, te esqueces de orar como deverias e como sempre te ensinei.

Lembrando-se de tudo o que havia passado, Olavo suplicou:

– Estou tão confuso, minha mãe. Não sei o que está acontecendo. Ajuda-me. Preciso de explicações.

– Não penses nisso agora. Na hora certa, serás informado de tudo. Vem comigo.

E assim, Olavo Barenkov, socorrido pela mãezinha querida, foi levado até um local de refazimento e assistência, recebendo os cuidados que sua situação exigia.

Informado de que já havia deixado o mundo corporal e que agora se encontrava na Espiritualidade, pôde entender finalmente tudo o que acontecera e porque ninguém atendia às suas súplicas.

Esclareceu-se sobre as verdades eternas, inclinando-se, então, reverente, ante a perfeição do Universo e a grandeza desse Deus Criador, que passou a admirar. Compreendeu-lhe, finalmente, as lei imutáveis e justas que envolvem toda a Criação. Passou a reconhecer a Misericórdia e a Providência Divinas que amparam todas as criaturas.

Os conhecimentos lhe eram repassados gradativamente, de acordo com a necessidade do momento e as condições já adquiridas. Assim, ainda não tomara consciência do passado e de suas implicações com os fatos ocorridos na existência que acabara de deixar.

Naquele dia em que conversavam tranquilamente, aproveitando momentos consagrados ao repouso, após o cumprimento de suas tarefas, Olavo indagou, pensativo:

– Minha mãe, e meu pai? Até agora não o vi! Onde estará? Dar-se-á o caso de que tenha se esquecido de mim?

– Ah! meu filho! Não penses uma coisa dessas! Como teu pai poderia ter-te esquecido! Meu querido Rudolf passou por muitas dificuldades quando despertou no além-túmulo.

– Por quê? Era um homem tão bom! Lembro-me dele com muito carinho.

Dispensava-me grande atenção. Sua solicitude fez-me muita falta quando nos deixou.

– É verdade. Sofreste bastante com a volta dele para o mundo espiritual. Rudolf era bom pai, excelente companheiro, sempre gentil e atencioso, mas... era imperfeito, como todos nós. Tinha compromettimentos morais que, na época, desconhecíamos.

– Como assim?!...

Magda Barenkov, acusando grande emoção, revelou:

– É justo que saibas de tudo agora, meu filho. Estás em condições de saber a verdade, mesmo porque os acontecimentos anteriores também dizem respeito à tua pessoa.

Fez uma pausa e informou:

– Prepara-te emocionalmente, meu filho, pois tomarás conhecimento de fatos graves que te afetam muito.

Com o coração apertado, Olavo anuiu:

– Não te preocupes, minha mãe. Saberei aceitar e compreender, seja qual for a verdade.

– Muito bem. O fatos ocorridos na última existência têm raízes num passado distante, quando, desconhecendo as leis divinas, cometeste atos indignos e criminosos. Prepara-te, pois.

27. Volta ao passado

Magda fez uma pausa e, com os olhos perdidos num ponto qualquer ao longe, como se procurasse informações nas lembranças mais profundas, prosseguiu:

– “Em certa região, havia um rei, por nome Górdio, chefe guerreiro cruel e desumano, que, para atingir seus objetivos, não trepidava em destruir quem ou o que estivesse em seu caminho. Esse rei tinha um amigo de infância, Nurek, confidente e companheiro de orgias, um guerreiro.

“Ao mesmo tempo, privava de sua intimidade Vasila, uma mulher de moral duvidosa e de vida desregrada, companheira constante nas festas e bacanais.

“Aconteceu que ambos os amigos se apaixonaram por uma juvenzinha, mal entrada na adolescência, já comprometida desde tenra idade com Salek, guerreiro de um povo vizinho com quem o rei Górdio fizera acordo de paz.

“Todos participavam de um festim organizado para selar o compromisso de união entre os dois povos, quando se conheceram. Imediatamente, Vasila apaixonou-se pelo atraente Salek, ao mesmo tempo em que Górdio e Nurek sentiram-se fascinados por Odila, a juvenzinha visitante.

“Como os semelhantes se atraem, detectando interesses comuns, Górdio, Nurek e Vasila resolveram algo fazer para acabar com o compromisso de casamento existente. As núpcias se aproximavam e não teriam muito tempo para agir.

“Assim, decidiram roubar a noiva, levando-a para um local secreto e onde ninguém a encontraria. Salek ficaria sob os cuidados e atenções de Vasila, que faria tudo para consolar o infeliz rapaz.

“E assim foi feito. Aproveitando a ocasião em que seus hóspedes retornariam para suas terras, um grupo de guerreiros do rei Górdio, disfarçados em salteadores de estradas, atacou a comitiva, que viajava despreocupada e com pequena escolta, confiante no acordo de paz. Como estivessem mascarados, os atacantes foram confundidos com um bando de

criminosos existente à época.

“Saquearam tudo o que tinha algum valor, inclusive reapossando-se dos presentes que tinham sido dados por Górdio aos visitantes; raptaram a jovem Odila e desapareceram, internando-se nas florestas e montanhas. O grupo de Salek amargou a derrota, impossibilitado de seguir-lhes os passos, visto que os assaltantes tinham levado também seus cavalos.

“Informado do acontecido, hipocritamente Górdio esmerou-se em desculpas, comprometendo-se a fazer tudo o que estivesse a seu alcance para descobrir o paradeiro dos salteadores. Para isso, expediu grupos de guerreiros que deveriam vasculhar toda a região até encontrá-los.

“Retornando para o acampamento de Górdio – por estar mais próximo –, os componentes da comitiva visitante ficaram aguardando notícias. Enquanto isso, Vasila envolvia o atraente guerreiro Salek nas malhas da sedução, consolando-o da perda que sofrera e montando um cerco do qual ele dificilmente conseguiria se libertar.

“Apesar de tudo, as coisas não correram como os três cúmplices haviam programado.

“Salek não cedia aos encantos da mulher que o bajulava o tempo todo, permanecendo fiel à sua amada Odila. Um dia, ao perder a paciência, ele afirmou categoricamente que nunca deixaria de amar a desaparecida e que os esforços da sedutora Vasila eram inúteis. A mulher se irritou, enchendo-se de ódio contra ele. De temperamento violento, incapaz de aceitar uma derrota, cega de paixão, de ciúme e de humilhação, mandou alguém matá-lo de forma que parecesse um acidente. ‘Se Salek não for meu’, pensava ela, ‘não será de mais ninguém’.

“Com a morte muito suspeita de Salek numa caçada, cheios de dor por terem perdido seu melhor guerreiro, os hóspedes abandonaram o acampamento, compreendendo finalmente o perigo que corriam e o engodo da paz, uma armadilha de Górdio. Como estavam em menor número, aproveitaram-se de um momento de descuido dos seus hospedeiros e fugiram, jurando vingança.

“Odila, por outro lado, recusava-se terminantemente a ceder aos caprichos dos seus carcereiros. Com o passar dos dias e o exacerbar das paixões, os amigos e cúmplices começaram a se desentender, movidos pelo ciúme que a habilidosa jovem despertava neles, jogando um contra o outro, como recurso para manter sua integridade. Cada um deles a queria para si e passou a arquitetar um plano para se livrar do outro. Naturalmente, Górdio teria a

preferência de ficar com ela, pois era o rei e tinha poder de decisão. Reconhecendo essa realidade, Nurek aliou-se a um bando de rebeldes liderados por Nivos e mandou matar o chefe e amigo, para tomar-lhe o poder e a mulher preferida.

“Conseguiu o poder, mas a jovem prisioneira não cedeu a seu amor. De gênio irascível e violento, um dia Nurek descontrolou-se ante suas recusas e matou-a, enterrando-lhe uma adaga no peito.”

Magda Barenkov parou de falar, respirou fundo e, contemplando Olavo, que a ouvia com os olhos úmidos de pranto, prosseguiu:

– Apesar de tudo, Nurek nunca foi feliz. O resto da existência passou perturbado mentalmente, em virtude da presença de suas vítimas, que continuaram a assediá-lo do além-túmulo até o término de seus dias, especialmente Odila que, revoltada e odienta, não lhe concedia paz. Conseguira o poder, mas não a felicidade que buscava. Muitos outros erros cometeu nessa existência, enredando-se cada vez mais na malha dos crimes e fazendo inúmeras vítimas.

Após nova pausa, Magda concluiu, emocionada:

– A Misericórdia Divina, todavia, ampara a todos com igual solicitude. Assim, através do tempo, os personagens deste drama tiveram ocasião de retornar outras vezes ao cenário do mundo, tentando expiar seus débitos e reparar as faltas cometidas contra a Divina Lei, na pessoa do próximo.

Olavo, que se conservara atento e pensativo durante todo o relato, profundamente sensibilizado, considerou:

– Deixa-me ver se consegui identificar os participantes desse drama, minha mãe. Eu fui Górdio, o chefe guerreiro; e meu pai, Nurek, o amigo usurpador do trono!

– Exatamente. Com o passar do tempo e reconhecendo seus erros, comprometeu-se Rudolf-Nurek a amparar a antiga vítima, Olavo-Górdio, restituindo-lhe tudo quanto havia roubado. E foi feliz, cumprindo a promessa feita na Espiritualidade. Atualmente, o relacionamento que existe entre ti e ele não é mais o do ódio, e sim o do amor, cultivado através de outras encarnações e culminando nessa última, em que um foi pai e o outro, filho.

Meditando em tudo o que ouvira, Olavo indagou:

– E Alexandra, minha mãe?

– Alexandra era Vasila, tua companheira de orgias e também criminosa perante a Lei. Através do tempo e da roda das encarnações, tu e ela desenvolvestes elos afetivos bastante sólidos, calcados na consciência dos

erros cometidos e no desejo de repará-los, vencendo o remorso que não lhes dava tréguas. A nossa querida Ivana é a jovem prisioneira, Odila, que Rudolf, antes de reencarnar, planejou amparar, recebendo-a em nossa casa. Quando ela chegou, infelizmente ele não estava mais conosco.

– Interessante, minha mãe, é que meus sentimentos por Ivana foram sempre os de irmão. Sinto afeto, carinho por ela, mas não a amo. Como pode ser isso?

– Logo entenderás. O interesse que demonstraste pela bela prisioneira era baseado apenas na paixão dos sentidos, e dele não ficariam rastros se ela tivesse cedido à tua paixão e não tivesses complicado teu futuro, cometendo um crime. Além disso, já foste seu pai e irmão mais velho em posteriores existências, o que explica teus sentimentos em relação a ela.

– Ah!... E o noivo, minha mãe, quem é?

– Não o conhecestes na última romagem terrena, contudo ele conviveu conosco. Foi esse Espírito que, assediando a nossa Ivana, causou-lhe muito mal. Salek a ama e não perdoou ainda a seus algozes, àqueles que lhe destruíram a felicidade naquela época, Rudolf, tu e Alexandra. Ao mesmo tempo, sente raiva e ciúme do afeto que Ivana tem por ti, considerando-a traidora.

– Compreendo. Por isso, a tem prejudicado, utilizando-se dela para atingir seus objetivos, embora a ame.

– Sim. Por ignorância, Salek lhe tem sido nocivo tanto no ódio como no amor. Na verdade, não é mau. É apenas alguém muito ferido, que se sentiu lesado no que tinha de mais caro e que não conseguiu perdoar.

– E tu, minha mãe? Como entraste nessa história? Sim, porque sei que não é por acaso que estamos juntos.

– Tens razão, meu filho – continuou Magda com ternura. – Na ocasião em que tudo aconteceu, eu e Anton Vassiliev éramos teus pais.

– Ah!... Agora entendo o carinho que sempre tive por ti, minha mãe, e por meu amigo Anton...

– Exatamente, Olavo. Os afetos baseados no amor puro fortalecem-se com o passar do tempo, tornando-se indestrutíveis. Assim, comprometemo-nos a ajudar-vos a vencer nessa encarnação, fazendo tudo o que estivesse ao nosso alcance. Compreendes agora por que insisti para que desposasses Ivana? Intimamente, eu sabia que era isso o que deveria ser feito.

– Curioso como tudo se encaixa, minha mãe. Vejo agora tudo muito nítido. E Nikolai Nikolaievitch?

– Era alguém com o qual Alexandra-Vasila havia gerado compromissos e responsabilidades anteriormente. Também foi o rebelde Nivos, incumbido por Nurek de tirar-te a vida. No entanto, venceu galhardamente nessa última romagem terrena, cumprindo a programação que tinha feito ao reencarnar.

Cada vez mais perplexo ante as peças do imenso quebra-cabeças, as quais se encaixavam aos poucos, Olavo ponderou:

– Compreendo agora a aversão que sentia por ele. Não era apenas por ciúme de Alexandra, mas pelo crime que cometera contra mim.

Olavo ficou pensativo alguns instantes, depois indagou:

– E meu filho, Andrei Urich? O sentimento que nutro por ele é tão profundo...

– Natural que assim seja. Andrei Urich era teu gênio tutelar naquela época. Renasceu como filho para auxiliar-te nas tarefas programadas junto aos teus comandados e cúmplices do pretérito: empregados, servos e *mujiques*, que conviveram conosco e ajudaram a construir nossa fortuna.

– Como Deus é grande, minha mãe! Cada vez mais admiro sua sabedoria e compreendo que tudo tem uma razão de ser. Nada acontece por acaso.

– É verdade, meu filho. E a nossa responsabilidade aumenta na proporção do conhecimento que possuímos.

– Entendo o que queres dizer. Sinto que agora preciso ajudar aqueles a quem prejudiquei um dia. O que posso fazer?

– Muito louvável teu desejo, Olavo, e não esperava outra coisa de ti.

Em seguida, Magda acrescentou:

– Os mais necessitados no momento são Rudolf e Ivana. Rudolf porque se envolveu em trama lamentável, perdendo a vida.

– Como assim, minha mãe? Meu pai morreu num acidente!...

– Essa é uma outra história, meu filho. – Suspirou e prosseguiu: – Na verdade, teu pai foi assassinado por um amigo que ele prejudicou nos negócios. Essa pessoa não lhe perdoou e o matou naquela fatídica caçada, simulando um acidente.

– Não posso crer!

– Pois foi o que aconteceu. Esse fato não seria nada, se Rudolf tivesse perdoado ao agressor, que, com justa razão, ficara magoado com ele. Além de não perdoar-lhe, é ele, Rudolf, que se arvora, por sua vez, em agressor e tenta de todas as formas destruir o ex-amigo.

– É inacreditável! Posso vê-lo?

– Sim. Poderás fazer mais. Poderás ajudá-lo. Tentamos de tudo, mas

Rudolf não nos escuta, envolvido no seu ódio. Creio que és a única pessoa a quem ele daria ouvidos. Teu pai te ama muito.

– E Ivana, minha mãe? Precisamos socorrê-la!

– Calma, meu filho. Cada coisa a seu tempo. Terás a oportunidade de fazer tudo o que desejas, quando chegar a hora.

E assim, após esse diálogo esclarecedor, assessorado pela mãezinha carinhosa, Olavo procurou aprender cada vez mais, preparando-se para ter condições de executar o melhor no auxílio aos mais necessitados.

Dessa forma, foi com grande alegria que, após imenso esforço e meses de dedicação de ambos, conseguiram que Ivana retornasse para a mansão dos Barenkov, em São Petersburgo, seu verdadeiro lar.

E ali, satisfeitos, a deixaram sob os cuidados da generosa Alexandra, que tudo faria por ela.

Uma parte do trabalho tinha sido feita, mas ainda faltava longo caminho a percorrer.

28. A verdade vem à tona

Em São Petersburgo a vida, monótona, prosseguia seu curso. Entregues à rotina, os moradores da mansão dos Barenkov não viam o tempo passar.

Na casa, outrora alegre e cheia de vida, reinava a tristeza. Não se ouviam mais risos, brincadeiras. Os antigos hóspedes e comensais não tinham razão de lá comparecer, uma vez que seus amigos, da família Barenkov, ali não mais estavam.

Com o tempo, Alexandra desistiu de saber notícias de Olavo. Intimamente, considerava-o morto. Esmerava-se nos cuidados e atenções a Ivana, cujo estado de saúde permanecia o mesmo. Anton, que se revelara hábil administrador, cuidava dos bens com honestidade e competência, certo de que, algum dia, teria de prestar contas da fortuna ao verdadeiro dono, Olavo Barenkov.

Andrei Urich crescera e se tornara um belo rapaz. Responsável, digno e estudioso, preparava-se para assumir a direção das propriedades, às quais se dedicava com desvelado amor. Especialmente apreciava o labor da terra: ver a semente germinar, abrindo-se em brotos novos e verdinhos, fortes e decididos, que buscam o tépido calor do sol; contemplar depois o surgimento dos grãos e a colheita boa e farta, que iria saciar a fome de tanta gente.

Certa manhã, Alexandra preparava-se para entrar nos aposentos da enferma, pronta para enfrentar mais um dia de luta. Antes de abrir a porta do quarto, assentou no rosto seu melhor sorriso e entrou.

Sabia que Ivana, àquela hora, já estaria acordada e que a criada de quarto teria feito a higiene. Portanto, com a bandeja nas mãos, saudou-a:

– Bons dias, minha querida Ivana! Como passaste a noite?

Ao olhar a doente, porém, Alexandra percebeu que ela estava diferente. Cabelos desgrenhados, ainda com roupa de dormir, Ivana mantinha-se encolhida no leito.

– O que houve, Macha? – indagou da criada.

– Não sei, Alexandra. Ao acordar, deparei com a nossa doente nesse

estado. Parece ter medo de alguma coisa.

Depositando a bandeja numa pequena mesa a um canto do aposento, Alexandra aproximou-se, preocupada:

– Ivana, minha querida, o dia está lindo. Não queres sair para passear? Está fazendo frio lá fora, mas o sol brilha. Vamos, deixa que Macha te vista para podermos caminhar pelo jardim. Trouxe-te também o chá de melissa que tanto aprecias, acompanhado de pãozinhos recheados com geleia de framboesa. Além disso, temos também torradas, nata fresca e mel. Está uma delícia!

A enferma, entretanto, puxando as cobertas até o pescoço, fixou-a com expressão desvairada:

– “Ele” está aqui! “Ele” chegou! Vês? Veio para acusar-me. Não deixes que “ele” me mate. Socorro! Socorro! Acode-me!

Alexandra sentou-se no leito e, envolvendo-a com imenso carinho, acalentou-a nos braços qual se fora uma criança indefesa.

– Nada temas, Ivana. Ninguém quer te fazer mal.

– Tu podes vê-lo? Está aqui e não me perdoa. Veio para pedir-me contas dos meus atos.

Nas palavras aparentemente desconexas, Alexandra percebeu a existência de fatos que desconhecia, consequência provável de uma consciência culpada.

– Acalma-te, Ivana. Ninguém está a cobrar-te nada. Sossega. Fica tranquila. Abre os olhos e vê! Observa a teu redor! Somente Macha e eu estamos aqui.

Naquele instante, intuitivamente, Alexandra sentiu vontade de orar.

– Vamos pedir a Nossa Senhora de Kazan que nos ajude. Oremos.

Elevando o pensamento às Altas Esferas da Vida, Alexandra orou com fervor, envolvendo a querida enferma nas vibrações cariciosas do seu afeto. Dentro em pouco, Ivana se aquietou por completo.

Calada, permitiu que Macha fizesse uma higiene rápida e penteasse seus cabelos, segundo ordens de Alexandra, que não admitia relaxo nos cuidados com a doente. Depois, Ivana ingeriu apenas um pouco de chá, apesar dos apelos da dedicada enfermeira para que comesse alguma coisa, nem que fosse uma torrada.

Antes de sair do quarto para voltar às suas tarefas, Alexandra viu que Ivana adormecera serenamente.

Pelo meio da tarde, Macha veio chamá-la. Ivana tinha piorado de novo.

Alexandra deixou imediatamente o que estava fazendo e foi ver a doente. Entrou de mansinho e sentou-se numa poltrona ao lado do leito. Ouviu a enferma pronunciar seu nome.

– Alexandra!

Era a primeira vez que Ivana a chamava, que expressava sua vontade, e até que demonstrava ter consciência da sua presença. Aguardou, surpresa e comovida.

– Estou aqui, minha querida. O que desejas?

– Tu o viste? – indagou a doente, referindo-se ao fato que tinha acontecido pela manhã.

Embaraçada, Alexandra retrucou:

– Ivana, não sei a quem te referes. Não havia ninguém aqui neste aposento naquela hora, exceto Macha e eu.

– “Ele” estava aqui! – insistiu ela com os olhos arregalados.

– Estás enganada, querida Ivana. Mas... quem pensas que estava aqui?

– “Ele”! Quando rezaste, sumiu.

– “Ele” quem? “Quem” estava aqui, Ivana?

– “Ele”... Olavo!

Perplexa, sentindo um arrepio percorrer todo o corpo, Alexandra respondeu com firmeza:

– Não, minha querida. Teu marido, Olavo Barenkov, não estava em casa naquela hora.

Era a primeira vez que Ivana tocava no nome do marido. Pelo estado mental da doente, Alexandra temia contar-lhe a verdade – isto é, que Olavo desaparecera. Por isso, achou melhor dizer que ele não estava em casa no momento.

Com leve sorriso enigmático, a enferma respondeu:

– Eu sei. Ele está morto.

Gaguejando, Alexandra indagou, atônita, percebendo que não adiantava esconder a verdade:

– Morto?!... Como podes dizer isso, Ivana? Olavo Barenkov, teu esposo, está desaparecido.

– Não. Olavo Barenkov, meu esposo, está morto.

“Como pode ela falar com tamanha convicção, se tem estado fora da realidade por anos consecutivos?” – pensou Alexandra, com íntimo sentimento de inquietude.

Mas a enferma prosseguia, parecendo estranhamente lúcida:

– “Eu sei” que “ele” já não pertence mais ao mundo dos vivos – afirmou Ivana com firmeza. – Voltou do além-túmulo para pedir-me contas dos meus atos. Estava aqui agora mesmo, olhando-me fixamente. Tenho medo. Ajuda-me, Alexandra. Quando rezaste, ele se foi e me deixou em paz.

Alexandra não sabia o que dizer. Ajeitou os travesseiros e, temendo que essa conversa pudesse piorar o estado da doente, sugeriu:

– É melhor que descanses agora, Ivana. Dorme um pouco e logo tudo voltará ao normal.

– Não acreditas em mim, não é? Preciso contar-te tudo, só assim vou livrar-me da culpa.

Suspirando, Alexandra percebeu que Ivana estava completamente enlouquecida pelas lembranças.

– Acalma-te, Ivana. Ninguém está te acusando. Por Deus, assim teu estado de saúde vai piorar. Vou chamar o médico.

Mas Ivana repetia sempre as mesmas palavras, em voz baixa e monótona:

– Sim, preciso confessar tudo. Só assim “ele” me deixará em paz. Não me perdoa ter estragado sua felicidade.

Ivana silenciou por breves momentos, depois prosseguiu:

– Ah! Mas eu não podia permitir que te casasses com ela, Olavo. Eu era ainda uma menina e ninguém desconfiou de mim. Eu te amava e não queria perder-te.

Nesse ponto das lembranças, Ivana parecia ter perdido completamente o senso de realidade que demonstrara um pouco antes – a primeira vez em muitos anos – e falava olhando para um ponto qualquer no alto, como se realmente estivesse vendo alguém.

– Nikolai casou-se com ela e fiquei mais tranquila. O perigo estava afastado. Ouves? É o choro do bebê, de Andrei Urich... agora tu és todo meu, Olavo. Ninguém mais vai atrapalhar nossa felicidade.

As imagens surgiam desconexas em sua mente desequilibrada. Ivana agitava-se no leito, os olhos arregalados de pavor. Alexandra enxugava-lhe a fronte porejada de suor, suplicando-lhe que se calasse. Agora, percebendo que ela falava de fatos que lhe diziam respeito, como se dialogasse com Olavo, Alexandra ouvia em lágrimas sem saber o que fazer, mas também sem coragem para interrompê-la. Ivana continuava:

– *Mãezinha* Magda quer que te cases comigo. Sei que não me amas, mas isso não importa. Eu te amo com loucura. Nunca deixarei que saibas que aquela criança é teu filho.

A enferma se calava por momentos, depois prosseguia, os olhos desvairados, como se estivesse contemplando outras imagens:

– “Ela” agora está viúva... quererás livrar-te de mim. Sei que nunca deixaste de amá-la. “Ele” me diz sempre que corro perigo nesta casa. O “cossaco” diz que preciso fazer alguma coisa...

Alexandra não compreendia muito bem o que a doente falava, ora num murmúrio quase inaudível, como se temesse que alguém mais pudesse ouvi-la, ora aos gritos com acento desesperado.

E com voz entrecortada ela prosseguia, desnudando seu íntimo. Depois, tudo ficou muito confuso e Ivana deixou claro a perturbação mental que se instalara. Falava em outra pessoa, desconhecida, que colocava ideias em sua mente.

Falou da sua fuga, de como tinha sido recolhida por um estranho e de como tinha ido parar no acampamento cigano.

Nessa altura, suas lembranças se tornaram muito dolorosas e Ivana falava entre soluços, revelando, entre outras coisas, como ficou sabendo que Olavo Barenkov fora morto pelos ciganos numa emboscada.

Alexandra, cada vez mais horrorizada, compreendia afinal como tudo tinha-se passado. Acocorada num canto do aposento, tapava os ouvidos. Não queria mais ouvir a voz de Ivana, que entretanto prosseguia, inundando-lhe o coração de sofrimento, de desespero, pela evocação dos acontecimentos que tanta dor lhe haviam causado no passado.

E a doente continuava, voltando ao presente e dirigindo-se ao marido morto:

– É por isso que tu não me perdoas. Porque fui a responsável pela tua morte. Perdoa-me, Olavo. Perdoa. Eu estava cega de ciúme... Alexandra, perdoa-me também... agora tu me deixarás em paz, Olavo? Paz... preciso de paz...

Aos poucos, a enferma se acalmou, até que, finalmente, adormeceu.

Alexandra continuou acocorada no canto em que se refugiara, em estado de choque. Após algum tempo, levantou-se lentamente. Estava exausta. Abriu a janela para arejar o ambiente. Sentia-se asfíxiada naquele aposento. A noite veio e partiu, e ela nem percebeu. Desde a tarde do dia anterior, durante muitas horas permaneceu ali ouvindo as “alucinações” de Ivana, que ora parava, ora prosseguia no relato de suas lembranças.

As primeiras tintas do sol nascente coloriam o firmamento, onde as últimas estrelas fugiam, assustadas com a chegada da luz.

Alexandra, com o corpo dolorido por ter ficado muito tempo na mesma posição, agachada, arrastou-se até seus aposentos, jogando-se no leito. A cabeça fervilhava. Com os olhos fixos no vazio, prosseguia ouvindo as palavras da enferma, que ficaram de forma indelével gravadas em sua mente.

Não conseguia chorar. Com os olhos enxutos, meditava em tudo o que ouvira, nas revelações feitas por Ivana. Agora começava a compreender o porquê de tudo, a razão das atitudes e dos acontecimentos, que pareciam sem significado, absurdos.

Voltou no tempo e lembrou-se do dia em que Olavo havia destruído sua felicidade. Estava tão feliz! Mas o namorado, chegando à Mansão dos Lilases, em vez de confirmar o compromisso de casamento, como tinham decidido em virtude da gravidez, deu-a em matrimônio a Nikolai Nikolaievitch.

A notícia teve o impacto de uma bomba em seu íntimo. Sem entender o comportamento do noivo, profundamente humilhada, ferida em seus mais caros desejos, por orgulho e amor-próprio, levantou a fronte e, com altivez, aceitou o noivado com Nikolai. Jamais permitiria que Olavo Barenkov percebesse como estava sofrendo e quão fundo ele a magoara naquele dia.

Finalmente, agora tinha a resposta para suas dúvidas e indagações. Tudo se encaixava como as peças de um quebra-cabeças. Compreendia que Olavo não a desprezara, que também ele fora envolvido numa trama cujo objetivo era separá-los, impedir que fossem felizes.

Mas como pôde uma criança fazer isso? Como pôde maquirar com tanta sordidez a desgraça que os atingira? Ivana, sob aquela fisionomia cândida e pura, ocultaria tanta maldade? Não, não podia acreditar que tivesse partido do cérebro dela tamanha crueldade.

Apesar de ignorar naquele momento como tudo se passara, Alexandra no fundo tinha a intuição da verdade. A pequena Ivana – pelas ligações pretéritas com o desditoso Salek, com quem mantinha estreita afinidade, e por ser dotada de sensibilidade mediúnica – serviu de instrumento para que a vingança da antiga vítima do passado (agora arvorada em julgador e carrasco) se concretizasse. Não tendo conseguido perdoar a Górdio-Olavo e a Vasila-Alexandra o mal que lhe causaram em época remota, e encontrando a oportunidade para a cobrança, não titubeou: planejou e executou sua vingança.

A filha de Anton continuava entregue a seus pensamentos.

Teria Ivana realmente visto alguém no quarto? Falava a doente com tanta

convicção que um arrepio gelado percorreu o corpo de Alexandra. Seria verdade que os mortos voltam, como tantas vezes ouvira? Se assim fosse, então o seu querido Olavo continuaria vivo?

Sim! Por que não?... Recordou-se da carta que ele lhe deixara e que ela trazia junto do coração, para ler sempre que a saudade apertasse. Nela, ele mesmo não relatava a aparição de sua mãe, a falecida *barínia* Magda, que lhe viera consolar e aconselhar em hora de grande sofrimento?

Profunda emoção tomou-lhe conta do íntimo à simples possibilidade de que isso pudesse de fato acontecer. Quando Ivana falara da morte daquele que Alexandra tanto amava, esta deixou-se invadir por terrível desespero. Até aquele momento, ainda guardava a esperança de que seu querido Olavo pudesse um dia retornar. Entraria pela porta da frente com um sorriso nos lábios e, envolvendo-a com terno abraço, lhe reafirmaria seu amor, compensando-a de todo o sofrimento que experimentara com sua ausência. Contudo, a doente jogara por terra suas mais caras esperanças, falando da morte de Olavo e narrando como tudo acontecera.

Nesse instante, sem que Alexandra se desse conta, Olavo, ali presente, ouvia seus pensamentos e a enlaçava com amor, procurando evitar que guardasse qualquer rancor da enferma. Dizia ele com voz cariciosa:

– Não cultives mágoa no coração, minha querida. Nossa Ivana não é tão culpada quanto pensas. Ao contrário, é alguém muito necessitado do nosso amor e da nossa dedicação. Tu e eu erramos muito no passado e prejudicamos a nossa Ivana, que, como vítima, merece uma reparação. Assim, continua firme no cumprimento do dever que a vida te assinala e receberás a recompensa por tuas boas ações. Confia em Jesus e prossegue lutando e servindo sempre, para que possamos ser felizes algum dia. Continuo te amando hoje mais do que te amava antes e sonho com o nosso reencontro. Que Jesus te abençoe e ampare sempre!

Alexandra, que não escutava com os ouvidos do corpo, mas que anotava mentalmente as ternas palavras que lhe eram dirigidas por aquele a quem muito amava, serenou o espírito e passou a envolver Ivana com pensamentos de fraternal piedade. Aos poucos, mergulhou em sono profundo e reparador.

Durante muitas horas, Alexandra dormiu, descansando a mente e o corpo exaustos. Macha entrou diversas vezes no aposento, mas não teve coragem de acordá-la, considerando que era a primeira vez que a dedicada enfermeira se entregava ao sono sem reservas. Em geral, dormia pouco e trabalhava muito, sempre atenta e preocupada com a doente.

Alexandra despertou tranquila e bem-disposta, após um sono que se estendera por quinze horas ininterruptas.

Abriu os olhos e espreguiçou-se. Sentia-se estranhamente feliz. Rose, que veio ver o que estava acontecendo, resmungou aliviada:

– Arre! Afinal acordaste! Estávamos preocupados contigo, porém estás com ótimo aspecto. Devias estar realmente muito cansada para dormires tanto! Acho até que estás com fisionomia alegre e satisfeita, coisa que não acontecia há muito tempo.

Alexandra sorriu, concordando:

– Tens razão, querida Rose. Acordei me sentindo muito bem. Algo me diz que recebi muita ajuda de Nossa Senhora de Kazan nesta noite.

A velha e gorda criada levantou os olhos em agradecimento a Deus e deixou o quarto, voltando às suas atividades na cozinha.

Ninguém viu que Alexandra corara de satisfação. Tivera lindos e agradáveis sonhos, que guardaria para si. Em um deles se viu num lugar onde tudo era belo e as pessoas, felizes. Lembrava-se de ter conversado com Olavo e com a *mãezinha* Magda durante longo tempo. Sentados sob grandes árvores, Olavo lhe explicou a razão de todo o sofrimento que ela vinha experimentando na atual existência, o qual tinha raízes no passado distante. E ela entendeu perfeitamente o que lhe fora dito, passando a compreender com resignação a justiça de Deus e sua misericórdia. Ao despertar, ainda se lembrava com clareza das palavras de Olavo. No momento seguinte, porém, as lembranças se lhe apagaram da memória como por passe de mágica. Por mais que tentasse, não conseguiu se recordar de mais nada.

O importante, porém, é que ela sabia agora que tudo tinha uma razão de ser, e que algum dia se lembraria de todas as coisas.

A sensação era indescritivelmente confortadora, pois tinha a íntima convicção de que estivera mesmo com seus queridos Olavo e Magda Barenkov em regiões celestiais¹⁶.

Cheia de otimismo e bom ânimo, pulou da cama. Era preciso prosseguir, com coragem e determinação, nas tarefas que Deus lhe confiara.

¹⁶. Segundo a Doutrina Espírita esclarece, a personagem foi levada para ambiência da Espiritualidade compatível com o grau de elevação desses Espíritos desencarnados, a qual Alexandra, por desconhecimento, qualificou de “regiões celestiais”.

29. Alguns anos depois...

Três anos se passaram. Após a confissão de Ivana naquele dia tão doloroso para Alexandra, a enferma voltou a seu estado de alheamento habitual. A saúde orgânica, porém, apresentava agora grande declínio. Aos poucos, Ivana transformava-se numa sombra do que fora. Da sua encantadora beleza não restava vestígio. Os cabelos haviam embranquecido prematuramente; magra em excesso, os ossos apareciam-lhe sob a pele amarelecida e sem brilho; os olhos continuavam fixos num ponto qualquer, permanentemente fora da realidade. Toda a sua figura despertava profunda e sincera compaixão em todos os que tinham a oportunidade de vê-la. Ainda era jovem, mas tinha a aparência de uma anciã.

Alexandra prosseguia sem descanso na missão que se impusera, cuidando de Ivana com carinho e dedicação surpreendentes. Jamais deixou que um pensamento de mágoa ou de rancor, em virtude do mal que ela lhe havia causado outrora, invadisse seu coração.

Após o agradável sonho que tivera com Olavo e sua mãe, passou a aceitar tudo, consciente da responsabilidade que lhe cabia junto a Ivana e da necessidade de reparar os erros que cometera no passado contra ela. Aliás, agora guardava a íntima convicção de que realmente estivera na companhia dos mortos queridos.

Ivana não se levantava mais. Por essa razão, escaras espalhavam-se-lhe pelas costas, causando-lhe dores atrozes. Os pulmões, gravemente afetados pela inatividade, eram uma preocupação constante.

Certo dia, o médico, chamado às pressas, diagnosticou uma pneumonia que avançava invadindo ambos os pulmões. Prescreveu tisanas e substâncias medicamentosas, aplicação de ventosas, mas alertou os responsáveis:

– Nossa Ivana terá poucos dias de vida. A moléstia insidiosa tomou conta do seu organismo e pouco podemos fazer. Será fatal. Procurai amenizar seus sofrimentos com estas gotas analgésicas e, se precisardes de alguma coisa, não hesiteis em me chamar.

Anton, triste e preocupado, agradeceu ao médico pela atenção. Durante aqueles anos todos, haviam-se afeiçoado à enferma. Alexandra chorava e Andrei Urich tentava consolá-la:

– Mãe, fizeste por ela tudo o que era possível. Deus, misericordiosamente, resolveu libertá-la desse longo sofrimento. Não há motivos para tristezas e lamentações, acredita. Estará ela em melhores condições lá no outro mundo do que aqui.

Enxugando as lágrimas, Alexandra concordou:

– Eu sei, meu filho. Compreendo que tens razão. Especialmente eu, que durante tantos anos cuidei dela, que participei de suas provações, reconheço que a morte é o melhor, porque representa uma libertação.

Com carinho infinito, contemplou a doente, encolhida no leito, ajeitou-lhe as cobertas e prosseguiu:

– Contudo, sentirei muita falta da presença dela, meu filho. Aprendi a amá-la, a entender suas reações. Compreendo o que deseja sem que precise falar; percebo quando está com sede, com fome ou com frio. Ou quando deseja apenas companhia. Sim, quando ela se for, eu sentirei muito sua falta. Eu a amo como se fosse minha filha, a filha que eu não tive.

Anton e Andrei Urich estavam comovidos e a abraçaram, demonstrando sua compreensão e consolo.

Em dois dias, o estado de saúde de Ivana piorou muito, até que, na madrugada do terceiro dia, ela já agonizava, e todos aguardavam seu desligamento.

Na penumbra do quarto, estavam Alexandra, Anton, Andrei Urich, Rose, Macha e Valfrido. Velavam acomodados precariamente. Macha colocara uma esteira no chão e dormia. A respiração da enferma, entre gemidos, era difícil e estertorosa.

Em dado momento, ela despertou, abriu os olhos e, vendo Alexandra debruçada sobre o leito, murmurou:

– Alexandra...

Sua voz, apesar da dificuldade, soava clara. Os olhos não estavam vagos e distantes, e ela demonstrava lucidez, o que há muito não acontecia.

– Sim?!... Ivana? Queres dizer-me alguma coisa? Fala! Estou aqui! – respondeu a interpelada em prantos.

A agonizante, com voz entrecortada pela dispneia, murmurou:

– Alexandra... preciso... pedir-te... perdão. Muito errei... não... me... queiras mal. Agradeço-te... pelo... bem... que me... fizeste... Deus... te...

recompensará...

Em soluços, Alexandra a interrompeu:

– Não fales, minha querida. Estás cansada e o esforço te é penoso. Nada tenho que te perdoar. Eu te amo muito, Ivana, acredita.

Com ligeiro sorriso, a doente prosseguiu:

– Obrigada... obrigada... és... uma alma... generosa... Agora... partirei... feliz... feliz...

E, enquanto contemplava um ponto no alto, seu rosto pálido abriu-se num sorriso radioso:

– Ah!... que alegria! *Mãezinha* Magda... Olavo... chegaram... e me chamam... irei com eles agora... adeus... adeus...

Todos choravam no aposento, percebendo que a hora derradeira se anunciava. Ivana ainda tentou estender os braços descarnados, mas não conseguiu. Sua respiração tornou-se mais opressa até que cessou de todo.

Aos funerais, realizados com simplicidade, compareceu um número reduzido de pessoas. A morta tinha poucos amigos. Pela sua condição de enferma por muitos anos, sem deixar a casa e sem contatos sociais, a não ser os da convivência doméstica, raras pessoas se interessavam pela sua sorte. Presentes alguns empregados do escritório, alguns *mujiques* da Mansão dos Lilases, os criados da casa, e só.

Um *pope* encomendou o corpo, e Ivana foi enterrada no jazigo da família Barenkov.

Ao retornarem à mansão, imersa em crepes negros, muitos sentiram um enorme vazio. Como estivessem muito cansados, pois a enfermidade final de Ivana exigira bastante de todos, recolheram-se mais cedo, cada qual entregue a seus próprios pensamentos.

Algumas pessoas ficaram aliviadas por não terem mais a doente em casa, dando trabalho e canseiras; era um peso e uma responsabilidade a menos. Outras, mantiveram-se indiferentes dentro da sua insensibilidade. Outras, porém, como Andrei Urich, Anton, Rose, Macha, Valfrido e Mila, estavam realmente pesarosos com a morte da *barínia*. De todas, no entanto, Alexandra foi a que mais sentiu o falecimento de Ivana.

Em seus aposentos, ajoelhou-se diante do ícone de Nossa Senhora de Kazan e orou fervorosamente por aquela que não pertencia mais ao mundo dos vivos.

Nada a incomodava. Com a consciência em paz, sentia-se contente consigo

mesma, certa de que fizera o melhor. Seus sentimentos eram os de alguém que se reconhecia vitoriosa após violento combate.

Suspirou e sorriu. Estava tranquila. A querida morta tinha visto Magda e Olavo antes de morrer. Isto significava que Ivana estaria bem amparada no além-túmulo.

Em seguida, deitou-se e dormiu por muitas horas.

Na Espiritualidade, o clima era de regozijo. Sob o amparo do marido e de Magda, Ivana repousava em local apropriado. Apesar dos males que causara em virtude da influência obsessiva de Salek, fizera jus a atendimento carinhoso dos amigos espirituais. A parcela de responsabilidade que lhe cabia nos acontecimentos era proporcional à consciência de que gozava no momento. Assim, bastante reduzidos ficaram seus débitos perante aqueles que prejudicara.

Além disso, os anos que atravessara enferma representavam créditos valiosos para Ivana-Espírito e proporcionaram-lhe um desligamento menos doloroso e mais rápido do corpo material.

Após o período de convalescença, Ivana se integraria aos poucos na nova vida e, com o tempo, seria informada sobre o que lhe competiria realizar. Reeducar-se-ia à luz do Evangelho do Senhor, iniciando uma nova jornada mais plena de realizações e de responsabilidades.

Os elos do passado, no entanto, eram um constante chamado para todos os corações envolvidos. As amarras ainda presentes dos problemas não solucionados lhes tolhiam os passos. Especialmente a Olavo, mais consciente e lúcido.

Exercia ele atividades junto aos necessitados do Plano Espiritual, tarefa que aceitara com amor e executava com extrema dedicação. Entretanto, o pensamento não se afastava um dia sequer dos antigos desafetos, orando por eles e envolvendo-os com carinho.

Certa ocasião, quando terminava os deveres do dia, recebeu a visita da mãe.

Era sempre um prazer revê-la, e abraçaram-se com satisfação, permutando intensas e cariciosas vibrações de amor.

Caminharam até o jardim do hospital onde Olavo trabalhava como atendente e sentaram-se num banco em meio a graciosas flores que vicejavam nos canteiros.

Enquanto Magda aspira com prazer o aroma delicado que se evola das

flores, Olavo, um tanto ansioso, aborda o assunto, sem querer aguardar mais tempo:

– Sei, minha mãe, que não virias procurar-me em pleno exercício das atividades, se não tivesses motivos muito fortes. Estou curioso. Sinto que trazes boas notícias! Fala, mãe! Não me deixes nesta ansiedade.

Magda sorriu e respondeu:

– Calma, meu filho. Tua intuição não falha, Olavo. Sim, trago-te boas notícias. Como não ignoras, tenho acompanhado teu pai, meu desventurado Rudolf, sem que ele me perceba a presença. Há algum tempo, tenho notado que está mais pensativo, calado, refletindo em tudo o que aconteceu no passado. Enfim, sinto-o mais acessível e permeável às nossas influências. Creio que é chegado o momento de agir.

Sem poder conter a alegria que essa notícia lhe causava, Olavo abraçou a mãe com os olhos úmidos, exclamando:

– Deus ouviu nossas preces, minha mãe! Tenho a íntima convicção de que, desta vez, conseguiremos libertar meu querido pai. Quando será?

– Daqui a duas noites, Olavo. Virei buscar-te e nos reuniremos ao grupo socorrista em local próximo. Até lá, mantenhamos pensamento positivo.

Mãe e filho conversaram mais um pouco, aproveitando aquele momento feliz de reencontro, e depois Magda partiu para cuidar de seus deveres.

Olavo ficou aguardando, sob grande expectativa, o momento que seria tão importante para todos, mas especialmente para ele.

Na hora combinada, Magda veio buscá-lo, conduzindo-o ao encontro dos outros membros da caravana, constituída de amigos generosos que se prontificaram a ajudar na ação socorrista.

Após as apresentações, iniciaram a caminhada. O trajeto não era muito longo e as condições não eram as mais favoráveis. O primeiro trecho do caminho foi percorrido sem maiores dificuldades. Logo, porém, chegaram a uma região escura e nevoenta, como se densa neblina cobrisse tudo permanentemente.

Nesse ponto, Kumo, um senhor simpático e de cabelos grisalhos, responsável pela caravana, alertou:

– Falai o menos possível e sempre em voz baixa. Não queremos ser surpreendidos pelos habitantes das sombras.

Assim, caminharam durante algum tempo calados, até que a paisagem começou a melhorar. O nevoeiro diminuía de intensidade e era possível distinguir algumas árvores raquíticas e de troncos retorcidos de longe em

longe, e uma vegetação rasteira cobrindo o solo.

Kumo mostrou-se mais descontraído, explicando:

– Aguardaremos aqui.

Sentaram-se no chão e puseram-se a esperar. Não demorou muito e perceberam que algumas pessoas se aproximavam. Eram dois trabalhadores do Bem acompanhados de uma entidade de aspecto sombrio.

Com emoção, Olavo reconheceu seu querido pai. Condoeu-se ao ver o miserável estado em que ele se apresentava e quis ir a seu encontro. Desejava falar-lhe de seu amor, de quanto se preocupava com ele, mas foi impedido por Magda, que o deteve, segurando-lhe o braço.

Compreendeu que não era o momento e obedeceu.

Nesse instante, vindo de outro lado, assomaram outras pessoas, entre as quais Salek. Fisionomia torturada, carrancudo, denotando baixíssima condição vibratória, não sabia onde estava nem o que fazia ali.

Elevando a fronte, Kumo proferiu singela oração, que os servidores do Bem acompanharam sensibilizados. Em seguida, aproximou-se de Rudolf e, colocando-lhe a mão na testa, falou-lhe com carinho:

– Meu querido irmão, aqui estamos para ajudar-te, mercê da infinita Misericórdia Divina. Observa a teu redor. Vê os que te cercam.

Imediatamente, fez um sinal para que Olavo se adiantasse. Acercando-se do pai, Olavo compreendeu o que lhe competia fazer, o que esperavam dele. Com um nó na garganta, envolveu o genitor em suas vibrações amorosas. Rudolf, vendo o filho à sua frente, emocionou-se. Olavo começou a falar, mas manteve o equilíbrio, aproveitando o momento raro e precioso que se lhe oferecia:

– Pai, que a Senhora de Kazan te abençoe! Graças a Deus, conseguimos falar contigo. Quanta saudade sinto de ti, meu querido pai! Tua presença forte sempre me dava paz e segurança. Lembra-te de como brincavas comigo? Como me colocavas em teus joelhos e brincávamos de cavalinho, fingindo que galopávamos pelas estepes?

Compreendendo sua ínfima posição espiritual perante o filho, Rudolf colocou a cabeça entre as mãos e começou a chorar, lamentando:

– Tudo isso passou, meu filho. Aqueles dias felizes não voltarão jamais... eu era feliz e não me dava conta disso.

Com a evocação dos anos passados juntos, da infância alegre e descuidada, Olavo foi alterando seu perispírito e assumindo a imagem que possuía naquela época, até transformar-se num garoto entre sete e oito anos de idade:

cabelos curtos, encaracolados, uma mecha a pender sobre a testa; os olhos grandes e vivos, sombreados de longas pestanas e o sorriso infantil, cativante, deixando ver uma fileira de dentes alvos e perfeitos. Vestia um traje de veludo azul-marinho, com as calças bufantes na altura dos joelhos; meias brancas, longas, e sapatos de fivela prateada; o casaco tinha mangas compridas e gola e punhos de renda de Sèvres. Estava vestido no rigor da moda francesa, que imperava na Rússia.

Rudolf comoveu-se ainda mais, abrindo os braços e acolhendo o filhinho, seu tesouro, que retornava para seu convívio. Magda igualmente chorava, acompanhando a cena que se desenrolava diante de seus olhos. Com voz infantil, Olavo prosseguia:

– Meu querido papai, depende apenas de ti continuarmos juntos.

Rudolf meneou a cabeça, acariciando os macios e perfumados cabelos do menino:

– Não, meu filho, estou muito comprometido com o mal para que isso seja possível. Não sabes em que me transformei. Não sou mais aquele homem que amavas e que fazia todas as tuas vontades. Esquece-me!

– Enganas-te, meu pai. Sei de tudo e compreendo o que sentes. Não estamos aqui para julgar ninguém. Todavia, o ódio nunca foi resposta para nossos problemas. Somente o amor nos libertará do mal. Mamãe e eu há longo tempo te esperamos, torcendo para que retornes ao nosso convívio.

Nesse momento, Magda aproximou-se e, somente então, Rudolf deu-se conta da presença da companheira de tantos anos.

– Rudolf, meu querido, nosso filho tem razão. Aceita o convite que Jesus hoje te faz, por nosso intermédio, e começa vida nova.

– Ignoras quem sou eu na verdade, Magda.

– Não. Sei tudo a teu respeito.

– Então, deves ter desprezo e ódio por mim – afirmou ele, surpreso e constrangido.

– Não, meu querido. O amor não conhece fronteiras e existe independente das nossas ações. Quem ama, ama incondicionalmente.

Envergonhado perante aquela que tanto amara e cuja presença tornava ainda mais humilhante seu estado de indigência espiritual, Rudolf de novo se pôs a soluçar convulsivamente.

– Soa neste instante para teu Espírito, meu querido, a hora divina da regeneração. Deus é Pai compassivo e te estende braços misericordiosos, convocando-te para o aprisco. Atende a seu chamado. Esquece mágoas e

rancores, desejos de vingança, pensamentos de inconformação e de revolta.

– Não é fácil! Fui muito lesado na vida e é justo que deseje justiça.

A generosa entidade pareceu meditar por alguns segundos, depois prosseguiu:

– Sim, compreendo que tens razão quando falas de justiça. No fundo, é o que todos buscamos. Mas o que é a justiça? Para que possamos ser justos, meu Rudolf, é imprescindível conhecer toda a extensão da verdade.

– De que verdade falas?

– Daquela verdade que desconheces. Preocupas-te apenas com os danos que te causaram, quando muito mal semeaste em teu caminho. Volta ao passado, meu querido, volta... e procura lembrar-te de tudo o que passou.

Colocando-lhe a destra sobre a fronte, prosseguiu, incisiva:

– Volta no tempo... recorda... teu nome era Nurek...

Com os olhos fixos no vazio, ao ouvir este nome, Rudolf teve um frêmito e, lentamente, foi mergulhando no passado.

– Nurek? Sim, lembro-me agora. Górdio, rei do nosso povo, era meu amigo.

Conforme Rudolf ia voltando ao passado, com as imagens da vida pretérita assomando à sua memória, foi ficando cada vez mais impaciente e angustiado ao ver todo o mal que praticara.

– Piedade! Piedade! Não suporto mais!...

– Vês? Todos erramos e nos comprometemos perante a Lei Divina, necessitando do perdão de quantos prejudicamos – considerou Magda.

– Sim, onde estão eles? Górdio, Odila, Salek...

Nesse instante, ao ouvir seu nome, a entidade, que aguardava a alguma distância, perguntou aflita:

– Quem me chama?

Ladeado por um amigo, Salek aproximou-se. Rudolf o viu e o reconheceu.

– Salek?!... És tu? Perdoa-me! Cometi muitos males, mas estou arrependido. Quero reparar meus crimes. Perdão! Perdão!

– Miserável assassino, agora desejas meu perdão? Depois de tudo o que fizeste?

Magda envolveu o irado personagem do drama com vibrações carinhosas e acentuou:

– Salek, quem de nós pode atirar pedras nos outros? Quem de nós está isento de culpas para acusar o irmão? Esqueceste o que fizeste há pouco? Utilizando Ivana, tua querida Odila de outros tempos, uma criança ainda,

quanto mal espalhaste! Esqueceste tua participação no crime que destruiu a vida de Rudolf, teu inimigo de antanho?

Salek baixou a frente, envergonhado, ao ver-se desnudo perante seu inimigo. Tocado pelas emanções amorosas que fluíam do nobre coração de Magda, começou também a chorar, reconhecendo a justeza das admoestações que lhe eram feitas.

Tomando a mão de Salek, Magda colocou-a sobre a de Rudolf-Nurek, que permanecia calado esperando uma resposta para seu pedido de perdão.

Envolvido pelas ternas vibrações que atingiam todos os presentes, Salek não se conteve. Inclinou-se e abraçou o inimigo, que permanecia ajoelhado a seus pés.

Olavo-Górdio aproximou-se também e falou, sob intensa comoção:

– Meu pai, uma vez tu me destruístes a vida e tomaste meu trono e meus haveres. Na última encarnação, contudo, foste meu pai, recebendo-me em teu lar, dando-me carinho e restituindo-me as riquezas que perdera. Por isso, sou muito grato a ti, a quem devo tudo e a quem dedico profundo amor. Quanto a ti, Salek, perdoa o mal que te fiz e aceita o meu desejo de reparação. Quero ajudar-te em tudo o que puder, com a bênção de Deus.

Assim falando, Olavo cingiu ambos num mesmo abraço, e os três, perdoando-se mutuamente, deram fim a uma inimizade de muitos séculos.

Com os corações jubilosos, Magda, Kumo e os demais componentes da equipe agradeceram a Jesus as dádivas daquela hora bendita, conduzindo Rudolf e Salek para local de assistência e refazimento.

Um grande peso era retirado de seus ombros. Satisfeitos, Magda e Olavo sentiam-se plenamente gratificados por todos os esforços empreendidos, mas sabiam que a luta teria de prosseguir.

A caminho da evolução, não bastava o arrependimento pelos atos praticados. Nem mesmo a transformação moral. Imprescindível a reparação dos danos cometidos contra a Lei Divina, na pessoa do próximo.

30. Epílogo

Branda aragem soprava mansamente como prenúncio de paz. Refaziam-se os personagens deste drama, reconstruindo suas vidas. Um sopro de esperança balsamizava os corações, que, lentamente, iam esquecendo os acontecimentos trágicos, as dores e os sofrimentos vivenciados.

O inverno terminara e a chegada da primavera trazia vida e colorido novo para todas as coisas. Ao longe, nas *deciatines*, antes cobertas pela neve, via-se um veludoso tapete verde que se estendia a perder de vista. Os *mujiques* cantavam, trabalhando a terra generosa que explodia em rebentos novos. Estavam felizes pelo término da estação invernal e de suas consequentes tempestades de neve. Ainda fazia frio, mas sob o céu, muito azul e sem nuvens, o sol brilhava, aquecendo e iluminando todas as coisas.

Num grande terraço conversavam Alexandra e seu pai. Estavam na Mansão dos Lilases, que tantas lembranças – boas e más – evocava.

Alexandra vivera ali momentos difíceis ao lado de Nikolai Nikolaievitch, que ficara enfermo e, muitos anos depois, falecera. Mas também passara momentos de grande ventura ao lado de seu querido Olavo Barenkov, quando se entregavam ao amor que sentiam um pelo outro, sem reservas. Ali também nascera seu muito amado filho, Andrei Urich, com quem tinha ligações profundas.

Alexandra suspirou, mantendo os olhos fitos ao longe. Anton, que observava a filha discretamente, indagou:

– Em que pensas, minha filha?

– Ah, meu pai, sentindo o perfume dos lilases não pude deixar de voltar ao passado, lembrando dos nossos entes queridos que há tantos anos nos deixaram.

Meneando a cabeça encanecida, Anton também voltou no tempo:

– É verdade, minha filha. As lembranças são tesouros indestrutíveis que guardamos no recesso do ser e que ninguém poderá nos roubar. Recordo-me do dia do teu casamento com Nikolai. Ah!... quanta emoção!... Reencontrar-

te foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, Alexandra.

Com os olhos úmidos, fitando o velhinho a seu lado, ela considerou:

– Ah, meu querido pai, essa é uma lembrança agradável para ti, mas para mim foi um dia imensamente doloroso, de renúncias extremas. Representava o ruir de minhas mais caras esperanças...

– Perdoa, filha, pela minha falta de sensibilidade, lembrando-te momentos de sofrimento que preferes esquecer.

– Não, meu pai, a ferida já não sangra mais. Está cicatrizada. Com o passar do tempo, aprendi a conviver com os momentos difíceis da vida e a saber como valorizá-los. Não posso reclamar do meu casamento. A união com Nikolai foi muito importante, pois ele se revelou bom marido e excelente pai para Andrei. Se não amor, pelo menos uma grande amizade sempre nos uniu, e sou muito grata a ele por tudo de bom que nos deu, a mim e a meu filho.

– Onde estarão agora nossos mortos queridos? Magda, Olavo, Nikolai, Ivana...

Enxugando uma lágrima, Alexandra afirmou:

– Não sei, mas devem estar muito bem, porque eram criaturas de bom coração. E Ivana, que cometeu algumas faltas, expiou seus erros padecendo, por muitos anos, num leito de dor. Deus, que é misericordioso, por certo a abençoou.

Pensativo, Anton confidenciou:

– Sabe, minha filha, por longo tempo conservei mágoa e ressentimento no coração. Tua mãe abandonou nossa casa nas montanhas, levando o que eu tinha de mais precioso: as filhas queridas. Deixou-me amargando na solidão, sem notícias, sem endereço, sem nada... Por muitos anos fiquei aguardando que ela voltasse, cheio de esperanças. Depois, o desânimo veio e perdi a vontade de viver. Graças a Nossa Senhora de Kazan, Olavo Barenkov surgiu na minha vida numa noite de tempestade, aquele que viria a ser meu grande amigo e a quem devo a vida.

– É verdade, meu pai. Lembra-te somente das alegrias. Esquece as tristezas. Não vale a pena. Asseguro-te que minha mãe nunca foi feliz longe de ti. Ela sofreu muito. As coisas não transcorreram como ela esperava, e passamos por dificuldades imensas, até que sobreveio a peste, e tanto ela como nossa pequena Natália não resistiram. Foram tempos muito dolorosos que prefiro não lembrar.

– Imagino, minha filha. Mas onde estarão elas agora? – murmurou Anton mais para si mesmo.

– Algum dia teremos notícias delas, meu pai. Hoje, tenho absoluta convicção de que a morte não existe e que aqueles que amamos continuam vivos em algum lugar.

Nesse momento ouvem um ruído de passos, e Andrei Urich entra no terraço. Chegara de São Petersburgo naquele instante. Em pleno vigor da idade física, é em tudo semelhante a Olavo. Estatura elegante, complexão atlética, expressão viva e ar saudável.

Uma jovem o acompanha. Ele faz as apresentações.

– Mamãe, vovô, esta é Irina Katienka, minha namorada.

Agradavelmente surpreendidos, mãe e avô cumprimentaram a recém-chegada com grande alegria:

– Sê bem-vinda, Irina! – exclamou Alexandra.

Algo desconcertada, a moça desculpou-se:

– Se estamos sendo inconvenientes, podes dizer, senhora. Eu não queria vir sem avisar, mas Andrei Urich insistiu tanto!

– Não te aflijas, minha querida. Está tudo bem. Senta-te aqui a meu lado.

A jovem acomodou-se e a dona da casa puxou conversa para colocá-la mais à vontade. Enquanto ela falava, Alexandra observava-a atentamente. De uma beleza morena, olhos amendoados e cabelos longos e lisos, Irina lembrava os habitantes do Cáucaso. Extremamente simpática, falava com graça e desenvoltura.

Andrei Urich, que palestrava com o avô sobre assuntos do escritório, aproximou-se, abraçando a senhora, risonho:

– E então, mamãe, o que achas da minha escolha?

– Tiveste muito bom gosto, meu filho. Irina é extremamente simpática e agradável.

A moça baixou a fronte, corando perceptivelmente.

– Ainda bem que gostaste dela, porque pretendemos nos casar. Breve.

Tomada pela surpresa, Alexandra retrucou:

– Mas, assim tão depressa?!...

– Por que não? Conhecemo-nos o suficiente para ter certeza do nosso amor, não é querida? Além disso, temos idade para casar, e recursos não nos faltam, graças ao meu querido pai Olavo. Por que esperar?

Anton, concordando com gesto de cabeça, levantou-se apoiado na bengala, enquanto dizia:

– Parabéns, meu neto. Terás todo o meu apoio. Por que esperar? A felicidade deve ser fruída enquanto é tempo.

Abraçou o rapaz e a jovem Irina com emoção. Alexandra também ergueu-se, dando sua bênção:

– Sede felizes, meus queridos. Este é um dia de grande alegria para nossa casa. Precisamos comemorar!

Fez sinal para um criado, que trouxe vinho para brindarem o acontecimento.

Aquele dia foi de festa. O ambiente estava agradável e uma grande harmonia envolvia a todos. Presentes na ocasião, invisíveis, Magda, Olavo e Nikolai traziam os corações cheios de júbilo.

Alguns meses depois, Irina e Andrei Urich se casaram na capela da Mansão dos Lilases, conforme desejavam. O *pope* que oficiou a cerimônia, já velhinho, era o mesmo que havia casado Alexandra e Nikolai naquele mesmo local. Na Espiritualidade a satisfação era imensa. Entre outros amigos, presentes os familiares Magda, Olavo, Nikolai, Macha e a pequena Natália, que elevaram o pensamento a Jesus em agradecimento pela bênção daquela hora.

Para a festa vieram todos da mansão de São Petersburgo, inclusive Valfrido, que agora não era mais cocheiro; pela sua lealdade, fora elevado à condição de administrador da mansão dos Barenkov. Veio acompanhado de Ludmila, com quem se casara, e da filha, adorável criança de dois anos de idade. Rose, já velhinha, não trabalhava mais e preferira ficar na propriedade rural, junto com Alexandra e Anton Vassiliev. Assim, foi com imensa alegria que reviu e abraçou os amigos da cidade.

E ali, na Mansão dos Lilases, que Andrei amava e onde fizeram questão de fixar residência, precisamente um ano depois Irina dá à luz duas crianças, Rudolf e Alexander, que vieram enriquecer a vida do jovem casal. Ao tomar os recém-nascidos nos braços, Alexandra sentiu-se invadir por emoção indefinível.

Mal sabia ela que retornavam ao mundo corpóreo Nurek e Salek, agora como irmãos gêmeos, para se reajustarem perante os compromissos assumidos.

Dois anos depois, nasce uma linda menina, quando os gêmeos já estavam crescidinhos e correndo pela casa inteira.

Ao segurá-la pela primeira vez, Alexandra sentiu que Ivana retornava para seu convívio.

– Já escolheram o nome? – perguntou, olhando para Irina, que repousava, recuperando-se das dores do parto, e Andrei, que amorosamente se

conservava sentado no leito ao lado da esposa.

– Ainda não! – responderam em uníssono.

– Pode sugerir, se quiser, mamãe – disse Andrei Urich.

Contemplando a pequenina que dormia em seus braços, em meio às rendas e babados, Alexandra falou sob forte emoção:

– Ivana. Acho que deve se chamar Ivana.

Os esposos entreolharam-se, concordando. Andrei adiantou-se:

– Ótimo. Está decidido. Seu nome será Ivana.

Apertando a pequerrucha com infinito carinho, Alexandra prometeu a si mesma fazer tudo o que estivesse a seu alcance para que ela fosse feliz.

Nesse instante, os gêmeos entraram no aposento. Tinham vindo conhecer a nova irmãzinha. Debruçaram-se sobre a recém-nascida, disputando quem iria pegá-la no colo primeiro.

O ambiente era de descontração e alegria. Naquele momento, Deus unia espíritos devedores para os necessários reajustes. Com o amparo amoroso dos pais e a ajuda de Anton e Alexandra, cresceriam fortes e robustos, preparando-se para as tarefas do futuro.

Na Espiritualidade, Magda e Olavo acompanhavam os acontecimentos com olhares carinhosos e atentos. Seriam “anjos da guarda”, velando pela felicidade de todos.

Mais tarde, Olavo retornaria também à Terra para continuação das tarefas programadas. No momento, aguardaria com ansiedade a volta de sua querida Alexandra ao Plano Espiritual, para o reencontro.

Deixando a Mansão dos Lilases, mãe e filho, de mãos dadas, elevaram-se no espaço certos de que agora tudo corria bem. O sol desaparecera no horizonte e as primeiras estrelas surgiam no firmamento.

A imensidade do Cosmos patenteava-se a seus olhos e Deus avultava em suas concepções como o grande Criador do Universo, todo Amor, Sabedoria, Misericórdia e Justiça.

Jubilosos, externaram seu louvor através de silenciosa prece, reverentes e agradecidos por todas as dádivas recebidas.

Léon Tolstói

Rolândia, 22 de novembro de 1996.

Table of Contents

[Preâmbulo](#)

[1. A tempestade](#)

[2. Retorno ao lar](#)

[3. A cigana](#)

[4. A surpresa](#)

[5. O amor](#)

[6. Reencontro](#)

[7. Anton Vassiliev](#)

[8. Mansão dos Lilases](#)

[9. Dúvidas](#)

[10. O casamento](#)

[11. Em busca de informações](#)

[12. O recém-nascido](#)

[13. Passa o tempo](#)

[14. A morte de Magda Barenkov](#)

[15. Ivana](#)

[16. Mudança de hábitos](#)

[17. Encontro com a realidade](#)

[18. Influenciação espiritual](#)

[19. A volta de Alexandra](#)

[20. A fuga](#)

[21. No acampamento cigano](#)

[22. Misterioso desaparecimento](#)

[23. Busca infrutífera](#)

[24. Em São Petersburgo](#)

[25. Consciência culpada](#)

[26. Na espiritualidade](#)

[27. Volta ao passado](#)

[28. A verdade vem à tona](#)

[29. Alguns anos depois...](#)

[30. Epílogo](#)